

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

DISCIPLINAS, DOCENTES E CONTEÚDOS: ITINERÁRIOS DA  
HISTÓRIA NA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE  
SERGIPE (1951-1962)

JOÃO PAULO GAMA OLIVEIRA

SÃO CRISTÓVÃO – SE

2011

**JOÃO PAULO GAMA OLIVEIRA**

DISCIPLINAS, DOCENTES E CONTEÚDOS: ITINERÁRIOS DA  
HISTÓRIA NA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE  
SERGIPE (1951-1962)

Dissertação apresentada à  
Banca Examinadora como pré-  
requisito parcial para obtenção  
do Título de Mestre em  
Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eva  
Maria Siqueira Alves.

SÃO CRISTÓVÃO – SE

2011

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Oliveira, João Paulo Gama  
O48d Disciplinas, docentes e conteúdos : itinerários da história na  
Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1962) / João  
Paulo Gama. – São Cristóvão, 2011.  
226f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-  
Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e  
Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, 2011.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eva Maria Siqueira Alves.

1. História – Estudo e ensino – Faculdade Católica de Filosofia  
de Sergipe. 2. História - Historiografia. 3. Universidades e  
Faculdades - História. 4. Faculdade Católica de Filosofia de  
Sergipe. I. Título.

CDU 378.016(813.7)“1951-1962”



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

“DISCIPLINAS, DOCENTES E CONTEÚDOS: ITINERÁRIOS DA  
HISTÓRIA NA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE  
(1951-1962)”

APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM  
01 DE MARÇO DE 2011

  
\_\_\_\_\_  
PROF.<sup>a</sup>. DR.<sup>a</sup>. EVA MARIA SIQUEIRA ALVES

  
\_\_\_\_\_  
PROF. DR. BRUNO BONTEMPI JUNIOR

  
\_\_\_\_\_  
PROF.<sup>a</sup>. DR.<sup>a</sup>. ANAMARIA GONÇALVES BUENO DE FREITAS

Ao meu bisavô Zé de Noro (in memoriam)  
pelas suas inesquecíveis histórias de “trancoso”.

A minha avó Marleide, pela exemplar história de vida.

Aos meus pais Edna e Eduardo por tudo na minha história.

A todos os amantes de Clio.

## AGRADECIMENTOS

Indubitavelmente agradecer é uma dádiva. Felizes aqueles que sabem reconhecer a importância de um conjunto de pessoas e fatores que propiciam a realização de um projeto. Assim, agradeço a Deus, minha luz ao trilhar essa árdua jornada. Somente com Ele o tão vivaz sonho tornou-se realidade.

A minha orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Eva Maria, um ser humano especial com quem tive a oportunidade de trabalhar desde a graduação. Tempo no qual construímos uma sólida amizade que reverbera em orientações precisas e exigências constantes que me fazem procurar sempre o melhor no que busco fazer. Professora, este trabalho também é seu, pela pesquisadora, orientadora e pessoa ímpar que é, somente para os privilegiados que realmente a conhecem.

Agradeço aos professores do NPGED por tudo que me ensinaram no difícil ofício de ser um pesquisador do universo educacional, especialmente a Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Anamaria Bueno, a quem sou grato pela atenção dispensada em todos os momentos que precisei, pelas precisas sugestões na banca de qualificação e pelo imenso carinho que tens para com os que te rodeiam, a ti o muito obrigado. Ao Prof. Dr. Itamar Freitas, pelo zelo as minhas incessantes dúvidas e os concisos e importantes direcionamentos no momento da qualificação.

Grato sou também aos professores que de uma forma ou de outra contribuíram com este trabalho: Josefa Eliana, Luiz Eduardo, Maria Helena e Sônia Meire. Ao mestre Péricles Moraes e a Prof<sup>ª</sup>. Terezinha Oliva pelos incentivos constantes desde os passos iniciais, assim como ao Prof. Dr. Bruno Bontempi pelas respostas aos meus e-mails e pelo envio de sugestões bibliográficas e de material para esta pesquisa.

Aos colegas da turma de mestrados do NPGED 2009! Uma turma decididamente especial, quão importante vocês foram nesta caminhada. As discussões em sala, o aprendizado constante, as “saídas culturais”, o apoio e a amizade, fizeram com que essa época de mestrado fosse vivida em plenitude. Como não lembrar de Nayara e Simone dizendo: ô, João; dos inúmeros planejamentos da amiga Viviane, do amigo Kléber, o “colega nota 10”. Será que um dia poderei esquecer: da nossa sempre humorada e grande amiga Nadja, da Matemática e colega de grupo Suely, da turma de baianos, cito aqui Gláuber e Vinícios, das estancias Mariângela e Elze, da retórica de Flávio, do carinho de Álvaro, Cátia, Cris e das “Josis”, Siqueira e Barbosa. A todos os

meus companheiros nesta jornada o meu agradecimento e satisfação por ter compartilhado esses momentos com vocês. Tenham a certeza de que as marcas desse tempo ficarão registradas para além das fotografias.

Aos meus entrevistados, um muito obrigado é em demasiado insofrito, uma vez que essas pessoas me receberam em suas casas, uma, duas, três, quatro ou mais vezes para falar da faculdade, do curso, das aulas, daquela etapa vivida e lembrada com saudade nas palavras e gestos de cada um de vocês. Entre lágrimas e gargalhadas vocês me deram a oportunidade de viajar pelo tempo e “reviver” momentos, locais e fatos que marcaram suas vidas. Também me emocionei, ri e senti um pouco do que esse universo significou na vida de todos vocês. Grato pelas lembranças, indicações, álbuns, palavras e atitudes. Espero corresponder um pouco de tamanha expectativa na escrita desta história da qual vocês são os principais personagens. Cito: *In memoriam* Maria Thétis Nunes e Manuel Cabral Machado, ex-professores da faculdade, que com detalhes me falaram de suas vidas e dos tempos de professores da “Antiga FAFI”. Olga Andrade Barreto, ex-aluna da primeira turma do curso de Matemática e as ex-alunas do curso de Geografia e História: Magnória de Nazareth Magno, Adelci Figueiredo Santos, Maria Lígia Madureira Pina, Maria Andrade Gonçalves, Maria de Lourdes Amaral Maciel, Beatriz Góis Dantas – que foi extremamente atenciosa com a pesquisa, orientou, sugeriu e contribuiu sobremaneira para esse trabalho - e o ex-aluno José Alexandre Felizola Diniz, que me cobrou compromisso e cuidado. Espero tê-los alcançado.

Agradeço aos prestativos funcionários do NPGED Geovânia e Edson e ao senhor Gustavo e dona Ângela do IHGSE, em nome de todos os funcionários e estagiários dos locais de pesquisa que frequentei, como também a atenciosa dona Carmen Duarte do Instituto Dom Luciano Duarte, que me concedeu vários contatos dos entrevistados neste trabalho.

Aos amigos do grupo de pesquisa (DEHEA). Grato as minhas queridas “afilhadas” Danielle e Sayonara, como também às amigas Ana Márcia e Fabiana, pelas importantes sugestões, discussões e estímulo constante. A Maria José por ajudar esse amigo que tantas vezes pediu auxílio. Àqueles cuja amizade ultrapassou a graduação e acompanharam os passos deste trabalho na torcida constante: Iara, Igor, Lucas, Peterson, Ricardo e Sayonara e aos meus amigos de longa data: Agnaldo, Cristiane, Emília, Elizangela, Paulo, Ricardo, Thiago, meu “afilhado” Rafael e meu “cumpade” Gabriel, os quais de distintas formas estiveram todo o tempo nas arquibancadas

torcendo por mim e na certeza de que posso contar com meus “amigos exagerados”, cada um de sua maneira.

Aos irmãos que a vida me proporcionou: Dênis Correia e Simone Paixão. Ambos acompanharam este trabalho quase diariamente, perguntando, sugerindo, incentivando e, mais que isso, cumprindo a difícil missão de entender coisas que às vezes nem eu entendia. Firmes e fortes do início ao fim deste mestrado ao meu lado, assim estiveram e aqui registro o meu eterno sentimento de gratidão.

“Longe de casa há mais de uma semana, milhas e milhas distante [...]”<sup>1</sup> dos meus amores: minha mãe Edna, melhor de todas as professoras, guia desta tortuosa vida, desde os primeiros passos, as primeiras tentativas de escrever, as palavras que afagam, a paciência que tens, ao amor incondicional que nutre por mim. Minha mãe, minha vida! Ao meu pai Eduardo, exemplo de homem, de pai, de esposo, inteligência indescritível, fortaleza inabalável, cercada de sorrisos singelos e sábias palavras. Meus irmãos que cresceram e ainda hoje reclamam da minha “ausência-presente”, aqui agradeço a compreensão e apoio. Maninho Pedro Henrique, acho que agora você finalmente verá meu quarto “arrumado”. Minha irmãzinha Valéria Patrícia, penso que seu irmão concluiu o mestrado “com o juízo no lugar”. Vovô Edgar e sua atenção. A vó Marleide pela energia refeita no balançar da sua rede ao ouvir suas histórias. Quantas foram as tardes de verão ou noites de chuva nas quais seus exemplos de vida e de superação me fortaleciam. Sua casa e o afago dos tios eram meus refúgios quando a academia teimava em solapar minhas forças. A Roselusia Teresa: “Ainda bem que você vive comigo porque senão como seria esta vida? [...] Entre tantos outros, entre tantos séculos, que sorte a nossa, hein?”<sup>2</sup>. Sua presença mesmo na distância, sorrisos, atenção e carinho incomensurável certamente foram bem mais que estímulo a este trabalho. Muitíssimo obrigado por tudo, minha namorada!

Agradeço também à CAPES pela bolsa sem a qual esta pesquisa não teria sido realizada e aos alunos do Tirocínio Docente realizado na disciplina Educação Brasileira no segundo semestre de 2009.

A todos cujos nomes não foram citados, mas que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização desta pesquisa, deixo meu muito obrigado.

---

<sup>1</sup>MESQUITA, Evandro e BARRETO, Ricardo. A dois passos do paraíso. Disponível em <<http://letras.terra.com.br/blitz/44614/>>. Acesso em 16 de janeiro de 2011.

<sup>2</sup>MATA, Vanessa da; LIMINHA. Ainda bem. Disponível em <<http://letras.terra.com.br/vanessa-da-mata/102362/>>. Acesso em 16 de janeiro de 2011.

## RESUMO

Este estudo investiga as disciplinas ministradas no curso de Geografia e História da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, no período de 1951 até 1962, com o objetivo de analisar os saberes transmitidos naquele curso de formação de docentes de História em meados do século XX. As disciplinas, os perfis dos seus docentes e os conteúdos explícitos formaram as bases da investigação deste “recorte” do passado que contribuiu sobremaneira para o ensino de História em Sergipe. Desse modo, por meio de um variado leque de fontes como programas de ensino, cadernetas, caderno, atas e depoimentos orais, articulados a conceitos como de *campo*, *capitais*, *disciplinas e rede de sociabilidade*, constrói-se uma história das disciplinas referente tanto às disciplinas da História quanto às disciplinas de Didática, vislumbrando-as como espaços do saber capazes de “tecer fios” que entrelaçaram tantas outras histórias.

**Palavras-chave:** Curso de História – Faculdade de Filosofia – História das Disciplinas – Ensino de História – Professor de História.

## **ABSTRACT**

This dissertation studies the disciplines taken in Geography and History course from Catholic Faculty of Philosophy of Sergipe from 1951 to 1962. It is aimed at analyzing the knowledge spreading in that course which formed teachers in the middle of 20th century. Its disciplines, professor' profiles and contents make up the basis of investigation to this this period of time which has contributed such a manner to teaching of History in Sergipe. So, thanks to a variety of sources, such as teaching programs, class diaries, notebook, minutes and oral quotations related to concepts like field, capital, disciplines and a network of sociability build a History of disciplines. It is concerning the History disciplines as well as Didactic ones, which are seen as knowledge places capable of joining to many histories.

**Keywords:** History course – Faculty of Philosophy – History of Disciplines - Teaching of History – History teacher.

## **LISTA DE SIGLAS**

CECH: Centro de Educação e Ciências Humanas

CEMAS: Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense

CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CTA: Conselho Técnico Administrativo

FAPITEC/SE: Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação Tecnológica no Estado de Sergipe

FCFS: Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe

FFCL: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

FNFi: Faculdade Nacional de Filosofia

IHGSE: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

ISEB: Instituto Superior de Estudos Brasileiros

PDPH: Programa de Documentação e Pesquisa Histórica

UDF: Universidade do Distrito Federal

UFS: Universidade Federal de Sergipe

USP: Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	1
1. Construção do objeto .....	3
2. Situando o objeto .....	5
3. <i>Corpus</i> conceitual .....	10
4. <i>Corpus</i> documental .....	15
5. Organizando a escrita desta história.....	17

### CAPÍTULO I

A FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE: DESVENCILHANDO NUANCES DO PRIMEIRO ESPAÇO DO ENSINO SUPERIOR DE HISTÓRIA EM TERRAS SERGIPANAS .....	19
1.1 Do Colégio Nossa Senhora de Lourdes ao “Prédio da Rua de Campos”: a constituição da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: .....	21
1.2. A criação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: perscrutando suas finalidades intrínsecas .....	41
1.3A composição da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: das seções aos cursos, cátedras e disciplinas .....	46
1.4 O curso de Geografia e História da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: em busca dos fios que teceram outras histórias.....	53

### CAPÍTULO II

AS DISCIPLINAS DA HISTÓRIA: PERCURSOS DO ENSINO ACADÊMICO DE HISTÓRIA EM MEADOS DO SÉCULO XX.....	66
2.1 Entre “nuvens de fumaça”: as aulas da tripartida História da Civilização.....	71
2.1.1 Dos “prolegômenos sobre História” à “Roma antiga”: as aulas de História da Civilização Antiga e Medieval .....	75
2.1.2 Da “igreja” aos “salões” franceses: as aulas de História da Civilização Moderna .....	82
2.1.3 Um estímulo à “curiosidade”: traços da História da Civilização Contemporânea .....	88
2.2 Da “origem de Portugal” às “Artes no Brasil”: as aulas de História do Brasil .....	96

2.3 Das “viagens de Cristóvão Colombo” ao estudo dos Estados Unidos: a História da América .....	108
--	-----

### CAPÍTULO III

AS DISCIPLINAS DE DIDÁTICA: O “+1” E A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA .....	112
---	-----

3.1 O estudo de “uma das ciências pedagógicas”: Fundamentos Sociológicos da Educação .....	121
--	-----

3.2 Do “trabalho prático” à “aula estágio”: as aulas de Didática Geral.....	125
---	-----

3.3 Dos “aspectos históricos” à “orientação educacional”: a Administração Escolar...	129
--	-----

3.4 Um “domínio” dos médicos na formação de professores: Fundamentos Biológicos da Educação .....	132
---	-----

3.5 “Para dar aulas ou para criar os filhos”: marcas da Psicologia Educacional.....	135
---	-----

3.6 “Ser professor era praticar”: das Didáticas Especiais às Práticas de Ensino .....	138
---	-----

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	150
---------------------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	156
---------------------------------	-----

FONTES.....	166
-------------	-----

ANEXOS .....	173
--------------	-----

I. Organograma da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.....	174
---	-----

II. Corpo docente da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1968).....	175
--	-----

III. Graduados da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1954-1967).....	183
---	-----

IV. Roteiro para entrevistas com ex-alunos do curso de Geografia e História da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe .....	189
---	-----

V. Programas de ensino das disciplinas da História .....	190
--	-----

VI. Programas de ensino das disciplinas de Didática .....	202
---	-----

## LISTA DE IMAGENS

FOTO 01: PRÉDIO DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES, DÉCADA DE 1950.....	21
FOTO 02: MONSENHOR LUCIANO JOSÉ CABRAL DUARTE – AO LADO DO PRÉDIO DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE, INAUGURADO PARCIALMENTE EM 1959 .....	29
FOTO 03: FORMATURA DA 1ª TURMA DE LICENCIADAS DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE – 1955 .....	54
FOTO 04: ALUNOS DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE – 1963 .....	60
FOTO 05: SALA DOS PROFESSORES DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE – 1959.....	65
FOTO 06: PROFESSORES E DISCENTES DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE NA CERIMÔNIA DE COLAÇÃO DE GRAU – 1962 .....	115
FOTO 07: SALA DE AULA DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE COM O MONSENHOR LUCIANO JOSÉ CABRAL DUARTE E A ALUNA DENISE PORTO .....	137

## **LISTA DE FIGURAS**

FIGURA 01: NÚMERO DE MATRICULADOS NA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE POR ANO (1951-1962) .....	31
---	----

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: NÚMERO DE GRADUADOS EM GEOGRAFIA E HISTÓRIA PELA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE (1954-1966).....	55
QUADRO 02: NÚMERO DE INSCRITOS E DE APROVADOS NO CONCURSO DE HABILITAÇÃO EM GEOGRAFIA E HISTÓRIA PELA CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE (1951-1962).....	56
QUADRO 03: DISCIPLINAS E PROFESSORES DO CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA E DO “+1” DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE (1951-1962) .....	63
QUADRO 04: PROFESSORES DAS DISCIPLINAS DA HISTÓRIA NO CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE (1951-1962) .....	68
QUADRO 05: DISCIPLINAS E PROFESSORES DO CURSO DE DIDÁTICA DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE (1954-1962) .....	120
QUADRO 06: PROGRAMAS DE ENSINO DE HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO ANTIGA E MEDIEVAL (1952-1962) .....	190
QUADRO 07: PROGRAMAS DE ENSINO DE HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO MODERNA (1952-1962) .....	192
QUADRO 08: PROGRAMAS DE ENSINO DE HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA (1953-1962) .....	194
QUADRO 09: PROGRAMAS DE ENSINO DE HISTÓRIA DO BRASIL – 2ª SÉRIE.....	197
QUADRO 10: PROGRAMAS DE ENSINO DE HISTÓRIA DO BRASIL – 3ª SÉRIE .....	200
QUADRO 11: PROGRAMA DE ENSINO DE HISTÓRIA DA AMÉRICA .....	201
QUADRO 12: PROGRAMA DE ENSINO DE FUNDAMENTOS SOCIOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO .....	202
QUADRO 13: PROGRAMA DE DIDÁTICA GERAL.....	203
QUADRO 14: PROGRAMA DE ENSINO DE ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR .....	204

QUADRO 15: PROGRAMA DE ENSINO DE FUNDAMENTOS BIOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO .....	204
QUADRO 16: PROGRAMAS DE ENSINO DE PSICOLOGIA EDUCACIONAL .....	205
QUADRO 17: PROGRAMA DE ENSINO DE DIDÁTICA ESPECIAL DA GEOGRAFIA .....	209
QUADRO 18: PROGRAMA DE ENSINO DE DIDÁTICA ESPECIAL DA HISTÓRIA .....	210

## INTRODUÇÃO

*As disciplinas não são, com efeito, entidades abstratas com uma essência universal e estática. Nascem e se desenvolvem, evoluem, se transformam, desaparecem, engolem umas às outras, se atraem e se repelem, se desgarram e se unem, competem entre si, se relacionam e intercambiam informações [...]. [...] podem ser vistas como campos de poder social e acadêmico, de um poder a disputar (VIÑAO, 2008, p. 204).*

A presente dissertação investiga as disciplinas ministradas no curso de Geografia e História da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FCFS<sup>3</sup>), no período de 1951 a 1962, com o objetivo de analisar os saberes transmitidos na formação do professor de História nesse recorte temporal. O ano inicial da pesquisa refere-se ao começo das aulas na faculdade e do curso. Já o marco final vincula-se ao desmembramento deste, em dois “distintos” cursos, sendo ali incorporadas novas disciplinas, ou mesmo com a extinção ou “divisão” de outras.

Destarte, investiga-se o então curso de Geografia e História<sup>4</sup> com o intuito de responder a algumas questões mais amplas. No que se refere à configuração e criação da FCFS, pioneiro espaço de difusão do ensino acadêmico de História, analisamos sua estrutura, finalidades e práticas educacionais, discutimos também o que era ensinado a um professor de História em meados do século XX, quais as disciplinas, quem eram os docentes deste curso e qual a sua formação acadêmica. Buscamos saber quais os conteúdos eram ali transmitidos e como estes foram organizados, com uma atenção destacada para suas finalidades intrínsecas e as habilidades requeridas de um professor de História no período em foco.

As disciplinas, os conteúdos explícitos e o perfil dos docentes formaram as bases da investigação deste “recorte” do passado, que contribuiu sobremaneira para o ensino de História em Sergipe. Intentamos com esta análise colaborar para as pesquisas no campo da História da Educação, do Ensino de História e, sobretudo, da História das Disciplinas<sup>5</sup>. Desse modo, procuramos articular como as disciplinas do curso em questão traçaram diferentes contornos para além deste, sendo não só locais de transmissão e construção do saber para aqueles futuros docentes, mas também efetivos “campos de poder social e acadêmico, de um poder a disputar” (VIÑAO, 2008, p. 204) ou mesmo como espaços do saber. Almejamos assim transpor o caráter “internalista”,

---

<sup>3</sup> A FCFS também ficou conhecida como FAFI. Contudo a denominação FAFI é genérica e utilizada por diferentes Faculdades de Filosofia espalhadas pelo Brasil. No presente texto optamos por trabalhar exclusivamente com a sigla: FCFS com referência à Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.

<sup>4</sup> Outros trabalhos, de forma pontual, já mencionaram esse curso: Freitas (2007) pincela alguns aspectos dos primeiros anos de funcionamento do curso e conclama a realização de pesquisas sobre este. Oliveira (2008) realizou monografia sobre a primeira turma do curso em foco e Santos (1999) fez uma análise mais geral da história do curso de História diante do aniversário de trinta anos da UFS.

<sup>5</sup> Nesta pesquisa, utilizamos a denominação disciplinas como matérias que faziam parte das cátedras que formavam o curso. Ainda na introdução, explicitamos o conceito de disciplina no qual o trabalho está ancorado, como também debatemos acerca da cátedra. Sobre a última, consultar Fávero (2000), Bontempi Júnior (2001) e Cunha (2007b).

como nos adverte Bontempi Júnior (2001), que comumente ocorre nas pesquisas sobre disciplinas acadêmicas.

### **Construção do objeto**

O curso de Geografia e História da FCFS e o que ali era ensinado aos professores de História é um objeto de estudo que emana da graduação no curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Sergipe (UFS), período dos contatos iniciais com o campo da História da Educação, primeiro como bolsista FAPITEC/SE<sup>6</sup> e depois como aluno de Iniciação Científica<sup>7</sup>. Ao fazer o levantamento das fontes relacionadas a tal pesquisa, localizamos alguns documentos referentes ao curso em análise, e determinadas perguntas vieram à tona naquele momento. Tais indagações resultaram na monografia de conclusão de curso<sup>8</sup>, cujo objeto central tratou das alunas, docentes e disciplinas da primeira turma de graduadas em Geografia e História da FCFS entre os anos de 1951 e 1954.

Com o trabalho, conseguimos responder a certas questões, mas outras continuavam a aguçar a vontade de pesquisar diferentes facetas daquele objeto. Deste modo, ao cursar uma disciplina no Núcleo de Pós-Graduação em Educação – UFS<sup>9</sup>, diante da leitura, dos debates suscitados e das indagações que já surgiam naquele momento, veio à tona o projeto de mestrado com o objetivo de estudar o curso de Didática e a formação de todos os então alunos e futuros professores da FCFS.

Como todo plano, o início foi ambicioso. Mas com o passar do tempo, somando-se às leituras, às discussões, às orientações e à vastidão de fontes, efetuamos recortes; e o que antes era uma pedra bruta aos poucos foi lapidado, sem a pretensão de fornecer

---

<sup>6</sup> Como bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC/SE), o trabalho consistia em organizar o Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS), sendo condição para tal bolsa a leitura e discussão de alguns temas da História da Educação, como as instituições educacionais e as fontes para a História da Educação. Sobre o CEMAS, consultar: Alves et. all. (2008).

<sup>7</sup> Nesse projeto, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), intitulado “Professores de Matemática do Estado de Sergipe: formação, concepções e perspectivas”, desenvolvemos em equipe, uma pesquisa acerca da História do Ensino Superior de Matemática em Sergipe, para outras informações, consultar Alves et all (2009).

<sup>8</sup> Sobre o assunto ver: Oliveira (2008).

<sup>9</sup> Refere-se aqui à Disciplina “Tópicos especiais de ensino: História das Disciplinas Escolares”, cursada no segundo semestre letivo de 2008 como aluno em regime especial e ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dra. Eva Maria Siqueira Alves e pelo Prof. Dr. Luis Eduardo Meneses de Oliveira.

formas fixas, porém com o intuito de tornar essa história do curso de Geografia e História mais inteligível diante dos objetivos do trabalho.

Cabe ressaltar que diferentes disciplinas compunham o curso em foco, o qual poderia ser dividido em “áreas” como Antropologia, Geografia, História e ainda Didática. Diante da busca pelos conteúdos da formação do docente de História, optamos por investigar as disciplinas vinculadas à “área” da História ou as disciplinas da História, a saber: História da América; História do Brasil; História da Civilização Antiga e Medieval; História da Civilização Moderna e História da Civilização Contemporânea. Além do chamado curso de Didática, composto pelas disciplinas de Administração Escolar, Didática Geral, Didática Especial da História e da Geografia, Fundamentos Biológicos da Educação, Fundamentos Sociológicos da Educação e Psicologia Educacional, o que denominamos com base nos depoimentos orais de as disciplinas de Didática.

Mesmo sabendo que o curso de Didática correspondia a um curso “à parte”, como este era requisito para a formação do professor de História, suas disciplinas são consideradas “parte integrante” do curso em análise, pois as falas de ex-alunos e o número de licenciados em contraposição ao de bacharéis, aliados a outras fontes, demonstram a relação intrínseca do curso de Didática com o de Geografia e História para a efetiva formação do licenciado em História. Desse modo, ao tratar do curso de Geografia e História ao longo do texto, inserem-se também as chamadas disciplinas de Didática.

O curso de Didática correspondia ao “+1” do chamado “3+1”, no qual os discentes estudavam três anos para obter o título de bacharel, que, somado a um ano de licenciatura, os tornaria licenciados. Considera-se pertinente o estudo detalhado dessas disciplinas que teoricamente conferiam os saberes estritamente ligados à docência para os futuros professores de História diante de um modelo para formar professores imposto pela Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) desde 1939 e ainda usado em instituições de ensino superior dos diferentes locais do país na década de 1950 e início da de 1960, com apropriações distintas e pouco exploradas pelos estudiosos da área. Por isso a escolha por articular as disciplinas da História e o “+1”, com o pensamento de que essa análise fornece uma visão mais ampla do que os professores de História estudavam durante os quatro anos de formação acadêmica.

Diante do exposto, as hipóteses norteadoras da pesquisa foram as de que várias dificuldades permearam o ensino da FCFS, assim como as demais instituições congêneres do país, problemas que também estiveram presentes no seu curso de Geografia e História. Embora esse ensino acadêmico tenha enfrentado adversidades, as disciplinas, os seus professores e os conteúdos lecionados em um curso de formação tão ampla eram genéricos e calcados num ensino “livresco”, repleto de obstáculos, mas o curso almejou legitimar a História como área do saber acadêmico, firmando a necessidade de profissionais formados nessa área.

A partir das hipóteses da pesquisa, surgiram algumas questões que buscaram compreender qual a estrutura organizacional e física da FCFS e quais as suas principais finalidades e dificuldades. No âmbito específico do curso de Geografia e História, as perguntas envolveram aspectos relacionados às disciplinas que foram lecionadas e quem eram os seus professores, como também os conteúdos ensinados e com quais finalidades, além de questionar como ocorreu o desmembramento do curso em foco e a “redistribuição” das suas disciplinas e quais habilidades eram requeridas ao professor de História ali formado. Concomitantemente, procuramos localizar o curso de Geografia e História da FCFS no cenário nacional diante de cursos similares em outros locais do Brasil, sublinhando suas discrepâncias e convergências. Antes de adentrar nessas questões, situamos a problemática aqui desenvolvida.

### **Situando o objeto**

Conforme Antunha (1974) o Estatuto das Universidades Brasileiras, datado de 1931, pode ser considerado a primeira medida decisiva para a instalação de reais universidades no Brasil. Nesse ínterim, surgem os primeiros cursos para formação de professores em nível superior no país, com a Reforma de Francisco Campos<sup>10</sup>. Tais cursos, lotados inicialmente em Faculdades de Filosofia, criadas, primeiro na Universidade de São Paulo (USP), em 1934, e outras duas no Rio de Janeiro, na Universidade do Distrito Federal (UDF), em 1935, e na Universidade do Brasil, em

---

<sup>10</sup> Em crônica sobre os dez anos da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, o seu diretor, Monsenhor Luciano Duarte, fala: “Na visão de Francisco Campos, que foi o organizador das Faculdades de Filosofia no Brasil, em 1931, a finalidade precípua dessas Escolas seria a formação do professorado secundário. Esta continua a ser, em todo o país, a função primeira das Faculdades de Filosofia” (Jornal A Cruzada, 23 de Setembro de 1961, Ano XXV, nº 1.120). Por esse indício, aliado a outros, deduz-se que as ideias de Francisco Campos influenciaram de certa forma o diretor da FCFS e conseqüentemente a constituição desta.

1939, além de formar professores em diferentes áreas do saber e vislumbrando a atuação no ensino secundário, objetivavam também formar pesquisadores e realizar trabalhos científicos, embora constantemente esses objetivos não fossem plenamente atendidos (CUNHA, 2007b).

Chama atenção o fato de esses cursos constituírem um novo perfil do intelectual brasileiro<sup>11</sup>, surgindo os historiadores, geógrafos, sociólogos, entre tantas outras profissões. Estas passavam a integrar o campo da intelectualidade, não mais ficando restrita a médicos, engenheiros e advogados<sup>12</sup>. Em Sergipe, o aparecimento de tais cursos ocorreu em meados do século XX e também constituiu um novo quadro de profissionais que lutaram pela delimitação do seu espaço na sociedade, aspectos que são discutidos ao longo do texto.

No tocante à história da profissão docente no Brasil, Vicentini e Lugli (2009) advertem que já no final da década de 1930 o país contava com um conjunto de intelectuais que se dedicavam a pensar a educação. As autoras ainda acrescentam que desde o século XIX ocorreu uma “transformação de práticas mais difusas em experiências cada vez mais sistemáticas, realizadas em níveis mais elevados do sistema escolar” (VICENTINI & LUGLI, 2009, p. 65).

Assim, sobre o início da formação de professores no ensino superior, cabe destacar o estudo de Bernardo (1986), uma análise da formação de professores secundários na USP, como também o trabalho de Fonseca (2006) sobre formação de professores de História. Além de Bittencourt (2004) e Lima e Fonseca (2006) acerca de algumas facetas do ensino de História. É importante frisar ainda a lacuna da qual fala Oliveira (2003) referente às pesquisas no ensino de História que tratam da formação inicial de professores nessa área<sup>13</sup>.

No tocante aos cursos de ensino superior de maneira mais específica, ressaltamos o trabalho de Katsios (1999), que consiste num estudo do curso de Pedagogia da USP. Já sobre as pesquisas que tomam como objeto os cursos de História,

---

<sup>11</sup> Para outras informações sobre o tema consultar Miceli (2001).

<sup>12</sup> No tocante às profissões imperiais no Rio de Janeiro, consultar Coelho (1999); outra contribuição nesse sentido é o estudo de Carvalho (2002).

<sup>13</sup> É preciso deixar explícito que optamos por estudar um curso de nível superior que formou professores de História; assim pensamos que o objeto situa-se na problemática do ensino acadêmico de História, todavia o foco do presente trabalho, como dito alhures, é estudar o que se ensinava para esses futuros professores nas diferentes disciplinas do curso, dessa forma não nos aprofundamos no amplo debate relacionado ao ensino de História. Sobre o ensino acadêmico de História, dentre um vasto número de trabalhos, destacamos os estudos de Oliveira (2003), Freitas (2006 e 2008) e Costa (2010).

sublinhamos os trabalhos de Roiz (2004), Bezerra (2007) e Rodrigues (2002). O primeiro problematiza a institucionalização do ensino universitário de História na USP; o segundo discute o ensino superior de História na Paraíba; e a última, o curso de Geografia e História no Rio Grande do Sul, todos com o recorte temporal datado de meados do século XX.

Destacamos ainda o trabalho de Ciampi (2000), que é um estudo do curso de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e as suas reformas curriculares de 1971 a 1988. Citamos também Freitas (2003), que disserta acerca dos caminhos do ensino acadêmico de História. Esse autor, em outro trabalho, assevera que “a experiência da História em nosso país, ainda é bastante desconhecida e pouco investigada” (FREITAS, 2006, p. 12), optando assim por examinar o aspecto menos explorado da temática, o ensino acadêmico.

Diante de aspectos mais pontuais do ensino superior, como as cátedras, salientamos o pioneiro estudo de Bontempi Júnior (2001), que versa sobre a cadeira de História e Filosofia da Educação da USP entre as décadas 1940 e 1960, como também a dissertação de Rozante (2008) sobre a Revista de Pedagogia da Cadeira de Didática Geral e Especial da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP (1955-1967). Além destes, salientamos também a pesquisa de Oliveira (2009) a respeito da disciplina Cálculo na Licenciatura em Matemática da UFS entre os anos de 1972 e 1990.

Em Sergipe, os estudos da História do Ensino Superior têm crescido nos últimos anos<sup>14</sup>. Os primeiros cursos superiores que conseguiram lograr êxito<sup>15</sup> em terras sergipanas somente surgiram depois de 1940, a saber: Economia (1948), Química

---

<sup>14</sup> Na revisão da literatura sobre a História do Ensino Superior em Sergipe com o recorte de citar somente trabalhos de monografias, dissertações, teses e livros, buscamos estabelecer uma classificação diante da recorrência de temáticas e fizemos a seguinte divisão:

A - O processo de criação da UFS: Oliva (1990) e Araújo (2008); B - Instituições educacionais de ensino superior, cursos de graduação e disciplinas acadêmicas: Lima (1993); Rollemberg e Santos (1999); Santana (2000); Barreto (2004); Nunes (2008b); Oliveira (2008); Oliveira (2009); Conceição (2010) e Oliveira (2011); C - Biografias de intelectuais que atuaram diretamente na constituição do ensino superior sergipano: Moraes (2008); Silveira (2008); Lima (2009); D - Sobre os movimentos estudantis universitários: Cruz (1998, 2003); Brito (1999) e Ramos (2000). Os trabalhos citados nessa classificação que chamamos de “movimentos estudantis universitários” não tiveram a pretensão de constituírem trabalhos de História da Educação. São monografias de conclusão de curso de História e dissertações de mestrado em Sociologia que ajudam a vislumbrar outros aspectos do ensino superior em Sergipe. Temos ainda o estudo de Nascimento et. all. (2006).

<sup>15</sup> Em relação ao surgimento do ensino superior em Sergipe nas primeiras décadas do século XX, ver Nunes (2008a).

(1950), Faculdade de Direito (1950), Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951), Faculdade de Serviço Social (1954) e Faculdade de Ciências Médicas (1961)<sup>16</sup>.

A FCFS, única instituição superior dentre as faculdades citadas, que oferecia mais de um curso, concentrou a formação acadêmica dos primeiros professores do estado, entre eles os docentes de História. Para além dessa formação, é notório que alguns intelectuais<sup>17</sup> sergipanos da segunda metade do século XX frequentaram a “antiga FAFI”. Alguns desses nomes participaram da constituição e consolidação do ensino superior de História em Sergipe no curso de Geografia e História criado em 1951.

O curso da faculdade sergipana somava-se a dezenas de cursos semelhantes espalhados pelo país desde a década de 30 do século XX, com o objetivo de formar professores especializados nessas duas áreas do saber, ainda em consolidação nesse período. Conforme Freitas (2006), os primórdios do ensino superior de História em terras brasileiras, mesmo antes da configuração dos cursos superiores na década de 1930 constituíam-se como “uma cadeira que poderia ministrar cursos de conteúdo voltado para a arte, igreja, economia, direito, entre outros temas” (FREITAS, 2006, p.31).

Dessa forma transcorriam os primeiros passos desse saber no ensino superior até a criação de cursos na USP e da UDF. Na primeira, de forma acoplada: Geografia e História, segundo Roiz (2004); já no Rio de Janeiro, conforme Ferreira (2010), o curso de História instituído em 1935 na UDF estava separado do curso de Geografia, diferentemente do que ocorreria em 1939 na Universidade do Brasil. O curso de História da UDF buscava, além de formar professores, “preparar ‘quadros intelectuais’ que fossem capazes de elaborar políticas públicas para o desenvolvimento cultural e educacional do país” (FERREIRA, 2010, p. 81). A citada autora ainda afirma que, mesmo com o destaque conferido à área pedagógica, a pesquisa não ficou de lado.

---

<sup>16</sup> Sobre a implantação dos cursos superiores em Sergipe, comenta Dantas: “Em 1951 a Igreja Católica fundou a *Faculdade de Filosofia*, enquanto uma sociedade mantenedora criava a de Direito com juristas ligados sobretudo ao *Partido Social Democrático*. [...] Não obstante as dificuldades, em 1954 apareceu a *Faculdade de Serviço Social*, também ligada a Igreja Católica. Fechando o ciclo, em 1961, nascia a *Faculdade de Ciências Médicas* com aporte significativo do Estado. O fato é que no início dos anos sessenta já eram computados 12 cursos de graduação com 156 professores e 336 alunos” (DANTAS, 2004, p. 158).

<sup>17</sup> De forma ampla, os intelectuais são vistos por Sirinelli (2003, p. 242) como “[...] criadores e ‘mediadores’ culturais [...] estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito [...]”. Desse modo, os professores do ensino superior do curso em foco podem ser situados na citada classificação, e é dentro desse conceito que fazemos referência ao termo “intelectual” ao longo do presente texto.

Em 1939, a UDF foi extinta e instalada a Universidade do Brasil. Esta pretendia ser um modelo para todas as universidades do país, e sua FNFi concentrou o curso integrado de Geografia e História. Tal modelo foi adotado na criação da FCFS.

Desse modo a faculdade sergipana carrega para si o fato de a Universidade do Brasil ter a pesquisa como “uma atividade pouco presente na instituição durante os anos 30” (FÁVERO, 2000a, p. 56). Esta afirmação é corroborada por Ferreira (2010) ao apontar uma nova trajetória para os cursos superiores de História após a criação da FNFi, voltados mais para a preparação de professores secundários, não priorizando a pesquisa. Ainda dentro dessa discussão, um autor da década de 1950 afirma:

Com a recente inclusão de ‘Introdução à História’ no currículo, terão os alunos das Faculdades de Filosofia a oportunidade de adquirir um conhecimento sistemático do método histórico. Mesmo assim é lícito duvidar que na maioria destas, cuja boa qualidade deixa a desejar, estejam adquirindo os futuros licenciados em História uma familiaridade bastante com as modernas teorias do conhecimento e do método histórico (GUY DE HOLANDA, 1957, p. 03).

Essa é uma das inúmeras críticas que se multiplicavam acerca dos cursos de História nas faculdades de filosofia do Brasil. A disciplina “Introdução à História” só seria incluída no currículo do curso de História da FCFS em 1963, após a separação dos cursos. Outro pesquisador também fala sobre essa mesma problemática:

[...] Quem não domina ciência nenhuma pode muito bem ser professor de história do Brasil! Afinal todo mundo já ouviu falar na Marquesa de Santos, no Tiradentes, no Pedro Álvares Cabral. Não pode é ser professor de oftalmologia, de cirurgia facial ... (IGLÉSIAS, 1991).

A crítica de Francisco Iglésias faz referência ao ensino nas faculdades de filosofia. O trecho citado fala de quem poderia ser professor de História do Brasil nas faculdades que se espalhavam pelo país e denuncia a deficiência na formação de professores e pesquisadores da História em meados do século XX. Mas, como esses autores conheciam o que se ensinava nessas instituições e cursos naquele período?

Francisco Fálcon membro do curso de História da Universidade do Brasil na década de 1950, pontua que “Foi nos cursos de graduação em História das faculdades de filosofia que se formaram os primeiros profissionais da área, licenciados e ou bacharéis em *História*. A história dos cursos de graduação tampouco foi escrita ...” (FÁLCON, 1996, s/p).

A história dos cursos de graduação no Brasil também não foi escrita ainda no alvorecer do século XXI, pois conhecemos quase nada dos citados cursos de História nos seus primeiros passos, visto que: “Os trabalhos sobre práticas acadêmicas universitárias, [...] ainda rareiam” (FREITAS, 2008, p. 29). Roiz (2004) também assinala que a experiência do ensino acadêmico de História, assim como a de outras áreas do conhecimento, ainda é pouco conhecida no país. É nesse sentido, que buscamos estudar as especificidades do curso de Geografia e História da FCFS.

Desde seu surgimento na década de 1930, o curso de ensino superior com foco na formação de professores de História sofreu várias alterações no tocante aos saberes ali transmitidos. Cabe destacar que em 1939 o Decreto-Lei nº 1.190, que organizou a FNFi, estabeleceu um modelo a ser seguido por todos os cursos superiores do país, inclusive Geografia e História. As constantes alterações resultaram na completa separação da Geografia da História ocorrida pela Lei Federal nº 2.594, de 8 de setembro de 1955. Um fato de antemão deve ser sublinhado: o curso de Geografia e História de Sergipe deveria seguir o padrão da FNFi. Entre o imposto e o vivido existiu uma série de nuances, e como exemplo pode ser citada a divisão do curso em 1955; na FCFS o desdobramento só ocorreu no ano de 1963.

Deste modo, examinamos essas minúcias por meio do estudo das disciplinas, dos seus docentes e dos conteúdos explícitos através dos programas de ensino, dialogando ainda com as entrevistas concedidas por ex-alunos, além de algumas cadernetas. O programa de cada disciplina é transcrito nos anexos somente quando ocorreram mudanças substanciais nele. Contudo, ao longo do texto, discutimos as modificações, permanências e finalidades dos conteúdos em cada uma das disciplinas.

### ***Corpus conceitual***

Mesmo correndo riscos, procuramos articular o pensamento de autores adeptos a correntes teóricas e campos do saber um tanto quanto distintos, para a partir dessas análises obter um maior aparato ao adentrar nas diversas questões que perpassam este estudo. Nesse sentido, trabalhamos com a ideia de Michel de Certeau (2008) acerca da escrita da História, quando este autor fala da História:

Um jogo da vida e da morte prossegue no calmo desdobramento de um relato, ressurgência e denegação da origem,

desvelamento de um passado morto e resultado de uma prática presente. Ela reitera, um regime diferente, os mitos que se constroem sobre um assassinato ou uma morte originária, e que fazem da linguagem o vestígio sempre remanescente de um começo tão impossível de encontrar quanto de esquecer (CERTEAU, 2008, p. 57).

É dentro desse jogo da vida e da morte que vislumbramos o curso de Geografia e História na FCFS. Difícil é delinear sua história, pois trata de um passado não tão remoto, mas encoberto pela poeira do tempo. Contudo, seus ensinamentos permaneceram vivos na formação de seus docentes, na propagação de um saber que dali saiu e adentrou a UFS e diversas salas de aula sergipanas.

Discutimos também a questão do *campo* com Pierre Bourdieu, além de outros elementos do pensamento do autor. Para o teórico francês, “os campos são os lugares de relações de forças que implicam tendências imanentes e probabilidades objetivas. Um campo não se orienta totalmente ao acaso. Nem tudo nele é totalmente possível e impossível em cada momento” (BOURDIEU, 2004, p. 27). O campo se constitui assim em recortes maleáveis produzidos no espaço social, local em que ocorrem disputas de posições entre os agentes, com o objetivo de aumentar determinado *capital simbólico*<sup>18</sup>, resultado da adoção, pelos agentes, de diversas estratégias. Tratamos a criação da FCFS como uma estratégia do campo religioso sergipano, além do uso de determinados *capitais* – no entendimento de Bourdieu (1996) – pelos docentes para ocupar e se manter nas disciplinas do curso. Buscamos delinear também a *rede de sociabilidade*<sup>19</sup> da qual faziam parte os docentes e o diretor da instituição e a forma como essa rede era ativada diante de determinados interesses. Tal rede e seus capitais também contribuem para a ampliação ou não dos “tentáculos” de determinadas disciplinas do curso.

---

<sup>18</sup> Pierre Bourdieu chama de capital simbólico “qualquer tipo de capital (econômico, cultural, escolar ou social) percebido de acordo com as categorias de percepção, os princípios de visão e de divisão, os sistemas de classificação, os esquemas classificatórios, os esquemas cognitivos, que são, em parte, produto da incorporação das estruturas objetivas do campo considerado, isto é, da estrutura de distribuição do capital no campo considerado [...] O capital simbólico é um capital com base cognitiva, apoiado sobre o conhecimento e o reconhecimento” (BOURDIEU, 1996, p.149/150). É principalmente dialogando com o “conhecimento e reconhecimento” que o *capital simbólico* proporciona aos agentes de determinado *campo* que utilizamos esse conceito ao longo do texto, buscando articular com o objeto em foco, por meio do *capital simbólico* angariado pelos professores do curso na disputa pela legitimação tanto da FCFS, quanto na ocupação de determinadas disciplinas e distingui-las das demais.

<sup>19</sup> As “estruturas de sociabilidade” são entendidas, conforme explica Sirinelli, para este pesquisador: “Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de aprender, mas que o historiador não pode enganar ou subestimar” (SIRINELLI, 1996, p. 248). É nesse sentido que utilizamos o conceito *rede de sociabilidade*.

É necessário ressaltar que o período em foco corresponde ao início do processo de profissionalização do professor de História em terras sergipanas, pois até o surgimento desse curso, os docentes que lecionavam História seriam formados em outras áreas, com raras exceções, como Maria Thétis Nunes, graduada em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia da Bahia no ano de 1945.

Antes de discutir sobre as disciplinas acadêmicas, falaremos das cátedras no ensino superior. Fávero (2000a) constrói um percurso histórico desde a implantação das cátedras por D. João VI, ainda no início do século XIX, até a sua substituição pelos departamentos na década de 60 do século XX. Ela entende a cátedra como um “espaço de poder” muito influente, até mesmo após a Lei de Diretrizes e Bases a Educação de 1961, que concebe os departamentos como reunião de cátedras afins, passando assim a coexistir cátedras/departamentos. Destarte, a figura do catedrático continua marcada pelo prestígio e poder até a promulgação da lei 5.540, de 28/11/1968, na qual foi estabelecido que a universidade brasileira deveria contar com uma “estrutura orgânica com base em departamentos reunidos ou não em unidades mais amplas” (FÁVERO, 2000a).

Bontempi Júnior (2001), ao analisar a cadeira de História e Filosofia da Educação da FFCL da USP entre os anos de 40 e 60 do século XX, afirma:

A cátedra no regime vigente até a reforma universitária (1968), deve ser considerada o ponto de partida para a articulação entre homens e lugares no campo acadêmico, de modo que a carreira dos assistentes ou instrutores voluntários, aspirantes à cátedra, seja entendida como um jogo de interesses e constrangimentos que o catedrático oferece (BONTEMPI JÚNIOR, 2001, p. 21).

Na FCFS o sistema de cátedras tinha suas especificidades até mesmo por se tratar de uma instituição mantida pela Igreja Católica e com um restrito corpo docente. Não localizamos evidências de concursos para catedráticos, embora constassem no Regimento da instituição (s/d), assim como não evidenciamos todo o jogo de poder e disputa pela cátedra em si, nem as características de vitaliciedade e inamovibilidade.

Deste modo, optamos por trabalhar com a disciplina e não com a cátedra, pois, segundo o citado regimento, as disciplinas lecionadas eram matérias de determinadas cadeiras. Portanto, na presente pesquisa as disciplinas acadêmicas são entendidas como espaços do saber, sendo estes um conjunto que agrega: os conteúdos ensinados, o docente, a *rede de sociabilidade* em torno deste, englobando aqui os seus colegas de

docência, colegas que compartilham ou não as mesmas ideias e posicionamentos, como também outros intelectuais que se reconhecem no *campo*, em formação, do magistério superior, além das avaliações, livros adotados e os seus discentes.

Para entendermos melhor a constituição de cada disciplina, recorreremos ao estudo de André Chervel (1990): “História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa”. Como o próprio título deixa explícito, esse estudo discorre sobre disciplinas escolares, e aqui a pesquisa se debruça sobre um curso superior. Entretanto, diante das análises documentais, pensamos que os constituintes de uma disciplina apontados por Chervel (1990) podem ser vislumbrados tanto nas disciplinas escolares quanto nas acadêmicas, observadas as diferenças que existem entre esses níveis de ensino, como o citado autor assinala: “As disciplinas são esses modos de transmissão cultural que se dirigem aos alunos. Foi a existência das disciplinas que historicamente traçou o limite entre secundário e superior” (CHERVEL, 1990, p. 86). Ainda nesse sentido Bontempi Júnior (2001) cita uma pesquisa de Compère, quando adverte que:

[...] as disciplinas que se inscrevem em um campo formam um conjunto coerente, relativo a uma determinada concepção e a um determinado desenho desse campo, cujas peculiaridades derivam dos diferentes processos vividos de configuração disciplinar, todos vinculados a questões de ordem social, institucional, política, e não só curricular, num sentido estrito (COMPÈRE, apud BONTEMPI JÚNIOR, 2001, p. 04).

Diante da complexidade e da profundidade que tem a pesquisa da história das disciplinas, sejam estas escolares ou acadêmicas, optamos por analisar as disciplinas que compuseram o curso de Geografia e História da FCFS, além do “sentido escrito” que constava no currículo que era ensinado àqueles professores de História. Para Chervel (1990), estudar uma disciplina constitui-se na exposição do professor, pelo manual de um conteúdo de conhecimentos e as suas finalidades, sendo que uma disciplina modifica quando mudam as suas finalidades, ficando como a primeira tarefa do historiador das disciplinas debruçar-se sobre os conteúdos explícitos. Esta é uma das tarefas efetuadas nesta pesquisa. Por meio dos programas de ensino e das cadernetas de cada disciplina do curso, investigamos que conteúdos foram teoricamente lecionados, confrontando tais documentos com os depoimentos de ex-alunos, pois, como afirma Bittencourt:

Os conteúdos escolares, [...], analisados pelos currículos formais, pelos textos normativos e livros didáticos expressam apenas parte do que se concebe por disciplina, e há estudos que têm avançado tendo em vista perceber as práticas escolares, as ações e criações de professores e alunos no cotidiano das salas de aula. Nessa perspectiva surgem estudos mais recentes que além da documentação escrita utilizam fontes orais, especialmente quando se trata de períodos mais recentes (BITTENCOURT, 2003, p. 35).

Contudo, o uso das fontes orais<sup>20</sup> para estudar fragmentos da vida educacional de determinados sujeitos em meados do século XX não é uma tarefa fácil. No entanto, o desafio consistiu justamente em articular as falas empolgadas dos agentes que ali vivenciaram a prática daqueles conteúdos aos programas de ensino, pois, como sugere Viñao (2008a), as disciplinas devem ser consideradas como organismos vivos.

Voltando aos constituintes das disciplinas apontados por Chervel (1990), temos os exercícios como uma das melhores contrapartidas diante dos conteúdos explícitos. Aliados a estes, estão as práticas de incitação e de motivação dos alunos, a maneira com a qual eles são cobrados para aprender determinados conteúdos. Se este método surte efeito, é um vestígio de que a estimulação conseguiu o resultado esperado. Por fim, o citado autor fala das provas de natureza docimológica, isto é, das avaliações que exigem dos discentes aquilo que eles deveriam fixar, lembrando ainda que outros tipos de avaliação, como os concursos de professores, exploram alguns aspectos dos caminhos possivelmente trilhados por determinada disciplina.

Viñao (2008a) também exerceu papel crucial no entendimento de disciplina usado nesse estudo quando fala das disciplinas como: “Fonte de poder social e acadêmico: campos hierarquizados entre os quais se desenvolvem situações de domínio e hegemonia, de dependência e sujeição” (VIÑAO, 2008a, p. 204).

É com base nesses constituintes e na maneira de estudar a história das disciplinas assinalada por Chervel (1990) e Viñao (2008a) que procedemos às análises das disciplinas que alicerçaram a formação do professor de História em meados do século XX, diante das fontes localizadas que dão conta de algumas das condições necessárias para esse tipo de pesquisa. Os citados autores e conceitos ajudaram a questionar uma

---

<sup>20</sup> Segundo Paul Thompson, “[...] a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. Enquanto os historiadores estudam os atores da história a distância, a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estará sujeita a ser descrições defeituosas, portanto, da experiência e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’ contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também *mais verdadeira*” (THOMPSON, 1992, p. 137).

---

série de fontes em busca de uma aproximação desse começo do ensino superior de História em Sergipe, que, como diria Certeau (2008), é “tão difícil de encontrar quanto de esquecer”.

### ***Corpus documental***

As primeiras pistas foram localizadas na imprensa por meio do Jornal A Cruzada no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE). Em seguida partimos para uma investigação no Arquivo Central da UFS, local que concentra a maioria das fontes aqui trabalhadas, além do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH/UFS), com o seu improvisado arquivo de valiosa documentação sobre a FCFS, sendo esse centro um rebento daquela faculdade, mas sem nenhuma estrutura para a guarda e consulta da documentação que abriga. Assim, esta pesquisa conta com fontes<sup>21</sup> dos seguintes acervos:

No arquivo da Cúria Metropolitana de Aracaju encontramos o Livro de Tombo da Diocese de Aracaju/1949 e a Revista dos 25 anos do sacerdócio de Dom Luciano José Cabral Duarte.

No Arquivo Central da UFS localizamos documentos como: livro de atas de provas, de exames finais e de concurso de habilitação, além de boletins, currículos, cadernetas e folhas de pagamento, livros de inscrição em concurso de habilitação, livros de matrícula, o Regimento Interno da FCFS, o Relatório para incorporação da FCFS à UFS e o Regimento Geral da UFS.

No Instituto Dom Luciano Duarte pesquisamos correspondências de Dom Luciano José Cabral Duarte da década de 1960, atestado do sacerdote como Catedrático de Psicologia e diretor da FCFS, o Estatuto da Sociedade Sergipana de Cultura de 1950, o Jornal Diário de Belo Horizonte e diversas fotografias, algumas delas utilizadas ao longo deste texto.

No IHGSE efetuamos um levantamento do Jornal A Cruzada<sup>22</sup> no período de funcionamento da Faculdade e do Jornal Correio de Aracaju em alguns exemplares.

---

<sup>21</sup> Foi mantida a grafia original de todas as fontes quando estas aqui são transcritas.

<sup>22</sup> Para Souza, “A Cruzada” foi uma estratégia local para concretizar um projeto mais amplo da Igreja Católica de difusão de práticas e valores morais dos impressos, buscando estabelecer um determinado padrão comportamental para o público feminino que ultrapassa os próprios limites do catolicismo nacional ganhando espaço nos pressupostos lançados pela Santa Sé para a estruturação de uma

Também foram examinadas as revistas da FCFS<sup>23</sup> publicadas respectivamente em 1961 e 1967, além da revista *Perspectiva* (1966) e das revistas da Academia Sergipana de Letras, que retrataram de determinado modo, algum professor do curso, além de fotografias de docentes, procurando percebê-las como fontes históricas e buscando efetuar um exame acurado delas. Examinamos ainda textos publicados na revista do IHGSE que auxiliaram na investigação.

No Museu do Homem Sergipano localizamos a exposição comemorativa dos “40 anos da FAFI”, extraindo dela informações relevantes quanto ao nome de discentes e professores, além das próprias fotografias.

O arquivo do CECH/UFS é pouco conhecido pela comunidade acadêmica. Esse espaço conserva os relatórios da instituição, enviados semestralmente para o Ministério da Educação e Cultura, constituindo-se numa significativa fonte para o presente estudo, pois neles são transcritos, entre tantos outros elementos, os programas de ensino de cada disciplina, ano a ano. Embora tenhamos nos atentado para o fato de ao tratarmos com documentos, declaradamente escritos para manter em funcionamento uma instituição que dava os seus primeiros passos e diante de uma investigação criteriosa, uma série de cuidados são necessários. Esses relatórios eram construídos com o fim de cumprir uma norma e obviamente podem não corresponder à prática vivida pelos sujeitos.

As fontes orais foram divididas entre as entrevistas feitas pelo próprio pesquisador com determinados objetivos traçados e buscando respostas para as indagações do presente estudo, além dos depoimentos colhidos em edições comemorativas da FCFS, ou que remontam trajetórias de membros daquela instituição, e o curso de Geografia e História da faculdade é citado como um, dentre outros tantos elementos.

As entrevistas<sup>24</sup> foram realizadas com dois professores do curso e com seis ex-alunos que retornaram à docência na FCFS como professores de História e/ou Geografia e Antropologia, como também para o Ginásio de Aplicação vinculado à instituição,

---

mentalidade cristã católica no Brasil” (SOUZA, 2005, p.16). Outras informações sobre o periódico consultar Souza (2005).

<sup>23</sup> As revistas da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe – dois números publicados em 1961 e 1967 – condensam artigos de professores, alunos, ex-alunos da instituição, assim como de outros pesquisadores. Tais impressos merecem análises mais pontuais que não serão aqui efetuadas diante dos objetivos do presente trabalho.

<sup>24</sup> Segundo Thompson, a história oral é “construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho e oferece meios para uma transformação radical do sentido social da história” (THOMPSON, 1992, p. 44).

além de duas entrevistas anteriores a essa pesquisa, ambas realizadas com uma aluna da primeira turma do curso de Geografia e História e outra do curso de Matemática. Para a concretização de cada uma das entrevistas, ocorreram vários telefonemas e em média quatro ou cinco visitas: uma primeira para apresentação do pesquisador e dos objetivos da pesquisa e como o depoimento poderia contribuir com esta; uma segunda para a entrevista em si, seguida de retornos para entrega do material transcrito, pois alguns entrevistados solicitaram “ajustes”, até a concessão da declaração para uso dessas entrevistas.

Desse modo, as etapas da pesquisa foram, respectivamente: levantamento na imprensa, busca das mais variadas fontes nos diferentes arquivos sergipanos, destaque para a documentação localizada no Arquivo Central da UFS e no CECH/UFS, depois a realização das entrevistas, e por fim a análise da documentação pesquisada e selecionada.

É importante frisar que ao lidar com as fontes arroladas, cabe ao historiador o desvelo e acuidade. Os “espelhos deformantes”, como diz Ginzburg (2002)<sup>25</sup>, estão em atas, cadernetas, ofícios, livros e memórias de um passado nem tão distante. Perquirir essas fontes na incessante procura por retirar a poeira do passado e nos aproximar ao máximo do vivido é tarefa árdua e mais ainda ao saber que nunca o reconstruiremos em plenitude, pois os documentos só se constituem como vestígios do vivido quando o historiador sabe devidamente interrogá-los. É com esse pensamento e com base nas fontes citadas que foi escrita uma história do curso de Geografia e História entre as décadas de 1950 e 1960 na FCFS.

## **Organizando a escrita desta história**

O primeiro capítulo intitulado: **A Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: desvencilhando nuances do primeiro espaço do ensino superior de História em**

---

<sup>25</sup> Para Ginzburg, “[...] as fontes não são nem janelas escancaradas, como acreditam os positivistas, nem muros que obstruem a visão como pensam os cépticos: no máximo poderíamos compará-las a espelhos deformantes. A análise da distorção específica de qualquer fonte implica já um elemento construtivo. Mas a construção como procuro mostrar nas páginas que se seguem, não é incompatível com a prova; a projeção do desejo, sem o qual não há pesquisa, não é incompatível com os desmentidos infligidos pelo princípio de realidade. O conhecimento (mesmo o conhecimento histórico é possível)” (GINZBURG, 2002, p. 44-45).

**terras sergipanas**, descortina diferentes aspectos do processo de criação, desafios enfrentados para a estruturação e consolidação da FCFS e investiga suas finalidades intrínsecas. Localizamos o curso de Geografia e História no interior dessa instituição, do qual se analisam traços do seu cotidiano, matriculados e graduados, o variado corpo docente e suas respectivas disciplinas.

O segundo capítulo trata de forma minuciosa **As disciplinas da História: percursos do ensino acadêmico de História em meados do século XX**, com uma análise de cinco disciplinas específicas, a saber: História da América; História do Brasil; História da Civilização Antiga e Medieval; História da Civilização Moderna e História da Civilização Contemporânea, consideradas os sustentáculos do curso no tocante ao ensino acadêmico de História. O capítulo trata também dos docentes, dos programas de ensino adotados, as práticas de suas aulas e os conteúdos ministrados, procurando seguir os diferentes componentes de cada uma dessas disciplinas com o intuito de explicitar o que deveria saber o professor de História em meados do século XX e quais as finalidades estavam intrínsecas ao ensino de determinados conteúdos nesses “campos de poder social e acadêmico” (VIÑAO, 2008a, p. 204).

No último capítulo, denominado **As disciplinas de Didática: o “+1” e a formação dos professores de História**, as análises recaem sobre o curso de Didática da FCFS, que conferia o grau de licenciado ao então bacharel. Discutimos o perfil do corpo docente que ministrava as seis disciplinas e as alterações ocorridas nestas, indagando os programas de ensino e os conteúdos explícitos que deram vida a essas aulas e contribuíram sobremaneira para os professores de História ali em formação.

O debate travado ao longo do corpo do texto leva-nos a inferir algumas considerações finais acerca do que era ensinado aos professores de História na FCFS. Nos anexos, explicitamos informações que têm vinculação com o estudo desenvolvido: o organograma com a organização da FCFS, um quadro com os professores da faculdade, sua (s) disciplina (s) e formação acadêmica, os graduados por aquela instituição, o roteiro de perguntas das entrevistas e os programas de ensino das diferentes disciplinas investigadas ao longo desta dissertação.

## **CAPÍTULO I**

### **A FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE: DESVENCILHANDO NUANCES DO PRIMEIRO ESPAÇO DO ENSINO SUPERIOR DE HISTÓRIA EM TERRAS SERGIPANAS**

*A Faculdade de Filosofia abriu o nosso horizonte cultural, ela foi muito importante para Sergipe, porque realmente formou novos professores que depois foram responsáveis inclusive pela educação do estado (Adelci Figueiredo Santos, graduada no curso de Geografia e História – 1955).*

Diante de uma tendência que se espalhava pelo país desde a década de 1930, funda-se em Sergipe uma Faculdade de Filosofia no alvorecer dos anos 1950, denominada Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, com o objetivo principal de formar professores para os ensinos secundário<sup>26</sup> e normal de outrora. Dom Luciano José Cabral Duarte<sup>27</sup>, diretor da instituição nos períodos de 1951-1954 e de 1958-1968, um dos principais articuladores da criação e vida dessa faculdade, escreveu as seguintes palavras na última edição da revista daquela instituição:

A Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe terá cumprido sua missão, quando, no fim de 1967, for implantada a Universidade Federal de Sergipe. Tendo começado seus trabalhos em 1951, ela viveu (17) anos. Entretanto, seu fim não será uma morte, mas antes um reflorescimento. Pois dela nascerão, como de um velho tronco que reverdece, as três novas Faculdades em que ela se transmutou (REVISTA DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE, 1967, p. 07).

O texto de Dom Luciano Duarte, com tom de despedida, alerta para alguns esclarecimentos. Primeiro, ao contrário do pensado pelo seu diretor, a FCFS não se “transmutou” em três faculdades, mas em uma, a Faculdade de Educação, e dois institutos, o Instituto de Letras, Artes e Comunicação e o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Um segundo aspecto é o fato da incorporação à recém-criada UFS não ser a morte da FCFS. Esta funcionou no mesmo prédio, mudando apenas a denominação. Deste modo, por mais de uma década, os institutos receberam nomes apenas de maneira formal e a FCFS ainda permanecia viva na memória dos seus alunos, professores e sociedade sergipana como “antiga FAFI” ou a “antiga Faculdade de Filosofia”.

Inicialmente, a FCFS ofertou, o curso de Geografia e História, como também os cursos de Matemática e Filosofia, que deixaram de funcionar em 1957. Em 1952

---

<sup>26</sup> Para Vicentini e Lugli (2009), desde o final do império e praticamente durante todo o período republicano coexistiram basicamente duas compreensões das principais finalidades do ensino secundário, que seria “como preparação para o ingresso nos cursos superiores ou como uma escola comum (maciçamente iletrada) e a elite destinada ao curso superior, uma vez que era necessário um corpo de funcionários de nível intermediário para a administração do Estado. Nessa última perspectiva, pensava-se que o ensino secundário garantiria a existência de uma cultura média na sociedade brasileira, ou seja, não era pensada como preparação profissional” (VICENTINI E LUGLI, 2009, p. 59). Na presente dissertação não aprofundamos as discussões acerca das condições da formação de professores do ensino secundário sergipano, para não fugirmos ao foco da pesquisa.

<sup>27</sup> Com base na biografia elaborada por Moraes (2008), utilizamos ao longo do texto as seguintes denominações: Padre Luciano José Cabral Duarte, da sua ordenação em 1948 até 1958, quando é nomeado Monsenhor até o ano de 1965. Em 1966 quando ordenado bispo auxiliar da Diocese de Aracaju passou a ser chamado de Dom Luciano José Cabral Duarte (MORAIS, 2008).

começaram as atividades do curso de Letras Neo-Latinas e no ano seguinte de Letras Anglo-Germânicas. Sendo essa faculdade católica o primeiro espaço de formação de profissionais de História em nível superior em Sergipe, nesse sentido consideramos necessário aprofundar as discussões acerca da constituição, estrutura e finalidades da FCFS como um caminho indispensável para uma melhor compreensão do curso em foco. Do mesmo modo, destacamos os traços do seu funcionamento, as dificuldades ali existentes e como essa instituição consolidou-se no *campo* educacional sergipano. A partir desta discussão situamos o curso de Geografia e História na instituição, as suas disciplinas e professores.

### **1.1 Do Colégio Nossa Senhora de Lourdes ao “Prédio da Rua de Campos”: a constituição da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe**



Foto 01: Prédio do Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Década de 1950.

Fonte: Exposição “40 anos da FAFI” – 1991 – Acervo Fotográfico do Museu do Homem Sergipano  
Autoria Desconhecida

A fotografia 01 mostra o prédio do Colégio Nossa Senhora de Lourdes<sup>28</sup>, local em que a FCFS instalou-se provisoriamente quando começou a funcionar em 1951. Um significativo número de salas, acompanhadas de bancos no lado exterior destas, como também no meio do amplo pátio, sobressaem-se na análise da imagem. A ex-aluna do colégio e depois discente e professora da FCFS, Beatriz Góis Dantas, assim retrata o impacto do funcionamento da Faculdade naquela escola católica:

Para as alunas internas do referido colégio, que tiveram seu espaço de recreação noturna limitado e imposto pela autoridade das freiras, foi uma grande novidade ver as salas de aula que ocupavam durante o dia, sendo à noite, frequentadas por rapazes e moças, com quem não tinha nenhum contato, observando-os à distância de mais de trinta metros e invejando-lhes a liberdade (DANTAS, 2009, p. 230).

Essa descrição proferida pela aluna interna fornece uma dimensão de como era a divisão entre a escola para moças durante o dia e a FCFS à noite. A Faculdade inicialmente ocupou o espaço físico cedido pela Congregação das Religiosas do Santíssimo Sacramento, situado na rua Itabaianinha, nº 586, das 18 horas às 22 horas e 30 minutos localizada no centro da cidade de Aracaju – SE, tendo como o seu primeiro diretor, Padre Luciano José Cabral Duarte<sup>29</sup>. Ainda na fase preparatória, no ano de 1950, a instituição recebeu a visita de Hermilo Guerreiro, inspetor federal do Ministério da Educação. Com o envio do relatório, a tarefa era divulgar a faculdade que estava prestes a funcionar por meio da imprensa. Depois de tomadas as primeiras providências, conseguindo a subvenção de CR\$ 100.000 anuais do Governo do Estado<sup>30</sup>, o processo

---

<sup>28</sup> Atualmente o antes suntuoso prédio do “colégio das freiras” encontra-se em situação deplorável. A parte do térreo tomada por lojas e a parte superior entregue ao abandono do tempo, visivelmente em ruínas. Sobre a história do Colégio Nossa Senhora de Lourdes ver Costa (2003).

<sup>29</sup> O Padre Luciano José Cabral Duarte configura-se como um dos pilares fundamentais na construção da FCFS como também do ensino superior sergipano. Segundo Lima (2009), Luciano Duarte, nascido em 21 de janeiro de 1925, na rua de Japarutuba, Aracaju – SE, fez seus estudos primários na “Escola de Aprendizes Artífices de Sergipe”. Em Aracaju, primeiramente ingressou no Seminário Menor na capital sergipana, e logo depois em 1942 foi admitido no Seminário provincial de Olinda em Pernambuco, onde cursou dois anos de Filosofia e um de Teologia. Em 1945 ingressou no Seminário Central de São Leopoldo/ RS, onde terminou seus estudos, sendo ordenado sacerdote em 1948, com 23 anos de idade. Foi diretor e professor de Grego e Latim no Seminário Menor de Aracaju, dirigiu o Jornal A Cruzada, de 1949 a 1954, além de diretor da FCFS, de 1951 a 1954 e de 1958 a 1968, lecionou Latim, Psicologia, Teologia, Filosofia, Conversação Francesa e Psicologia Educacional. Ainda em 1954 bacharelou-se em Teologia pela Faculdade de Teologia de São Paulo; nesse mesmo ano viajou a Paris, permanecendo até o ano de 1957, quando recebeu o título de doutor em Filosofia com a mais alta menção da Sorbonne (LIMA, 2009).

<sup>30</sup> Tal subvenção foi instituída pelo Decreto nº 221, de 15 de Junho de 1950, publicada no Diário Oficial do Estado de Sergipe em 17 de junho de 1950, Ano XXII, nº 10.766, Aracaju - SE. Além dessa, também foi concedida pelo prefeito do município de Aracaju uma subvenção anual de quarenta e oito mil

de criação da FCFS foi encaminhado ao doutor Jurandir Lodi, diretor do Ensino Superior do Ministério da Educação no Rio de Janeiro, aguardando a autorização do Conselho Federal de Educação.

No final de 1950, o Padre Luciano Duarte escreveu uma matéria “explicativa” no Jornal A Cruzada (19 de novembro de 1950, ano XVI, nº 677) sobre o significado de uma Faculdade de Filosofia para o povo sergipano, numa tentativa de legitimar um projeto do qual ele era uma dos principais membros. Somadas à citada matéria, atrelavam-se notícias sobre a instalação da instituição de ensino superior quase semanalmente, quando em 11 de março 1951, o Jornal A Cruzada (Ano XVII, nº 692) trazia em uma de suas manchetes a seguinte: “Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe” e transcrevia o decreto publicado no Diário Oficial da Capital Federal, de nº 29.311, de 28 de fevereiro de 1951, o qual “Concede autorização para funcionamento de cursos na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe”.

Segundo Morais (2008), em maio de 1950 o Padre Luciano Duarte visitou as Faculdades de Filosofia de Recife, ouviu também as experiências de D. Carlos Camélio de Vasconcelos Mota, cardeal arcebispo de São Paulo, e de D. Antônio dos Santos Cabral. Percebemos assim que a FCFS obteve contribuições de outras instituições congêneres, que funcionavam sob os cuidados da Igreja Católica. Logo depois das visitas e conversas, começou a estruturação da Faculdade com a ativação de uma *rede de sociabilidade* liderada principalmente pelo Padre Luciano Duarte, convidando professores de porta em porta, pedalando sua bicicleta<sup>31</sup>, ou mesmo com a participação de outros docentes, já anteriormente empenhados na criação da instituição.

No caso da FCFS e mais precisamente em torno do curso de Geografia e História, organizou-se um grupo de professores, com experiência na docência e reconhecidos no *campo* educacional, convidando-se principalmente professores do Atheneu Sergipense<sup>32</sup> e docentes que já atuavam em outras instituições de ensino superior do estado, também nascentes no período em estudo. Os professores da FCFS, muitos católicos praticantes, outros ditos “subversivos”, como Maria Thétis Nunes, ou “agnósticos”, como Felte Bezerra; integravam o corpo magisterial do curso em

---

cruzeiros pela Lei nº 77 de 23 de outubro de 1951, publicada no Diário Oficial do Estado de Sergipe em 26 de outubro de 1951, Ano XXIII, nº 11.157, p. 3 e 4.

<sup>31</sup> Segundo Nunes (2007).

<sup>32</sup> Várias são as denominações dessa escola sergipana em funcionamento desde 1870; por motivos didáticos ao longo do texto utilizaremos somente “Atheneu Sergipense”, sobre a mencionada instituição consultar Alves (2005).

análise<sup>33</sup>. Deste modo, médicos, dentistas, advogados, engenheiros, e raríssimos licenciados, como Maria Thétis Nunes e Cleonice Xavier de Oliveira, foram aglutinados para lecionar na nascente faculdade.

É preciso considerar que estamos lidando com um período em que o número de graduados em Sergipe era reduzido; portanto, existia um considerável esforço para a contratação e manutenção de docentes na instituição, levando-se em consideração que o salário pago era simplório<sup>34</sup> e de início as aulas eram noturnas. Portanto, nem todos os bacharéis estavam disponíveis a esse trabalho, exceto os que já almejavam *legitimar-se no campo*, em formação, do magistério superior e assim buscavam *acumular capital*<sup>35</sup>, ou mesmo os que só desejavam contribuir para a formação da juventude sergipana, até então carente de cursos superiores na sua terra natal.

Outro ponto digno de nota concerne ao “tamanho” da instituição que abrigou o curso de Geografia e História. Analisamos aqui uma faculdade católica, particular – com mensalidades simbólicas, contando com o apoio de subvenções públicas para existir – localizada na Aracaju dos anos 1950. Ou seja, o número de alunos por ano na FCFS variou entre o mínimo de 19 matriculados no primeiro ano de funcionamento e 77 em 1959. Esses alunos por vezes já se conheciam e suas famílias eram amigas. O padre que dirigia a instituição era o mesmo que celebrava a missa dominical frequentada por alunos e professores. Os docentes eram antigos vizinhos dos seus alunos, amigos dos seus pais ou mesmo com um grau de parentesco. É dentro desses largos traços, de um quadro difícil de desenhar, que a FCFS precisa ser vislumbrada diante dos olhos de quem a “observa” mais de meio século depois de criada e também há muitas décadas já extinta. Todavia, embora pequena e com um “caráter doméstico”, como afirma Dantas (2010), percebemos que a FCFS formou dezenas de professores e conseguiu legitimar-se no *campo* do ensino superior em Sergipe, ainda em formação no período em foco.

---

<sup>33</sup> A denominação de “subversiva” para Maria Thétis Nunes foi extraída de entrevista concedida pela própria professora (NUNES, 2007), na qual ela afirma que essa fama vinha de sua época de graduação na Faculdade de Filosofia da Bahia e sua atuação como estudante. Já o termo “agnóstico” para Felte Bezerra, localizamos em entrevista concedida ao Jornal A Cruzada, 25 de dezembro de 1952, ano XVIII, nº 732.

<sup>34</sup> Para Dantas, (2004), a FCFS, embora com inúmeras dificuldades de um projeto ousado, agregava uma série de intelectuais muitas vezes bem mais cultores da educação dos seus alunos do que dos salários incipientes que recebiam.

<sup>35</sup> Nas palavras de Bourdieu, “acumular capital é fazer um ‘nome’, um nome próprio, um nome conhecido e reconhecido, marca que distingue imediatamente seu portador arrancando-o como forma visível do fundo indiferenciado, despercebido, obscuro, no qual se perde o homem comum” (BOURDIEU, 1994, p. 132).

Para lograr tal êxito, além de professores e alunos, vale ressaltar a parcela de contribuição da equipe administrativa dessa faculdade.

O comando da instituição recaía sobre o diretor, a Congregação<sup>36</sup> e o Conselho Técnico Administrativo (CTA), conforme o Regimento Interno da FCFS (s/d). A primeira reunião da Congregação ocorreu em 12 de março de 1951, presidida pelo bispo Dom Fernando Gomes<sup>37</sup> e tinha como objetivo a eleição do diretor. Foram indicados os nomes dos padres Luciano Duarte, Euvaldo Andrade e Artur Pereira, sendo escolhido e nomeado o primeiro. Possivelmente a eleição cumpria apenas um caráter burocrático, uma vez que o Regimento da Faculdade deliberava a escolha para o cargo de diretor um nome que compusesse uma lista tríplice. Mas o cargo já era “exercido” pelo Padre Luciano Duarte mesmo antes da fundação efetiva da instituição superior de ensino, quando esse fez a faculdade funcionar, convidou professores para lecionar, organizou o local das aulas, divulgou o primeiro concurso de habilitação, entre outras ações do religioso.

Sendo assim, após a nomeação do diretor, aconteceu a eleição de seis membros para o CTA, a saber: Padre Euvaldo Andrade, Gonçalo Rollemberg Leite, Felte Bezerra, Manuel Ribeiro, Lucilo da Costa Pinto e José Barreto Fontes. Destes, lecionaram no curso de Geografia e História: Gonçalo Rollemberg Leite, Felte Bezerra e Lucilo da Costa Pinto.

---

<sup>36</sup> Compuseram a primeira Congregação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: “Dom Fernando Gomes – Presidente de Honra, Pe. Euvaldo Andrade, Pe. Artur Pereira, Dr. José Barreto Fontes, Dr. Lauro Barreto Fontes, Dr. Manuel Cabral Machado, Dr. Gentil Tavares da Mota, Dr. José Silvério Leite Fontes, Dr. Gonçalo Rollemberg Leite, Pe. José de Araújo Machado, Dr. Petru Stefan, Dr. Valter Cardoso e Maria Thétis Nunes, Pe. Luciano Duarte, Dr. José Olinó de Lima Neto, Dr. João Bosco de Andrade Lima, Dr. Manuel Ribeiro” (Relatório Semestral da FCFS, 1951/1). Nota-se a distinção de “Dr.” a todos os bacharéis da faculdade, enquanto a licenciada em Geografia e História Maria Thétis Nunes é precedida de um “e”.

<sup>37</sup> Em trabalho intitulado “Presença participativa da Igreja Católica na História dos 150 anos de Aracaju”, Mons. José Carvalho de Sousa (2006) nos diz que Dom Fernando Gomes dos Santos foi transferido da Diocese de Penedo – AL no dia 31/10/1948 para a Diocese de Aracaju, com o intuito de substituir Dom José Thomaz. Dom Fernando Gomes assumiu como bispo a diocese no período de 1949 a 1957. Dentre as contribuições apontadas pelo referido autor, destacam-se as ações educacionais como a participação na criação da FCFS, como uma instituição necessária para a formação das novas gerações de professores. Dom Fernando Gomes entregou a direção da Faculdade ao então padre Luciano Duarte, além de contribuir também para a criação da Faculdade de Serviço Social, na qual contou com a participação direta das Irmãs Missionárias de Jesus Cristo Crucificado. Em crônica sobre os dez anos da FCFS, Monsenhor Luciano Duarte assim descreve a participação de Dom Fernando Gomes: “O surgimento da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, em 1951, se deve ao bispo de extraordinária coragem e lucidez que foi entre nós, Dom Fernando Gomes. A oportunidade da criação da Faculdade surgiu. Ele reuniu seus padres pesou as dificuldades, sentiu a escassez de meios, mas a grandeza da obra era mais importante que tudo, e ficou decidida que a Faculdade seria criada, e assim se fez” (Jornal A Cruzada, 23 de setembro de 1961, Ano XXV, nº 1.220).

O CTA tinha a função de um órgão deliberativo e estava subordinado à Congregação da instituição. Mas na FCFS, essa relação era muito intrínseca e boa parte dos professores lecionavam na Faculdade a convite do Padre Luciano Duarte que presidia a reunião de ambos os órgãos administrativos, o CTA e a Congregação. Pela figura de diretor, sacerdote e amigo dos docentes ali reunidos, dos quais alguns estavam em ambos os órgãos, percebemos, pela análise das atas, que a maioria das decisões ficava centralizada no diretor. Nas reuniões poucos embates eram travados – ou não eram registrados nas atas –, exceto quando os alunos do Diretório Acadêmico Jackson de Figueiredo entravam em pauta<sup>38</sup>.

Deste modo, a figura presente e responsável pelas decisões da FCFS nos diferentes âmbitos era o seu diretor. Mas este também contou com o apoio de Gonçalo Rollemberg Leite e frei Edgar Stanowski no cargo de vice-diretor, em diferentes períodos, e do Padre Euvaldo Andrade, que de início era secretário do CTA e depois assumiu a direção da instituição entre 1954 e 1957, período de estudos do Padre Luciano Duarte na França.

Na parte administrativa da Faculdade trabalharam: Hélio de Souza Leão, Welington Elias, além de Maria Ariosvalda de Santana Teles, Josefa Dinorah Nunes Siqueira e Maria Leonor Teles de Santana. Já a biblioteca ficava sob a responsabilidade de Valdice Pereira Gomes. Em depoimento concedido a Moraes (2008), ela relata sua experiência como bibliotecária da FCFS, seu curso superior em Biblioteconomia na Bahia, feito com uma bolsa de estudos obtida por Dom Luciano Duarte. A senhora Dinorah Siqueira também ficava responsável pelo controle da frequência dos discentes.

---

<sup>38</sup> Um exemplo pode ser considerado a XIX Reunião da Congregação da FCFS de 05/06/1962, entre outras discussões, tratava-se da greve dos alunos da instituição reivindicando participação no CTA e na Congregação. Após intenso debate, foram colocadas em pauta as propostas de alguns professores e a sugestão do diretor que deixava claro o fato de a congregação não resolver nada sobre pressão da greve dos alunos e que o CTA deveria fazer a reforma do regimento após obter a Regulamentação das Leis de Diretrizes e Bases (1961) e de instruções do Conselho Nacional de Educação. Enquanto isso não fosse resolvido, ficaria um estudante no CTA e um estudante na congregação. Após a votação, a proposta do diretor venceu por doze votos a três, contando com uma abstenção, possivelmente do presidente do Diretório Acadêmico Jackson de Figueiredo, Alexandre Felizola Diniz (RELATÓRIO SEMESTRAL DA FCFS – 1962/1). A atuação do Diretório Acadêmico Jackson de Figueiredo muitas vezes provocou acirrados embates com a direção da Faculdade. Greves e contestações faziam parte desse diretório. Interessante observar como os alunos conseguiam manter uma boa relação com a direção mesmo com tantos protestos. Segundo Diniz (2010), “[...] tudo era muito pequeno”. Alguns alunos do curso de Geografia e História participaram do diretório como também da União Estadual dos Estudantes Sergipano, dentre outros, cabe destacar o nome de José Alexandre Felizola Diniz, ex-presidente da citada união de estudantes, preso durante o período militar. O Diretório Jackson de Figueiredo, como parte da estrutura da FCFS, merece um estudo próprio, não sendo assim explicitado neste trabalho. Com relação os movimentos estudantis universitários em Sergipe, ver Cruz (2003).

O ex-aluno do curso de Geografia e História, Alexandre Felizola Diniz, assim descreve essa rotina na Faculdade:

Havia controle de frequência, que ele (Padre Luciano Duarte) fazia questão de mandar uma funcionária ir de sala em sala. O professor estava dando aula, ela entrava e contava os alunos, via os alunos e marcava na caderneta. [...] Eu mesmo faltava muita aula, mas Dona Dinorah não me botava falta, eu ia fazer política estudantil e dizia a Dona Dinorah: to saindo, e ela: 'pode ir!' E não me colocava falta (risos) (DINIZ, 2010).

Essa fala de Diniz aponta para o cotidiano dos alunos no curso de Geografia e História e algumas das normas da instituição para o controle de determinadas práticas, como a saída durante o horário de aula. Observamos também um clima de cordialidade confirmado pelo depoimento de Beatriz Góis Dantas:

[...] lembro muito de Dinorah. Dinorah me marcou muito. Dinorah que eu não lembro o sobrenome, mas enfim era Dinorah que era secretária, uma pessoa amiga, resolvia os problemas da gente, lembrava das coisas que estavam para acontecer, enfim, eu acho que como a Faculdade era pequena havia um clima de certa familiaridade entre as pessoas. Lembrava das coisas, telefonava, avisava, era um clima, eu acho, muito cordial (DANTAS, 2010).

Esses depoimentos ajudam a perceber traços do dia a dia do curso para além das aulas ministradas em sala. Os funcionários também contribuíram sobremaneira para o funcionamento das aulas, acompanhando os docentes e discentes. Além da vivência que cada um tinha por ali, o espaço acadêmico também era sinônimo de boas conversas e amizades. É o que demonstra a fala de Adelci Figueiredo Santos ao descrever as melhores recordações da época de aluna da FCFS:

Eu acho que era o relacionamento entre aluno e professor, éramos amigos, turmas pequenas que facilitavam o entrosamento, muitos parentes, havia muita confiança e o desejo inclusive de melhorar culturalmente, de ter uma nova formação e realmente prestar um serviço à sociedade sergipana (SANTOS, 2010).

Esse bom relacionamento mencionado nas entrevistas concedidas e a amizade diante de poucos alunos eram aspectos dessa nascente faculdade que em sua cerimônia de instalação reuniu o bispo diocesano Dom Fernando Gomes; o governador do Estado, Arnaldo Rollemberg Garcez; o prefeito de Aracaju, Aldebrando Franco; o presidente da

Assembleia Legislativa, Sílvio Teixeira; o Padre Francisco Bragança diretor da Faculdade de Filosofia Manoel da Nóbrega, em Recife, além de alunos, professores e seus familiares (Jornal A Cruzada, 01 de abril de 1951, ano XVII, nº 695).

A solenidade esteve repleta de agradecimentos e realce da conquista que a FCFS representava para o povo sergipano, especialmente para a juventude estudiosa. No entanto, a procura por essa instituição de ensino superior ao longo dos seus 17 anos de existência não foi a almejada pelos seus criadores. Embora tenha havido um nítido crescimento em alguns cursos, outros despertavam pouco interesse, fator que complicava ainda mais a frágil situação financeira daquela instituição sem fins lucrativos.

Mas aos poucos a consolidação erguia-se. Enfrentando obstáculos, a instituição aspirava a passos maiores. No ano de 1959 ocorreu a inauguração da sua sede própria na rua de Campos, nº 177, no bairro São José, Aracaju - SE. A partir dessa data, as aulas foram transferidas para as salas daquele prédio, e os cursos passaram então a ser ministrados no turno matutino, mesmo com as obras em andamento. Um ano depois foi implantado o Ginásio de Aplicação, que funcionava no turno da tarde e era consagrado como uma importante instituição educacional sergipana e laboratório para os professores da FCFS<sup>39</sup>.

---

<sup>39</sup> Segundo Nunes (2008b), o Ginásio de Aplicação da FCFS foi um “campo de experimentação de métodos pedagógicos entre alunos do ensino ginasial. Essa função traçou marcadamente a consolidação desta instituição, pois as experiências lá realizadas produziram um ambiente de constante inovação, que contagiava alunos, professores e diretores para o desenvolvimento de diferentes habilidades em jovens a partir dos 11 anos de idade” (NUNES, 2008b, p. 113). Para informações adicionais consultar Nunes (2008b).



Foto 02: Monsenhor Luciano José Cabral Duarte – Ao lado do Prédio da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe inaugurada parcialmente em 1959.

Fonte: Revista Comemorativa dos 25 anos de Sacerdócio de Dom Luciano José Cabral Duarte, 1973, p. 15.

Autoria desconhecida

Na fotografia nº 2, observamos o idealizador daquele prédio da FCFS ao lado da concretização de um projeto que levou nove anos para ser erguido parcialmente. Anos se passaram até a construção completa do plano inicial. Monsenhor Luciano Duarte orgulha-se de mais uma das suas conquistas, fruto da sua *rede de sociabilidade* e das muitas solicitações efetuadas por ele a amigos e políticos. Sobre o novo prédio dessa faculdade, auxilia a descrição da ex-aluna Maria Nely dos Santos:

No prédio da antiga FAFI (hoje Instituto de Previdência Social do Estado – IPES), por mais de duas décadas, a terceira sala após o hall de entrada se constituiu no recinto consagrado dos professores. Ali, além das reuniões oficiais, se encontravam durante os intervalos das atividades para bebericarem um cafezinho, degustarem um suco de frutas, tomarem um copo de água.

Nós alunos, se não íamos à Biblioteca, gastávamos os dez minutos de folga ou horários vagos (aliás muito raros) conversando com os colegas sentados nos bancos geometricamente distribuídos pelos corredores do pavimento inferior, e também embaixo de algumas árvores existentes no jardim.

O jardim sempre bem cuidado, circundando a área construída, descansava nosso espírito, relaxava nossas tensões. Enquanto a

sirene não anunciasse o retorno à sala de aula, ficávamos ali espreitando tudo e todos. Apenas os mais afoitos e os que tivessem realizando tarefas de pesquisas para algum professor se arvoravam a aproximar-se da sala “vip” (SANTOS, 1999, p. 132/133).

A descrição feita pela ex-aluna do curso de História, embora estudante da faculdade em um período posterior ao recorte temporal da presente pesquisa, ajuda-nos a adentrar no cotidiano da instituição e vislumbrar traços que se fizeram presentes na vida dos alunos e professores que por ali passaram. Os aspectos da arquitetura e a vivência dos discentes são marcas na vida dessa então universitária e fornecem pistas do que fazia um estudante de História em meados da década de 1960 em suas horas vagas, como estes observavam a sala dos professores – “recinto consagrado” ou “sala ‘vip’”. Estas são nuances daquela instituição de ensino superior que tal fala ajuda a descortinar.

À noite, comumente ocorriam palestras e eventos culturais. Logo no relatório do seu primeiro ano de funcionamento, expõe-se a influência cultural da FCFS:

Pode-se dizer honestamente que a influência da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe já se faz sentir sobre o meio. Destinando-se a formar professores para o curso secundário, tem a Faculdade, concomitantemente, a função de elevar o nível deste mesmo curso, para o qual prepara pessoal habilitado pelo tirocínio de um curso especializado.

A Faculdade, promovendo como está conferências para o ambiente universitário, desempenha assim também um interessante papel de influência no meio sergipano (FCFS, Relatório Semestral, 1951/1).

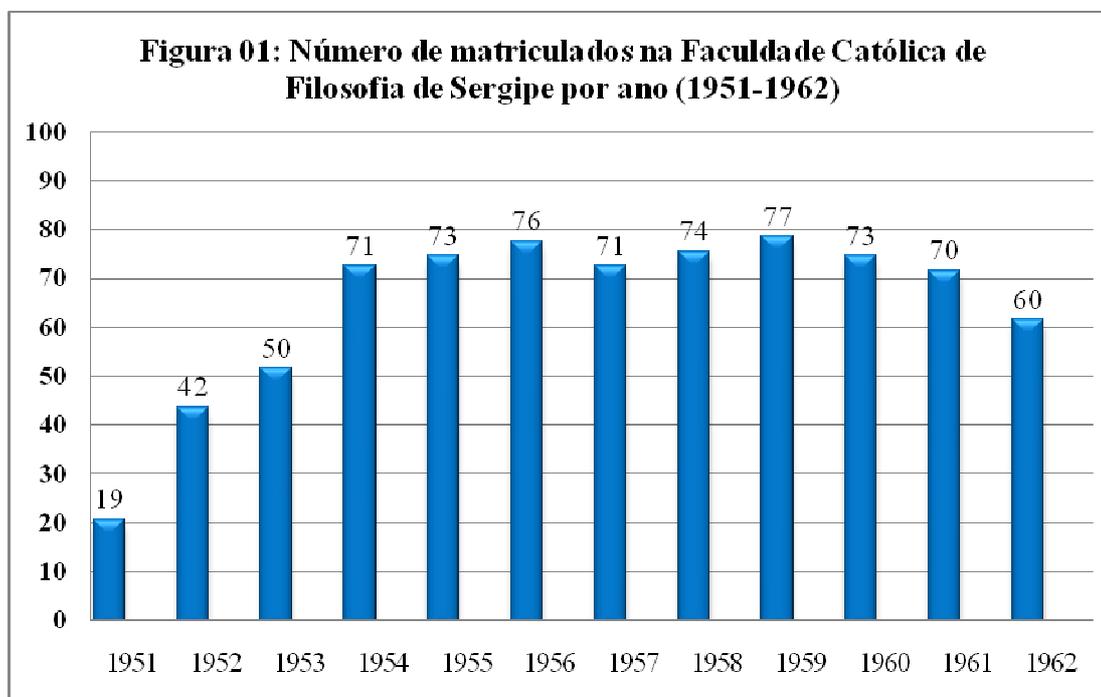
Das fontes localizadas inferimos a participação ativa da FCFS no meio cultural aracajuano. As suas aulas inaugurais<sup>40</sup> constantemente figuravam nas manchetes da imprensa; as palestras promovidas com convidados também eram divulgadas, além de outros eventos, como a defesa de tese do doutor Sílvio Macedo, de Maceió-AL, candidato à colação de grau de doutor em Pedagogia pela FCFS no dia 7 de abril de 1961 com o tema: “Da falta de orientação educacional e profissional como causa da crise brasileira”<sup>41</sup>.

---

<sup>40</sup> A aula inaugural da faculdade em 1951 coube ao diretor padre Luciano José Cabral Duarte. Em 1959, Manoel Cabral Machado tratou do tema “Sociologia e Folklore” (A Cruzada, 7 de março de 1959, ano XXIV, nº 1081); No ano de 1961: Aula inaugural com o professor José Olinó Lima Neto sobre “Fundamentos da Filosofia Românica” (A Cruzada, 4 de março de 1961, ano XXV, nº 1.191); Em 1962 aula inaugural com José Silvério Leite Fontes sobre “A Filosofia da História” (Ata da XXXVIII Reunião do CTA em 27 de fevereiro de 1962, RELATÓRIO SEMESTRAL DA FCFS – 1962/1).

<sup>41</sup> Para a defesa dessa tese, o Jornal A Cruzada publicou três seguidos anúncios: “Defesa de Tese na Faculdade de Filosofia” (A Cruzada, 25 de março de 1961, ano XXV, nº 1194); “Tese de Doutorado

Crescia o número de professores, a biblioteca aumentava a passos lentos, ex-alunos retornaram como docentes, alguns mestres se aventuraram por outras terras em busca de especialização e aos poucos aumentava o número de alunos que procuravam a instituição, conforme se pode observar no seguinte gráfico:



FONTE: Gráfico elaborado com base na documentação da FCFS, como os relatórios semestrais e as revistas da instituição.

A partir de 1955, a faculdade conseguiu manter uma média de 70 alunos matriculados, funcionando com quatro cursos: Didática, Geografia e História, Letras Anglo-Germânicas e Letras Neo-Latinas, após o fechamento dos cursos de Matemática e Filosofia ocorrido no final da década de 1950. Possivelmente, a construção de sua sede própria forneceu maior visibilidade à instituição, que angariava fundos do estado de Sergipe, do município de Aracaju, repasses de emendas de parlamentares sergipanos, além de doações e compras de livros para a biblioteca, feitas pelos professores e diretores, que usavam do seu *capital simbólico* para legitimar a FCFS no *campo* educacional sergipano.

em Pedagogia” A Cruzada, 1º de abril de 1961, ano XXV, nº 1195) e por fim “Defesa de Tese do professor Sílvio de Macedo” (A Cruzada, 8 de abril de 1961, ano XXV nº 1196), relatando como foi a defesa perante a banca composta por Gonçalo Rollemberg Leite, Monsenhor Luciano Duarte e José Silvério Leite Fontes; ressalta também a participação de estudantes, professores e membros da sociedade sergipana.

O diretor da instituição, Dom Luciano José Cabral Duarte, configurou-se como uma coluna basilar para o funcionamento daquela faculdade. Suas constantes viagens nacionais e internacionais, suas amizades nos *campos* político, religioso e educacional de alguma forma respingavam de maneira positiva na FCFS, seja na aquisição de verbas, material ou novas contratações de professores. Tudo isso culminou na consolidação da FCFS como um marco na formação de professores e de alguns pesquisadores em distintos campos do saber em Sergipe, inclusive nas áreas da Geografia e da História. Apesar disso, ao longo da sua história a FCFS se deparou com sérias dificuldades financeiras para sua manutenção.

Quando inquirida sobre os principais problemas da faculdade no início de sua trajetória, Magnória de Nazareth Magno, uma das quatro alunas da primeira turma do curso de Geografia e História que chegou a concluí-lo nos diz: “Dificuldades próprias de todo empreendimento em fase de instalação, tais como instalações precárias, localização em local deserto e de difícil acesso, etc., etc.” (MAGNO, 2008). Todavia, isso não é destacado no relatório do primeiro ano letivo no item que descreve as condições do edifício e das instalações.

A Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe acha-se atualmente funcionando no moderno e confortável prédio do Ginásio N. Sra. de Lourdes [...].

O local do prédio fica a leste, quase a igual distância de todos os bairros da cidade, estando colocado em posição vantajosa para a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, é absolutamente tranqüila, não sendo assim as aulas perturbadas por ruídos de qualquer gênero.

Na posição em que está, é também o prédio da Faculdade bem servido de transportes, para os seus alunos que residem em pontos mais distantes (FCFS, Relatório Semestral, 1951/1).

Confrontando tais descrições, percebemos as discrepâncias entre um relatório oficial de uma iniciante instituição superior de ensino, fazendo uso de adjetivos para si e uma ex-aluna que vivenciou os problemas para frequentar as aulas do curso de Geografia e História. Analisamos também outros testemunhos, como o do professor Manuel Cabral Machado, um dos idealizadores e professores da faculdade. Esse jurista afirma:

A faculdade só tinha, como recurso, a subvenção. Nós ficávamos nos fundos do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, pela Rua Itabaianinha. Então o Colégio entrava pela Rua de João Pessoa e pela Faculdade [...] pelos fundos [...] . A

Faculdade de Filosofia era nos fundos do Colégio. Funcionando à noite, porque pelo dia era o Colégio Nossa Senhora de Lourdes [...] Durante a noite era a Faculdade de Filosofia [...] Bom, não tendo recursos, o nosso salário era simbólico, nós não ganhávamos salário, era simbólico (MACHADO, 2007).

Mais uma vez a fala de um sujeito que viveu aquele período contrasta com o supracitado relatório, quando este diz que a faculdade funcionava em um prédio moderno, contendo quatorze salas, das quais três estavam sendo utilizadas pela instituição de ensino superior, uma para cada curso que funcionou em 1951. Entretanto, o relatório omite que seriam as salas do fundo, funcionava à noite porque durante o dia existiam outras atividades naquela faculdade, como também não se pronuncia com relação ao salário dos docentes.

O citado professor enfatiza o salário “simbólico” que os docentes da FCFS recebiam. Levando-se em consideração as preleções de Bourdieu (1996, p.138) ao afirmar que “os agentes sociais não realizam atos gratuitos”, podemos afirmar que, embora com um pequeno reconhecimento econômico, ser professor da FCFS proporcionaria um “lucro simbólico”, já que o “capital simbólico é um capital com base cognitiva, apoiado sobre o conhecimento e o reconhecimento” (BOURDIEU, 1996, p. 150). Com o ideal do “conhecimento e reconhecimento”, os docentes lecionavam na instituição.

A questão do salário é explorada constantemente nas reuniões, tanto do CTA quanto da Congregação. As fontes mostram salários incipientes, e isto pode ser visto na fala da professora Thétis Nunes (2007) e do professor Manuel Cabral Machado (1998). O próprio Dom Luciano José Cabral Duarte na celebração da missa em comemoração aos 40 anos da FCFS fala sobre a criação desta e seus entraves:

É belo trabalhar por um salário. Jesus Cristo mesmo disse: o operário é digno de seu salário. Porém, é mais belo ainda trabalhar por um ideal, mesmo sem a compreensão material equivalente. Nós éramos um grupo liderado invisivelmente pela figura de Dom Quixote, lutando com as mãos vazias, certos das nossas certezas (DUARTE, 1991).

Para o professor Cabral Machado, a FCFS:

Era uma Faculdade a que nós professores prestávamos um serviço público, com um ensino quase gratuito, visto que a Escola não tinha recursos para pagar sequer o salário mínimo.

Então o ensino era feito a título de colaboração para a educação em Sergipe (MACHADO, 1998, p. 18/19).

O salário inicial dos professores da faculdade era de CR\$ 50,00. Ao longo dos anos, mudanças ocorreram: em 1964 pagavam-se seiscentos cruzeiros por aula; já um ano depois, o salário era de “18.000 mensais, aos professores que davam três aulas por semana, o que correspondia a 1.200 por aula, contando-se cinco semanas ao mês” (FCFS, Ata da XXIV Reunião da Congregação da FCFS, 8 de março de 1965, Relatório Semestral, 1965/1).

O próprio diretor, em carta enviada ao então presidente da República, Jânio Quadros, em 26 de Junho de 1961, descreve quanto era gasto para a manutenção de uma faculdade federalizada e as dificuldades existentes para a manutenção da FCFS. Segundo o religioso, o catedrático de uma faculdade federalizada ganharia quarenta e três mil cruzeiros mensais que, somados a outras despesas, resultariam em um montante de gastos de trinta e seis milhões, cento e vinte mil cruzeiros de despesas anuais para cada faculdade. Já em Sergipe, devido aos inúmeros problemas, a FCFS só agregava quatro cursos em 1961 – Geografia e História, Letras Neo-Latinas, Letras Anglo-Germânicas e Didática –, mesmo tendo autorização para ofertar sete cursos e setenta cadeiras. No entanto, para isso, precisaria de no mínimo dezoito milhões e sessenta mil cruzeiros anuais, além de outra quantia para a manutenção do prédio, administração da instituição, ampliação de biblioteca, entre outros aspectos. Diante do exposto, Monsenhor Luciano Cabral Duarte enviou carta ao presidente Jânio Quadros, em 26 de junho de 1961, sugerindo um convênio entre a FCFS e o Ministério da Educação e Cultura. A Faculdade ficaria obrigada a ofertar todos os cursos ali regulamentados de forma inteiramente gratuita, e ao Ministério caberia proporcionar os recursos que o diretor já havia estipulado.

Apesar de não localizarmos a resposta do presidente à carta citada, deduz-se que ela foi negativa, tendo em vista que a faculdade só passaria a integrar os quadros federais de ensino quando da sua incorporação à UFS em 1968. Sublinha-se a tentativa do diretor, diante da baixa procura pelos alunos e das dificuldades de manutenção da instituição, de torná-la federalizada, buscando utilizar sua rede de influências para atingir tal fim. Mesmo não logrando êxito, o fato é digno de nota.

Merece ser também mencionado o fato de a faculdade funcionar à noite concentrando majoritariamente estudantes mulheres, quebrando um tabu na sociedade

aracajuana de meados do século XX. Para Thétis Nunes, no texto “Amigos de Dom Luciano. Meus Amigos”:

As aulas eram noturnas, o que ocasionaria grande impacto na tranqüila vida provinciana de Aracaju na época. Quebrava-se o tabu de moças saírem sozinhas à noite. Recordo-me que uma das alunas vinha acompanhada por uma jovem empregada que dormia no fundo da sala. Com a malícia própria do estudante, as alunas apelidaram a colega de Sinhá Moça (NUNES, s/d).

Ainda sobre as aulas no período noturno, a aluna Adelci Figueiredo Santos, da segunda turma do curso de Geografia e História, a qual fez seus estudos na FCFS na primeira metade da década de 1950, declara:

As mães ficavam preocupadíssimas, esperando que a gente retornasse, todas inclusive nos alpendres, não é, nas portas esperando que a filha chegasse, porque a gente vinha correndo do parque até onde eu morava na rua de Estância, e a minha amiga que era Isabel Barreto que morava na rua de Boquim, então a gente vinha correndo quando chegava à rua de Lagarto ela se dirigia para a rua de Boquim e eu saía correndo para Rua de Estância, eu terminava, que era no Guarani, naquela época era o ponto de referência. Então a gente saía correndo, do parque em diante a gente corria com medo, porque não tinha nada naquela época, a gente não podia usar táxi que ficava com receio, duas moças sozinhas, ônibus não existia naquele horário, o ônibus circulava de uma em uma hora e assim mesmo por trajetos diferentes dos nossos, então o jeito era correr (risos). Agora vinha um grupo grande até o parque onde havia um ponto de ônibus que fazia várias direções, mas quando chegava no parque aí cada uma tomava seu destino (SANTOS, 2010).

Diante desses problemas referentes à localização do colégio cedido para a faculdade no turno da noite, a construção da sua sede era uma necessidade, além de concretizar materialmente a instituição diante da sociedade sergipana. Segundo o periódico *A Cruzada*, edição de 4 de abril de 1959 (Ano XXIV, nº 1082), a inauguração da parte principal da nova sede da FCFS ocorreu em 29 de março de 1959 e contou com a presença do então governador do estado Luís Garcia; do bispo Dom José Távora, professores, estudantes, sacerdotes, reunindo parte considerável da intelectualidade sergipana de outrora.

Pelo discurso de inauguração com tom de agradecimento do diretor, notamos o quanto os políticos locais contribuíram para a construção do prédio. O religioso cita os nomes de: Durval Cruz, Lourival Fontes, Júlio Leite, José Rollemberg Leite, Arnaldo Garcez e Leandro Maciel. Fica nítida a existência de uma profícua relação entre a FCFS

e os representantes políticos da época, como também o reconhecimento social angariado por essa instituição educacional de formação docente.

A faculdade deixa o espaço do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, local onde funcionou por mais de oito anos, para construir um novo ciclo na sua história. Entretanto, as dificuldades com relação às obras continuaram. Em carta a Armando Barcelos, pessoa com quem Monsenhor Luciano Duarte mantinha constantes correspondências, o diretor descreve:

As obras da Faculdade estão indo, em ritmo lento. Já recebemos os móveis do salão da Congregação (Pequeno Auditório), cuja fita de inauguração o sr. cortará em breve. Infelizmente, não se conseguiu que o Presidente não cortasse os 30% das verbas. Até das subvenções ordinárias esta porcentagem foi cortada. Paguei há poucos dias a última promissória do terreno [...] (DUARTE, Luciano José Cabral Duarte Carta ao doutor Armando Barcelos, 8 de agosto de 1961).

Em 16 de agosto desse mesmo ano, tendo obtido a resposta de Armando Barcelos, o diretor agradece as verbas conseguidas e relembra, como tantas outras vezes, a necessidade de verbas maiores para a conclusão das obras, subvenção esta que estaria em votação no Senado. Em outra correspondência, agora a Luís Alfredo da Silva, o Monsenhor agradece o envio do número do Diário Oficial da República contendo o decreto que concede autorização de cinco milhões de cruzeiros para as obras da FCFS (DUARTE, Luciano José Cabral Carta a Luís Alfredo da Silva, 7 de junho de 1962).

Faz-se necessário salientar que o Armando Barcelos, no ano de 1958, sugeriu ao diretor que seguisse os diversos parlamentares sergipanos em busca de parcelas das seções ordinárias para a instituição. Como afirma o próprio Monsenhor, de tanto enviar cartas e telegramas solicitando verbas já ficava “com acanhamento de falar-lhe em tantos aspectos do permanente problema financeiro da Faculdade. O sr., que se constitui como nosso patrocinador, irá tendo paciência” (DUARTE, Luciano José Cabral Duarte Carta ao doutor Armando Barcelos, 16 de agosto de 1961).

Com sua sede própria, a FCFS tinha autonomia para usar o seu espaço nos três turnos, e a assim o fez. Em resposta ao ofício enviado por José Carlos Marques, então coordenador dos Jogos da Primavera em Aracaju – SE, Monsenhor Luciano Cabral Duarte assinalava não poder atender à solicitação de empréstimo da quadra de esportes, uma vez que:

[...] o prédio da Faculdade tem que funcionar nos três expedientes de cada dia: pela manhã, todas as aulas da Faculdade; pela tarde, todas as aulas do Colégio de Aplicação; pela noite, temos as aulas do Instituto de Pesquisas Sociais da FCFS, além das aulas do pré-vestibular que prepara candidatos ao concurso de habilitação do próximo ano (FCFS, Ofício nº 27/65, Resposta do Padre Luciano Duarte a José Carlos Marques).

Com a construção da primeira parte do prédio, buscou-se concluir as demais instalações. Com o fim dessa etapa já em meados da década de 1960, o desejo do diretor consistia em “ir preparando, aos poucos, a renovação do quadro dos nossos professores”, como afirmou em carta enviada a José Calasans<sup>42</sup> em 1965, na qual pedia bolsa de estudos para uma aluna do curso de Geografia na Bahia. Solicitou ainda que fosse paga sua estada, uma vez que ela era de família humilde.

Os primeiros docentes da instituição se desdobravam para lecionar nos diferentes cursos e disciplinas da faculdade. Eram intelectuais que circulavam nos diferentes espaços da sociedade sergipana, alguns membros da Academia Sergipana de Letras e/ou do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e seus nomes figuravam constantemente em artigos publicados na imprensa local; outros escreviam livros, assumiam cargos na política e trilhavam os caminhos do magistério em diferentes instituições. Distantes das práticas de especialização, ensinavam por afinidade com as disciplinas, pela sua formação ampla e experiência docente, ou mesmo para suprir as lacunas constantes no quadro de professores da FCFS.

A carência de docentes com uma formação acadêmica para lecionar na faculdade era grande, tendo em vista que todos eles tinham feito suas graduações em outros estados, e ao retornar assumiam suas diferentes profissões. Preencher o quadro de todas as disciplinas e contar para isso com modestos recursos era uma tarefa difícil. À medida que os alunos terminavam seus cursos, alguns eram convidados para retornar à instituição. Os convites eram realizados diante do destaque que os discentes conseguiam quando faziam sua graduação na faculdade e dos *capitais* acumulados nesse período. Ao

---

<sup>42</sup>José Calasans da Silva Brandão nasceu em 1915 na cidade de Aracaju – SE e faleceu na Bahia em 2001. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito da Bahia em 1937. Livre-Docente da Faculdade de Filosofia da Bahia como catedrático de História Moderna e Contemporânea. Em terras sergipanas lecionou nos colégios: Nossa Senhora de Lourdes, Tobias Barreto, Atheneu Sergipense e na Escola Normal. Para Nascimento (2004, p. 15), José Calasans “[...] foi um dos principais nomes da intelectualidade sergipana, no século XX, que construiu uma carreira de sucesso em outro Estado, Bahia. Em terras baianas, consagrou-se como renomado professor, pesquisador do folclore e da guerra de Canudos”. Sobre sua atuação em diferentes instituições da Bahia e de Sergipe, assim como diversas outras facetas da vida e obra de José Calasans, consultar: Nascimento (2004).

retornar à instituição como professores, exigia-se desses primeiros licenciados que eles se especializassem em diferentes locais do Brasil ou mesmo no exterior para melhorar o ensino na FCFS.

Portanto, vários são os professores que se aperfeiçoaram fora das terras sergipanas. Dos cursos de Letras: o professor Joviniano de Carvalho Neto esteve em São Francisco na Califórnia – Estados Unidos da América para complementação de estudos em 1965, Carmelita Pinto Fontes, Teresa Leite Prado, Maria Giovanni dos Santos Mendonça e Léa Lima Andrade também deixaram Sergipe para prosseguir suas especializações. Do curso de Geografia e História, o professor José Silvério Leite Fontes foi para a França, mas não concluiu o curso devido a problemas de saúde; José Bonifácio Fortes Neto fez um Curso de Altos Estudos Geográficos na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil como bolsista da CAPES, em 1956, conforme Ibarê Dantas (1998). Já Maria Thétis Nunes fez curso no Instituto Superior de Estudos Brasileiros – ISEB, no final da década de 1950. No ano de 1967, três professoras da Faculdade estavam no exterior – Europa e nos EUA – para se aperfeiçoar.

A Professora Teresa Leite Prado, de Literatura Francesa ora na Universidade de Aix-en-Provence; a Professora Maria Giovanni dos Santos Mendonça de Literatura Portuguesa, ora na Universidade de Lisboa; e a Professora Léa Lima Andrade, de Inglês, ora na Universidade de Austin, no Texas (USA) (REVISTA DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE, 1967, p. 06).

Mesmo com esse entusiasmo de continuidade de estudos fora de Sergipe, outro problema da Faculdade eram as constantes faltas dos docentes. Tal situação levou o diretor a expedir uma circular no ano de 1961, comentando as faltas dos professores referentes ao ano anterior, de todos os cursos, inclusive o de Geografia e História, um dos mais afetados. Diante da análise, Monsenhor Luciano Cabral Duarte assevera:

Assim é que, enquanto das 73 aulas previstas para o Curso de Didática eram efetivamente dadas 67, e das 136 aulas de Anglo-Germânicas, eram dadas 126; nos cursos de Letras Neo-Latinas e de Geografia e História os índices de falta eram graves. Em Neolatinas, das 136 aulas previstas, eram dadas 103, e em Geografia e História, das 139 aulas previstas eram dadas apenas 96 (Circular nº 2 aos professores da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, 4 de maio de 1961, grifo nosso).

Dessa forma, o diretor pede a compreensão dos professores, que em suas palavras “são a alma da Faculdade de Filosofia”, para que esses continuem o esforço de

assiduidade das aulas, ou se for o caso que procurem melhorar a frequência. Diante da circular, observamos um número elevado de faltas dos professores. No curso de Geografia e História deixaram de ser proferidas 43 das 139 aulas, o que possivelmente afetou a formação daqueles alunos e futuros docentes.

O motivo das faltas dos professores da faculdade não foi localizado, mas ao analisar o perfil dos docentes do curso de Geografia e História, visualizamos as várias funções exercidas em outros cargos e instituições, sendo a FCFS mais uma atribuição, essa vinculada mais a “um ideal” do que a salários, como afirmou Dom Luciano Duarte (1991).

Outra dificuldade enfrentada além da própria localização do colégio, do horário das aulas, dos problemas financeiros, da carência de professores, entre outros fatores, diz respeito à falta de livros na instituição e a quase inexistência de uma biblioteca.

A ex-aluna do curso de Matemática, Olga Andrade Barreto, quando indagada sobre os livros para consulta na FCFS, nos diz que: “Não, livro nenhum, não conseguia nem em biblioteca, a Faculdade não tinha biblioteca, nós lutávamos. Com isso os professores ajudavam porque não tinha livro” (BARRETO, 2007). Magno (2008), respondendo à mesma pergunta, fala: “não havia biblioteca organizada para consulta. Contávamos com os apontamentos tomados em sala de aula e alguns livros que aos poucos íamos adquirindo”. Já Dantas afirma que: “os alunos tinham dificuldades de conseguir livros, e o esquema básico era o registro das aulas ministradas pelos professores” (DANTAS, 2009, p. 244). Diante da pesquisa, constata-se a necessidade de livros na faculdade, não obstante uma preocupação com a compra ou aquisição deles por meio de doação. Os livros da FCFS chegavam de diferentes formas e lugares.

Em carta enviada a Mamede Paes de Mendonça, Monsenhor Luciano Cabral pede a intervenção desse amigo junto à firma Cory Brothers em Salvador- Bahia, diante de uma encomenda remetida pela “United States Book Exchange, Inc.”, uma organização dos Estados Unidos. Tratava-se de duas caixas contendo 198 livros usados e destinados à faculdade que deveriam estar naquela empresa e precisavam ser enviados para Sergipe (DUARTE, Luciano José Cabral. Carta ao senhor Mamede Paes Mendonça, 17 de Julho de 1962).

Em outra carta, esta endereçada ao cônsul da República Federal Alemã, em Recife-PE, o diretor agradece os sessenta livros recebidos pela faculdade que seriam destinados à Língua e Literatura Alemã. Na carta, o diretor fala das dificuldades

financeiras enfrentadas pela FCFS e da necessidade de recorrer a embaixadas e consulados com o intuito de obter livros para a biblioteca pela qual “passam todos os professores secundários que em Sergipe se formam” (DUARTE, Luciano José Cabral. Carta ao cônsul da República Federal Alemã, 16 de maio de 1962). Cita ainda os livros já recebidos da França e dos Estados Unidos e os que ele começava a receber da Alemanha, lembrando de pedir mais livros de outras temáticas relacionadas àquele país, como gramáticas, dicionários, ensino alemão e estrangeiro, e sobre a civilização e a cultura germânica.

Outras pistas sobre as origens dos livros da FCFS localizam-se nas atas do CTA. Em reunião realizada em 13 de fevereiro de 1960, o diretor fala que, em visita aos Estados Unidos, adquiriu 800 livros para a instituição. Já Silvério Leite Fontes quando viajou a Paris doou 150 dólares para a compra de livros em uma livraria da capital francesa. De maneira mais específica para o curso de Geografia e História, ocorreu em 1960 a aquisição de parte da biblioteca do professor Felte Bezerra, que, ao deixar a faculdade e o estado de Sergipe, negociou com a instituição livros versando principalmente sobre Etnografia e Antropologia, ambas disciplinas do curso em análise (FCFS, Ata da XXIX Reunião do CTA, 13 de fevereiro de 1960 – FCFS, Relatório Semestral, 1960/1).

Dessa forma, os livros que chegavam à FCFS procediam de diferentes locais, por compra dos seus docentes em viagens, por doação de ex-professores, doação de outras instituições e até mesmo quando se solicitava a determinados órgãos que os enviassem. Além de todas essas formas de aquisição de livros, ocorria a compra efetuada diretamente pela instituição e a solicitação de disponibilidade das bibliotecas das escolas aracajuanas para a consulta dos seus acervos pelos acadêmicos, como o Colégio Atheneu Sergipense e o próprio Colégio Nossa Senhora de Lourdes.

Outra prática constante relaciona-se ao empréstimo de livros por parte dos professores para a elaboração dos trabalhos acadêmicos. Como a faculdade contava com turmas de diminuto número de alunos, estes se reuniam em grupos e realizavam os trabalhos ou mesmo estudavam pelo livro do docente.

No final da década de 1960, quando da incorporação à UFS, a biblioteca da FCFS já contava com um variado número de autores e obras, diferindo daquela inicial. O carimbo da “F.C.F.S.” ainda permanece nas páginas amareladas de livros que atualmente compõem o acervo da Biblioteca Central da Universidade Federal de

Sergipe, como uma marca “viva” da presença daquela faculdade, mesmo depois de incorporada à UFS.

Assim, alguns dos problemas aqui destacados foram enfrentados e transpostos, outros negligenciados e omitidos. Contudo, é preciso deixar registrado que a FCFS formou dezenas de professores e intelectuais que contribuíram sobremaneira para a sociedade sergipana na segunda metade do século XX. E como afirmou Monsenhor Luciano Cabral Duarte, por ali passavam todos os professores secundários que se formavam em Sergipe.

## **1.2 A criação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: perscrutando suas finalidades intrínsecas**

Desde o final da década de 40 do século XX cogitava-se a ideia de criar uma Faculdade de Filosofia em terras sergipanas. Intelectuais que estudaram em Minas Gerais<sup>43</sup>, Pernambuco<sup>44</sup>, e principalmente os ex-alunos provenientes de Faculdades na Bahia<sup>45</sup>: Direito, Medicina, Odontologia e mesmo poucos com a formação de professor na Faculdade de Filosofia da Bahia<sup>46</sup>, buscavam implantar o ensino superior em Sergipe. Aliado a esta vontade, figurava o governador José Rollemberg Leite, que, em sua primeira gestão (1947-1951), criou alguns estabelecimentos de ensino superior e colaborou para a criação de outros. Ele contribuiu sobremaneira para a fundação da FCFS, em parceria com a Igreja Católica, que com seus “tentáculos”, também agia sobre a educação superior em outros estados do Brasil, mas sem grandes atuações nessa modalidade de ensino em Sergipe, até a fundação da FCFS.

Dentro dessa perspectiva surgiu a Sociedade Sergipana de Cultura em 1950, congregando intelectuais, membros da política sergipana e liderados pela Igreja Católica na pessoa do Bispo Dom Fernando Gomes e do Padre Luciano Duarte. A Sociedade era uma entidade de caráter privado e vinculada à Igreja. Conforme seu estatuto no artigo 2º:

---

<sup>43</sup> José Rollemberg Leite e Gonçalo Rollemberg Leite.

<sup>44</sup> Lucilo da Costa Pinto, graduado em Medicina em Recife e um dos fundadores da FCFS.

<sup>45</sup> Dentre os sergipanos que estudaram na Bahia na primeira metade do século XX e professores da FCFS, citamos: Bacharéis em Ciências Jurídicas: José Bonifácio Fortes Neto; Manuel Cabral Machado; José Silvério Leite Fontes; Odontologia: Felte Bezerra; Faculdade de Filosofia da Bahia, curso de Geografia e História: Maria Thétis Nunes e Cleonice Xavier de Oliveira; Medicina: João Perez Garcia Moreno; Dr. José Olinó de Lima Neto.

<sup>46</sup> Sobre a Faculdade de Filosofia da Bahia, consultar (SILVA, 2010).

A finalidade da instituição é instruir, manter e dirigir as faculdades e demais Institutos de caráter cultural e social que poderão, mais tarde, integrar a futura universidade católica de Sergipe. Os institutos criados ou incorporados pela Sociedade, enquanto não existir a Universidade, serão denominados FACULDADES CATÓLICAS DE SERGIPE (ESTATUTO DA SOCIEDADE SERGIPANA DE CULTURA, cap. I, art. 2º, 9 de outubro de 1950).

Além dessa finalidade, o estatuto ainda anuncia que à Sociedade criada caberia ministrar o ensino superior, estimular a investigação científica, contribuir para que a cultura superior não fosse um simples adorno da inteligência, mas sim “um fator de elevação moral, inspirado nos princípios cristãos, visando conhecer e orientar a realidade brasileira”, além de colaborar para o “desenvolvimento da cultura do espírito, como meio poderoso e eficaz de promover ou fortalecer a solidariedade cristã entre pessoas, classes e nações” (ESTATUTO DA SOCIEDADE SERGIPANA DE CULTURA, cap. I, art. 3º, 9 de outubro de 1950).

Chama atenção o fato de ser assinalado nesse estatuto um projeto maior da Igreja Católica, no qual a faculdade “seria dentro em pouco, a pedra angular de uma futura universidade do Estado de Sergipe”. Salienta-se que esse projeto de FFCL, entendida como o “coração da universidade”, sendo essa uma espécie de curso básico, preparatório a todas as escolas profissionais, como também para os seus próprios cursos, era uma ideia de Fernando de Azevedo. Tal pensamento concretizou-se com a criação da Faculdade de Educação e da FFCL da USP, da qual Azevedo fez parte como importante membro da comissão de fundação. Esse projeto visava evitar uma desagregação dos saberes, mesmo dentro dessas Faculdades, e uma integração maior dos cursos diante de uma crescente especialização que atingia até mesmo os saberes “desinteressados” (CUNHA, 2007b).

No caso sergipano, a Faculdade de Filosofia não servia como uma base para os estudantes seguirem outras profissões, e sim uma instituição voltada para a formação de docentes, pois, conforme seu regimento, a FCFS tinha por fim:

1-Promover o desenvolvimento da cultura do espírito, como meio de formação integral do homem e da elevação moral da sociedade; 2- Estimular a investigação científica; 3- Preparar

candidatos ao magistério de ensino secundário e normal (FCFS, Regimento Interno, s/d)<sup>47</sup>.

Esse pensamento da Faculdade de Filosofia, tendo como única missão a formação docente, causa inúmeros debates. Freitas (2006), ao analisar determinadas facetas do ensino de História no Brasil, expõe algumas das diferentes visões que estudiosos da historiografia brasileira têm acerca dessas instituições. Falcon (1996) critica a ideia constantemente alçada de que o historiador profissional nasce na década de 1970 nos cursos de pós-graduação quando se esquece dos cursos de História nas Faculdades de Filosofia.

No caso da FCFS, a finalidade explícita seria a formação docente, e para cumprir tal intento, ocorreu uma participação da Igreja em parceria com o Estado, corroborando com as preleções de Azzi (1994, p. 143) de que “uma das tônicas acentuadas na década de 1950 é o espírito de colaboração existente entre Igreja e Estado”. No caso específico aqui trabalhado existiu uma forte ligação entre a Igreja e os governos, tanto do Estado de Sergipe, quanto da prefeitura da cidade de Aracaju na década de 1950 e contribuições de ambas as partes.

A FCFS concentrou vários poderes católicos no seu entorno: um jornal, A Cruzada, uma série de intelectuais que em boa parte professavam essa fé, e todo um poderio da Igreja que muitas vezes deixava claras suas intenções, como se visualiza no Decreto de criação da Faculdade, ficando explícitas as finalidades dessa instituição. No texto, Dom Fernando Gomes, presidente da Sociedade Sergipana de Cultura, afirma:

É missão da Santa Igreja Católica Apostólica Romana, como depositante da fé, e mensageira do Evangelho de Jesus Cristo, cumprir o mandamento do seu divino fundador ‘Ide e ensinai a todas as gentes’ (Mat. 28, 19).

Desde o começo tem sabido ela atender essa missão, não obstante os naturais empecilhos que, no correr da história, teve de superar.

---

<sup>47</sup> Para Cunha: “Embora as Faculdades de Filosofia tivessem sido criadas com o tríplice propósito de formar professores para o ensino secundário, formar pesquisadores científicos e realizar pesquisas científicas, apenas o primeiro estava sendo atingido, mesmo assim a um ritmo bastante lento. As 45 faculdades então existentes tinham relativamente poucos alunos – e ainda menos concluintes nos cursos de Matemática, Física, Química e História Natural. Até 1953, todas essas faculdades formaram menos de 1500 pessoas nesses cursos a maioria destinada ao magistério no ensino secundário. Mas além de uma ‘evidente’ insuficiência quantitativa, Oliveira Júnior chamava atenção para a insuficiência qualitativa. A seu ver, apenas as faculdades de Filosofia da Universidade do Brasil e da Universidade de São Paulo, criadas nos anos de 1930, tinham condições de formar pesquisadores e realizar pesquisas” (CUNHA, 2007b, p. 135).

É a Igreja que se deve a formação do mundo civilizado, e ainda a Igreja que se deve a perduração de nossa civilização, apesar de todas as desfigurações com que a tem procurado deformar a Cidade contemporânea, na multivariada dos erros, confusões e correições.

Ora, é tendo em vista tudo isso, e considerando a responsabilidade do nosso múnus pastoral, cuja finalidade primordial é ensinar a Verdade, sem a qual toda a ciência é vã e todo conhecimento se torna nocivo, que havemos por bem criar, como por este nosso Decreto criamos, em nossa Episcopal Cidade de Aracaju, a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.

Por fim este nosso ato promove e estimula o estudo superior das ciências humanas, como por meio poderoso e eficaz de abrir em todos os homens de boa vontade, novos e mais amplos caminhos na esteira luz do saber.

E ao fazer surgir entre nós um instituto de ensino superior de orientação católica, temos a intenção voltada para Deus, a Quem conduz toda a verdadeira sabedoria, assim como o filete de água que nos leva, infalivelmente, através do seu curso, até as suas mais puras nascentes.

A Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe reger-se-á por estatutos por Nós aprovados, de acordo com a legislação vigente no país e procurará o reconhecimento oficial dos estudos nela realizados, obedecendo neste particular as normas estabelecidas pelo Ministério da Educação e Saúde.

Dado e passado nesta Episcopal Cidade de Aracaju, sob o sinal e selo de nossas armas, aos doze de julho do Ano Santo de mil novecentos e cinquenta. (Jornal A Cruzada, 16 de Julho de 1950).

É perceptível a representação que tinha o então bispo Dom Fernando Gomes a respeito da missão da Igreja como formadora do “mundo civilizado”, e na luta contra os males que a contemporaneidade causava para a humanidade. Quais seriam esses “males”? O comunismo, o protestantismo, o ateísmo, ou a ciência que não estaria em sintonia com seus interesses? Possivelmente alguns desses seriam os incômodos que a Igreja Católica sergipana precisaria combater para a manutenção do seu *campo* de atuação em meados do século XX. Observamos o que Bourdieu (2005) chama de lógica do funcionamento da Igreja, na qual, ao mesmo tempo em que esta possui a prática sacerdotal, ela também impõe e inculca forma e conteúdo resultante:

[...] da ação conjugada de *coerções internas*, inerentes ao funcionamento de uma burocracia que reivindica com êxito ainda mais ou menos total monopólio do exercício legítimo do poder religioso sobre os leigos e da gestão dos bens de salvação, e de *forças externas* que assumem pesos desiguais de acordo com a conjuntura histórica (BOURDIEU, 2005, p. 65).

O ensino da “Verdade” citado pelo bispo possivelmente levaria em conta as verdades católicas. ou será que a faculdade estaria aberta para outras verdades? Diferentes fontes, como os depoimentos orais, têm apontado que alguns dos docentes seriam agnósticos, e que a liberdade de religião era algo plenamente vivido naquela faculdade. Os anúncios sobre a FCFS no jornal A Cruzada faziam transparecer as finalidades da instituição católica de ensino e podem ser vislumbrados em várias matérias. Entre elas destacamos uma publicada no seu número de Natal, em 1952, na qual é feito um balanço dos passos da faculdade até então, além de destacar que esta seria:

Fiel à sua finalidade, de estimular a atividade intelectual e de ser o viveiro dos futuros professores de Sergipe, aquela casa, que nasceu sob o signo de verdade, que é Deus, cumprirá a missão muito digna e muito alta que lhe toca no cenário espiritual do nosso Estado: ser o cenáculo onde se formam, à luz da ciência e da fé, os futuros apóstolos da inteligência e do coração da mocidade sergipana (Jornal A Cruzada, 25 de dezembro de 1952, grifo nosso).

A formação de futuros docentes estaria perpassada pelo ideário católico, pelas suas crenças e “imposições” que, veladas, ou não, atingiam o cotidiano daquela faculdade. Entendendo cenáculo como o lugar em que um grupo de indivíduos professa as mesmas ideias ou têm os mesmos fins, dali sairiam “os futuros apóstolos da inteligência e do coração da mocidade sergipana”. Formar professores era expandir o *campo* católico também.

Todavia, essas seriam as finalidades ao criar a instituição. Mas entre as finalidades e a prática concreta existe uma diferença abissal. Ao ser inquirido sobre a questão da religião católica na FCFS, Diniz (2010) prontamente responde que essa não existia: “[...] inclusive Josefina levou o candomblé pra dentro da faculdade, numa demonstração de candomblé dentro da faculdade”, fato também mencionado por Dantas:

Ela (Josefina Leite) não se contentava com a sala de aula, levava a gente para fazer pesquisa em terreiro de candomblé. [...] ela tinha uma postura científica muito rigorosa. Por exemplo, ela nos levava para terreiro de candomblé para dar aula nos terreiros, até porque a disciplina era Etnologia. E isso era um impacto, tanto pra gente quanto pra família da gente, porque terreiro de candomblé era coisa muito estigmatizada. É difícil você entender isso hoje, quando o candomblé é uma coisa exaltada, todo mundo reverencia. Mas isso há (risos)

muitos anos atrás, mais de cinquenta anos atrás, era uma carga de preconceito muito grande. O terreiro era visto como lugar do diabo, coisa de negro, tinha uma carga de preconceito muito forte. E Josefina enfrentava isso e levava todo mundo para o terreiro e a gente pesquisava *in loco*. Depois ela levou dois terreiros para fazer uma apresentação no espaço da faculdade, que era uma faculdade católica. Eu acho que isso aí dá muito a dimensão de que, apesar da faculdade ser uma faculdade católica, ela não era dogmática. [...] Eu acho que tinha tolerância, pelo menos, para abrigar as diferenças (DANTAS, 2010).

O depoimento de Dantas (2010) é corroborado pelo de Diniz (2010) e de Pina (2010). Os ex-alunos relembram que mesmo para as aulas fora do ambiente da faculdade, como as que ocorriam nos terreiros de candomblé, eles viajavam na Kombi da FCFS. A presença de alunas protestantes é citada por Diniz (2010) como sem nenhum impedimento e em um ambiente de harmonia, e como nos diz Dantas (2010), talvez ao menos existisse “tolerância” para respeitar as diferenças.

Nunes (2007) relembra das falas constantes do Padre Luciano Duarte: “ai da Faculdade se não fossem os agnósticos”. Dessa forma, possivelmente as finalidades não seriam plenamente concretizadas como se almejavam devido a uma série de fatores como o multifacetado corpo docente e suas opções de trabalho. Mesmo assim, provavelmente resquícios das aulas de Teologia ou da própria Juventude Universitária Católica tenham contribuído para a formação religiosa daqueles então alunos e futuros professores, até mesmo nos discentes do curso de Geografia e História.

### **1.3 A composição da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: seções, cursos, cátedras e disciplinas<sup>48</sup>**

De início, a faculdade dispunha de dois pavimentos do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, num total de 15 salas, para o funcionamento dos cursos de Filosofia, Matemática e o curso de Geografia e História, além de contar com a autorização para o

---

<sup>48</sup> Para Cunha (2007b), “A faculdade era composta de cátedras, cada qual correspondendo a uma certa área do saber. A reunião de certas cátedras compunham as séries, e seqüência destas, o curso. A cátedra tinha no professor catedrático o titular vitalício somente substituído por morte, afastamento ou jubilação (aposentadoria). Ao catedrático estavam vinculados os professores assistentes, livre-docentes e auxiliares, a quem cabiam as tarefas docentes das disciplinas ou das turmas que resultavam da subdivisão da cátedra. Os auxiliares de ensino eram indicados pelo próprio catedrático, pois deveriam ser pessoas de sua confiança” (CUNHA, 2007b, p. 18). A FCFS não seguia plenamente essa descrição nem no seu regimento.

funcionamento dos cursos de Pedagogia e Letras Anglo-Germânicas. O curso de Letras Neo-Latinas foi autorizado posteriormente, e no ano de 1954, o curso de Didática. Todos os cursos deveriam adotar os programas da FNFi da Universidade do Brasil<sup>49</sup>.

Esses estavam inseridos em quatro seções fundamentais<sup>50</sup>: Seção de Filosofia, Seção de Ciências, Seção de Letras, Seção de Pedagogia, com a existência de uma Seção Especial de Didática. A faculdade ministrava “cursos ordinários” com os conhecimentos necessários para obtenção do diploma e “cursos extraordinários”, que seriam para o aperfeiçoamento de determinada cadeira já existente no “curso ordinário”, ou mesmo para ensinar alguma cátedra que não estivesse vinculada àquelas essenciais para a obtenção do título.

Na Seção de Filosofia funcionava o curso de mesmo nome; a Seção de Ciências era composta pelos cursos de: Matemática, Física, Química, História Natural, Ciências Sociais e Geografia e História; este, objeto central deste trabalho. De todos os cursos da Seção de Ciências, só funcionaram na FCFS: Matemática e Geografia e História. Na Seção de Letras, o único que não estava em atividade era o curso de Letras Clássicas; na Seção de Pedagogia, tinha-se o curso de mesmo nome que começou a funcionar somente em 1968; como também a Seção Especial de Didática, que abrigava o curso de Didática, cujas atividades iniciaram em 1954. Conforme o Regimento da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, em seu artigo 23:

As disciplinas lecionadas nos cursos ordinários da Faculdade constituirão matérias das seguintes cadeiras: I. Filosofia; II. História da Filosofia; III. Psicologia; IV Sociologia; V. Política; VI. Estatística Geral e Aplicada; VII. Complementos de Matemática; VIII. Análise Matemática e Análise Superior; IX. Geometria; X. Mecânica racional, mecânica celeste e física matemática; XI. Física Geral e Experimental; XII. Física Teórica e Física Superior; XIII. Química Geral e Inorgânica e química analítica; XIV. Físico-química e química superior; XV. Química orgânica e química biológica; XVI. Biologia Geral; XVII. Zoologia; XVIII. Botânica; XIX. Geologia e

---

<sup>49</sup> Sobre a Universidade do Brasil, consultar Fávero (2000a).

<sup>50</sup> Para outras informações sobre a estrutura da FCFS, consultar o organograma com a organização da instituição no Anexo I. É importante salientar que a estrutura organizacional da FCFS é igual à da FFCL da USP em 1939 explorada por Katsios (1999). Tal modelo foi o imposto pela FNFi a partir de 1939 para todas as faculdades do país, conforme o Decreto-Lei nº 1.190, de 4 de abril de 1939, alterado pelo Decreto-Lei n. 9.092, de 26 de março de 1946, que ampliou o regime didático das faculdades de filosofia.

paleontologia; XX. Mineralogia e petrografia; XXI. Geografia física; XXII. Geografia humana; XXIII. Geografia do Brasil; XXIV. História da antiguidade e da idade média; XXV. História moderna e contemporânea; XXVI. História da América; XXVII. História do Brasil<sup>51</sup>; XXVIII. Antropologia e etnografia. XXIX. Economia política e história das doutrinas econômicas; XXX. Língua e literatura latina; XXXI. Língua e literatura grega; XXXII. Língua portuguesa; XXXIII. Literatura portuguesa; XXXIV. Literatura brasileira; XXXV. Filologia românica; XXXVI. Língua e literatura francesa; XXXVII. Língua e literatura italiana; XXXVIII. Língua e literatura espanhola; XXXIX. Literatura hispano-americana; XL. Língua e literatura inglesa; XLI. Literatura norte-americana; XLII. Língua e literatura alemã; XLIII. Psicologia educacional; XLIV. Estatística educacional; XLV. Administração escolar e educação comparada; XLVI. História e filosofia da educação; XLVII. Didática geral e especial (FCFS, Regimento Interno, art. 23, s/d, grifos nossos).

Diante da nomenclatura “disciplina” no regimento da instituição, aliada às falas dos alunos que fazem referência à “disciplina” e não à “cadeira” e uma série de fontes que assim denominam o que era ensinado na Faculdade, a opção foi feita por trabalhar ao longo do texto com o termo “disciplina”, fazendo referência às subdivisões da cátedra. Pensamos que dessa forma aproximamos um pouco mais a história aqui escrita daquilo que foi vivido pelos sujeitos dessa instituição. Para exemplificar como se efetuou a análise, citamos a cadeira “XLVII. Didática geral e especial”, cujo estudo não incidirá sobre a cátedra em si, mas sobre as disciplinas que a integram, ou seja: Didática Geral, e no caso do curso de Geografia e História, as disciplinas de Didática Especial da Geografia e da História.

É importante frisar ainda que o presente estudo focaliza as disciplinas do curso de Geografia e História e as disciplinas “pedagógicas” ao investigar: o que, por quem e com qual finalidade eram ensinados determinados conteúdos, à luz da História das Disciplinas. Um escopo nas cátedras seria tema para outra pesquisa, em que seriam analisados os poucos catedráticos existente na FCFS, por que esses eram catedráticos e os outros não, o caráter de inamovibilidade, vitaliciedade que configuram as cátedras, entre outros aspectos.

Teoricamente, as cadeiras ficariam a cargo de um professor catedrático, que poderia dispor de um ou mais assistentes, dependendo da necessidade de ensino. Na

---

<sup>51</sup> As disciplinas relacionadas às cadeiras de número XXIV a XXVII, assim como de XLIII a XLVII são analisadas no segundo e terceiro capítulos desta dissertação.

FCFS, não visualizamos nenhum concurso para catedrático; os seus docentes eram citados como catedráticos interinos ou como professores contratados. Conforme o regimento da instituição em seu artigo 103, o corpo docente seria constituído: “por catedráticos, docentes livres, assistentes, auxiliares de ensino e, eventualmente, por professores contratados” (FCFS, Regimento Interno, art. 103, s/d). A exceção virou regra e quase todos os docentes da FCFS eram contratados por períodos determinados, com renovações constantes.

Sobre o sistema de ingresso dos docentes na instituição, Manuel Cabral Machado diz: “No tempo da Faculdade de Filosofia, nós mandávamos nossos *curriculum vitae* para o MEC e, com a sua aprovação, nós – professores e suplentes – passávamos a ser integrados” (MACHADO, 1998, p. 20). Esta fala, aliada a outras fontes, como ofícios da FCFS através dos quais eram encaminhados currículos dos professores ao Ministério da Educação, induz-nos a pensar na contratação de docentes que já lecionavam em outras instituições educacionais sergipanas, como o Atheneu Sergipense<sup>52</sup> ou em outras faculdades existentes no estado. Com o passar dos anos, eram contratados os próprios ex-alunos da faculdade, pelo seu desempenho nas atividades requeridas ou mesmo pelo jogo de amizades e conhecimento que cada um nutria dentro e/ou fora da instituição.

Em debate na XIV Reunião da Congregação da FCFS em 5 de março de 1960, faz-se a opção por deliberar uma resolução que reza:

a- poderá ser indicado pela Congregação, mediante proposta do CTA e nomeado pelo Diretor como catedrático interino, o professor contratado ocupante de cadeira vaga, desde que tenha, pelo menos 3 anos de exercício na referida cadeira; b- Os professores catedráticos cujos cursos estejam eventualmente sem funcionar, terão prioridade toda vez que tratar de preenchimento de vagas em outros cursos vagos, para os quais eles estejam devidamente habilitados (FCFS, Ata da XIV Reunião da Congregação da FCFS, 05/03/1960 – FCFS, Relatório Semestral, 1960/1).

A fala de Beatriz Góis Dantas nos ajuda a entender melhor como tal resolução se processava na prática:

Na própria constituição da Faculdade de Filosofia são pessoas da comunidade que geralmente eram o quê? Pessoas formadas em Direito, em Medicina, enfim pessoas formadas nas outras

---

<sup>52</sup> Professores do Atheneu Sergipense que lecionaram na FCFS: Felte Bezerra, Gonçalo Rollemberg Leite, João Perez Garcia Moreno, José Barreto Fontes, José Bonifácio Fortes Neto, José Rollemberg Leite, Lucilo da Costa Pinto e Maria Thétis Nunes.

áreas e que tinham alguma aproximação com as disciplinas da faculdade e que muitas vezes iam estudar para aprender, para passar pra gente. Isso não significa que nós não tivéssemos grandes professores, eu acho que tive bons professores que, com muito esforço e uma boa formação, eles queriam passar um cabedal cultural bastante significativo (DANTAS, 2010).

Foram esses “bons professores” citados pela entrevistada que, com suas distintas formações em Direito, Medicina, Engenharia e tantas outras áreas, lecionaram os conteúdos dos programas de ensino da FCFS. Conforme o Regimento Interno da citada faculdade (s/d), em seu artigo 30: “para cada disciplina haverá um programa que será elaborado pelo professor catedrático dela encarregado e que, depois de revisto pelo Conselho Técnico Administrativo, será submetido a aprovação da Congregação”. Pelas investigações empreendidas tanto nas atas das reuniões da Congregação quanto nas do CTA, não se visualizou nenhuma alteração efetuada pelos conselhos nos programas apresentados pelos professores.

Notam-se as dificuldades para conseguir docentes das disciplinas. Imagina-se ainda quem teria condições de criticar as propostas ou substituí-las. Além disso, ainda uma *rede de sociabilidade* próxima entre os professores da instituição. Muitos frequentavam os mesmos colégios, as mesmas instituições de ensino superior e até mesmo os outros espaços da cidade de Aracaju, como bibliotecas, igrejas ou o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e a Academia Sergipana de Letras.

Assim, a saída de um professor era algo complexo, pois o mesmo docente, além de lecionar em diferentes disciplinas, também ensinava nos diferentes cursos. Um exemplo deste fato é o caso do professor Gonçalo Rollemberg Leite, que ficou responsável pelas disciplinas: História da Civilização Antiga e Medieval, História da Civilização Moderna, História da Civilização Contemporânea, Didática Especial da História para o curso de Geografia e História e ainda Literatura Portuguesa e Brasileira para os cursos da área de Letras. O professor Petru Stefan assumiu as disciplinas do curso de Matemática: Análise Matemática, Mecânica Racional, Mecânica Celeste, Análise Superior, e também ensinou Geografia Física no curso de Geografia e História.

Quando da saída de um professor da instituição, vislumbravam-se espécies de “operações de cooptação”<sup>53</sup>, na classificação de Bourdieu (2001), não sem disputas e

---

<sup>53</sup> Bourdieu afirma que o habitus imposto aos novos postulantes de um campo é um “modo de pensamento específico”, e prossegue: “Na realidade, em lugar do habitus tácita ou explicitamente exigido, o novo postulante deve trazer para o jogo um habitus praticamente compatível, ou suficientemente próximo, e acima de tudo maleável e suscetível de ser convertido em habitus ajustado, em suma

tensões. Exemplo disso ocorreu quando Maria Thétis Nunes saiu da FCFS em 1956 para frequentar o ISEB. Na época, essa professora ficava responsável pela disciplina de História do Brasil para a segunda e terceira séries do curso de Geografia e História. As cadernetas passaram meses sem assinatura de nenhum professor, depois se localizam os nomes de José Bonifácio Fortes Neto, José Silvério Leite Fontes, Fernando Barreto Nunes e uma ex-aluna da Faculdade, Maria Auxiliadora Diniz, até o retorno de Thétis Nunes em meados da década de 1960.

Esse pode ser considerado um exemplo de como o corpo docente da faculdade se desdobrava para não deixar faltar aula para os alunos, enveredando caminhos que muitas vezes não conheciam com profundidade. Contudo, existia dedicação em nome de uma boa formação dos seus discentes e do seu próprio reconhecimento como intelectuais que atuavam em vários *campos* da sociedade sergipana, inclusive na educação superior.

Cabe salientar que a estrutura, assim como o sistema de ensino em si, têm propósitos que estão para além dos aspectos formais aqui expostos. Neste sentido, Chervel (1990) fala do sistema escolar como detentor de um poder até pouco tempo atrás não valorizado, pois ele exerce uma dupla função: além de formar os indivíduos, compõe também uma cultura que vem penetrar, moldar e modificar a cultura da sociedade de maneira mais ampla. Com este pensamento, voltamos o olhar para a instituição de ensino superior, berço do curso de Geografia e História aqui em análise, percebendo como essa de certa forma penetrou e modificou a vida dos estudantes e futuros professores que por ali passaram. A FCFS e o curso de Geografia e História, apesar de ter um currículo similar ao de outras instituições do país, delinearão suas peculiaridades por meio dos sujeitos que configuraram as disciplinas e o ensino ali transmitido.

Desse modo, discutimos as finalidades e dificuldades dessa instituição superior de ensino, os pontos centrais da sua construção, os problemas financeiros, de localização, de material didático e as intenções da Igreja Católica diante da sua criação. Tais finalidades não foram necessariamente materializadas perante as vontades e vivências dos diferentes sujeitos envolvidos no cotidiano dessa faculdade. Cravada na

---

congruente e dócil, ou seja, aberto à possibilidade de uma reestruturação. É a razão pela qual as operações de cooptação prestam atenção aos sinais de competência e ainda mais aos indícios quase imperceptíveis, quase sempre corporais, postura, compostura, maneiras, disposições de ser e sobretudo de vir a ser, quer se trate de escolher um jogador de rúgbi, um professor, um alto funcionário ou um policial” (BOURDIEU, 2001, p. 121, grifos nossos).

mente dos seus ex-alunos, ex-professores e guardada na memória da sociedade sergipana, a FCFS formou dezenas de profissionais, congregou palestras, enviou professores para diferentes estados do país e para o exterior, com o intuito de que esses pudessem se aperfeiçoar e melhorar a qualidade do ensino na instituição.

Foi também a responsável pela formação de um número significativo da intelectualidade sergipana na segunda metade do século XX, da qual faziam parte professores de História do ensino secundário, do ensino superior e também pesquisadores de diferentes facetas do passado. Todavia, pouco ou nada se fala dos seus problemas, das suas dificuldades e da carência de professores com formação específica que existiam na instituição, do fato de ser uma faculdade católica e estar inserida em uma série de ações que envolveram a Igreja e a educação em meados do século XX.

Portanto, podemos afirmar que do Colégio Nossa Senhora de Lourdes ao “Prédio da Rua de Campos”, a FCFS fez florir novos saberes que se espalharam pela sociedade sergipana. Não obstante ter deixado de funcionar em 1967, como a árvore que dividia seu tronco para que brotassem três novos filhos, a FCFS permanece viva na mente dos que ali se formaram, dos que conheceram a instituição ou dos que apenas “ouviram falar” dela.

A “antiga FAFI”, como é lembrada pelos ex-alunos do curso de Geografia e História, é capaz de provocar lágrimas de saudade, sorrisos de alguns entrevistados que relembrou uma fase da vida, do início da carreira intelectual, ou tão somente de um ambiente agradável em que aqueles então discentes passaram alguns anos de formação profissional e também pessoal. Embora extinta há mais de quatro décadas, a FCFS perdura na memória de seus sujeitos e se torna nova a cada lembrança, a cada palavra.

Destarte, a discussão efetuada até o momento acerca dessa instituição em seus diferentes aspectos serve como um caminho indispensável para adentrar no curso de Geografia e História que ela acolhia. Percorrida essa empreitada, o foco volta-se para o curso em estudo, suas disciplinas e os seus docentes, explorando as modificações ocorridas entre as décadas de 50 e 60 do século XX no ensino acadêmico de História em Sergipe.

#### **1.4 O curso de Geografia e História da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: em busca dos fios que teceram outras histórias**

No ano de 1965, o Livro de Registros de Atas de Formatura da FCFS registrou o nome de Marluce Freire de Araújo como licenciada em História, a primeira com esta formação específica em terras sergipanas. Levando-se em consideração que o curso tinha quatro anos de duração, uma análise do Livro de Inscrição para o Concurso de Habilitação de 1963 demonstra a inscrição da citada candidata, somando-se seu nome a mais seis inscritos ainda para o curso de Geografia e História. Todavia, nas cadernetas da FCFS, a partir de março de 1963, lê-se: “curso de História” e “curso de Geografia”. Nos relatórios semestrais do mesmo período, também percebemos a distinção, além de falas nas atas de reuniões da Congregação e do CTA que fazem referência a dois distintos cursos.

Deste modo, a inscrição dos alunos para o curso de Geografia e História pode ter sido um erro diante do hábito dos funcionários da instituição, ou mesmo porque a separação efetiva só ocorreu depois das inscrições por volta de fevereiro de 1963. De qualquer modo, desde o início de 1963 não mais existiam alunos do curso de Geografia e História matriculados na primeira série, embora aqueles com ingresso anterior continuassem o curso, seguindo a mesma grade curricular até a sua formatura. O último registro de graduado em Geografia e História é de 1966. Pela lista com o nome dos graduados, observa-se o ano de ingresso destes na instituição como anterior a 1963, o que nos induz a pensar que seriam os que ficaram “pendentes” em alguma das disciplinas do curso.

Dessa forma, o curso de Geografia e História da FCFS funcionou regularmente de 1951 até 1962. Pautado pelo Decreto-Lei nº 1.190, de 4 de abril de 1939, que previa cursos integrados, além de estabelecer toda a organização destes. Tal estrutura no curso da faculdade sergipana só seria modificada em 1962, embora a Lei nº 2.594, datada de 8 de setembro de 1955, rezasse: “Art. 1º O atual curso de Geografia e História das Faculdades de Filosofia do país é desdobrado em dois cursos, curso de Geografia e curso de História”, acrescido de um segundo artigo versando sobre o currículo mínimo destes, o qual deveria ser composto pelas disciplinas de cada área respeitando as deliberações do artigo 14 do Decreto-Lei nº 1.149, de 4 de abril de 1939, que tratava especificamente da grade curricular do curso de Geografia e História. Em conformidade

também com o estabelecido no Decreto-Lei nº 9.092, de 26 de março de 1946, que versava, entre outros temas, sobre a possibilidade de o aluno ter que cursar somente duas ou três cadeiras do quarto ano – o curso de Didática – para obter o título de licenciado, em vez das seis estabelecidas pelo decreto de 1939.

Para o primeiro concurso de habilitação, inscreveram-se sete moças: Maria Clara Vieira de Faro Passos, Gildete Santos Lisboa, Josefina Sampaio Leite, Magnória de Nazareth Magno, Beatriz Sampaio, Elisete Batista Nogueira e Elisete Oliveira Andrade, todas aprovadas (FCFS, Relatório Semestral, 1951/1). Destas, somente as três últimas não colariam grau em março de 1955, quando concluiu o curso de bacharelado e licenciatura a primeira turma de Geografia e História da FCFS.



Foto 03: Formatura da 1ª turma de Licenciadas da FCFS –Março de 1955 (Da esquerda para a direita: Nalda Xavier de Oliveira (Matemática), Maria Clara Vieira Passos (Geografia e História), Joana Vital (Filosofia), Olga Andrade Barreto (Matemática), Josefina Sampaio Leite (Geografia e História), Magnória de Nazareth Magno (Geografia e História) e Gildete Santos Lisboa (Geografia e História).

Fonte: Acervo particular de Olga Andrade Barreto

Autoria desconhecida

A fotografia nº 3 retrata as alunas da primeira turma de graduadas na FCFS. Sete mulheres sentadas de beca trazendo nas mãos possivelmente o seu diploma do curso superior, ou um papel que o representava, ou uma declaração de conclusão do curso. Dialogando com Pierre Bourdieu (1996), o diploma pode ser considerado um dos elementos que constitui o *capital simbólico*, que seria usado por algumas dessas novas

professoras para seguir sua carreira no magistério em diferentes escolas aracajuanas como um símbolo distintivo.

Para Magnória de Nazareth Magno (2008), a formatura: “Foi um acontecimento relevante na época por se tratar da primeira formatura de curso superior quando se fez uso de becas (que vieram de Salvador, alugadas). Constou a solenidade de *Te Deum*<sup>54</sup> na Catedral Metropolitana e colação de grau no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe” (MAGNO, 2008). Segue quadro que mostra o número de bacharéis e licenciados em Geografia e História da FCFS:

**QUADRO 01: NÚMERO DE GRADUADOS<sup>55</sup> EM GEOGRAFIA E HISTÓRIA PELA FCFS (1954-1966)**

Ano	Bacharéis	Licenciados (as)	Total
1954	-	04	04
1955	-	03	03
1956	01	02	03
1957	01	-	01
1958	02	04	06
1959	01	05	06
1960	-	10	10
1961	-	03	03
1962	-	05	05
1963	-	06	06
1964	-	09	09
1965	-	04	04
1966	-	02	02
Total	05	57	62

FONTE: Quadro elaborado com base na seguinte documentação da FCFS: Revistas, Relatórios semestrais e no Livro de Registros de Atas de Formatura.

Vemos no Quadro 01 um total de cinco bacharéis e 57 licenciados ao longo da vida do curso. Percebemos também as oscilações no número de formados: no ano de 1960 tivemos 10, já no ano seguinte somente 3. O número de bacharéis em contraposição ao número de licenciados também chama atenção, e notamos que a partir de 1960 nenhum aluno ficou só com o grau de bacharel, mas continuou seus estudos no curso de Didática para conseguir a licenciatura.

<sup>54</sup> *Te Deum laudamus*: “Senhor nós te louvamos”. Trata-se de cerimônia religiosa iniciada por tais palavras.

<sup>55</sup> O nome dos graduados da FCFS e os respectivos anos de conclusão do nível superior constam no Anexo III.

Dessa forma, mais de meia centena de licenciados colaram o grau naquele curso particular, embora com uma mensalidade simbólica, segundo os entrevistados. Dos 57 graduados, somente três eram homens: José Alexandre Felizola Diniz, José Araújo Filho e José Barbosa Santos. Três “José” diante de um universo de 54 moças: o fato aponta que a busca pelo curso de Geografia e História da FCFS era predominantemente feminina<sup>56</sup>.

Mas é significativo também um quadro que apresenta o quantitativo de inscritos no concurso de habilitação e aprovados em Geografia e História da FCFS:

**QUADRO 02: NÚMERO DE INSCRITOS E DE APROVADOS NO CONCURSO DE HABILITAÇÃO EM GEOGRAFIA E HISTÓRIA PELA FCFS (1951-1962)**

<b>Ano</b>	<b>Inscritos</b>	<b>Aprovados</b>
1951	07	07
1952	07	06
1953	06	05
1954	05	03
1955	13	10
1956	10	10
1957	26	14
1958	20	10
1959	08	07
1960	13	07
1961	11	06
1962	09	06
Total	135	91

FONTE: Quadro elaborado com base na seguinte documentação da FCFS: Revistas, Relatórios semestrais e no Livro de Inscrição no Concurso de Habilitação (1951-1968)

Pelos números expostos, observa-se que o concurso de habilitação para o curso de Geografia e História eliminava uma quantidade considerável de candidatos. Mesmo com poucos inscritos, como é o caso de cinco no ano de 1954, só passaram três.

<sup>56</sup> Segundo Jane Soares de Almeida (1998, p. 64), “A inserção profissional das mulheres no magistério não foi aceita tranquilamente pelos homens que exerciam a profissão porque isso significava a perda de um espaço profissional”. A citada pesquisadora também registra que “o impedimento para os homens permanecerem no magistério deu-se no terreno das mentalidades e da identidade sexual, movidos pelo fato da profissão ter se tornado feminina” (1998, p.209). Para outras informações acerca do tema, consultar, entre outros pesquisadores, Almeida (1998 e 2006).

Portanto, as turmas eram pequenas, numa média de três a quatorze alunos na primeira série do curso, número que decresce ao analisar o quantitativo de graduados.

Segundo o Regimento Interno da FCFS (s/d), esta oferecia um máximo de 30 vagas por curso. Estas vagas seriam destinadas aos “alunos regulares”, que deveriam passar por concurso de habilitação, com obrigação de frequência, de realização de exames, além do direito de receber um diploma no final. Todavia, a FCFS aportava ainda “alunos ouvintes” que se matriculavam sem necessidade de concurso de habilitação, mas não recebiam diplomas no final do curso, como também não faziam provas, nem lhes era exigida frequência.

Ainda com base no citado regimento, o concurso de habilitação era realizado com base na legislação federal do Ministério da Educação. Tal exame para o curso de Geografia e História da FCFS ocorria geralmente nos meses de janeiro ou fevereiro. As disciplinas do exame a que os alunos se submetiam eram Português, História Geral e do Brasil, Geografia Geral e do Brasil e Francês.

Conforme Magno (2008), “as provas foram escrita e oral; além de dez ou vinte temas ou quesitos havia também uma dissertação”. Entretanto, não localizamos em nenhuma das fontes consultadas referências à dissertação citada pela aluna.

Com relação às avaliações, Chervel (1990) declara: “permanece o fato de que as provas finalmente destinadas ao exame ou ao concurso concentram em torno delas a atenção e o interesse do mestre e dos alunos, influenciando mesmo, no total sobre as classes anteriores” (CHERVEL, 1990, p. 207). Dessa forma, as avaliações são alguns dos constituintes fundamentais de uma disciplina, pois, por meio delas pode-se aferir se determinadas finalidades foram alcançadas. Para o ingresso no curso, os conhecimentos nas duas áreas, além do domínio da língua portuguesa e do francês, seriam os elementos básicos necessários para um futuro graduando em Geografia e História.

Com a aprovação, as matrículas se processavam com a exigência da seguinte documentação: requerimento do diretor, prova de conclusão do curso clássico ou científico, carteira de identidade, atestado de idoneidade moral, atestado de sanidade física e mental, certidão de registro civil, prova de estar quite com a obrigação do serviço militar, prova de ter sido aprovado no concurso de habilitação, dois retratos 3 x 4 para o cartão de matrícula e recibo das taxas de inscrição (FCFS, Regimento Interno, s/d). E começavam as aulas do curso de Geografia e História, este descrito por algumas de suas alunas:

[...] nós tínhamos duas linhas, nós éramos de Geografia e História. História do Brasil, História Geral, História Moderna, História Contemporânea, Geografia do Brasil, Geografia Humana, Geografia Física, Geologia, Etnografia, Sociologia, quer dizer era muita disciplina (SANTOS, 2010).

As dificuldades para cursar essas “duas linhas” eram enfrentadas por anotações constantes das falas dos seus professores durante as aulas, tendo em vista que os livros eram raros. Sendo assim, as alunas copiavam o máximo que podiam das explicações dos seus docentes, dado extraído das falas de todos os entrevistados da presente pesquisa. Sobre este aspecto, comenta Dantas:

Então o esquema era o professor falar e você anotar. Só que eu não me contentava em anotar, eu fazia as anotações e ia para a biblioteca pesquisar. Tinha até um esquema muito (risos), um esquema muito louco que a gente adotava. Como eu anotava muito rápido e como depois eu ia confrontar as minhas anotações com os livros da biblioteca, eu terminava copiando no caderno as minhas aulas para estudar para as provas. Aí alguém descobriu e disse: Beatriz, ponha um carbono aí para mim! Aí eu copiava com um carbono. Depois chegou outra: põe mais um carbono (risos), eu disse a [...] Eu sei que um carbono era de Marta, o outro eu não sei de quem era. Sei que era tudo com um carbono, mas só que o terceiro carbono já não saía bem porque exigia muita força no braço para ficar copiando. Mas eu fazia muito isso com as aulas de Etnologia, Etnografia, de História com Gonçalo, era praticamente tudo no caderno (DANTAS, 2010).

Pela descrição, visualizam-se traços do cotidiano daquele curso e como os alunos faziam para aprender um pouco mais dos conteúdos trabalhados naquelas aulas expositivas. O “esquema” adotado para que tais explicações depois fossem redistribuídas entre os colegas e complementadas por cada uma, como afirma Gonçalves (2010), também é digno de realce. As anotações serviriam principalmente para as avaliações efetuadas duas vezes por ano. Como as disciplinas eram anuais, em julho e dezembro ocorriam as provas, de acordo com a seguinte sistemática:

[..] as provas deveriam ter três dissertações, cada uma com três assuntos, em cada disciplina. Eram três temas diferentes, organizavam-se os pontos, eram sessenta assuntos [...] cada ponto com três assuntos, vinte pontos são sessenta assuntos, se você soubesse cinquenta e nove e tivesse o azar de cair justamente (risos) o que você não soubesse, você estava perdido. Mas era muito difícil, porque três assuntos você sempre havia de saber alguma coisa de algum dos três. Mas era

assim, dissertativa a prova, você tinha que falar sobre aqueles temas e creio que todo mundo conseguia. Mas se houvesse alguém que não conseguisse passar de primeira, ficava de pé quebrado, porque tinha isso de ficar de pé quebrado (risos) (PINA, 2010).

Ficar de “pé quebrado” ou “no vago”, como classifica Diniz (2010), era quando o aluno não conseguia aprovação em determinada disciplina, passava para a série seguinte, mas teria de fazer as avaliações referentes à disciplina em que não logrou êxito na série anterior. Além deste aspecto, cabe ressaltar que a descrição feita por Pina (2010) coaduna com algumas fontes, como o regimento da FCFS e os relatórios semestrais da instituição. Em outras palavras, nas avaliações semestrais: geralmente o professor listava 20 pontos, outros somente 10, cada ponto com três assuntos; no momento da prova sorteava-se um e o aluno teria que responder três questões sobre o tema.

Dessa forma, ocorriam as duas provas parciais com duração de duas horas cada. Para realizar a prova, o aluno deveria ter frequência às aulas, participação nos trabalhos práticos e no mínimo média cinco nos estágios. Caso o discente alcançasse média igual ou superior a sete, não faria as provas finais; se atingisse uma média de cinco a sete, faria só a prova final oral; com a média entre três e cinco, prova oral e escrita e menor que três estava automaticamente reprovado (Regimento Interno da FCFS – s/d). Tais avaliações são constantemente citadas pelos discentes:

A gente estudava era dia e noite, a gente estudava tudo, juntava a turma, a turminha assim que já estava acostumada. Eu era com Dora Diniz, ela dormia na minha casa, eu dormia na casa dela, estudando, passava a noite, parece brincadeira, mas era, a gente passava a noite todinha estudando para fazer prova (GONÇALVES, 2010).

Chervel (1990) classifica como sistema docimológico as formas de avaliação de uma disciplina escolar. Aqui lidamos com disciplinas acadêmicas, mas nota-se a importância que tais avaliações exerceram nas práticas daquelas disciplinas, deixando registros na memória dos seus alunos.

É importante ressaltar “o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo” (POLLAK, 1989, p. 08), nesse sentido, cabe relativizar as falas expostas e sublinhar a constante necessidade “inconsciente” de uma “identidade de grupo” quando os discentes relembram desse “recorte” de suas vidas.

Quando inquiridos sobre as melhores lembranças da época do curso, ex-alunos afirmam: “As aulas, os professores, a camaradagem com as colegas [...] são boas lembranças, todas” (PINA, 2010). Dantas (2010) diz: “Eu me recordo do jardim da faculdade, daquele pátio interno, dos banquinhos que eu ficava lá sentada conversando”. A ex-aluna faz alusão aos momentos extrassala, nos outros espaços da instituição, como demonstra a foto 04:



Foto 04: Alunos da FCFS – 1963. Não conseguimos identificar todos que estão na foto, apenas os alunos do curso de Geografia e História: da direita para a esquerda: Irmã Mauristela, Marta Maria Rabelo Barreto, Beatriz Góis Dantas, Irmã Betânia, Ivani Machado de Souza e Alexandre Felizola Diniz em pé (penúltimo rapaz).

Fonte: Acervo particular de Beatriz Góis Dantas  
Autoria desconhecida

A fotografia 04 mostra um grupo de alunos concluintes dos cursos da FCFS; talvez até o momento de despedida. Alguns aspectos chamam atenção: todos posicionados para fotografar, uns com sorrisos singelos, outros sérios, e ainda alunas freiras, Irmã Mauristela e Irmã Betânia do Colégio São José que com seus hábitos se distinguem do restante do grupo. Outro fato digno de nota é o ambiente da faculdade ainda em obras, mesmo quatro anos depois de concluída a primeira parte do prédio que se visualiza ao fundo.

Esse espaço para além da sala renasce nas recordações dos seus alunos, ao falar do curso de Geografia e História: “Acho que uma coisa muito boa era o ambiente; o ambiente era muito bom, muito gostoso; todo mundo muito amigo” (DINIZ, 2010).

Dentre as amigas citadas por Diniz, estava sua colega de turma Beatriz Góis Dantas; que recorda:

Nós éramos uma turma que nos entendíamos muito. Lembro muito das brincadeiras de Alexandre, extremamente voltado para o movimento estudantil e todo aquele clima da Revolução Cubana. Quando ele chegava na faculdade, como eu não participava de movimento estudantil, ele dizia: você vai para o *paredón*. Então ele brincava muito comigo, me botava no *paredón*, nas brincadeiras dele. [Referência aos fuzilamentos efetuados durante a implantação do regime comunista em Cuba]. Era um clima muito bom! (DANTAS, 2010).

Entre amigas e brincadeiras, o conhecimento ali era semeado. O curso de Geografia e História funcionava na FCFS, e aos poucos seus alunos adentravam nas salas dos diferentes colégios da capital e do interior de Sergipe para ministrar aulas no ensino secundário de História e Geografia, ou mesmo começavam a lecionar em outras instituições de ensino superior. Mas o que aprendiam os alunos do curso em foco? Que saberes eram transmitidos e por quem? Partindo dessas questões, analisam-se as disciplinas do curso em foco.

Sabemos que diferentes autores se dedicam à compreensão do significado do que é uma disciplina escolar e/ou acadêmica, com enfoques diferenciados; concordam que existe uma série de nuances para além do que ali é ensinado. Segundo Antonio Viñao as disciplinas são: “fonte de poder social e acadêmico: campos hierarquizados entre os quais se desenvolvem situações de domínio e hegemonia, de dependência e sujeição” (VIÑAO, 2008a, p. 204). Com este pensamento, analisamos as disciplinas do curso de Geografia e História, investigando a forma como os conteúdos estavam ali postos e com quais finalidades eram lecionados por determinados professores. Fornecemos uma especial atenção para a citada relação de hierarquização, sendo que, determinadas disciplinas sobrepõem outras, domínio muitas vezes atrelado à figura do seu professor.

Para chegar ao corpo docente da FCFS, e mais precisamente do curso em foco, seus docentes valiam-se do reconhecimento do *capital simbólico* e de uma *rede de sociabilidade*, como nos diz Santos:

[...] eles [a direção da FCFS] aproveitavam da capacidade do professor e da formação para poder resolver os problemas de professores. [...] Foi muito difícil, uma luta muito grande para eles se organizarem

e segundo para se impor, eles tinham que dar o melhor (SANTOS, 2010).

A frase “para se impor”, citada por essa ex-aluna do curso, permite pensar com Bourdieu sobre a “busca do reconhecimento”. Segundo o autor, “[...] pode-se supor que o trabalho pedagógico em sua forma elementar se apóia num dos motores que estarão na raiz de todos os investimentos ulteriores: *a busca do reconhecimento*” (BOURDIEU, 2001, p. 201). Possivelmente, a “busca do reconhecimento”, aliada a outros fatores, de maior significado que o econômico, movia esses professores em suas aulas.

Identificamos as mudanças ocorridas no corpo docente e quais disciplinas compunham o curso de Geografia e História, além das disciplinas de Didática. Vislumbramos também como os conteúdos modificaram os programas de ensino das disciplinas, além de verificar se a alteração do docente contribuiu ou não na variação dos conteúdos explícitos na sua disciplina.

Acerca da percepção de “conteúdo”, Chervel (1990, p. 181) afirma que “a escola não se define por uma função de transmissão dos saberes, ou de iniciação das ciências de referência”. Ela também produz saberes e não simplesmente faz o papel de reprodutora. É nesse sentido que se analisa o curso de nível superior aqui em foco e não a escola da qual fala o citado autor. Além da difusão desses valores e funções, o próprio curso também modelava tais conteúdos, fornecendo nova forma a determinados assuntos, nos quais com maior ou menor ênfase diante de interesses, interage de maneira ativa a subjetividade do docente, dentro do espaço da sala de aula. Os professores e disciplinas do curso em foco e das disciplinas de Didática podem ser visualizados no quadro 03:

**QUADRO 03: DISCIPLINAS E PROFESSORES DO CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA E DO “+1” DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE (1951-1962)**

Série	Disciplina	Professor	Período
1ª Série	Antropologia #	João Perez Garcia Moreno	1951
		Lucilo da Costa Pinto	1952-1958
		Felte Bezerra	1959
		Paulo Freire de Carvalho	1960-1961
		José Abud	1962
	Geografia Física #	Maria Thétis Nunes	1951-1952
		Petru Stefan	1953-1955
		Cleonice Xavier de Oliveira	1956
		Fernando de Figueiredo Porto	1957 -1963
	Geografia Humana #	Felte Bezerra	1951-1952
José Bonifácio Fortes Neto		1953-1968	
História da Civilização Antiga e Medieval	Gonçalo Rollemberg Leite	1951-1963	
Teologia (optativa)*	Pe. Luciano J. Cabral Duarte	1951-1954 e 1958-1962	
	Pe. José Araújo Mendonça	1955-1957	
2ª Série	Etnologia #	Felte Bezerra	1952-1959
		Josefina Leite Campos	1960-1962
	Geografia Física #	Petru Stefan	1952-1955
		Cleonice Xavier de Oliveira	1956/1
		João Aragão	1956/2
		Fernando de Figueiredo Porto	1957-1962
	Geografia Humana #	Joaquim Fraga Lima	1952
		José Bonifácio Fortes Neto	1953-1962
	História da Civilização Moderna	Gonçalo Rollemberg Leite	1951-1962
	História do Brasil	Maria Thétis Nunes	1952-1956/1
José Silvério Leite Fontes		1956/2	
Fernando Barreto Nunes		1957-1962	
Teologia (optativa)	Pe. Luciano J. Cabral Duarte	1952-1954 e 1958-1962	
	Pe. José Araújo Mendonça	1955-1957	
3ª Série	Etnografia do Brasil #	Felte Bezerra	1953-1956
		Josefina Leite Campos	1957-1962
	Geografia do Brasil #	Cleonice Xavier de Oliveira	1954-1956/1
		Severiano Pessoa Uchôa	1956/2-1962
	História da América	Armando Leite Rollemberg	1953-1954
		Luiz Rabelo Leite	1955-1962
	História da Civilização Contemporânea	Gonçalo Rollemberg Leite	1953-1962
	História do Brasil	Maria Thétis Nunes	1953-1956/1
		José Bonifácio Fortes Neto	1956/2
		José Silvério Leite Fontes	1957-1962
Teologia (optativa)	Pe. Luciano J. Cabral Duarte	1953-1954 e 1958-1962	
	Pe. José Araújo Mendonça	1955-1957	

4ª Série	Administração Escolar	Maria Thétis Nunes	1954-1955
		José Rollemberg Leite	1956-1960
		Rosália Bispo dos Santos	1961-1962
	Didática Especial da História da Civilização	Gonçalo Rollemberg Leite	1954
		Cleonice Xavier de Oliveira	1955-1956/1
		Josefina Leite Campos	1956-1962
	Didática Especial da Geografia	Felte Bezerra	1954
		Cleonice Xavier de Oliveira	1955-1956/1
		Josefina Leite Campos	1956/2-1962
	Didática Geral	José Silvério Leite Fontes	1954-1962
	Fundamentos Biológicos da Educação	João Perez Batista Garcia Moreno	1954-1956
		Valter Cardoso	1957/1
		Antonio Rabello Leite	1957/2-1958
		João Cardoso do Nascimento Júnior	1959/1
		Paulo Freire de Carvalho	1959/2-1961
	Fundamentos Sociológicos da Educação	Manoel Cabral Machado	1954-1962
	Psicologia Educacional	Cleone Menezes	1954-1955
		João Perez Batista Garcia Moreno	1956
		José Silvério Leite Fontes	1957
	Pe. Luciano J. Cabral Duarte	1958-1962	
Pedagogia da Religião* (optativa)	Pe. Luciano J. Cabral Duarte	1954	
		1958-1962	
	Pe. José Araújo Mendonça	1955-1957	

FONTE: Quadro elaborado com base na documentação da FCFS e nas entrevistas com ex-alunos e professores.

\*As disciplinas de Teologia e Pedagogia da Religião não serão analisadas neste trabalho devido às várias questões que giram em torno de disciplinas que não constam no Regimento da FCFS – seguido da FNFi – e com caráter de “optativa”, contudo eram ministradas em todas as séries do curso, pelo também diretor da instituição Padre Luciano José Cabral Duarte. Um estudo sobre essas disciplinas poderia resultar em outro trabalho.

# Tendo em vista o objetivo da pesquisa ser limitado a analisar as disciplinas do curso de Geografia e História e a formação do professor de História, não se discutem aqui as disciplinas de: Antropologia, Etnologia e Etnografia, o que se denominou de “área da Antropologia”, como também “a área da Geografia” do curso, composta por Geografia Física, Geografia Humana e Geografia do Brasil.

A análise do perfil de cada um desses docentes e os conteúdos ministrados em cada uma das disciplinas atentando para as suas finalidades é o que se fará a partir deste momento. Cabe ressaltar que, para a construção desse quadro, não localizamos uma lista com todos os docentes e as suas respectivas disciplinas, mas sim numa espécie de grande quebra-cabeça juntamos peça a peça até construir essa relação complexa que permeia tal passado educacional.

O quadro 03 demonstra que a repetição dos mesmos professores em diferentes disciplinas aponta para a “eficácia legitimadora de um ato de reconhecimento” (BOURDIEU, 2001, p. 127), pois a atuação desses docentes no ensino secundário, entre outros fatores, pode ter-lhes conferido legitimidade para assumir variadas disciplinas do mesmo curso, sendo, a partir de então, reconhecidos como professores universitários desta ou daquela disciplina.

Nesse sentido, os professores da faculdade se desdobravam e procuravam garantir o funcionamento de todas as disciplinas que deveriam ser lecionadas. As

amizades dos docentes, dentro e fora da instituição e as conversas na sala dos professores da FCFS também fizeram parte da história desse curso. A sala dos docentes pode ser visualizada na foto 05.



Foto 05: Sala dos Professores da FCFS – 1959. Da esquerda para a direita: Padre Luciano Duarte, José Bonifácio Fortes Neto, Fernando de Figueiredo Porto, José Silvério Leite Fontes, Josefina Leite Campos, Frei Edgar Stanikowski e Padre Claudionor Fontes.

Fonte: Acervo do Instituto Dom Luciano Duarte

Autoria: Desconhecida.

A fotografia da sala dos professores da FCFS congrega alguns dos docentes do curso de Geografia e História: Bonifácio Fortes, Fernando Porto, Silvério Fontes, Josefina Leite, além do Monsenhor Luciano Duarte, docente do curso de Didática, e dos outros dois religiosos: Frei Edgar Stanikowski e Padre Claudionor Fontes.

Esses e outros professores lecionaram no curso em análise, uns por menos tempo, outros por mais, contudo, deixando de alguma forma seus traços nas disciplinas ministradas. Deste modo, após uma análise da FCFS e do curso de Geografia e História em seus diferentes aspectos, investigam-se as disciplinas da História e as disciplinas de Didática, nos dois próximos capítulos.

## **CAPÍTULO II**

### **AS DISCIPLINAS DA HISTÓRIA: PERCURSOS DO ENSINO ACADÊMICO DE HISTÓRIA EM MEADOS DO SÉCULO XX**

*Aqueles anos (do curso de Geografia e História) contribuíram para a realização de um sonho acalentado que era de fazer um curso superior, [...] para melhor compreender o sentido da vida, [...] através do legado das gerações passadas, o que a História como mestra da vida nos possibilita (Magnória de Nazareth Magno, graduada no curso de Geografia e História - 1954).*

Neste capítulo, exploramos, de maneira mais específica, as disciplinas da História e os saberes transmitidos aos futuros professores de História na faculdade sergipana. Dessa forma, analisamos cinco disciplinas: História da América, História do Brasil, História da Civilização: Antiga e Medieval, Moderna e Contemporânea, como desmembramentos das cadeiras: XXIV – História da antiguidade e da idade média; XXV – História moderna e contemporânea; XXVI – História da América e XXVII – História do Brasil (FCFS, Regimento Interno, s/d).

Sobre os cursos de formação dos profissionais de História no Brasil em meados do século XX recaem as mais diversas críticas, desde a falta de preparo para a pesquisa até a falta de formação acadêmica específica dos seus professores. No entanto, se pudermos afirmar que existe uma consonância, esta se refere aos itinerários do ensino acadêmico de História passando também pelas Faculdades de Filosofia espalhadas pelo Brasil, e não diferentemente em Sergipe. A respeito dos cursos em tais faculdades, “há consenso em relação à desqualificação dos professores recrutados para as licenciaturas e sobre as insuficiências dos currículos” (FREITAS, 2006, p. 23).

Diante desse “consenso” apontado pelo citado pesquisador, analisa-se como estava formatado o currículo que abrigava as disciplinas da História na FCFS e qual a formação de seus docentes. Ponderamos ainda quais os conteúdos eram lecionados a esse futuro professor de História dentro desse curso com duas habilitações.

Deste modo, o ensino acadêmico de História na FCFS girava em torno das citadas disciplinas até o ano de 1962. A *posteriori* ocorreu uma mudança na grade curricular com a entrada de novas disciplinas, como: Introdução aos Estudos Históricos, História de Sergipe e História Econômica e Geral do Brasil, seguindo uma tendência nacional de inclusão de disciplinas teóricas com o objetivo de capacitar o pesquisador da História para além das aptidões do professor do ensino secundário. Todavia, tais mudanças somente ocorreram na FCFS em 1963, até então os professores e as disciplinas da História, estavam distribuídas conforme o quadro 04:

**QUADRO 04: PROFESSORES DAS DISCIPLINAS DA HISTÓRIA NO CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE (1951-1962)**

Série	Disciplina	Professor	Formação	Período de atuação
1 <sup>a</sup>	História da Civilização Antiga e Medieval	Gonçalo Rollemberg Leite	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	1951-1962
2 <sup>a</sup>	História da Civilização Moderna	Gonçalo Rollemberg Leite		1951-1963
	História do Brasil	Maria Thétis Nunes	Licenciada em Geografia e História	1952-1956/1
		José Silvério Leite Fontes	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	1956/2
		Fernando Barreto Nunes	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	1957-1962
3 <sup>a</sup>	História da América	Armando Leite Rollemberg	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	1953-1954
		Luiz Rabelo Leite	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	1955-1962
	História da Civilização Contemporânea	Gonçalo Rollemberg Leite		1953-1963
		Maria Thétis Nunes		1953-1956/1
	História do Brasil	José Bonifácio Fortes Neto	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	1956/2-1957
		José Silvério Leite Fontes		1958-1962

FONTE: Quadro elaborado com base na documentação da FCFS, como relatórios semestrais, cadernetas, além de jornais, revistas e entrevistas.

Observamos um corpo magisterial composto por bacharéis em Ciências Jurídicas e Sociais, com exceção da licenciada em Geografia e História Maria Thétis Nunes. O principal nome das disciplinas relacionadas à História na FCFS era Gonçalo Rollemberg Leite. Já Maria Thétis Nunes e José Silvério Leite Fontes, professores de História do Brasil, seguiram para as pesquisas em diversos temas da História. Armando Rollemberg Leite, Fernando Barreto Nunes, José Bonifácio Fortes Neto e Luiz Rabelo Leite tiveram uma atuação mais modesta nessa área do conhecimento.

Em concordância com a ideia de que “o professor é quem transforma o *saber a ser ensinado* em *saber aprendido*, ação fundamental no processo de produção do conhecimento” (BITTENCOURT, 2004, p. 50), fornecemos um papel de destaque aos

professores das disciplinas da História na FCFS e analisamos ainda os conteúdos por eles lecionados.

Assim, concordamos com as afirmações de Viñao (2008a) quando ele destaca os “conteúdos prescritos”, entre os aspectos mínimos que devem abarcar o estudo de determinada disciplina, vistos por meio de planos de estudos, livros de textos e programas. Com este pensamento, examinamos os conteúdos explícitos dos programas de ensino das citadas disciplinas, como também os assuntos anotados nas cadernetas e procuramos inferir suas finalidades intrínsecas.

As cadernetas a que fazemos referência eram mensais, com quatro páginas cada, numa espécie de “minilivro”. A primeira página continha a identificação da faculdade, curso, série, disciplina e professor. Todos os dados que necessitavam de preenchimento eram datilografados. Logo depois o espaço para anotação do professor referente a cada aula, com data, ponto, assunto e assinatura do docente. Estas informações continuavam na última página. Nas duas páginas centrais constava o nome dos alunos com sua respectiva frequência.

Localizamos algumas cadernetas das diferentes disciplinas do curso de Geografia e História. Por meio destas, em conjunto com os programas de ensino, as memórias de ex-alunos, o caderno escolar (s/d) de Maria Lígia Madureira Pina, além da tese apresentada por Gonçalo Rollemberg Leite no concurso para catedrático de História da Civilização no Atheneu Sergipense no ano de 1938, intitulada de *Aspectos Econômicos da Idade Média*, acrescidos de informações contidas nos relatórios semestrais da instituição, traçamos alguns dos caminhos do ensino acadêmico de História na FCFS.

Almejou-se construir “uma aproximação, até onde for possível, às práticas escolares e à realidade em classe através de memórias, informes, exames, diários e cadernos de aula, documentos particulares etc.” (VIÑAO, 2008a, p. 199). Essa relação é considerada pelo autor como um dos principais aspectos no estudo da história de uma disciplina.

Levando em consideração também as “[...] indubitáveis vantagens que os cadernos escolares oferecem – em comparação com as prescrições oficiais, os livros textos e os programas [...]” (VIÑAO, 2008b, p. 25), mas sem cair na tentação de pensar que o caderno escolar reflete toda a atividade do ambiente educacional, vemos que nem tudo está no caderno, e além do mais nunca reconstruiremos o passado como

efetivamente aconteceu, pois, como nos ensina Michel de Certeau (2008, p. 19), o historiador “Não faz a história, pode apenas fazer história [...]”. Com esse pensamento analisamos o caderno de Maria Lígia Madureira Pina.

Na tentativa de fazer história do que era ensinado aos futuros professores de História graduados na FCFS, entende-se o caderno “Como produto escolar, o caderno reflete a cultura própria do nível, etapa ou ciclo de ensino que é utilizado” (VIÑAO, 2008b, p. 25). O caderno aqui analisado não contém explicitamente uma data, mas foi guardado com cuidado por Maria Lígia Madureira Pina, aluna do curso entre os anos de 1955 a 1958. Trata-se de uma espécie de fichário que engloba folhas com anotações de diversas disciplinas e aparentemente das três séries finais do curso de Geografia e História da FCFS. No caderno, visualizam-se diferentes tipos de folhas, assim como três tipos de letras, com a preponderância de uma, além de várias folhas datilografadas. Em entrevista, Pina (2010) afirma que trabalhava durante todo o dia e estudava à noite, dessa forma algumas pessoas mais próximas “passavam a limpo” as suas anotações de aula, inclusive datilografando seus escritos.

O caderno com cento e noventa e duas páginas, quase todas com alguma marcação, contém uma capa dura marrom e anotações das seguintes disciplinas: História do Brasil, Sociologia da Educação, História da Civilização Moderna, História da Civilização Contemporânea e Didática Especial da História e da Geografia. Analisam-se os diferentes escritos que constam no caderno à medida que se discute acerca de cada uma dessas disciplinas.

Faz-se necessário destacar ainda o uso que fazemos das cadernetas. A caderneta é uma fonte claramente produzida para determinado fim. Preenche-se uma caderneta para cumprir normas; ou seja, a distância entre a prática concretizada em sala de aula e o que ali está escrito é no mínimo um risco para o historiador. Usamos essa fonte para compreender melhor determinado aspecto do universo educacional de mais de meio século atrás. Contudo, possivelmente alguns dos assuntos anotados nas cadernetas foram efetivamente trabalhados ou sucintamente explanados em detrimento de outros temas que surgiram no decorrer das aulas.

Todavia, mesmo que os professores aqui arrolados não tenham trabalhado exatamente os conteúdos listados nas cadernetas, o fato de eles anotarem tais conteúdos como ensinados, e não outros, já denota o significado que estes assuntos tinham, ou para eles ou para aqueles que porventura fiscalizassem, ou mesmo simplesmente olhassem

seus diários. Portanto, de uma forma ou de outra, os temas assinalados dizem respeito a fragmentos do ensino acadêmico de História em meados do século XX. Desse modo, o presente capítulo propõe se desdobrar em três itens focados nas disciplinas da História.

## 2.1 Entre “nuvens de fumaça”: as aulas da tripartida História da Civilização

Gonçalo Rollemberg Leite<sup>57</sup> foi o docente que lecionou as três disciplinas de História da Civilização no curso de Geografia e História da FCFS, colaborando com a ideia de que “[...] no ofício do professor um saber específico é constituído, e a ação docente não se identifica apenas com a de um técnico ou a de um ‘reprodutor’ de um saber produzido externamente (BITTENCOURT, 2004, p.50/51). Para a autora, “dar aula” é algo complexo que demanda a propriedade de variados saberes.

Para saber quais “saberes característicos e heterogêneos” (BITTENCOURT, 2004, p.51) permeavam as disciplinas ministradas por Gonçalo Rollemberg Leite no curso de Geografia e História, construiu-se um perfil biográfico sintético desse professor, com o olhar voltado para sua atuação docente e mais especificamente como professor de História<sup>58</sup>. Nesse sentido, dedica-se um papel de destaque para esse docente como importante agente dentro das disciplinas que compunham o eixo central do conhecimento histórico.

Segundo Oliveira (2009c), o jurista, além de ser filho de família abastada, cresceu em um ambiente de vários estímulos culturais e humanísticos, como também de disputas políticas das quais a família Leite constantemente fazia parte. Em Aracaju,

---

<sup>57</sup> Gonçalo Rollemberg Leite nasceu na cidade sergipana de Riachuelo em 14 de fevereiro de 1906 e faleceu em Aracaju em 17 de julho de 1977. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais no ano de 1927 em Minas Gerais, passando a atuar como promotor de justiça. Professor, jornalista e jurista, fundou e por longos anos dirigiu a Faculdade de Direito de Sergipe, assumindo ali a cadeira de Direito Civil e consagrando-se como um dos mais respeitados professores daquela Faculdade. Diretor e redator de *A República* (BARRETO, 2002).

<sup>58</sup> Sobre Gonçalo Rollemberg Leite localizamos os seguintes trabalhos: Albuquerque (2005) situa-o na linhagem de Aurélia Dias Rollemberg, a Dona Sinhá; Azevedo (2002) escreve um pioneiro estudo sobre o jurista, com uma sucinta descrição de sua atuação; Barreto (2006) disserta acerca dos 100 anos desse Rollemberg Leite e percorre várias trilhas de sua vida; Nascimento (2007) traça um breve panorama da atuação do docente conclamando estudos que investiguem os silêncios produzidos acerca desta; Oliveira (2009c) pesquisa a trajetória administrativa de Gonçalo Rollemberg Leite enquanto diretor da Faculdade de Direito de Sergipe no período de 1953 a 1970; a mesma autora, em outro trabalho, discorre sobre os seis fundadores da mencionada instituição, destacando entre eles Gonçalo Rollemberg Leite (OLIVEIRA, 2010). Os autores citados, exceto Azevedo (2002), registram em rápidas passagens a atuação de Gonçalo como professor de História no Atheneu Sergipense e em outras escolas do ensino secundário aracajuano, para além da Faculdade de Direito, instituição que contou com uma atuação mais efetiva de Gonçalo Rollemberg como professor e diretor. Nascimento (2007) destaca ainda a “predileção em escrever sobre História, intelectuais e cultura, de um modo geral” de Gonçalo Rollemberg Leite.

estudou no Colégio Salesiano e no Atheneu Sergipense. Neste, foi aluno, dentre outros professores, de João Ribeiro, sobre quem escreveu um estudo publicado na revista da FCFS no ano de 1961. Retornou para o Atheneu como catedrático de História da Civilização em 1938. Já no ensino superior atuou nas Faculdades de Ciências Econômicas, Direito, Serviço Social e na FCFS. Gonçalo Rollemberg Leite, colaborou com jornais e revistas, além de diversas publicações<sup>59</sup>. Também integrou a Academia Sergipana de Letras, ocupando a Cadeira 23, na vaga do seu irmão Leite Neto no ano de 1967.

Todavia, sua atuação como professor de História é silenciada e principalmente como professor de História na Faculdade de Filosofia sergipana. De fato, Gonçalo Rollemberg foi um dos seus fundadores e o responsável pelas cadeiras “XXIV – História da antiguidade e média” e “XXV – História moderna e contemporânea”, que se subdividiam em disciplinas ministradas nos três primeiros anos do curso, além de ministrar as aulas de Didática Especial da História no curso de Didática. Ou seja, as primeiras turmas de professores de História graduados em Sergipe contaram com os ensinamentos desse jurista durante os quatro anos de formação superior.

A preponderância de Gonçalo Rollemberg Leite nas disciplinas da História lembra o que Pierre Bourdieu denominou de *capital simbólico*, ou seja, “um crédito, é o poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento [...]” (BOURDIEU, 2004, p. 166). O *capital simbólico* do qual dispunha Gonçalo como professor de História do Atheneu Sergipense, entre outras atuações na sociedade sergipana, inclusive no magistério superior, somada a sua formação e pertencimento à elite econômica, conferiu-lhe um crédito capaz de legitimar o seu reconhecimento como “O professor de História Geral”, conforme o classifica Gonçalves (2010).

Cabe ressaltar que se trata aqui de um curso de formação de professores de História, e mesmo Gonçalo Rollemberg Leite não possuindo formação na área, como

---

<sup>59</sup> Publicou, entre outros, *A Árvore* (Paraisópolis: Tipografia e Papelaria São José, 1928), *Raças* (Aracaju: Gráfica Editora, 1937), *A Graça e a Reabilitação* (Aracaju, 1942), *Direito Civil* (Aracaju: Livraria Regina, 1954), *Contratos Imorais* (Aracaju: Livraria Regina, 1959), *João Ribeiro* (Aracaju: Livraria Regina, 1962 – Separata da Revista da Faculdade Católica de Filosofia Ano 1, nº 1, 1961), *O Direito e as Letras* (Aracaju: Livraria Regina, 1968 – discurso de posse na Academia Sergipana de Letras, 1967), *Expressão Cultural de Sergipe* (Aracaju: Livraria Regina, 1970 – Separata da Revista da Faculdade de Direito de Sergipe, 1967) (BARRETO, 2002).

era o caso de Maria Thétis Nunes, foi o nome do jurista que ficou guardado na memória dos seus ex-alunos como o pilar das disciplinas da História. Sem dúvida, o montante de *capital simbólico* que ele conseguiu angariar impôs o seu reconhecimento.

Gonçalo Rollemberg fez parte da geração de intelectuais sergipanos de meados do século XX, constantemente lembrado por seus traços de responsabilidade e exigência, marcados na instituição e nas disciplinas que ministrava. Seu ex-aluno Alexandre Felizola Diniz classifica-o como pertencente à ala dos professores formais do curso, e descreve sua postura:

Professor Gonçalo Rollembergue Leite, professor Gonçalo, extremamente formal. Ele entrava, dava bom dia, botava o cigarro na boca, ficava na frente, andando pra frente e pra trás e fumando, um, dois, três cigarros, acabava a aula ia embora, até logo e saía e pronto (DINIZ, 2010).

Essa fala de Diniz (2010) é endossada pela de sua colega de turma Beatriz Góis Dantas:

Gonçalo era um professor também assim [...] me lembrava um pouco Virgílio. Ele quase ignorava os alunos, só que ele exigia disciplina. Ninguém conversava na aula dele, era faculdade não era o segundo grau com o professor Virgílio Santana. Então ele discorria muito sobre as coisas, as aulas eram muito expositivas, discursivas. Gonçalo ficava passeando de um lado para outro, fumando [...] Às vezes, me dava impressão que ele nem estava avistando os alunos. Mas também tinha um curso extremamente agradável (silêncio), eu gostava das aulas dele (DANTAS, 2010).

Pelos depoimentos, aliados a outras fontes, um sintético perfil do professor de História Gonçalo Rollemberg Leite seria de um docente formal, sério e exigente; e mesmo sentado em sua cadeira ou andando pela sala, fumava sem parar durante a exposição do assunto da aula, distante dos alunos no momento das preleções, mas exigindo o silêncio constante deles e o compromisso com as produções acadêmicas<sup>60</sup>. Usava o método expositivo para ministrar seus ensinamentos e era capaz de falar ininterruptamente sobre determinado assunto e mesmo assim prender a atenção da turma, composta quase exclusivamente por moças que copiavam o que o mestre dizia.

Mas o que pensava o jurista Gonçalo Rollemberg Leite acerca da História? Quais os autores lidos? Perguntas difíceis de responder, diante de um silêncio sobre sua

---

<sup>60</sup> Oliveira (2009c) baseada em depoimentos orais, entre outras fontes, diz que entre os hábitos de Gonçalo Rollemberg Leite estava a compulsão pela leitura, o uso de tabaco e a exigência quanto à produção acadêmica.

atuação no âmbito do ensino de História. Entretanto, a tese apresentada no Atheneu Sergipense pode nos fornecer indícios, das influências teóricas do docente, como também da sua própria concepção de História.

Tal tese versa sobre *Aspectos Econômicos da Idade Média*, datada de 1938. Com cento e vinte e cinco páginas, dividida em quatro tópicos: “Organização e economia feudais”; “Economia senhorial e urbana”, “A indústria e a corporação”, “O comércio e o capitalismo” – temas que também são subdivididos e acrescidos de conclusões e bibliografia –, a tese traz uma bibliografia<sup>61</sup> majoritariamente francesa, com autores clássicos da História como Charles Seignobos, mas também com obras da área de Direito, Economia, Sociologia e Filosofia. Além dos brasileiros Alceu Amoroso Lima – com duas obras citadas – Basílio de Magalhães e Jonathas Serrano<sup>62</sup>. Possivelmente alguns desses autores, outrora utilizados na sua tese, embasaram as aulas de Gonçalo Rollemberg na FCFS em meados do século XX.

Investigando como seriam as aulas de “História da Civilização” em outros locais do país, constata-se que na FFCL da USP esta disciplina também era “ministrada nos três anos do curso e se desdobrava em Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea, oferecidas por um único professor. Nela o professor deveria demonstrar todo o conteúdo do processo histórico mundial” (ROIZ, 2004, p. 74). Este autor esclarece ainda que Emile Cornaet foi o primeiro professor a ministrar a cadeira de “História da

---

<sup>61</sup> Segue a transcrição da bibliografia da tese *Aspectos Economicos da Idade Média (1938) de Gonçalo Rollemberg Leite*: “CH. SEIGNOBOS – Histoire de la Civilisation au Moyen Age e dans les Temps Modernes; CH. SEIGNOBOS – Antiquité Romaine et Pré-Moyen Age; CH. SEIGNOBOS – Histoire Moderne jusqu’en 1715; J. DE CROZALS – Histoire de la Civilisation; CESAR CANTÚ – Histoire Universelle (tradução francesa); H. W. C. DAVIS – Europa Medieval (tradução espanhola); ANDRÉ MAUROIS – Historia da Inglaterra (tradução brasileira); EDWARD A. FREEMAN – General Sketch of European History; H. G. WELLS – The Outline of History; BASILIO DE MAGALHÃES – Historia do Comercio, Industria e Agricultura; ALCEU AMOROSO LIMA – Introdução à Economia Moderna; ALCEU AMOROSO LIMA – Problema da Burguesia; WERNER SOMBART – La Industria (tradução espanhola); M. LAFFON-MONTELS – Les Etapes du Capitalisme de Hammourabi a Rockefeller; BARNES – History of Western Civilisation; PIERRE BRIZON – Histoire du travail et des travailleurs; CARLOS GIDE – Compendio d’Economia Política (tradução brasileira); EMILIO WILLEMS – Elementos de Historia Geral da Economia; MONTESQUIEU – De L’Esprit des Lois; HEODOR STERNBERG – Introducion A la Ciencia del Derecho (tradução espanhola); HENRI CAPITANT – Precis de Legislation Industrielle; RENÉ FOIGNET et EMILE DUPONT – Manuel de Legislation Industrielle; E. THALLER – Traité de Droit Commercial; JACQUES MARITAIN – Humanisme Integral; JONATHAS SERRANO – Philosophia do Direito; HUBERT LEY – L’artisanat entité corporative; VICOMTE GEORGE D’AVENEL – La Proprieté Foncière de Philippe Auguste a Napoleon; VICOMTE GEORGE D’AVENEL – La Fortune Mobilière dans l’Histoire; VICOMTE GEORGE D’AVENEL – Le coût de l’a-meublement depuis sept siècles; VICOMTE GEORGE D’AVENEL – Les Accessoires de toilette; coiffures, armures et bijoux; EDMOND PLAUCHUT – Les Anciennes Provinces de la France-Le Berry; M. VICTOR DU BLED – La Franche- Comté; M. ALFRED DE FOVILLE – La Population Française; A. DIEUDONNÉ – L’Actualité d’Hier-Changes et Monnaies au Moyen Age” (LEITE, 1938).

<sup>62</sup> Sobre Jonathas Serrando, consultar Freitas (2008).

Civilização” na FFCL da USP, sendo substituído por Fernand Braudel no período de 1935 a 1937. A partir de 1938 ocorreu uma divisão “informal” dessa disciplina, entre Jean Gajé e seu assistente Eurípedes Simões de Paula.

Na Faculdade sergipana observamos um professor com uma formação e atuação na área do Direito, com mais de uma década de trabalho como professor de História na cobiçada congregação do Atheneu Sergipense, quando assumiu tais disciplinas na FCFS. Os conteúdos ministrados por esse jurista durante as três séries do curso de Geografia e História deram o tom de suas aulas e serão aqui analisados.

### **2.1.1 Dos “prolegômenos sobre História” à “Roma antiga”: as aulas de História da Civilização Antiga e Medieval**

As aulas de História da Civilização Antiga e Medieval concentravam-se na primeira série do curso, mas esta foi uma das mudanças ocorridas na grade curricular diante da reforma de 1962, quando essa disciplina foi desmembrada em duas outras, alocadas na primeira e segunda série do curso de História desvinculado da Geografia. Outro dado digno de nota é que mesmo com a denominação de “Antiga e Medieval”, o recorte temporal, tanto dos programas de ensino quanto aqueles registrados nas cadernetas, pouco aborda além do Império Romano, ficando para a disciplina de História Moderna os assuntos referentes ao chamado “medievo”.

No programa de ensino<sup>63</sup> adotado no período de 1952 a 1959, dos quarenta e quatro pontos somente cinco estudavam “Os bárbaros”, “Os árabes”, “A monarquia franco”, “A igreja no ocidente” e “O Império Bizantino”. Tais pontos, mesmo constando nos programas, eram os últimos da listagem e poucas vezes estavam anotados nas cadernetas como lecionados nas aulas do professor Gonçalo Rollemberg. Além disso com a modificação nos programas da disciplina ocorrida no ano de 1960, os pontos citados foram suprimidos e a abordagem da disciplina ficou restrita à chamada “Idade Antiga”. Mas o que era ensinado nas aulas de História da Civilização Antiga e Medieval?

As aulas começavam por abordar: “1-História. Definição. Divisões – Fontes e Métodos” ou tratando da “História: Conceito e Definições”. Estes temas eram

---

<sup>63</sup> Ver Anexo V, Quadro 06.

analisados em até três aulas, com diferentes denominações, conforme constam nas cadernetas: “Introdução à História”, “Preliminares da História”, “História – prolegômenos”, “Generalidades – cronologia” e “Cronologia – História – divisão”. Depois dessa sintética introdução, as aulas seguiam para o segundo ponto do programa intitulado: “A pré-história – A evolução da humanidade – as raças e povos” ou também “Pré-história e Proto-História”. Este assunto ocupava apenas uma aula do programa ou não era nem mesmo anotado na caderneta, como ocorreu no ano de 1954. É preciso salientar que o termo utilizado para tratar da “pré-história” era “evolução da humanidade”, possivelmente um indício de como a história era vista nesse curso (FCFS, Cadernetas de História da Civilização Antiga e Medieval, 1954-1959).

O programa continuava com a história do Egito em três pontos “O Egito. Síntese política”, “Religião e Arte no Egito” e ainda “Vida administrativa, social e econômica no Egito”. A partir de 1960, o ponto denominava-se “Os egípcios”. O estudo estava dividido em “Egito: síntese política” e “Egito: civilização”, ou “História do Egito” e “Civilização do Egito” (FCFS, Cadernetas de História da Civilização Antiga e Medieval, 1954–1959). Embora seguisse a mesma ordem na distribuição dos conteúdos, observa-se como o tema aparentemente perde espaço diante de outros assuntos. Contudo, ao analisarmos as cadernetas, fica explícito que continuam as duas ou três aulas que eram trabalhadas o assunto referente ao Egito, mesmo com a aparente redução no programa.

Ressalta-se a importância da civilização egípcia na formação daqueles futuros professores de História ao contrapormos o ponto dedicado a este assunto com diferentes povos da antiguidade, visto que outros povos eram debatidos em um só ponto ou dividiam um mesmo ponto do programa. Por exemplo: “A Suméria, o Elam e Caldéia – Síntese política”, com um destaque para o estudo da “Religião, ciências e arte na Caldéia”, já “Os fenícios”, “Os judeus”, “Os persas”, “Hititas e Egeus” ficavam em um ponto (FCFS, Programas de Ensino de História da Civilização Antiga e Medieval – FCFS, Relatórios Semestrais, 1951-1959). Mesmo com a mudança do programa a partir de 1960 lemos “4-Os Babilônios e Assírios”, “Os Medos e os Persas”, “Os Fenícios”, “Os Hebreus”, “Os Hititas e os Egeus”, “Os Hindus”, “Os Chineses” (FCFS, Programas de Ensino de História da Civilização Antiga e Medieval – FCF, Relatórios Semestrais, 1960-1962). Notamos aqui a entrada dos conteúdos: “Hindus” e “Chineses”, que até então não constavam nem nas cadernetas nem nos programas.

As cadernetas fornecem outros vestígios de como esses pontos eram trabalhados. “Os Assírios e Babilônios”, no ano de 1954, eram explicados como “assírios, babilônicos, sumérios, hititas (civilizações da Mesopotâmia)”. Já os “Hititas e Egeus” eram vistos da seguinte forma: “Hititas e Egeus – Hicsos, Mitanianos, Frígios, Cassitas e Lídios”, em 1956.

Tais assuntos geralmente se concentravam nos meses de março e abril e ocupavam uma média de sete a nove aulas acrescidas de duas ou três de uma “Introdução à História” e de uma ou duas de “Pré-História”. Constituíam, uma espécie de primeira parte da disciplina, pois após esses conteúdos ocorria aquilo que Gonçalo denominava de “Recapitulação e síntese” ou “Aula dialogada”, e só depois o estudo da Grécia.

As aulas dialogadas se repetem em duas ou três vezes. Faz-se necessário observar que tais anotações podem não corresponder efetivamente a uma revisão dos conteúdos, até então abordados, mas simplesmente a alguma estratégia do docente para aprofundar outro tema, ou mesmo para cumprir uma deliberação burocrática. Entretanto, o fato de essas “revisões” se repetirem após o término dos assuntos citados, mesmo que não tenham acontecido, induz-nos a pensar numa “divisão” da História ali trabalhada, antes do estudo mais específico sobre a Grécia. Ainda no tocante às chamadas “aulas dialogadas”, fica a dúvida de como estas ocorriam, tendo em vista o depoimento de Pina (2010) acerca das aulas de Gonçalo Rollemberg, quando diz: “[...] ele não gostava de ser interrompido. Se quisesse perguntar alguma coisa, ele dizia, ‘quando eu terminar pode perguntar o que quiser’. E assim se fazia”.

Portanto, pelo perfil traçado do professor Gonçalo Rollemberg Leite, seria pouco provável uma aula de intenso debate entre discentes e docente. Possivelmente ele dedicava tais aulas para que as dúvidas dos alunos fossem dirimidas antes da prova, de uma maneira organizada, pois suas avaliações eram temidas, e como ocorria pouca conversa na sala, as “aulas dialogadas” poderiam abrir espaço para os alunos.

Após essa “primeira parte da disciplina” começava o estudo da Grécia até as provas parciais de junho, ou mesmo chegando ao segundo semestre letivo, e em seguida a análise incidia sobre Roma. O estudo de Roma ocupava um número significativo de aulas em contraposição aos outros assuntos estudados na primeira série do curso. Mas antes do estudo de Roma ocorriam as primeiras provas parciais no mês de junho.

No caso da disciplina em foco, no ano de 1954 a primeira prova apresentou as questões: “1-Qual o rei do Egito, que quis reduzir todos os deuses a um só, o deus Sol? Que sabe da lenda dos argonautas e do seu simbolismo? Quais as principais manifestações da democracia grega?”. No segundo semestre desse mesmo ano, a avaliação foi uma dissertação: “Que sabe dos Triunviratos?”, além de quatro questões, uma relacionada ao governo de Trajano, outra sobre os imperadores Antoninos, e ainda uma sobre os escritores do século de Augusto e por fim um quesito sobre “Que sabe de Tácito?” (FCFS, Relatórios Semestrais, 1954). Visualiza-se uma avaliação baseada em nomes de reis ou seus feitos, lendas, modelos administrativos e ainda sobre escritores, vestígios da maneira de entender a História e o que seria crucial no aprendizado da disciplina.

Grécia e Roma ocupavam majoritariamente o programa de História da Civilização Antiga e Medieval, com 29 dos 44 pontos, de 1952 a 1959, e 30 dos 40, nos anos de 1960 a 1962. Neste sentido, inferimos que em meados do século XX no curso de formação de professores de História, o destaque ao estudar a Antiguidade era a história de Grécia e Roma. Tal afirmação, por mais que pareça óbvia necessita ser expressa diante do entendimento de que existe uma construção histórica que aponta se determinados conteúdos são “mais” ou “menos” significativos no estudo da História e se eles devem ou não ser apreendido pelos alunos. Deste modo, quando se observa que há mais de meio século esses conteúdos já tinham destaque nos programas de ensino de formação de professores, somos levados a pensar que tais temas têm se perpetuado como “mais importantes” em detrimento de outros.

Destarte, nos programas de ensino de 1952 a 1959 estudava-se “Grécia: o país”, “Os antigos tempos da Grécia”, “Os mitos – a Religião”, “Esparta – O socialismo do Estado”, “Atenas. A democracia”, “As colônias. As guerras médicas”, “A guerra do Peloponeso – Os tiranos”, “Supremacia de Tebas e Macedônia”, para depois focar “A civilização grega – O comércio”, “A civilização grega – As festas – Os jogos – O teatro”, “A civilização grega – As ciências e a filosofia”, “A civilização grega – A arquitetura, a escultura, e a pintura”, “A unidade helênica – A influência da civilização grega” (FCFS, Programas de Ensino de História da Civilização Antiga e Medieval – FCFS, Relatórios Semestrais, 1952–1959).

Pela exposição dos pontos percebe-se o conceito de país ao tratar da Grécia. Destaca-se também o estudo dos mitos e das várias facetas que compunham “A

civilização grega”, desde o comércio, as festas, jogos, teatro, ciências, etc., além de algumas aulas dedicadas ao estudo de Atenas e seu modelo democrático de governo e Esparta tida como socialista, algo que merece ser sublinhado ao tratar de um programa que estava sendo utilizado na formação de professores de História, em pleno contexto da Guerra Fria.

Nas cadernetas dos anos de 1951 a 1962, constam algumas diferentes maneiras de tratar os citados pontos, como “O esplendor de Atenas”, “A civilização grega – família, culto doméstico, sociedade, jogos, educação”. Outro tema que ocupava espaço nas aulas de História da Civilização Antiga e Medieval eram as “Artes na Grécia”, com duas aulas.

De 1960 a 1962, com a alteração nos programas de ensino, o estudo da Grécia, ficou mais geral, deixando de focar aspectos específicos como o estudo de Esparta, Atenas, as colônias gregas, e a partir de 1960 tratou: “Grécia: Tempos primitivos”; “Tempos Legislativos”, “Esplendor da Grécia”, “Guerras Internas”, “A Macedônia”, “Desmembramento do Império Macedônico”, “a sociedade e os costumes”, “a Religião”, “a vida política”, “a literatura”, “as Artes”, “as ciências”, e por fim “A economia” (FCFS, Programas de Ensino de História da Civilização Antiga e Medieval – FCFS, Relatórios Semestrais, 1960–1962).

Nas cadernetas, a maneira de anotar os temas pouco difere da dos anos anteriores, mesmo com as alterações no programa, lembrando que alguns pontos como “Grécia: a economia” já constavam nas cadernetas antes de estarem explícitos no programa. Todavia, duas aulas do ano de 1961, ao terminar o estudo da Grécia, tratam da “Leitura e comentário de Historiadores”, o que seria tratado em um curso superior de História, se não escritos de historiadores? Por que duas aulas voltadas para a “leitura e comentário” sobre determinados autores?

Uma resposta possível é que, como os livros eram raros na faculdade, possivelmente em alguns momentos esses alunos tinham contato com determinados autores, ao menos por meio de empréstimo do docente, e saíam do padrão de que todos apenas copiavam as preleções do professor Gonçalo. Este trabalho praticamente encerraria a primeira parte do semestre de aulas da disciplina, e a partir de agosto começavam os estudos sobre Roma, distribuídos da seguinte forma: “Povos itálicos e etruscos”; “Os reis”; “primeiros tempos da república”; “as conquistas”; “as lutas civis”; “O Império”; “Divisão do Império”; “O Direito Romano – O Estado”; “A Civilização

Romana. Ciências, letras e artes”; “Influência da civilização romana” e “O cristianismo” (FCFS, Programas de Ensino de História da Civilização Antiga e Medieval – FCFS, Relatórios Semestrais, 1952-1959).

O tema “Roma” ocupava cerca de três meses do ano letivo, geralmente de agosto a outubro, explorado nos seus diferentes aspectos, como mostram as anotações nas cadernetas: “festas, jogos, esporte, comércio”, “vida cultural em Roma” ocupou três aulas nas cadernetas de 1957, em contraposição a uma só aula sobre “vida econômica em Roma”. Isto denota certo interesse do professor Gonçalo Rollemberg sobre assuntos como a cultura dos povos, nesse caso ainda mais que a economia.

A partir de 1960 o assunto “Roma”, desmembrou-se nos seguintes pontos: “A Península Itálica”; “a Realeza”; “as conquistas”; “lutas civis”; “o Triunvirato”; “O Império”; “Divisão do Império”; “O Cristianismo”; “Os Bárbaros”; “a sociedade e os costumes”; “a Religião”; “a vida política e jurídica”; “a Literatura”; “as Artes”; “as Ciências”; “a Economia” (FCFS, Programas de Ensino de História da Civilização Antiga e Medieval, FCFS, Relatórios Semestrais, 1960-1962).

Diante da exposição do programa, investigamos o que pensava o professor sobre determinados assuntos lecionados aos seus alunos e professores de História em formação.

[...] Roma, permitiu ainda a entrada em seu território, a entrada dos bárbaros como os Visigodos e Borguinhões, aos quais eram dados dois terços das terras nas regiões que lhe designavam para estacionamento, terras que os chefes dividiam pelos principais dos bandos, ou por novos grupos de sua nação que por aí afluíam. Outros germanos como os francos, contentando-se a princípio com os despojos das conquistas, passada a fase destas, distribuíam a conquista da terra comprada assim a preço de sangue, aos companheiros de luta (LEITE, 1938, p. 03).

Os vocábulos “bárbaros” e “bandos” e a expressão “terras compradas ao preço de sangue” são vestígios do que pensava aquele professor sobre a desintegração de Roma e dos povos que ocuparam o território deste povo. Pela aproximação com a formação do professor Gonçalo Rollemberg Leite e pelas aulas que ministrava na Faculdade de Direito, o ponto 36 obtinha destaque nas cadernetas, como no ano de 1960: “Roma: instituições jurídicas e políticas: assembléias, magistraturas – o Estado, o município provincial, o Direito”; temas que deveriam contar com maior apreço do professor Gonçalo, consagrado como professor da área de Direito.

A análise das cadernetas da disciplina em foco também chama atenção pelas constantes anotações de “Trabalhos escolares”. Possivelmente existiam dois “estágios” ao longo do ano letivo, e as pesquisas bibliográficas nas quais consistiam tais “estágios” eram realizadas pelos alunos e apresentadas aos colegas no final de cada um dos semestres, antes da prova parcial. Então ocorria a “Distribuição dos estágios” nos meses de maio e setembro, e em junho, outubro/novembro os “Seminários” eram apresentados. Gonçalo geralmente enfatizava em suas cadernetas “Terminado o programa” e somente depois aparecem os trabalhos acadêmicos. Sobre estes, comenta Adelci Figueiredo Santos:

[...] trabalhos eu me lembro como hoje que Gonçalinho me fez um trabalho que até hoje guardo sobre a memória das igrejas, é [...] das igrejas batista, adventista, presbiteriana, eu fiz um trabalho, eu fui em cada uma dessas igrejas fazer o levantamento sobre a história desse grupo. Até hoje eu guardo o trabalho, tirei dez com ele, e ele não era fácil de dar dez não, mas ele me deu e eu guardo esse trabalho com muito carinho (SANTOS, 2010).

A fala da aluna chama atenção pela dificuldade de conseguir atingir as notas com o professor Gonçalo, além de alguns temas trabalhados na disciplina, que não figuram nos programas oficiais, nem mesmo nas cadernetas, como é caso de um estudo sobre a memória das igrejas, além de ressaltar também a maneira como a aluna faz referência ao professor “Gonçalinho”, talvez a forma como aqueles alunos o tratavam o sério Gonçalo Rollemberg Leite. Segundo descrição de Pina:

Doutor Gonçalo era um narrador por excelência. Bom timbre de voz, direto. Ele sentava lá na cadeira do professor, com um cigarro, emendava um cigarro no outro, fumava desbragadamente. Ele ficava com o cigarro até o toquinho. Mas contava a história e você tinha impressão de que estava assistindo ao fato. Era fabuloso! Às vezes se reclamava que era o mesmo método sempre, não sei mais o quê. Mas eu dizia, minha gente, doutor Gonçalo é o método, não precisa outro. O que ele explicava com aquela exposição, a gente ficava sabendo (PINA, 2010).

As aulas seriam entremeadas pela narração do fato histórico como método, que já era questionado por alguns alunos e defendido por outros, pois ele “contava a história e você tinha impressão de que estava assistindo ao fato”. Dessa forma, muitos alunos se

encantavam pelas aulas do professor Gonçalo, como ficou destacado nas entrevistas efetuadas. Outros percebiam a necessidade de novos métodos para o ensino da História.

Mais um elemento verificado, diz respeito a forma como as aulas eram ministradas; o professor sentado na cadeira dele e fumando, falando para os seus alunos, que anotavam o máximo que podiam de maneira rápida. Deste modo, possivelmente transcorriam as aulas sobre Egito, Grécia e Roma, entre outros temas do programa de ensino cujos conteúdos percorriam dos “prolegômenos” da História nas primeiras aulas do ano ao estudo de Roma, finalizando-as com o “julgamento de trabalhos” dos mais variados temas, realizados pelos discentes.

### **2.1.2 Da “igreja” aos “salões” franceses: as aulas de História da Civilização Moderna**

Na tentativa de vislumbrar os conteúdos explícitos ensinados a um professor de História em formação nos meados do século XX, percebemos que a História da Civilização Moderna, disciplina do segundo ano do curso de Geografia e História da FCFS, começava por tratar a “1-Sociedade Feudal” de 1952 a 1959 ou com o “Império do Oriente” de 1960 a 1962 e terminava suas atividades com “A sociedade nos séculos XVII e XVIII” (FCFS, Programas de Ensino de História Moderna – FCFS. Relatórios Semestrais, 1952–1962).

Pela análise dos programas de ensino<sup>64</sup> observamos como determinados assuntos que antes faziam parte do primeiro ano do curso, migraram para a série subsequente a partir de 1960; são eles: “O Império do Oriente”; “O Império Árabe” e “A Monarquia Franca”. Assim, mesmo constando no programa da série anterior, esses eram os primeiros assuntos trabalhados na disciplina de História da Civilização Moderna, de 1954 a 1960. Conforme as cadernetas, durante os meses de março e abril estudava-se: “Os árabes”; “Os bizantinos” e a “Monarquia Franca” subdividida em dois pontos: “Merovíngios” e “Carolíngios”. Só depois desses conteúdos iniciavam-se os trabalhos sobre “A Sociedade Feudal”. Isso só realça a necessidade de questionar devidamente as fontes e problematizar ainda mais o prescrito e o vivido.

---

<sup>64</sup> Ver Anexo V, Quadro 07.

Para saber um pouco mais do que pensava Gonçalo Rollemberg Leite acerca desse período da história, explora-se sua já citada tese. Ali ele afirmava que o feudalismo iniciava com Luiz, o Pio, e só se encerrava com a Revolução Francesa, o que também ocorria na distribuição de pontos do seu programa de ensino de 1951 a 1962 na FCFS. O docente entendia que “o feudalismo naturalmente se tornaria motivo de opressão e obstáculo para o progresso” (LEITE, 1938, p. 118). E complementa:

[...] regime social e político que dominou toda a Idade Média, e tirou o nome, das palavras germânicas *fee*, recompensa e *od*, propriedade, ou do vocábulo latino *findes*, o que parece mais provável, visto não se encontrar tal expressão na lei *salica* antes do século XI, e não possui-la outros idiomas germânicos, a não ser o inglês que o recebeu do normando (LEITE, 1938, p. 04).

Mesmo com uma formação em Ciências Jurídicas e Sociais, Gonçalo Rollemberg Leite mostra domínio de conteúdo ao tratar do feudalismo, até mesmo porque a Idade Média foi o tema escolhido para sua tese. Esse foi possivelmente um dos períodos históricos que mais chamavam sua atenção, e para quem a Idade Média chegava até a Revolução Francesa, quando finalmente foram abolidos os privilégios angariados no período feudal. Entendendo o feudalismo como motivo de empecilho para o progresso, e como um regime não só político, mas também social, além de buscar a origem etimológica da palavra em questão, dessa forma, Gonçalo Rollemberg fala da Idade Média em 1938.

Destarte, notamos como o professor entrevê esse período em que “[...] a Idade Média não foi um longo eclipse na história econômica da humanidade. O íato resultante da queda do Império Romano e da invasão dos bárbaros, atingiu, apenas a França e parte da Itália, e mesmo nestas regiões, se fez sentir tão só até o século XIII” (LEITE, 1938, p. 123). De modo que, uma das suas conclusões não se restringia a caracterizar a economia na Idade Média como um período de obscuridade, o candidato à cátedra de História da Civilização, relativiza a “escuridão” do feudalismo, afirmando que esse se limitou apenas a uma pequena parte da Europa e mesmo nesse espaço, as características mais efetivas do feudalismo só estavam presentes até o século XIII.

Nesse sentido, as ideias de Gonçalo Rollemberg expostas no citado trabalho podem ter contribuído para suas aulas de História da Civilização Moderna no curso de Geografia e História da FCFS, pois ali estava a base das suas concepções de História. Se esta análise estiver correta, os alunos do curso em foco aprendiam durante a graduação

uma história medieval baseada nos aspectos políticos e econômicos, mas com uma visão alargada da Idade Média, não a vislumbrando como “Idade das Trevas”.

Tal afirmação baseia-se também na discordância explícita de Gonçalo Rollemberg Leite das ideias de Edward Gibbon – não citado na bibliografia da tese –, de que no “intervalo entre a cultura e organização romana e o Renascimento”, ocorreu “uma longa noite de ignorância e de violência” (LEITE, 1938, p. 124). O professor aderiu ao pensamento de Henry William Charles Davis na obra *Europa Medieval*, e citando este, afirmava que a Idade Média logrou feitos de profunda reflexão, frutos de uma sociedade civilizada. Este seria um dos seus entendimentos sobre a História, que possivelmente contribuiu para a formação dos professores de História do ensino secundário de tantas escolas sergipanas.

Todavia, outros elementos da disciplina merecem destaque. Ao tratar do ponto denominado “A igreja”, ou mais precisamente “A Igreja Católica”, as anotações nas cadernetas variam: “Igreja na Idade Média – clero secular e regular – ordens mendicantes e inquisição”; “Questões com a Igreja”; ou simplesmente “A igreja católica”, tema geralmente trabalhado em duas aulas (FCFS, Cadernetas de História da Civilização Moderna, 1952-1962). Os escritos sobre o papel da Igreja na Idade Média, em sua tese, revelam um pouco de seu pensamento sobre essa instituição. Para ele:

A Igreja Católica teve um papel primacial no desenvolvimento econômico medieval, quer atuando diretamente, quer atuando indiretamente: condenando a escravidão, aproximando senhores e servos, criando um ambiente propício, a emancipação destes, entregando à cultura mediante simples arrendamento de grandes extensões de terra, dignificando o trabalho e estimulando-o com o exemplo de seus monges, servindo de laço de ligação entre o povo e o soberano, possibilitando àqueles locais para se reunir dando como modelo às organizações de suas cidades o regime comunal dos conventos, buscando fazer cessar a guerra privada, possibilitando um melhor entendimento entre os povos através de sua unidade espiritual, praticamente exteriorizada em uma língua universal, o latim, a ação da Igreja, antes que de repressão ou obstáculo, foi de estímulo e orientação, procurando manter um equilíbrio hierárquico entre os valores materiais e espirituais (LEITE, 1938, p. 122).

Nitidamente, o professor de História da Civilização Moderna possuía uma opinião de admiração pela igreja no período medieval. O destaque para a competência da igreja, o elo entre povo e o soberano, o latim como idioma universal, entre outros

aspectos, são citados por Gonçalo Rollemberg para legitimar sua concepção de que o papel da igreja no período medieval foi de “estímulo e orientação”.

Outros aspectos podem ser sublinhados, como por exemplo o ponto denominado “Civilização da Idade Média”, que possivelmente tratava de espaços e costumes dos europeus, com as descrições pormenorizadas características do professor Gonçalo, como afirma Dantas (2010). Nesse sentido, salientamos um de seus escritos sobre a vida na sociedade feudal.

A vida social era a princípio simples e modesta. O mobiliário do castelo compunha-se de mesas e bancos de madeiras; camas estreitas forradas com palha; caixa de vime para guardar vestidos. Havia peças de ouro e prata de grande valor, porém, trabalhadas sem arte e sem gosto. [...] O vestuário ressentia-se da falta de roupa branca; os nobres usavam uma camisa de lã fina, de custo elevadíssimo. Os tecidos eram grosseiros. A arte e a indústria, visavam antes a guerra, então constante do que o conforto (LEITE, 1938, p. 30).

Essas exposições detalhadas abarcavam desde os móveis, utensílios a roupas, além da constatação de que se trata de uma sociedade voltada para o mundo da guerra e não da comodidade. O zelo pela arte e pelo bom gosto também fica implícito no comentário do professor.

Entretanto, os assuntos lecionados na segunda série do curso prosseguiram para além da chamada Idade Média e versavam também sobre: “Os descobrimentos marítimos”; “O renascimento”, “A centralização monárquica” e “As revoluções inglesas” com a análise da França e da Rússia. Por fim, os programas tratavam da “Política colonial”; “O movimento intelectual nos séculos XVII e XVIII” e “A sociedade no século XVII e XVIII” (FCFS, Programas de Ensino de História da Civilização Moderna – FCFS, Relatórios Semestrais, 1952-1959).

Alguns pontos sofreram alterações de nomenclatura com a mudança no programa em 1960. Os vinte pontos anteriores deram lugar a quarenta. O desmembramento e incorporação de determinados assuntos merecem ser assinalados. Ocorreu a eliminação de “A política colonial”, assim como a incorporação de “As Cruzadas”, “A indústria e a corporação”; “O comércio e o capitalismo”; “O Desenvolvimento Cultural”, tanto das artes quanto das letras, além de tratar da “Guerra dos Cem Anos” e das “Invenções”. O ponto “A Europa do século X ao XV: a organização dos Estados (França, Inglaterra, Alemanha e Espanha)” deu origem a cinco

pontos: “O Sacro Império Romano Germânico”, “As Monarquias Feudais: a França”, “As Monarquias Feudais: a Inglaterra”. Outro ponto antes denominado “A crise religiosa do século XVI” desdobrou-se em três sobre “Reforma Religiosa”; pelo menos na nomenclatura ocorreu uma mudança no foco da abordagem: de “crise” para “reforma”, algo que contém outro sentido (FCFS, Programas de Ensino de História da Civilização Moderna – FCFS, Relatórios Semestrais, 1960-1962).

Pelas cadernetas observamos que o estudo das “Cruzadas” versava sobre “As Cruzadas na Europa: Reconquista da Espanha; reino de Portugal, Albigenses, Prússia”. Já na “Guerra dos Cem Anos: Joana D’Arc” – a camponesa seria o foco – ou mesmo algumas aulas sobre “A vida intelectual na Idade Média”, as quais não constam no programa (FCFS, Cadernetas de História da Civilização Moderna, 1953-1962).

Os assuntos que ocupavam um maior número de aulas nas cadernetas eram a “Formação dos Estados Nacionais” e “As reformas”, com uma média de quatro aulas. As cadernetas de 1960 apontam para a maneira como seriam organizadas as aulas sobre Reforma: “A Reforma Religiosa (Alemanha, Suíça, Noruega, Suécia)”; “A Reforma Religiosa (Inglaterra, Suíça, Escócia)”; “A Reforma Religiosa (França Guerra dos 30 anos)”; “A Reforma Religiosa: a contra-reforma”. Pelo exposto, estudavam-se as reformas em diferentes países da Europa e conseqüentemente as distintas variações desse tema.

Seguindo as preleções de Chervel (1990) sobre a importância das avaliações na construção da história de uma disciplina, observamos que no ano de 1952 o ponto sorteado para a prova foi o de número 4 dentre uma lista de dez pontos, sendo a avaliação composta de uma dissertação sobre a “Organização da Igreja. As Universidades. As Monarquias Feudais: a Espanha”. Somadas a essa dissertação mais três questões: 1- “De que mosteiro surgiu a reforma religiosa na Idade Média?” 2- “Qual a diferença entre Trivium e Quadrivium?” e 3- “Monarquias Feudais: A Espanha” (FCFS, Relatório Semestral, 1952/1).

Coincidentemente, ou talvez não, o ponto “sorteado” dentro de uma Faculdade Católica entre os dez foi justamente a Igreja, As Universidades e possivelmente o papel que da Igreja na constituição destas, e dentre as Monarquias Feudais, a espanhola é que vai se configurar como um dos reinos com maior proximidade e propagação do catolicismo pós – “descobrimientos marítimos”. As provas foram realizadas no mês de junho de 1952, e todas as alunas dessa disciplina obtiveram nota 5,0, com exceção de

uma discente, que fez a prova na segunda chamada obtendo média 9,0. O ponto sorteado na segunda chamada foi o de número 1, sendo a avaliação composta de uma dissertação sobre “A Espanha Feudal” e três questões: “1-A diferença entre investidura e homenagem”; 2- “Qual a República Italiana que a princípios era democrática e depois se transformou em oligarquia”; “3- Qual a república Italiana que era uma democracia?” (FCFS, Relatório Semestral, 1952/1).

Para a segunda prova parcial desse ano o ponto sorteado foi o de número 1. “1- Qual o pseudônimo que usava Lutero quando esteve preso em um dos castelos do Duque de Saxe? 2- Quais os dois grandes generais de Luís XIV? Para dissertação: “Salões e Literatura no século XVIII” (FCFS, Relatório Semestral, 1952/2). No tocante aos assuntos do segundo semestre de 1952, as alunas fizeram um trabalho sobre o “Renascimento nas letras”.

Pela análise das avaliações, percebemos um curso de formação de professores de História com uma atenção voltada para o aprendizado de nomes e fatos. Entretanto, nas questões discursivas o foco estava nas artes e literatura dos períodos estudados na disciplina. As maneiras como os alunos eram avaliados certamente influenciaram suas práticas em sala de aula, como professores, e para Gonçalo Rollemberg Leite, avaliar o aprendizado da História seria testar a memorização dos discentes.

Por fim, cabe ressaltar que na segunda série do curso de Geografia e História da FCFS o programa de ensino de História da Civilização Moderna estava descrito de forma a privilegiar um estudo eurocêntrico, concentrando suas análises num recorte temporal que historicamente foi construído como Idade Média e Idade Moderna. Notamos um ensino com foco nos “grandes Estados” da Europa, desde as suas organizações em diferentes Estados, até as suas revoluções e outros vários pontos que trabalhavam especificamente com França, Alemanha, Inglaterra, Rússia e Prússia.

Em meio ao estudo da igreja católica, as conversas de mulheres nos salões franceses do século XVIII e o entendimento de uma Idade Média que chegaria às “portas” da Revolução Francesa transcorriam as aulas de História da Civilização Moderna, ministradas com detalhes de um “viajante do tempo”, defensor do papel da Igreja no feudalismo, contestador das ideias de Edward Gibbon e colaborador do pensamento Henry William Charles Dawis. Gonçalo Rollemberg Leite certamente não limitou a sua visão da história à escrita de *Aspectos Econômicos da Idade Média* em 1938, mas contribuiu sobremaneira para formação de professores de História que

frequentaram os bancos do curso de Geografia e História da FCFS em meados do século XX.

### **2.1.3 Um estímulo à “curiosidade”: traços da História da Civilização Contemporânea**

Depois de cursar as disciplinas História da Civilização Antiga e Medieval e História da Civilização Moderna, os alunos do curso de Geografia e História completavam o percurso com o estudo da contemporaneidade. O recorte temporal da disciplina compreendia do final do século XVIII, com a Revolução Francesa a primeira metade do século XX com o desenvolvimento científico, industrial, artístico e literário.

De antemão, cabe ressaltar que o programa de ensino<sup>65</sup> da disciplina em análise a princípio não estava estruturado em pontos como os demais, mas sim em unidades com espécies de subitens. Durante seis anos o programa esteve dividido em doze unidades, a saber: “A Revolução Francesa”; “O Primeiro Império Francês”; “Liberalismo e Socialismo”; “O movimento intelectual na Europa na 1ª metade do século XIX” e “Evolução política da Europa até 1914”. Estes temas ficavam concentrados no primeiro semestre letivo, com um estudo majoritário sobre a Revolução Francesa, que ocupava praticamente dois meses de aulas. Logo depois as unidades versavam sobre “A Igreja Católica”; “As potências europeias na Ásia e na África”; “Transformação da indústria e do comércio = evolução econômica da Europa”; “O movimento intelectual na segunda metade do século XIX”; “A primeira grande guerra”; “O período entre guerras”; e por fim os “Caracteres gerais da civilização contemporânea” (FCFS, Programas de Ensino de História da Civilização Contemporânea – FCFS, Relatórios Semestrais, 1953-1959).

As chamadas unidades eram fragmentadas entre dois e dez pontos cada. As nomenclaturas desses pontos se aproximavam das anotações de determinados assuntos nas cadernetas da disciplina. Mas a partir de 1960, as citadas unidades são desmembradas em quarenta pontos, e os programas das três disciplinas lecionadas por Gonçalo Rollembergue Leite, “as Histórias da Civilização”, sofreram uma espécie de uniformização, todas com a mesma quantidade de pontos e forma de organização.

---

<sup>65</sup> Ver Anexo V, quadro 08.

A primeira unidade se desmembrou em oito pontos: “A França em 1789: Causas gerais da Revolução Francesa”; “Os Estados Gerais e a Assembléia Constituinte”; “A Assembléia Legislativa”; “Os Girondinos. A Ditadura Montanhesa”; “Ditadura de Robespierre”; “Reação Termidoriana”; “A convenção e os exércitos republicanos. A obra da convenção”; “O Diretório” e “O Consulado” (FCFS, Programas de Ensino de História da Civilização Contemporânea – FCFS, Relatórios Semestrais, 1960-1962).

Ao contrapor tais assuntos com as cadernetas da disciplina de março e abril 1960, percebemos uma distribuição das aulas que seguiu a ordem e a nomenclatura dos pontos citados, com uma aula por ponto. Depois desses assuntos as aulas seriam sobre: “O primeiro império”; “A formação do grande império”; “O apogeu do Império. As Resistências nacionais”; “Queda do Império”; “A Restauração na França” e “A Monarquia de Julho”. Outros pontos também compunham o programa, como “O Congresso de Viena. A Santa Aliança”; “A Política Européia de 1815-1848”; “O Romantismo literário e artístico”; “Progresso da Ciência e transformações econômicas na primeira metade do século XX”; “A evolução da Igreja Contemporânea” (FCFS, Programas de Ensino de História da Civilização Contemporânea - FCFS, Relatórios Semestrais, 1960-1962). Esses eram os temas que compunham o primeiro semestre de aula.

Alguns pontos encontram-se mais bem explicitados nas cadernetas. Por exemplo, ao falar da política internacional do período de 1815 a 1848, tratava-se da Grécia, Bélgica e Egito. Já a “Evolução da igreja” era tratada da seguinte forma: “A Igreja católica no século XIX – Gregório XVI, Pio X, Leão XIII, os católicos liberais e os “velhos católicos” – os partidos católicos (FCFS, Cadernetas de História da Civilização Contemporânea – 1960 - 1961). A questão do Socialismo seria trabalhada na aula “Transformações Econômicas: O Socialismo”, na qual se falava também de “Escolas econômicas” (FCFS, Cadernetas de História da Civilização Contemporânea-1956).

Em seguida tratava-se do “Segundo Império” e da “Segunda República” na França e do processo de unificação da Itália e da Alemanha. Discutia-se ainda acerca da “Questão do Oriente”, “A Terceira República Francesa” e os impérios britânico e alemão, além da “Rússia no século XIX” e “O Dualismo Austro-Húngaro”. O estudo da Europa prosseguia pela “evolução democrática da Suíça” chegando à “Península Ibérica no Século XIX” e ao “Extremo Oriente”.

Saindo do território europeu abordava-se o assunto “Os Estados Unidos até 1914” e as “Relações Internacionais de 1871-1914”. Este ponto seria uma espécie de introdução para “A Primeira Guerra Mundial”, logo depois falava-se do “Período de entre-guerras” e dos “Problemas internacionais de após-guerra”, chegando à “Segunda Guerra Mundial”. Para encerrar as aulas de História da Civilização Contemporânea, fugia-se da história política predominante na disciplina e estudava-se “A Renovação literária e artística (1850-1950)” e “O desenvolvimento científico e industrial (1850-1950)”.

Todos os pontos arrolados seriam lecionados em uma aula, como consta nas cadernetas da disciplina, com algumas exceções, como o estudo da “3ª República Francesa”, “A primeira guerra mundial” ou a “Vida intelectual no século XIX”, o que constantemente ocupava duas ou três aulas. Tais anotações nas cadernetas corroboram com as palavras de Dantas (2010), quando esta afirma que: “[...] Quando Gonçalo dava as aulas de História ele abria o leque para falar das artes, da literatura da Europa”. Em uma dessas aulas o ponto seria a Rússia. E a ex-aluna prossegue:

[...] quando chegou na Rússia, ele falou da literatura russa e falou de “Guerra e Paz”<sup>66</sup>. E apresentou de uma forma assim; ‘Guerra e Paz’ é um livro que você não consegue passar da décima página, é um livro muito chato, o tempo todo com guerra, guerras napoleônicas. Eu fiquei com aquilo na cabeça: por que você não consegue passar da décima página? No final do ano, e aí já estavam chegando as férias, eu costumava passar as férias na fazenda de meu pai. [...]. Estávamos de viagem marcada para a fazenda, quando eu vi anunciar no Palace o filme ‘Guerra e Paz’. Eu disse: vou ver esse filme. Aí meu pai antecipa a viagem, [...]. Ah! Mas eu fiquei desolada [...] minha mãe mandou fazer umas compras e eu passei na livraria, quando eu cheguei, vi em cima do balcão ‘Guerra e Paz’, dois volumes imensos. Eu disse, pois é esse o livro que eu vou levar para ler nas férias. Aí voltei pra casa, meu pai me deu o dinheiro para comprar, comprei e levei (DANTAS, 2010).

O depoimento de Beatriz Góis Dantas ajuda a adentrar um pouco mais nas aulas de História da Civilização Contemporânea. Primeiro, o fato de o docente gostar de literatura – inclusive ele foi professor da disciplina Literatura Portuguesa e Brasileira para os cursos de Letras na FCFS – poderia refletir em suas aulas de História; segundo, referências a um romance citado na aula, possivelmente um livro que influenciava as

---

<sup>66</sup> “Guerra e Paz” é um romance que narra a história da Rússia na época das invasões de Napoleão Bonaparte, escrito por Leon Tolstói e publicado entre 1865 e 1869.

ideias transmitidas pelo professor e a importância da figura do docente na condução da disciplina.

A fala de Gonçalo Rollemberg Leite apontando a dificuldade da leitura da obra causou inquietação na aluna e transpôs a sala de aula, chegando a ser lembrada ao visualizar a propaganda de um filme ou de um livro. Outro ponto digno de nota é o cotidiano das alunas do curso de Geografia e História e mesmo da Aracaju de meados do século XX. O relato de Dantas (2010), como também o de Santos (2010), certamente coincidem com o de outras discentes, cujos pais eram proprietários de terras e iam para o interior do estado durante as férias escolares. E as alunas mais dedicadas ao estudo até efetuavam leituras durante esse período de recesso. Ainda sobre a citada obra, Dantas (2010) complementa:

E aí foi uma coisa desafiadora porque eu sempre soube que era um livro que não se passava da décima página e aí comecei a ler, comecei a ler e terminei me envolvendo, me apaixonei por uma figura desse livro “Guerra e Paz”, Natacha e o romance com o príncipe André (risos). Quando eu via já tava longe. Quando chegaram as batalhas eu não conseguia mais deixar o livro. Realmente eram muitas batalhas, hoje eu vejo os personagens todos de “Guerra e Paz” e aí fui embora e fiquei apaixonada pelo livro. Então a leitura de “Guerra e Paz” foi muito esse desafio de Gonçalo. A partir das aulas de Gonçalo foi incitada a minha curiosidade (DANTAS, 2010, grifo nosso).

Dessa forma, percebemos como a fala de Gonçalo Rollemberg Leite era capaz de estimular curiosidade em seus discentes, assim como o conhecimento histórico ali produzido, baseado também em romances e na narração de determinados fatos. No caso específico, o ponto trabalhado seria a Rússia, quando o professor cita o livro “Guerra e Paz”.

Conforme as cadernetas de História da Civilização Contemporânea de 1957, no mês de março os assuntos foram a “Sociedade e a cultura no século XVIII” e “Economistas e filósofos do século XVIII”. Já as oito aulas seguintes sobre “Revolução Francesa” não tinham maiores especificações.

Levando-se em consideração que o período de graduação de Maria Lígia Madureira Pina é de 1955 a 1958, deduz-se que ela era aluna da terceira série de História da Civilização Contemporânea no ano de 1957. Ao analisarmos o caderno escolar dessa aluna, evidenciamos que as aulas começaram com um estudo da

sociedade, cultura, economistas e filósofos do século XVIII (PINA, s/d), temas que teoricamente faziam parte do programa da segunda série do curso.

Segundo as anotações no caderno de Pina (s/d), a Europa no século XVIII estava dividida em três classes: nobreza, clero e povo, mas entre a nobreza e o povo surgiu uma nova classe: a burguesia, e depois desta vinham os artesãos filiados às corporações. Caracterizam-se também as vestimentas, casas e ruas de Paris do século XVIII e destacadamente as reuniões de nobres e intelectuais nas cortes, primeiramente nos “Cafés” e depois nos “Salões”.

“Os salões tiveram muita importância na história da Europa e principalmente na França. As mulheres tiveram o ponto alto de sua vida, principalmente cultural. Estas regiões eram dirigidas por senhoras, as quais faziam questão de abrir os seus salões” (PINA, s/d). A partir dessa afirmação citam-se os nomes de várias mulheres, as quais Maria Lígia Madureira Pina (2010) menciona em entrevista ao ser questionada sobre as aulas de Gonçalo Rollemberg Leite, possivelmente depois de reler suas anotações e recordar algumas das tantas mulheres que inspiraram suas pesquisas ao ser avisada previamente sobre o tema da entrevista. Pina afirma:

Foi sobre a sociedade e a cultura no século XVIII, porque trata sobre a mulher. A mulher entrou muito nessa parte cultural, a abertura dos seus salões aos intelectuais, as mulheres já se sobressaíam. Da passagem do XVIII para o XIX surgiram mulheres magistras como Madame de Geoffrin, Madame Duffont, Madame Roland, Mademoiselle Lespinasse. Essas mulheres influenciaram na abertura dos horizontes femininos. Veja que, não lembro se Madame Geoffrin ou Madame Duffont, uma das duas, era tão importante que foi quem indicou o nome de D’Alembert para a Academia. Eram mulheres extraordinárias. E depois surgiram as escritoras George Sand, Madame Stael [...] um grupo maravilhoso de mulheres que está registrado em ‘A Mulher na História’ (PINA, 2010).

Indubitavelmente, as aulas na década de 50 do século XX deixaram marcas naquela aluna, pois as mulheres citadas, em meados de 1950, pelo professor Gonçalo Rollemberg Leite, possivelmente serviram de estímulo para as pesquisas da historiadora, professora de vários colégios aracajuano e membro da Academia Sergipana de Letras, com uma vida dedicada ao estudo da história das mulheres.

Dessa forma, sublinhamos mais uma vez que os contornos de uma disciplina não se circunscrevem ao ambiente da sala de aula, pois pelo indício da fala da ex-aluna

inferimos que a disciplina em foco conseguiu “moldar” determinadas concepções e interesses pela história. Como um exemplo disso temos os vários trabalhos de Maria Lígia Madureira Pina com o foco na compreensão da história das mulheres. A entrevistada faz questão de mencionar as mulheres citadas naquela aula e que também constam em uma obra de sua autoria<sup>67</sup>. Deste modo, o presente estudo almejou também cumprir as indicações de André Chervel (1990, p. 209) quanto a uma das tarefas do historiador das disciplinas, que é dar “conta da eficácia do ensino, e da transformação efetiva dos alunos”, diante da aculturação sofrida por eles no ambiente escolar, apontando aqui como as disciplinas foram “eficazes” naquilo que estavam propondo.

Prosseguindo a análise do caderno de Pina (s/d) observa-se que ao tratar de “Economistas e filósofos do século XVIII”, Gonçalo Rollemberg Leite dividiu a aula em cinco tópicos: “Financistas”, “Letras”, “Artes”, “Música” e “Ciências”. Sobre os financistas, afirmou que estes eram mal vistos na sociedade, pois seriam como ladrões; e citou Voltaire para fazer sua crítica. Voltaire também é um dos três filósofos mencionados na parte referente às “Letras”, em conjunto com Montesquieu e Jean Jaques Rousseau, descrevendo de forma sintética cada uma das obras de todos eles.

Cabe destacar a fala acerca da obra “O Espírito das Leis”, de Montesquieu, como: “[...] o primeiro livro de Sociologia. Mostra que o homem muda de opinião, conforme o meio, o clima, a raça” (PINA, s/d, s/p.). Salientamos que esse livro consta na bibliografia da tese defendida por Gonçalo Rollemberg Leite em 1938. Este pode ser mais um vestígio de que as ideias dos autores utilizados pelo docente na década de 1930 ainda se faziam presentes às suas aulas no curso de Geografia e História da FCFS.

No tocante ao estudo das “Artes”, ressaltou o pintor Antoine Watteau com sua arquitetura de peças pequenas e as mobílias leves e de cor clara. Já na “Música” abordou J. S. Bach, Wilhelm Richard Wagner e Wolfgang Amadeus Mozart, e por fim “As Ciências”, com o inglês Issac Newton e o francês René Descartes, além de uma série de inventores e suas proezas (PINA, s/d).

Além desses conteúdos, o caderno de Pina (s/d) contém cinquenta e oito páginas com diferentes anotações acerca da Revolução Francesa e os seus desdobramentos, divididas em espécies de cinco “grandes aulas”. Na ordem em que se localizam no caderno encontra-se: “A Convenção – Queda dos Girondinos – Ditadura Montanhesa”;

---

<sup>67</sup> PINA, Maria Lígia Madureira. **A mulher na história**. s.l.: s.e., s.d.. 404 p.

“Obra Administrativa e Militar da Convenção Nacional”; “Ditadura de Robespierre”; “O Diretório” e “O Consulado”. E ainda duas páginas com anotações sobre a “Restauração Francesa” e nove páginas desordenadas tratando da “Assembléia Legislativa” e a “Constituinte”.

Pelo exposto no caderno citado, o professor trabalhava com espécies de “esquemas” do que seria visto no decorrer da aula, logo no início desta. Tomando como exemplo o assunto “A Convenção” foi assim tratado: “1º Abolição da Realeza; 2º Rivalidade entre girondinos e montanheses; 3º A execução do rei; 4º Queda dos Girondinos; 5º Ditadura revolucionária; 6º Terra: levantamento, lei do máximo, descristianização, execuções” (PINA, s/d). Ou a “Ditadura de Robespierre” subdividida em “1º Robespierre e a política igualitária Hebert e Danton; 2º Ditadura de Robespierre: O Ser supremo, O G. Terror; 3º O Termidor; 4º Transformação, Eliminação dos jacobinos, Renascimento Católico; 5º Insurreição: jacobino, realistas” (PINA, s/d).

Depois da apresentação dos “esquemas” transcorriam as aulas. As anotações demonstram que Gonçalo Rollemberg procurava todo momento dar vivacidade à história contada, com diálogos constantes dos personagens. Segundo Santos (2010) “[...] era como se ele estivesse vivendo a História e a gente copiava”. Algumas dessas passagens copiadas podem ser coletadas no caderno de Pina (s/d).

Ao tratar da “Convenção – Queda dos girondinos. Ditadura montanhesa” Gonçalo Rollemberg, aparentemente, fez uma breve introdução sobre o assunto e depois tratou do julgamento do rei da França. Segue “sua” descrição do fato, anotadas por uma aluna:

A 1ª questão que deveria responder era a seguinte: ‘É o rei culpado de conspirar contra a segurança nacional e as liberdades públicas?’ Responderam sim por unanimidade; os que não quiseram dizer sim, se abstiveram de votar. A segunda pergunta foi ‘o julgamento desta convenção deverá haver apelação para o povo?’ A maioria respondeu que não’. 3ª Questão: ‘Deve ser imposta a pena de morte de Luís XVI da França?’ Num total de 721 deputados, foi condenado por 53 votos de maioria. [...]. 4ª Questão: ‘Deve-se aplicar imediatamente a pena de morte ou retardar [...]’ Responderam que se devia executar imediatamente e não esperar tempo nenhum. [...] Antes da execução um padre fez um pequeno discurso exclamando ‘Um filho de S. Luís subirá ao céu’. Luís XVI falou ao povo, declarando que estava inocente; mas os tambores ruflaram e a guilhotina caiu (PINA, s/d).

Essa é uma história narrada com a descrição de fatos como se tivessem ocorrido exatamente dessa forma. Com sua fala segura e caráter sério, possivelmente provocava o convencimento daqueles futuros professores de História. Destaque também para o diálogo, com perguntas e respostas acerca da execução, a opinião da Igreja diante dos acontecimentos e o final da exposição digna de um espetáculo “os tambores ruflaram e a guilhotina caiu” (PINA, s/d).

E as narrações prosseguiam. Por exemplo, quando tratava do período do “Terror” na Revolução Francesa, descrevia a execução de “22 girondinos que caminharam para o patíbulo, cantando a Marselha”. Entre os condenados estaria Mme. Rolland, que “Na hora da execução, olhando para a estátua da liberdade que se erguia ao lado exclamou: Liberdade, quantos crimes se comete em teu nome! Morreu com serenidade e firmeza” (PINA, s/d).

Cabe salientar a exaltação de uma figura feminina já citada em outra aula de História da Civilização Contemporânea, a qual possivelmente se tratava de uma mulher que marcou a formação de Gonçalo Rollemberg. As conclusões de suas aulas constantemente faziam exaltação àquele país. Ao concluir “Convenção” consta “Depois de tudo isto a França conseguiu vencer a Europa e a Revolução triunfou, o que não teria sido possível de outro modo”. Já sobre o “Consulado” lê-se: “[...] conseguiu organizar toda a França”. E ao tratar de Napoleão Bonaparte: “Toda obra da Revolução foi destruída por Napoleão” (PINA, s/d).

Desse modo, transcorriam as análises da Revolução Francesa, com destacados personagens e suas falas, apóstrofes e exposições que denotam um docente com certo apego pela França. Segundo Oliveira (2009c), a formação de Gonçalo Rollemberg Leite também perpassava a Economia, Política, Psicologia e Literatura Francesa, sendo a última cursada no Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura. A autora também cita o depoimento de uma irmã do jurista, Clara Leite de Resende, falando sobre a formação humanista de Gonçalo, e afirma que a família contava com uma biblioteca no engenho da Fazenda Angico. Nesse sentido, desde a infância a sua formação literária contou “[...] com uma seleção cuidadosa de obras dos clássicos e revistas, como as ilustrações francesas, noticiando os acontecimentos que ocorriam na Europa e no mundo” (RESENDE, apud OLIVEIRA, 2009c, s/p).

Tais leituras efetuadas na infância, aliadas a um curso de literatura francesa e à sua formação no ensino superior, certamente contribuíram para as diferentes aulas de

História da Civilização ministradas no curso em foco. Além disso, podem explicar, em certa medida, como o professor conseguia fazer tantas descrições pormenorizadas de fatos e personagens de determinados momentos históricos.

Com uma análise das três disciplinas ministradas por Gonçalo Rollemberg Leite no curso de Geografia e História da FCFS, inferimos que as aulas deixaram lembranças nos seus discentes e certamente influenciaram no entendimento dos aspectos relacionados à História ali discutida, desde as suas divisões cronológicas e assuntos, como a postura do professor e sua maneira de narrar os acontecimentos. Isto porque, conforme Dantas (2010), Gonçalo era um homem culto e muito interessado em assuntos como a cultura e arte em geral, temas que ele descrevia por meio de detalhes de países, monumentos, personagens, batalhas e lugares que foram palcos de determinados fatos históricos. Nas palavras de Adelci Figueiredo Santos (2010), a aula de Gonçalo Rollemberg Leite:

Era magistral, ele passeava durante todo o tempo [...] ele era sisudo, mas uma pessoa do coração grande, muito bem formado, inteligentíssimo e de uma memória impressionante, impressionante, ele falava durante cinquenta minutos ininterruptamente e ninguém cansava, as aulas dele eram assim (SANTOS, 2010).

Aulas pouco dialogadas com uma fala constante e que impressionavam os alunos; e apesar de sério, conseguia ao menos conquistar o carisma dos seus discentes. Contudo, sem sombra de dúvidas, algo que também marcou a história ministrada pelo professor Gonçalo Rollemberg Leite era o fato de ele fumar sem parar, um cigarro após o outro, durante toda a aula. Este fato foi mencionado e ressaltado por todos os ex-alunos entrevistados, e embora não constem nos documentos oficiais, certamente “entre nuvens de fumaça” transcorriam as aulas da chamada “História da Civilização”, tripartida em “Antiga e Medieval”, “Moderna” e “Contemporânea”.

## **2.2 Da “origem de Portugal” às “Artes no Brasil”: as aulas de História do Brasil**

A cadeira “XXVII. História do Brasil” no curso de Geografia e História da FCFS dividia-se em duas disciplinas, ministradas uma na segunda série, que perfazia o recorte cronológico do século XV ao XVIII, e outra na terceira, na qual os marcos

abarcavam desde o século XIX com a chegada da família real ao Brasil até “A Revolução de 1930”. Essas disciplinas foram ministradas pelos professores Fernando Barreto Nunes, José Bonifácio Fortes Neto, José Silvério Leite Fontes e Maria Thétis Nunes.

Chervel (1990) afirma que um dos fatores determinantes na evolução de uma disciplina é a taxa de renovação do corpo docente. Neste sentido, esboçamos um perfil biográfico dos docentes das disciplinas de História do Brasil para entender um pouco mais as aulas ministradas na FCFS e as mudanças, ou não, ocorridas na disciplina diante da alteração no quadro de professores.

A primeira docente de História do Brasil no curso, Maria Thétis Nunes, diz: “Na faculdade eu ensinei História e Geografia, no começo por conta das dificuldades, [...] depois passei para História do Brasil, minha disciplina mesmo foi História do Brasil”. (NUNES, 2007). Segundo Vinão, as disciplinas também são:

[...] apropriações por grupos de determinados professores, de espaços sociais e acadêmicos: formando reservas exclusivas assim configuradas como consequência de sua apropriação, por alguns professores determinados, reconhecidos como professores destas disciplinas por sua formação (VINÃO, 2008a, p. 204).

Dessa forma, Thétis ficou reconhecida como a professora de História do Brasil da FCFS, apropriando-se desse espaço acadêmico de tal forma que, mesmo distante de Sergipe por alguns anos, quando retornou ao Estado reassumiu as disciplinas. Este exemplo demonstra que também existia disputa pelo espaço de determinadas disciplinas na Faculdade de Filosofia sergipana, pois quando voltou a sua terra natal, Thétis Nunes automaticamente ocupou o lugar de um professor que ministrava a disciplina em meados da década de 1960.

A professora e pesquisadora Maria Thétis Nunes configura-se como um dos nomes que deixaram marcas indelévels na história de Sergipe. Com uma vasta produção bibliográfica<sup>68</sup> e larga atuação no âmbito educacional, perpassando várias instituições

---

<sup>68</sup> Pesquisadora incansável, Maria Thétis Nunes publicou dezenas de artigos e mais de vinte livros. Desde a década de 1960, a historiadora escreveu na área da História da Educação e na década de 1980 publicou a única síntese dessa temática da historiografia sergipana (NUNES, 2009). Conforme Dantas (2009), as obras de Maria Thétis Nunes são: *A Civilização Árabe, sua influência na civilização ocidental*. Aracaju, 1945. *Ensino Secundário e Sociedade Brasileira*. MEC / ISEB, 1962; *Sergipe no Processo da Independência do Brasil*. UFS, 1972; *Sílvio Romero e Manoel Bomfim: Pioneiros de uma Ideologia Nacional*. UFS, 1976; *História de Sergipe a partir de 1820*. Editora Cátedra / MEC, 1978; *Geografia*,

em diferentes momentos históricos, legou mais de meio século de intenso trabalho. Dentre as várias facetas da sua atuação como educadora, historiadora e pesquisadora, detêm-se aqui nas suas aulas de História do Brasil na FCFS<sup>69</sup>.

Maria Thétis Nunes foi uma das fundadoras da Faculdade. No início ela era a única mulher que fazia parte do seu corpo docente, como também a singular professora que tinha uma formação específica na área que lecionava. Em entrevista, Thétis afirmou que, para lecionar na FCFS, independia de convicções ideológicas, o que contribuiu para atuar na instituição, tendo em vista sua fama de subversiva.

Essa amiga do Padre Luciano Duarte assumiu três disciplinas na FCFS: na 1ª série Geografia Física, depois História do Brasil, e ainda Administração Escolar. Assim, Maria Thétis Nunes lecionou nos quatro anos da primeira turma graduada em Geografia e História, de 1951 a 1954.

Thétis Nunes era uma das professoras mais atuantes nessa faculdade. A partir de 1953, ela ficou responsável por mais de uma disciplina, ensinando concomitantemente na segunda, terceira e quarta séries do curso de Geografia e História. Todavia, em meados de 1956 ela deixa as aulas no curso, como também o estado de Sergipe, para frequentar o ISEB.

---

*Antropologia e História em José Américo*. João Pessoa, 1982 (Manuel Correia de Andrade, Maria Thétis Nunes, José Otávio Melo); *História da Educação em Sergipe*. Paz e Terra / Governo do Estado de Sergipe / UFS, 1984; *Manuel Luís Azevedo d'Araújo, Educador de Ilustração*, INEP/ MEC, Brasília, 1984; *Sergipe Colonial I*. Tempo Brasileiro / UFS, 1989; *Ocupação Territorial da Vila de Itabaiana*. Separata dos Anais do VIII Simpósio dos Professores Universitários de História. São Paulo, 1976; *A Política Educacional de Pombal e sua repercussão no Brasil-Colônia*. Separata dos Anais da II Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH), 1983; *Manoel Bomfim (1868/1932)*. Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, nº 155, 1994; *O Poder Legislativo e a Sociedade Sergipana*. Anais da XIV Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH), 1994; *As Câmaras Municipais. Sua atuação na Capital de Sergipe D'El Rey*. Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH), 1995; *O Brasil Nação, de Manoel Bomfim, na Historiografia Brasileira*. Separata dos Anais da XVII Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH), 1997; *A Contribuição de Felisbello Freire à Historiografia Brasileira*. Separata dos Anais da XVI Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH), 1996; *Sergipe Colonial II*, Tempo Brasileiro, 1996; *Catálogo dos Documentos Avulsos da Capitania de Sergipe (1619 - 1822)*. Arquivo Histórico Ultramarino, UFS, 1999; *Sergipe Provincial I*, Tempo Brasileiro, 2000; *Sergipe Provincial II*, Tempo Brasileiro, 2006.

<sup>69</sup> Alguns pesquisadores estudaram diferentes aspectos da vida e obra de Maria Thétis Nunes: Oliveira (1997) e Santos (1999) fazem estudos biográficos de Thétis Nunes; Oliveira e Alves (2010) analisam suas aulas de História do Brasil na FCFS e um esboço da sua biografia. Já a Revista do Mestrado em Educação/UFS (2004) contém um dossiê com trabalhos apresentados na 7ª Semana de História da UFS deste mesmo ano, dedicada a *Historiografia de Maria Thétis Nunes*, com contribuições variadas, a revista aborda diferentes aspectos da vida e obra de Thétis Nunes. Obviamente, os trabalhos citados não são os únicos que versam sobre Maria Thétis Nunes, e as reflexões aqui delineadas servem como lupas para nos aproximarmos daquela professora da FCFS, sendo esta uma parte de sua vida cronologicamente anterior à maioria das discussões aqui arroladas, pois tratamos do período anterior a sua ida ao ISEB, à Argentina, ao seu trabalho na UFS e a sua vasta produção bibliográfica.

Após a saída de Thétis Nunes, José Silvério Leite Fontes assumiu a turma de História do Brasil na segunda série e José Bonifácio Fortes Neto da terceira. Entretanto, aparentemente esse seria mais um “arranjo” para que os alunos não ficassem sem aula, pois a partir de 1957 Silvério Fontes começou a ensinar História do Brasil para a segunda série e Fernando Barreto Nunes para a série subsequente.

Bonifácio Fortes<sup>70</sup> era o professor responsável pela disciplina de Geografia Humana no curso em análise, permanecendo ali por quinze anos. Desde 1948, exercia a docência. Após a aprovação em primeiro lugar no concurso de suficiência<sup>71</sup> para lecionar História Geral e História do Brasil, trabalhou na Escola Normal Rui Barbosa e no Colégio Tobias Barreto (FONTES, 1981). Já na FCFS teve passagem modesta pela História, sendo lembrado pelos ex-alunos do curso como o professor da “área” da Geografia.

Caso semelhante foi o de Fernando Barreto Nunes, irmão de Maria Thétis Nunes, o qual cursou Direito na Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro, e após a formatura, em 1948, lecionou no Atheneu Sergipense, na Escola Normal, na

---

<sup>70</sup> Ibarê Dantas (1998c) e Ribeiro (2005) nos ajudam a entender quem foi José Bonifácio Fortes Neto. Nascido em Aracaju, estudou no Jardim de Infância Maynard Gomes, nos colégios: Nossa Senhora da Glória e Tobias Barreto e concluiu seus estudos secundários no Atheneu Sergipense. Desde cedo, interessou-se pela atividade jornalística; aos dez anos cria um jornalzinho datilografado, chamado O Radial; como estudante do Atheneu, revitalizou o Grêmio Clodomir Silva e editou o jornal A Voz do Estudante. Outros indícios foram localizados no discurso de saudação proferido por José Silvério Leite Fontes diante da posse de Bonifácio Fortes na Academia Sergipana de Letras. Bonifácio participou da equipe de redatores de O Nordeste, Sergipe Jornal, Gazeta de Sergipe e A Cruzada, apresentou um programa na Radio Aperipê e tornou-se correspondente do Diário da Bahia. Em 1945 prosseguiu seus estudos na Faculdade de Direito da Bahia, participou do Centro Acadêmico Rui Barbosa ocupando o cargo de bibliotecário. Segundo Dantas (1998c), a atuação de Bonifácio Fortes no magistério não se restringiu ao ensino secundário como professor de História de algumas escolas públicas aracajuanas, lecionou: Geografia Humana no curso de Geografia e História da FCFS (1953-1968), além de Estética (1953-1954) e História do Brasil (1956/2). Bonifácio participou da Escola de Serviço Social nas cadeiras de Noções de Direito (1954-1961) e Direito do Menor (1956-1959) e ainda na Faculdade de Direito, sua área de graduação, atuando na cadeira de Direito Constitucional (1957-1964) e Direito Administrativo a partir de 1960. Nesse ano também é aprovado em concurso para juiz do trabalho, dividindo suas tarefas entre a docência e a magistratura. Bonifácio também exerceu a presidência do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (1967-1969).

<sup>71</sup> Tal aprovação de Bonifácio Fortes diante de uma banca composta por Gonçalo Rollemberg Leite, Maria Thétis Nunes e Felte Bezerra fornece-nos um vestígio dos intelectuais sergipanos que dominavam as áreas da História e da Geografia no Estado de Sergipe em meados da década de 1950, quando ainda estavam em formação e delimitação. Percebemos que História e Geografia caminhavam de maneira muito próxima e certamente tinham uma forte vinculação com o Atheneu Sergipense, pois no concurso para suficiência, que atestaria se o professor, mesmo não possuindo a licenciatura, poderia ensinar determinada disciplina, os componentes da banca eram três professores do Atheneu: Felte Bezerra, Gonçalo Rollemberg Leite e Maria Thétis Nunes. Estes também são os três nomes que de início assumem as áreas da História e da Geografia na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: Felte com Geografia Humana, Gonçalo com uma História da Civilização tripartida ao longo do curso e Maria Thétis, de início, com a Geografia Física e depois com História do Brasil.

Faculdade de Ciências Econômicas e na FCFS. Entre outras atuações assumiu também o cargo de promotor público.

Já José Silvério Leite Fontes<sup>72</sup>, como professor da FCFS, lecionou História do Brasil, Didática Geral e História da Filosofia. A partir de 1963, com a separação dos cursos de Geografia e História e a inclusão da disciplina “Introdução aos Estudos Históricos”, assumiu a responsabilidade de fornecer as noções preliminares aos neófitos na História até o ano de 1987. Em suas palavras: “[...] foi criada, por minha proposta, a disciplina Introdução aos Estudos Históricos e passei a lecioná-la, o que me encaminhou para os estudos teóricos da História, para a metodologia histórica” (FONTES, apud. MENEZES, 1998, p. 62).

Tal fala apoia a afirmação de Antonio Viñao de que “a disciplina é o elemento chave da profissionalização docente, o que define o conteúdo acadêmico e o espaço de sua profissionalização” (VIÑAO, 2008a, p. 205). Nesse sentido, a disciplina “Introdução aos Estudos Históricos” interferiu no processo de profissionalização de Silvério Fontes, delineando caminhos pelos quais percorreu tanto no magistério quanto na pesquisa.

Mas além da FCFS, Silvério Fontes atuou como docente na Escola de Comércio Conselheiro Orlando Dantas, Escola Normal, Escola de Serviço Social e na Faculdade de Direito, integrando depois a UFS. Sua vida no magistério dividiu-se entre o Departamento de História e o Departamento de Direito. Neste lecionou Direito Internacional Público, Direito Eleitoral, Sociologia Jurídica e Introdução ao Direito.

---

<sup>72</sup> Sobre Silvério Leite Fontes dentre vários trabalhos publicados, destacamos: Santos (1992); Oliva (1998); Menezes (1998) e Dantas (2006). Para sabermos um pouco mais da vida desse professor recorremos a Menezes (1998), segundo este, Silvério Fontes nasceu em 6 de abril de 1924, filho de José Silvério da Silveira Fontes e de Iracema Leite Fontes. Fez seus estudos iniciais no colégio Tobias Barreto e o 1º ano complementar no Atheneu Sergipense, depois partiu para continuar seus estudos na Bahia. Acadêmico de Direito entre os anos de 1942 e 1946, ainda na graduação fez parte do Centro Ruy Barbosa como vice-presidente. Dentre a sua vasta produção bibliográfica citada por Dantas (2006), destacamos seus livros e teses: 1. *Jackson de Figueiredo: sentido de sua obra*. Aracaju, Livraria Regina Ltda., 1952, 105 pp; 2. *Formação do Conceito de Fato Histórico na Cultura Ocidental*. Aracaju, Livraria Regina Ltda, 1958, 107 pp. (Tese de Concurso à Cátedra de História Geral no Colégio Estadual de Sergipe); 3. *Coluna de Jornal*. Aracaju, Fundesc, 1985; 4. *Marxismos na Historiografia Brasileira Contemporânea*. São Cristóvão, Editora da UFS, 2000, 150 p. Este texto foi resultante de sua Tese de Livre Docência: *Quatro Diretrizes da Historiografia Brasileira Contemporânea*, Aracaju, 1975; 5. *Razão e Fé em Jackson de Figueiredo*. Aracaju, EDUFS, 1998, 178 p.; 6. *Pensamento Jurídico Sergipano: O Ciclo de Recife e outros ensaios*, Aracaju, Edufs, 2000; 7. *Ser Mundo e Esperança*. Aracaju, Secretaria de Estado da Cultura – SEC, 2003, 236 p.; 8. *O Pensamento Jurídico Sergipano. O Ciclo de Recife*, S. Cristóvão, Editora da UFS: Fundação Oviedo Teixeira, 2003, 195 p.; 9. *Formação do Povo Sergipano* (Ensaio de História). Aracaju, Secretaria de Estado da Cultura- SEC, 2004 (DANTAS, 2006). No tocante a sua vida, obra, família e até mesmo depoimentos de Maria Thétis Nunes, Manuel Cabral Machado e João Oliva sobre o mestre, consultar o site: <http://silveriofontes.com.br/index.html>.

Naquele, Introdução aos Estudos Históricos, Historiografia Brasileira e Teoria da História (MENESES, 2008).

Embora tenha cursado seu doutorado em Direito no estado de Pernambuco (1965-1966), nesse mesmo período tem-se início sua maior contribuição para a historiografia sergipana: o Projeto de Levantamento de Fontes Primárias da História do Estado de Sergipe, fato que culminou com a criação do Programa de Documentação e Pesquisa Histórica (PDPH) do Departamento de História da UFS. Indiscutivelmente, esse foi um projeto pioneiro no estado e fundamental para a preservação e construção da história de Sergipe.

Quando inquirida sobre seus professores de História do Brasil, Dantas não se recorda muito bem de Fernando Barreto Nunes, seu professor na segunda série do curso, e prossegue: “Agora Silvério eu lembro, marcou, porque Silvério era um professor exigente” (DANTAS, 2010).

Silvério a gente fazia a leitura da história marxista. Como foi um ano de muita greve, durante a greve Silvério obrigava a gente a estudar. Ele passava o livro de Caio Prado e mandava a gente estudar para apresentar o livro quando retornasse da greve (risos). Na greve a gente ficava estudando Caio Prado. Eu lembro que eu ia lá para o Colégio São José, com as duas freirinhas, irmã Auristela e irmã Betânia e ficávamos estudando Caio Prado. Aqui acolá Alexandre aparecia e dava uma boa empurrada nas interpretações marxistas de Caio Prado e a gente ia em frente (DANTAS, 2010).

Caio Prado Júnior foi um dos autores estudados por Silvério Fontes na sua tese de doutorado na década de 1970, denominada *Quatro vertentes da historiografia brasileira contemporânea*, tratando de Caio Prado Júnior, de Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes e Nelson Werneck Sodré, com o intuito de “[...] fazer uma crítica ao marxismo através das teses, embora o único marxista ortodoxo seja Werneck Sodré. Os outros são marxólogos” (FONTES, apud. MENESES, 1998, p. 54).

Freitas afirma que no final da década de 1960: “Silvério traduzia textos de Henry-Irinée Marrou, difundia Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel”, e prossegue a análise das leituras do erudito sergipano que:

[...] mantinha os olhos nas ‘alianças e apoios’ estabelecidos pela segunda geração dos Annales sem, contudo, desviar o

pensamento do axioma cartesiano, a dúvida metódica – na crítica histórica – codificada por Charles Victor Langlois e Charles Seignobos (FREITAS, 2007, p. 221).

Pelas informações expostas temos uma sucinta noção do quão culto era o professor Silvério Fontes, e das suas leituras e influências teóricas que certamente entusiasmaram os seus alunos e futuros professores de História.

Após a explanação de um esboço do perfil biográfico dos docentes, como um dos constituintes cruciais na construção da história das disciplinas, analisam-se os conteúdos ensinados nas aulas de História do Brasil do curso de Geografia e História da FCFS.

A História do Brasil para a segunda série tinha um recorte político, o chamado “período colonial”, com um diferencial “origem de Portugal” até o final do século XVIII, começando suas aulas na terceira série com a vinda da família real portuguesa para a “colônia” e estendo-se até a República. Assim, na História do Brasil de meados do século XX, no curso de Geografia e História, a história do “Brasil Colônia” não chegava até a independência em 1822.

Ao analisar os programas de ensino de História do Brasil da segunda série<sup>73</sup>, percebemos que durante o recorte da pesquisa ocorreu apenas uma mudança efetuada em 1954. Os pontos que até então eram tratados de maneira mais sucinta ganharam um maior detalhamento, por exemplo, nos programas de 1952 e 1953, em vez de “A expansão marítima de Portugal. Os descobrimentos portugueses”, a partir de 1954 “Os descobrimentos marítimos. A Europa na época dos descobrimentos. O desenvolvimento do capitalismo e da burguesia. O ciclo português e o ciclo espanhol na navegação. A bula Inter Coetera. O Tratado de Tordesilhas”.

Na ausência de cadernetas nos dois primeiros anos que a disciplina foi ministrada, não se visualizou como as alterações no programa refletiram-se nas práticas em sala. Contudo, notam-se algumas alterações significativas do programa.

Com uma investigação do período em que a professora Thétis Nunes lecionou a disciplina na segunda série, não foram localizadas as cadernetas de História do Brasil nos anos de 1952 e 1953. Já com relação a 1954, 1955 e 1956, foram encontradas algumas cadernetas, por meio das quais se observa, que centrada predominantemente numa visão política e econômica da sociedade, a disciplina trata das dinastias

---

<sup>73</sup> Ver Anexo V, quadro 09.

portuguesas, capitanias hereditárias, com uma aula para cada governo geral, sublinha-se a “Conquista de Sergipe”, e um destaque aos holandeses, com cinco aulas no mês de agosto de 1955. Mas Thétis Nunes também problematizou ao tratar do “Descobrimento do Brasil”, citando “intencionalidade ou casualidade” e usou o termo “controvérsias”, discutiu os “aspectos culturais” dos Tupis, as letras e as artes no Brasil colônia. Mesmo sem saber como tais assuntos eram abordados, observamos o que Thétis concebia como digno de fazer parte da história a ser ensinada.

Algumas palavras têm destaque nas anotações das aulas: “evolução histórica”, “desenvolvimento econômico”, “ciclo”, “causas”, “causas do fracasso”, “feudalismo ou capitalismo”, entre outras, que denotam a sua visão de história. Thétis também trabalhou constantemente com a palavra “origem”, “origem de Portugal”, “origem dos indígenas”, e no último caso efetuou uma “classificação”.

Por meio da variação dos pontos de um ano para outro, percebe-se uma maior atenção a determinados assuntos. No caso dos primeiros habitantes do Brasil, estes são tratados no ano de 1954 em uma aula do mês de maio. Já no ano seguinte são dedicadas quatro aulas para discutir o mesmo assunto, com o detalhe de a autora citar em suas anotações o sobrenome de três grandes estudiosos das teorias da povoação da América: Paul Rivet, José Imbelloni, Ales Hrdlicka. Já ao falar dos negros, em 1954, assinou: “O Elemento africano”; um ano depois: “O elemento negro. A ação da escravidão sobre o negro. Diversidade de tipos de africanos vindos para o Brasil. Os modernos estudos sobre os negros” (FCFS, Caderneta de História do Brasil, maio de 1955). Ao menos, a forma de escrever sobre o tema sofreu modificações e talvez a própria maneira de abordar a temática.

As concepções de História de Maria Thétis Nunes, formada na primeira turma de Geografia e História da Faculdade de Filosofia da Bahia – começando logo depois a lecionar em Sergipe como uma das poucas graduadas na área –, podem ter impregnado seus alunos de História do Brasil de determinados modos de pensar a História, os quais por muitos anos permearam o ensino de História em terras sergipanas. Em entrevista, Santos afirma:

Thétis sempre foi uma idealista, muito versátil, muito inteligente, gostava muito de pesquisar. Ela já tinha sido minha professora no Colégio Estadual de Sergipe, posteriormente ela foi minha diretora no Colégio Estadual. Na Faculdade ela ensinava História do Brasil (SANTOS, 2010).

Essa professora “idealista” e “versátil” ministrou aulas nas primeiras turmas de Geografia e História, até quando em meados da década de 50 do século XX, deixou Sergipe para alçar outros voos. A disciplina de História do Brasil da segunda série começou então a ser ministrada por Silvério Fontes, que continuou as aulas de Thétis Nunes, inclusive na mesma ordem do programa.

Depois da última aula de Thétis Nunes anotada na caderneta de maio de 1956, acerca da “Divisão do Governo Geral”, Silvério continuou as aulas com o assunto “A Igreja no Brasil” por duas aulas e prosseguiu com “os jesuítas” em duas aulas, “A visitação do Santo Ofício” e “A inquisição”. Depois adentrou no estudo dos “domínios” europeus no Brasil colonial, com foco na França, na Espanha com um nítido destaque para a Holanda, com uma média de quatro aulas. A “Conquista do norte”, leia-se: “Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão e Pará”, o “Nordeste” e “o Estado do Maranhão” também foram discutidos antes do estudo das “Entradas e Bandeiras”, finalizando as aulas desse ano de mudança no professor de História do Brasil, não cumprindo assim todo o programa (FCFS, Caderneta de História do Brasil – 2ª série, 1956).

No ano subsequente, 1957, Fernando Barreto Nunes assumiu a disciplina nessa série, seguindo basicamente o que era ensinado por sua irmã, com o diferencial dos “trabalhos de estágio”<sup>74</sup>, que se tornaram constantes, versando sobre “Prova de estágio: ciclo do Pau Brasil”, “O Negro”, “O Branco – A sociedade patriarcal” e ainda trabalhos de estágio sobre “Os documentos relativos ao descobrimento do Brasil” (FCFS, Cadernetas de História do Brasil – 2ª Série, 1960 e 1961). Os chamados “trabalhos de estágio” ocorriam duas vezes ao ano, nos meses de maio e outubro, quando se aproximavam as provas parciais. E dessa forma finalizavam as aulas, para os que conseguiam a aprovação com as duas provas parciais e demais atividades da disciplina; aos que não atingiam a média restava a prova final.

Já para a terceira série do curso, não localizamos nenhuma alteração no programa de ensino<sup>75</sup> de História do Brasil, o que estava distribuído em vinte e oito pontos. No ano de 1954 e 1955 as aulas começaram com “O Brasil sede da monarquia portuguesa”, tratando também da “Transformação econômica” e dos “Aspectos culturais” da permanência da corte portuguesa em solo brasileiro. Aliados a um estudo

---

<sup>74</sup> Conforme as entrevistas os “trabalhos de estágio” eram pesquisas bibliográficas sobre determinados temas.

<sup>75</sup> Ver Anexo V, quadro 10.

em duas aulas da “Revolução de 1817”, e depois “A Revolução constitucionalista de 1820 e o retorno da família real”. A partir desse ponto observamos seis aulas relacionadas à independência do Brasil. A “regência”, “os levantes e motins”, “A maioria”, além do “desenvolvimento econômico do 2º Império”, uma aula sobre “Mauá”, falando também das “Lutas Platinas”, “Guerra do Paraguai”, “Questão religiosa”, “Abolição da escravatura”, “Proclamação da República” e ainda os governos, com cerca de uma aula para cada, até a “Revolução de 30” (FCFS, Cadernetas de História do Brasil – 3ª Série, 1955–1956).

Quando Thétis Nunes deixou a FCFS em meados de 1956, Bonifácio Fortes assumiu a turma da 3ª série até o final de 1957. No segundo semestre de 1956, o programa seguiu a ordem de exposição da professora que o antecederia, mas a partir do ano seguinte, notam-se algumas alterações, como por exemplo a primeira aula dedicada ao “Exame do programa. Aquilatação do nível de conhecimento da turma”, e assuntos anotados nas cadernetas como “Métodos e princípios teóricos da geografia” e ainda “A G.H. como disciplinas científicas. Exame crítico do seu conceito. Classificação dos fatos” (FCFS, Cadernetas de História do Brasil – 3ª série, 1957). Tais assuntos que fogem do programa possivelmente foram trabalhados devido à atuação de Bonifácio na “área” da Geografia, com pouca experiência no ensino de História, embora ali ele estava para suprir uma lacuna deixada por Thétis Nunes.

Prosseguindo a análise, localizam-se anotações no caderno de Lígia Pina, aluna de História do Brasil da terceira série em 1957, a qual assim escreveu:

Logo de início D. João demonstrou grande simpatia pelo Brasil, a qual se manifestou pelas benemerências de que o Brasil foi alvo, como sejam: a criação do Banco do Brasil, da Imprensa Régia, da Escola Médico Cirúrgica, Escola de Obstetrícia, do Jardim Botânico, etc. (PINA, s/d, s/p).

E sobre o ponto “Proclamação da Independência. Lutas no Brasil”, anotou:

[...] não foi revolucionária, a independência do Brasil, as pequenas reformas já estavam condicionadas desde a vinda de D. João. Não estávamos preparados para reformas maiores devido a imaturidade das massas. A independência feita por D. Pedro foi, em síntese uma conseqüência natural e lógica da vinda da família real e também da complexidade e intensidade do nosso desenvolvimento econômico desenvolvimento social (PINA, s/d, s/p).

As anotações fornecem uma noção de como era pensado um dos fatos marcantes da História do Brasil naquele curso, a “Independência”, interligada à vinda da família real portuguesa para o país, além de ressaltar o grau de desenvolvimento do Brasil e a “imaturidade das massas”. Deste modo, apesar da mencionada “simpatia” de D. João VI pelo país, o “problema” estaria nas massas, que não tinham evoluído o suficiente para tamanhas mudanças.

Ao escrever as preleções do professor sobre o “2º Império”, a questão do “parlamentarismo” e das várias disputas entre partidos, veem-se que “Os dois partidos, os liberais ou luzias e os conservadores ou saquaremas, quase que não se diferenciavam entre si”. Mas para fazer tal afirmação o professor se baseia na opinião de Oliveira Viana e Manoel Bonfim, fundamentado no que diz os referidos autores acerca da não existência do parlamentarismo no Brasil, e complementa que “[...] o rei reinava, administrava e executava; ao contrário dos monarcas e presidentes de repúblicas de regime parlamentar que reina, mas não governam” (PINA, s/d, s/p). Prosseguiam-se as aulas com um estudo detalhado dos ministérios desse chamado “2º Império”.

A partir de 1958 o professor Silvério Fontes assumiu as aulas da terceira série. Das anotações nas cadernetas destacamos o “Relatório dos alunos sobre leituras [...]” de diversos temas e “Estágio dos alunos”, além da “Aula estágio dos alunos”, ou ainda “Sessão de estudos” sobre determinados assuntos. Nesse sentido, aparentemente o professor Silvério, que também era docente de Didática Geral, dava uma maior atenção à parte prática da disciplina como também aos trabalhos extraclasse, aspectos cruciais da formação de professor de História.

Trata-se de uma História do Brasil, ministrada por cinco docentes, quatro dos quais tinham formação na área de Direito, com um diferencial: Maria Thétis Nunes e José Silvério Leite Fontes, mais que uma rápida passagem pela FCFS, dedicaram boa parte de suas vidas ao ensino e à pesquisa histórica. É importante ressaltar que nesse período os dois professores davam os primeiros passos na docência, pois o nosso recorte cronológico é anterior as várias publicações, as pesquisas e as décadas de prática em sala de aula de Thétis Nunes e Silvério Fontes. No entanto, na FCFS, ambos já contribuíam para a formação dos professores de História, os quais se graduavam no curso de Geografia e História em meados do século XX.

Os assuntos lecionados e os trabalhos e pesquisas realizados apontam para uma História do Brasil, em ordem cronológica, com problematização de pontos como “O Descobrimento do Brasil”, “A Independência do Brasil” e a “Proclamação da República”. OS temas “escravidão” e “As Artes no Brasil” ocupavam um menor número de aulas do que “O desenvolvimento industrial”, ou “História Econômica da República”.

Uma história baseada em causas, como podemos ver na caderneta de 1959, com as “Causas da República” também é um dos temas que exemplifica a história política trabalhada na disciplina, desdobrando-se em quatorze aulas referentes aos sete últimos pontos do programa, assim anotados nas cadernetas de outubro e novembro de 1960: “Constituição de 1891”; “Deodoro e Floriano a Revolução Federalista”, “De Prudente de Moraes a Campanha Civilista”; “A República de 1910”; “A República de 1910 a 1922” em duas aulas; “República de 1922-1930. A Revolução de 1930”; “A Revolução de 1930”; “A economia republicana” com foco na agricultura, em duas aulas, e mais uma para a indústria, além de tarefas sobre “As letras e as ciências na República”, e por fim, duas aulas sobre as “Artes no Brasil” (FCFS, Cadernetas de História do Brasil – 3ª Série, 1960).

Ao contrapor a História do Brasil da FCFS com as aulas de “História da Civilização Brasileira” da FFCL da USP, com o auxílio de Roiz (2004), percebemos que na faculdade paulista tratava-se da “descoberta do Brasil” até os anos iniciais da proclamação da República. Os professores da USP dessa cadeira foram Afonso d’Escagnolle Taunay, entre 1936 e 1938, e depois Alfredo Ellis Junior até 1956 (ROIZ, 2004).

Com uma divisão efetuada a partir da administração política, além de uma abordagem econômica e algumas pinceladas em aspectos culturais do país deram o tom das aulas de História do Brasil no curso de Geografia e História da FCFS. Em dois anos de aulas na Faculdade sergipana os alunos adquiriam uma visão alargada da Europa na época do descobrimento com foco na “origem de Portugal” até as “Artes no Brasil” da primeira metade do século XX.

### **2.3 Das “viagens de Cristóvão Colombo” ao estudo dos Estados Unidos: A História da América**

Disciplina da última série do curso de Geografia e História, História da América foi ministrada por dois professores. Primeiro, de 1953 a 1954, por Armando Leite Rollemberg, a partir de 1955 até 1962 pelo docente Luís Rabelo Leite. Segundo Oliveira (2010) Armando Leite Rollemberg<sup>76</sup> bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela mesma faculdade onde seu primo Gonçalo Rollemberg Leite formou-se em 1943. Exerceu a docência na Escola Técnica de Comércio de Sergipe, lecionando Administração e Finanças; foi professor de Direito Comercial na Faculdade de Direito de Sergipe, sendo um dos seus fundadores, além de História da América na FCFS. Já sobre Luiz Rabelo Leite sabemos apenas de sua formação como bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais.

Na “História da Civilização Americana”, lecionada na USP na década de 1930, caberia ao professor tratar desde a pré-história dos povos americanos até o início do século XX (ROIZ, 2004), semelhante ao programa e às cadernetas que trazem os conteúdos lecionados nessa disciplina na FCFS.

O programa de ensino de História da América<sup>77</sup>, ao contrário dos demais disciplinas da História, exceto História do Brasil da terceira série, não sofreu alteração no período de 1953 a 1962. Estava organizado em sete unidades, começando pelo “desenvolvimento da América”, com as viagens de Cristóvão Colombo e as “Expedições portuguesas, francesas e inglesas”. O segundo ponto tratava dos “Indígenas americanos”, que seria “O homem pré-colombiano; suas origens e costumes primitivos”, além dos principais povos, sua localização e “As grandes culturas indígenas da América” (FCFS, Programas de Ensino de História da América – FCFS, Relatórios Semestrais, 1953–1962).

Estudava também “A Conquista da América” efetuada no México e no Peru, além de destacar a penetração inglesa no continente. Após a “Conquista”, o assunto era

---

<sup>76</sup> Nasceu em Japarutuba-SE (21/02/1921) e faleceu em Aracaju-SE (22/04/1994). Filho de José de Faro Rollemberg e Josephina Sobral Rollemberg, família de posses no estado de Sergipe. Ocupou entre outros cargos o de: Chefe de Polícia do Estado de Sergipe, Deputado Estadual, Deputado Federal e Ministro do Tribunal Federal de Recursos. (OLIVEIRA, 2010).

<sup>77</sup> Ver Anexo V, quadro 11.

“Colonização” da Inglaterra, França, Espanha e Portugal. Em seguida “Independência”, primeiro a “Independência dos Estados Unidos” e depois a “Independência dos países hispano-americanos” e mais especificamente “As revoluções americanas. Bolívar. San Martín”. O último tópico do programa era sobre “As nações Americanas” com destaque para a “Evolução política dos Estados Unidos – A Guerra de Secessão – A doutrina Monroe – A democracia americana” e ainda México, Argentina, Uruguai e Chile, além de “Outros países da América” e “O domínio do Canadá” (FCFS, Programas de Ensino de História da América, Relatórios Semestrais, 1953-1962).

Pelas cadernetas, percebemos que até o tópico “Colonização” geralmente os temas eram trabalhados no primeiro semestre, e os demais no semestre seguinte. No ano 1954 observam-se as aulas sobre “A Existência de uma História da América”, possivelmente uma aula de introdução da disciplina, logo depois o “Descobrimiento da América” e “Os indígenas americanos”, com “Os astecas” em uma aula, “Os incas” em três e “Os maias” em duas. Logo depois os “Ingleses na América” e a “Fundação das colônias inglesas” em duas aulas. O primeiro semestre finalizou com mais duas aulas sobre “Os Franceses na América”. Já para o segundo semestre, as aulas começaram com a “Colonização Espanhola” subdividida em quatro sessões: “Organização política”; “Co-defesa e expansão”; “Governo dos vice-reis”; “Histórica e econômica”. Em seguida, a “Colonização portuguesa” é anotada em três aulas, sem maiores especificações. O mesmo ocorre com “Guerra da Independência dos Estados Unidos” e “Washington”. As anotações saem do território dos Estados Unidos da América com “Preliminares da Guerra da Independência da América Espanhola”, “Bolívar” e “San Martín” e finaliza a disciplina com “Estados Unidos e a Dinastia Virginiana”, com duas aulas (FCFS, Cadernetas de História da América, 1954). Deste modo, a História da América ministrada na FCFS percorria desde as “viagens de Colombo”, ao estudo dos Estados Unidos e a Dinastia Virginiana. O estudo da História da América no terceiro ano de curso consistia como uma das últimas aulas das disciplinas da História.

Assim, podemos inferir que as disciplinas da História na FCFS eram compostas por um corpo docente predominantemente de juristas; ou seja, era um curso de formação de professores de História cujo domínio do corpo magisterial era de bacharéis em Direito que em alguns casos já exerciam a docência no ensino de História em renomadas instituições do ensino secundário aracajuano. Não obstante, à medida que os

alunos do curso da faculdade sergipana conseguiam a licenciatura alguns voltavam à instituição como docentes.

Assim, a partir, principalmente, dos anos 1960 ex-alunos do curso de Geografia e História ocuparam espaço na instituição. Nomes como Aldeci Figueiredo Santos, Beatriz Góis Dantas, Diana Maria de Faro Leal, José Alexandre Felizola Diniz, Maria Auxiliadora de Melo Diniz, Maria da Glória Costa Monteiro, Maria da Glória Santana de Almeida, Maria de Andrade Gonçalves, Maria de Lourdes Amaral Maciel figuram entre os discentes que trilharam os primeiros passos da construção e do próprio reconhecimento do *campo* de professores e pesquisadores com uma formação em nível superior específica para a docência.

Todavia, os pioneiros professores do curso, mesmo sem uma habilitação particular da área, deixaram suas marcas nas disciplinas lecionadas e práticas vivenciadas. O esboço do perfil do corpo docente das disciplinas da História aqui analisado teve como intuito percorrer os requisitos que Viñao (2008a) apresenta ao falar da construção da história das disciplinas e dos “professores de disciplinas”, os quais devem ser observados: “1-Formação, titulações; 2- Seleção: requisitos, concursos e oposições (memórias, critérios, avaliações); 3- Carreira docente; 4- Associações: formação de comunidades disciplinares; 5- Publicações e outros méritos; 6- Presença social e intelectual” (VIÑAO, 2008a, p. 199). O intuito foi adentrar em vários desses aspectos ensinados por Antonio Viñao, interrogando as fontes e a literatura acerca dos docentes, para entender aspectos da sua história e traçar paralelos com a (s) disciplina (s) que lecionavam.

As finalidades das disciplinas aqui estudadas perpassavam memorização de fatos, nomes e datas pelo seu público. Com o uso do método expositivo trabalhava-se a “História da Civilização” de forma tripartida, o Brasil com foco principal nos aspectos políticos e econômicos, assim como a América. Destacam-se também as aulas sobre “cultura” de uma forma geral presentes nessas disciplinas, e, muitas vezes solicitadas nas questões dissertativas das avaliações ou até mesmo em trabalhos.

As disciplinas da História em meados do século XX apresentavam aos discentes do curso de Geografia e História da FCFS as linhas gerais das Histórias mundial, americana e brasileira, sem maiores discussões sobre pesquisa ou mesmo acerca da escrita da História. A finalidade era a formação do professor do ensino secundário e normal, e para alcançar este fim, narravam-se em largos traços diferentes aspectos da

História, além da realização dos “estágios” e trabalhos com o intuito de aproximar aquele então aluno da sua futura prática em sala de aula. Nesse sentido, após cursar as disciplinas da História, entre outras, os alunos do curso de Geografia e História recebiam o título de bacharéis e só adquiriam a formação de licenciado em História depois do estudo das disciplinas de Didática, ou o “+1” da FCFS.

## CAPÍTULO III

### **As disciplinas de Didática: o “+1” e a formação dos professores de História**

*Na parte da Didática Especial, era como a gente ensinar, muita coisa moderna, como incentivar o aluno a estudar, não ficar só no texto, não ficar só na explanação, sabe?*  
(Maria Lígia Madureira Pina – Graduada no curso de Geografia e História – 1958).

Até o momento, a análise percorreu a FCFS e o curso de Geografia e História dessa instituição, abordando o ingresso, avaliações, formatura e traços de seu cotidiano, além das disciplinas da História, seus professores e os conteúdos que ali eram lecionados. Neste capítulo discutem-se quais as distintas disciplinas formavam o curso de Didática, quem e o que ensinavam. Com o objetivo de mostrar que na formação do professor de História, em meados do século XX, era necessária uma série de conteúdos de diferentes áreas do saber, para além das disciplinas específicas da História, as chamadas disciplinas de Didática. Nesse sentido, justificamos a opção por um capítulo específico sobre essas distintas disciplinas, pois certamente estas contribuíram para a formação daqueles professores de História.

A análise dessas disciplinas também ajuda a entender como a reforma curricular ocorrida em 1962, que, entre outras modificações, separou o curso de Geografia e História e extinguiu o curso de Didática, influenciou diretamente na formação de novas disciplinas, desdobramento de algumas e extinção de outras. Mas antes de adentrar nas especificidades das disciplinas do “+1” da FCFS, primeiramente abordaremos um pouco da história do curso de Didática.

Como dito alhures, segundo o Decreto Federal nº 1.190, de 4 de abril de 1939, todas as Faculdades de Filosofia do país deveriam se adaptar ao padrão oficial da FNFi. As novas faculdades que fossem criadas a partir de então também seguiriam tal modelo; foi o caso da FCFS fundada em 1951. Destarte, por esse decreto, estabelecia-se o padrão conhecido como “3 +1”, no qual os aspirantes a futuros professores matriculavam-se nos cursos de bacharelado, e após três anos de curso formava-se o “bacharel”. Já o título de “licenciado” era obtido apenas pelos alunos que fizessem mais um ano de estudos, o chamado curso de Didática (BONTEMPI JÚNIOR, 2001).

Castro (1992) afirma que em 1939, com a criação do curso de Didática, termina-se a fase de “tateios” que atingia a disciplina desde a fundação das Faculdades de Filosofia nos anos de 1930. Nessa época as disciplinas didáticas que figuravam tradicionalmente nos currículos de formação de professores para escolas primárias adquiriram o status de disciplinas de nível superior; contudo, recorreu-se aos professores das Escolas Normais ou aos dos Institutos de Educação para ministrá-las. Assim, a partir de 1939:

[...] inaugura-se o curso chamado de Curso de Didática, do qual a Didática Geral e a Didática Especial faziam parte, ao lado de outras

quatro disciplinas, ocupando o quarto ano de curso “das Filosofias”, regime que veio a ser chamado de “três mais um” (CASTRO, 1992, p. 233/234).

Portanto, a Seção Especial de Didática era uma seção que todos os estudantes “das Filosofias” deveriam frequentar para se tornar “licenciados”, inclusive os alunos de Geografia e História. Na FCFS, devido ao pequeno quantitativo de alunos, as aulas do curso de Didática eram ministradas em uma única sala para todos os cursos; as turmas eram separadas somente nas aulas das Didáticas Especiais – no caso em foco, Didática Especial da História e da Geografia. Para a maioria dos alunos, naquele curso começava-se o exercício do magistério. Ali se formavam os docentes de História, os primeiros com uma formação acadêmica em terras sergipanas, como se pode observar na fotografia da colação de grau de uma daquelas pioneiras turmas graduadas ainda no início da década de 60 do século XX:



Foto 06: Professores e discentes da FCFS na cerimônia de colação de grau – 1962. Da esquerda para a direita os professores: José Bonifácio Fortes Neto, Frei Edgar Stanikowski, não identificado, Fernando Figueiredo Porto, Luiz Rabelo Leite, Monsenhor Luciano José Cabral Duarte, Gonçalo Rollemberg Leite, José Silvério Leite Fontes, José Rollemberg Leite, Manuel Cabral Machado e não identificado. As discentes não foram identificadas.

Fonte: Acervo particular de Maria de Andrade Gonçalves  
Autoria desconhecida

Por meio de uma análise dessa imagem percebemos que a FCFS dispunha de um corpo docente formado exclusivamente de homens, já o discente, somente de mulheres. Todos os professores de terno e sérios, mas algumas formandas arriscavam um sorriso singelo. O quadro ao fundo com a imagem de Jesus Cristo crucificado também traduz um pouco do ambiente daquela faculdade católica. Tal quadro atualmente encontra-se na sala de reuniões do CECH/UFS, e nos auxilia como mais um elemento da FCFS que permanece “vivo” no cotidiano da UFS.

Para colar o grau como licenciadas as alunas fizeram o curso de Didática na FCFS<sup>78</sup> composto pelas disciplinas de: Psicologia Educacional, Administração Escolar, Fundamentos Biológicos da Educação, Fundamentos Sociológicos da Educação, Didática Geral e as Didáticas Especiais. Como reza o Regimento Interno da FCFS, essas

<sup>78</sup> O currículo do curso de Didática da FCFS era semelhante ao da FFCL da USP, com duas diferenças: a nomenclatura da disciplina Administração Escolar e Educação Comparada adotada na USP, conforme Katsios (1999), e a cadeira de Pedagogia da Religião como optativa na faculdade sergipana.

eram matérias derivadas das cadeiras: XLIII. Psicologia educacional; XLIV. Estatística educacional; XLV. Administração escolar e educação comparada; XLVI. História e filosofia da educação; XLVII. Didática geral e especial (FCFS, Regimento Interno, s/d).

Conforme Katsios (1999), até o ano de 1946 a seção de Didática era o único curso admitido como profissional na USP<sup>79</sup>, tendo em vista que, para seus fundadores, a universidade deveria propiciar o cultivo de todos os ramos do saber com foco na pesquisa e na alta cultura. A implantação do modelo nacional na USP não ocorreu sem embates<sup>80</sup>, resultando em uma nova reforma que mudaria a estrutura do curso de Didática em 1946, quando não mais vigorou o clássico “3+1”, como tinha sido pensado.

Segundo o Decreto Federal de nº 9.092, de 26 de março de 1946, os candidatos ao diploma de licenciado ou bacharel daquela universidade paulista deveriam cumprir um currículo fixo nos três primeiros anos; já no último, os alunos poderiam optar por duas ou três cadeiras ou cursos entre os ministrados na faculdade, e se acrescentassem as cadeiras de Psicologia Educacional, Didática Geral e Especial ao seu currículo, receberiam o título de licenciado (BONTEMPI JÚNIOR, 2001). Para este autor, o curso de Didática da USP era considerado um desdobramento sem importância na formação dos seus alunos.

Contudo para a FCFS, o curso de Didática era quase obrigatório devido às peculiaridades da faculdade e do mercado de trabalho de outrora em Sergipe, sem muitas expectativas para o bacharel, mas promissor para os licenciados. Isto demonstra o número de bacharéis no curso de Geografia e História, bastante reduzido em contraposição ao montante de licenciados<sup>81</sup>. Quando questionados sobre o curso de Didática, os ex-alunos prontamente respondem: “as matérias da educação”, ou o “temido estágio”, “as disciplinas de Didática”. O “quarto ano” era visto como importante e necessário pelas discentes. A ex-professora da Faculdade, Maria Thétis Nunes, afirma: “Aí era um ano à parte, era o quarto ano que chamava” (NUNES, 2007). Apesar de ser “um ano à parte”, se levarmos em consideração a limitação do número de

---

<sup>79</sup> Sobre a história da USP, consultar, entre outros: Campos (2004) e Fétizon (1986). Com relação à fundação e reforma da USP ver: Antunha (1974), já formação dos professores secundários nas universidades paulistas, consultar Bernardo (1986). E ainda sobre aspectos mais pontuais da FFCL USP como o seu Curso de Pedagogia de 1940 a 1969: Kátsios (1999); A Cadeira de História e Filosofia da Educação entre os anos de 1940 e 1960, Bontempi Júnior (2001); A Revista de Pedagogia da Cadeira de Didática Geral e Especial, Rozante (2008).

<sup>80</sup> Sobre tais embates ver Bontempi Júnior (2001).

<sup>81</sup> Conferir Anexo III com os graduados da FCFS.

docentes da FCFS, estes eram praticamente os mesmos que lecionavam no curso de Didática e nos cursos específicos.

Faz-se necessário salientar os distintos projetos que nortearam a criação da FFCL da USP e a FCFS e os diferentes propósitos de ambas. Porém, chama atenção como a mesma lei – Decreto Federal nº 1.190 de 04 de abril de 1939 – obteve distantes apropriações em vários locais do Brasil. Em Sergipe, o modelo apregoado no final da década de 1930 seria incorporado em 1950, com suas peculiaridades, sofrendo alterações significativas somente a partir de 1963, quando, diante do Parecer 292/62, do Conselho Federal de Educação, o curso de Didática deixa de ocupar o quarto ano dos outros cursos da instituição, sendo suas disciplinas desmembradas no decorrer dos cursos. Segundo Martins:

No início dos anos 60, após a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a criação dos Conselhos de Educação, novos formatos foram dados à licenciatura, que passou a ser um grau paralelo ao bacharelado. Manteve-se o bacharelado (com disciplinas específicas para a área científica para qual se dedica o aluno, também denominada de maneira preconceituosa, como ‘disciplinas de conteúdo’) e em paralelo o grau de licenciatura para a formação específica para exercício do magistério (as ‘disciplinas pedagógicas’). [...] aos poucos o bacharelado e a licenciatura puderam seguir rumos diversos, embora devessem manter correlações (MARTINS, 2002, p. 48).

A descrição da pesquisadora pode ser vislumbrada no estudo da FCFS e as mudanças ocorridas na década de 60 do século XX, quando observamos a extinção do curso de Didática e o que seria a “licenciatura”, as “disciplinas pedagógicas” e sua incorporação ao “bacharelado” de três anos. Tornando assim cursos de licenciatura de quatro anos para a “formação específica do magistério”.

Todavia, por esse período, ocorria uma falta de comunicação entre as faculdades brasileiras, apontada por Fonseca (2006) ao citar o depoimento de uma professora do Rio Grande do Sul que não tinha acesso a obras de história, muitas vezes mandando buscar em Buenos Aires. A autora complementa: “Isso revela as dificuldades de intercâmbio entre as faculdades brasileiras da época (USP de São Paulo e Nacional do Rio de Janeiro) em estabelecer trocas de experiência e materiais” (FONSECA, 2006, p. 186). Pelo investigado, tais dificuldades também eram vividas em Sergipe.

Mas era ali no curso de Didática que ocorriam os primeiros contatos com a docência nos “estágios”. Ao falar sobre tal experiência, Pina relata:

Na parte da Didática Especial, era como a gente ensinar, muita coisa moderna, como incentivar o aluno a estudar, não ficar só no texto, não ficar só na explanação, sabe? [...] Na época não íamos dar aulas nas escolas; as aulas eram dadas na própria sala. A gente dava aulas para as colegas e para a professora. Embora houvesse o Colégio de Aplicação, mas não sei por que, não se faziam as aulas práticas lá (PINA, 2010).

Cotejando o citado depoimento, percebemos que Maria Lígia Madureira Pina colou grau em 1958, e o Ginásio de Aplicação só começou a funcionar em 1959, e assim ela não podia fazer “suas aulas práticas lá”. Entretanto, alunas de turmas anteriores, entre elas Magno (2008), graduada em 1954, descreve que algumas discentes lecionavam em colégios públicos de Aracaju, quando ainda estudavam no curso de Didática, em instituições como o Atheneu Sergipense e a Escola Normal, mas não era uma regra. Possivelmente, somente depois de criado o Ginásio de Aplicação, todos os alunos da faculdade ficariam obrigados a fazer o estágio, mas até então muitos “estágios” eram realizados dentro da própria sala com os colegas de curso. Estes, entre outros aspectos, permearam as disciplinas do curso de Didática.

O currículo apresentado deveria preparar o futuro docente para a sala de aula, desde os aspectos teóricos aos práticos. Esta seria a finalidade do curso de Didática; e por meio da análise das disciplinas com foco nos programas de ensino, seus docentes e algumas cadernetas, vislumbramos em certa medida como essas finalidades se efetivariam na prática.

O curso de Didática começou a funcionar na FCFS em 1954. Sua primeira turma contou com alunos dos cursos de Matemática, Filosofia e Geografia e História. Um ano depois acrescentava-se o curso de Didática para Letras Neolatinas e a *posteriori* para Letras Anglo-Germânicas. Sua existência segue até o ano de 1962, quando o Conselho Federal de Educação instituiu o Parecer 292/62, estabelecendo um currículo mínimo para os cursos de licenciatura, o qual deveria ser de 1/8 do tempo de curso. Na FCFS as implicações do parecer alteraram os currículos do curso já no ano de 1963.

Inicialmente as Didáticas Especiais ficavam sob a responsabilidade daqueles professores que ao longo dos primeiros anos dos distintos cursos ministravam as disciplinas de cunho mais específico. Por exemplo, Gonçalo Rollemberg Leite, docente de História da Civilização Antiga e Medieval, Moderna e Contemporânea para a 1ª, 2ª e 3ª série respectivamente, com a criação do curso de Didática, assumiu Didática Especial

da História completando a sua preponderância como professor daquele curso na área de História, lecionando em todos os anos.

Caso semelhante foi o de Felte Bezerra, que também lecionou no curso de Geografia e História as disciplinas de Geografia Humana, Etnologia, Etnografia do Brasil e Antropologia, e assim como Gonçalo Rollemberg contava com anos de experiência no ensino de Geografia no Atheneu Sergipense. Dessa feita, quando começaram as aulas de Didática Especial da Geografia, Felte assumiu a disciplina. Com o auxílio de Bourdieu (1994) podemos dizer que ambos os professores conseguiram um *valor distintivo* fazendo com que os demais agentes do *campo* valorizassem os seus méritos e assim pudessem assumir tais disciplinas. A distribuição dos professores e disciplinas do curso de Didática foi organizada no seguinte quadro:

**QUADRO 05: DISCIPLINAS E PROFESSORES DO CURSO DE DIDÁTICA DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE (1954-1962)**

Série	Disciplina	Professor	Formação	Período de atuação
4 <sup>a</sup>	Administração Escolar	Maria Thétis Nunes	Licenciada em Geografia e História	1954-1955
		José Rollemberg Leite	Engenheiro	1956-1960
		Rosália Bispo dos Santos	Licenciada em Letras Neolatinas	1961-1962
	Didática Especial da História da Civilização <sup>82</sup>	Gonçalo Rollemberg Leite	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	1954
		Cleonice Xavier de Oliveira	Licenciada em Geografia e História	1955-1956/1
		Josefina Leite Campos	Licenciada em Geografia e História	1956/2-1962
	Didática Especial da Geografia	Felte Bezerra	Odonto Clínico	1954
		Cleonice Xavier de Oliveira		1955-1956/1
		Josefina Leite Campos		1956/2-1962
	Didática Geral	José Silvério Leite Fontes	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	1954-1962
	Fundamentos Biológicos da Educação	João Perez Batista Garcia Moreno	Médico	1954-1956
		Valter Cardoso	Médico	1957/1
		Antonio Rabelo Leite	Médico	1957/2-1958
João Cardoso do Nascimento Júnior Paulo Freire de Carvalho		Médico Medico	1959/1 1959/2-1961	
Fundamentos Sociológicos da Educação	Manoel Cabral Machado	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	1954-1962	
Psicologia Educacional	Cleone Menezes*	-----	1954-1955	
	João Perez Batista Garcia Moreno		1956	
	José Silvério Leite Fontes		1957	
	Pe. Luciano J. Cabral Duarte	Bacharel em Teologia/Doutor em Filosofia	1958-1962	
	Pe. Luciano J. Cabral Duarte		1954 e 1958-1962	
Pedagogia da Religião (Optativa)**	Pe. Luciano J. Cabral Duarte		1954 e 1958-1962	
	Pe. José Araújo Mendonça		1955-1957	

FONTE: Quadro elaborado com base na documentação da FCFS, como relatórios semestrais, cadernetas, jornais, revistas e entrevistas.

\*Não conseguimos nenhum indício da sua formação.

\*\*Optamos por não discutir essa disciplina devido às suas especificidades, o que fugiria aos limites a que o presente trabalho está circunscrito.

<sup>82</sup> As Didáticas Especiais de Filosofia e Matemática, como também as dos cursos de Letras, apesar de pertencerem ao curso de Didática, não serão discutidas neste trabalho.

Como demonstra o quadro, o corpo docente do curso aos poucos foi modificando, mas alguns professores permaneceram durante todo o recorte temporal da pesquisa, como é o caso do professor Manuel Cabral Machado, de Fundamentos Sociológicos da Educação, e José Silvério Leite Fontes, de Didática Geral. As demais disciplinas sofriam alterações constantes com professores de distintas formações.

Cabe salientar o papel do professor na condução dos conteúdos lecionados em sala, pois, como lembra Antonio Viñao, dentre os componentes de uma disciplina, além dos conteúdos e do discurso elaborado pelos integrantes do campo, existem as práticas, tanto aquelas que constam de uma apresentação em diferentes âmbitos da disciplina quanto “[...] das práticas docentes na sala de aula, ou seja, o modo de transmitir, ensinar e aprender os conteúdos da disciplina [...] e de conduzir a aula” (VIÑAO, 2008a, p. 207).

É perceptível a capacidade que o docente tem de conduzir sua aula, explorando de diferentes modos os conteúdos a ensinar, mesmo quando tem diante de si um currículo pronto e acabado, ou, como no caso em foco, um programa de ensino que deveria ser cumprido. Destarte, como as modificações efetuadas nos programas de ensino das disciplinas do curso de Didática foram poucas, consideramos importante não analisar somente o conteúdo explícito delas, como adverte Chervel (1990), mas também mostrar quem eram os responsáveis por lecionar tais conteúdos. Deste modo, avaliam-se uma a uma as disciplinas de Didática da FCFS e os seus professores, procurando mais um diferente viés para compreender os saberes transmitidos aos professores de História em meados do século XX.

### **3.1 O estudo de “uma das ciências pedagógicas”: Fundamentos Sociológicos da Educação**

Manuel Cabral Machado<sup>83</sup> era o docente de Fundamentos Sociológicos da Educação<sup>84</sup>. Em entrevista declara: “Fui professor da Faculdade de Filosofia, sendo

---

<sup>83</sup> Manuel Cabral Machado, nascido em 1916 em Rosário do Catete – SE, Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Bahia no ano de 1942, exerceu vários cargos na administração pública do Estado, inclusive de vice-governador. Vale ressaltar ainda suas importantes contribuições na fundação das Faculdades de Ciências Econômicas, Direito, Serviço Social e Filosofia, como também nas discussões da fundação da Universidade Federal de Sergipe. Foi membro da Academia Sergipana de Letras e da Academia Brasileira de Ciências Sociais (MACHADO, 2007).

minhas cadeiras sociologia e filosofia [...] na Faculdade de Filosofia, onde ensinei Sociologia. Fui professor de sociologia nessa Faculdade onde eu fiquei até ser criada a Universidade Federal de Sergipe” (MACHADO, 1998, p. 18).

No programa de ensino<sup>85</sup> da disciplina, observa-se uma divisão dos conteúdos em seis unidades, sendo essas repartidas em subitens, numa variação de três a seis em cada unidade. Essas unidades são assim denominadas: “A Sociologia e as Ciências Sociais”; “A educação como um fenômeno social”; “Funções sociais da escola”; “As instituições sociais e a educação”; “A organização social da escola”; “Problemas sociais pedagógicos” e “Sistemas sociológicos de educação” (FCFS, Programa de Ensino de Fundamentos Sociológicos da Educação – FCFS, Relatórios Semestrais, 1954–1962).

Na primeira unidade, cinco tópicos discutiam aspectos da Sociologia em um sentido mais amplo, como objeto, método, teoria e pesquisa, e somente no sexto e último item dessa unidade aparecia a Sociologia da Educação, de maneira mais evidente. Cotejando as cadernetas e os programas, percebe-se que o primeiro semestre geralmente detinha-se basicamente nos assuntos daquela que seria a primeira unidade. Assim, constantemente a disciplina começava com um estudo da “Sociologia e as ciências sociais”, abordando “Objeto”, “Conceito”, “Classificação” e “Problemas” da Sociologia. Os estudos prosseguiam com aulas sobre “O fato social”, “O método social”, “Principais pensadores da Sociologia”, aqui discutindo os “Precursores” e depois “Fundadores”, ou mesmo a “Sociologia Alemã”, “Sociologia Anglo-americana” e “Sociologia Brasileira”, todas em diferentes momentos históricos. Depois dessas “aulas introdutórias”, os conteúdos listados tratavam da “Sociologia Educacional: conceito”, “A educação como um fenômeno social” ou “A educação como um processo social geral”. Os assuntos versavam ainda sobre a “História da Sociologia”, “Educação nas sociedades primitivas”, “Origem e evolução da escola”, “O Estado e a educação”, “Religião e educação”, “O trabalho, a ciência e a educação”, “Funções sociais da Escola: socialização do indivíduo”, “Centralização e descentralização do ensino”, “Problemas sociais da escola: a liberdade e a disciplina. Progresso contínuo”; “Educação e vida social” (FCFS, Cadernetas de Fundamentos da Sociologia da Educação, 1954-1962).

---

<sup>84</sup> O nome de Manuel Ribeiro consta na primeira lista de docentes da instituição como professor de Sociologia, mas não localizamos nenhum registro da sua atuação como docente na Faculdade, apenas como membro de bancas examinadoras de provas orais.

<sup>85</sup> Ver Anexo VI, quadro 12.

No caderno de Maria Lígia Madureira Pina (s/d), aluna do professor Manuel Cabral Machado em 1958, esta fez anotações do que possivelmente seriam três aulas de Fundamentos Sociológicos da Educação, a saber: “Metodologia da Sociologia”, “Sociologia Educacional” e “Educação como processo social geral – coesão social – tradição”. Como foram localizadas poucas cadernetas da disciplina do mencionado ano, não foi possível confrontar tais aulas; contudo, esses “títulos” aparecem em outros anos nas cadernetas analisadas.

Nos escritos de Pina (s/d) referentes à aula “Metodologia da Sociologia”, localiza-se uma exposição de diferentes tipos de métodos, a começar por Auguste Comte, “o fundador da Sociologia” e o “método positivo”. Prosseguindo pelos métodos “psíquico”, “marxista”, “objetivo”, “etnográfico”, “comparativo”, “da observação participante”, “do inquérito” e “do estudo de caso”. A aula contou também com uma observação na qual a “Sociologia Moderna não tem mais preocupação com leis, sistemas doutrinários, sua preocupação é a pesquisa, estudar a realidade e sugerir. O perigo é perder-se como a Sociologia Americana na multiplicidade” (PINA, s/d, s/p). Dessa forma, possivelmente o docente não seria um adepto da Sociologia Americana; todavia notamos uma aula com um estudo de diferentes métodos, complementada com a citação das “escolas” e/ou autores desses métodos.

Outra aula anotada com o “título” de “Sociologia Educacional” deveria estudar “[...] o fato social educacional. Os modos de pensar, sentir e agir [...]”. Ainda segundo os escritos de Pina (s/d) “entre os fatos sociais existe o fato educacional que é o fato de transferência de cultura de uma geração a outra. Transmite o modo de ser, pensar, sentir e agir, por conseguinte a sua cultura, isto assegura a continuidade e unidade do grupo”.

As aulas tinham também conceituações:

A Sociologia Educacional é uma das ciências pedagógicas das quais a Estatística Educacional, Filosofia Ed., Biologia Ed., Higiene Ed., Didática Escolar e tantas outras formam o sistema das ciências pedagógicas que estuda o aspecto social educacional (PINA, s/d, s/p, grifo nosso).

Nesse sentido, estava explícita para os discentes a existência de algumas “ciências pedagógicas” dentre as quais a Sociologia da Educação somava-se àquelas que analisavam a educação em seus diferentes aspectos. O programa de ensino assim como o docente foram mantidos de 1954 a 1962 sem sofrer nenhuma alteração. Pelos

conteúdos listados, infere-se que a disciplina conferia uma formação ampla aos seus alunos e futuros docentes. Tratava da Sociologia de maneira mais geral, como também apresentava algumas noções mais específicas da Sociologia Educacional. Nas palavras do professor, a Sociologia “naquele tempo ela era uma cadeira de formação geral” (MACHADO, 1998, p. 17). Esta era a opinião do professor de Fundamentos Sociológicos da Educação formado pela Faculdade de Direito da Bahia, o qual, além de vasta atuação na área jurídica e política, no ano de 1954 já tinha experiência como docente da mesma disciplina no Colégio Nossa Senhora de Lourdes.

Manuel Cabral Machado (1998) fala da sua formação na Bahia e do contato com a sociologia francesa por meio do professor Herbert Parente Fortes. Quando aluno, leu pensadores como Simon Deployage, Émile Durkheim, Célestin Bouglé, Paul Bureu, Georges David, Armand Cuvillier e outros. Tal descrição da formação do docente constitui-se como indício das influências teóricas recebidas por ele e como estas podem ter alcançado o ensino de Fundamentos Sociológicos da Educação na faculdade sergipana.

Vale ressaltar que, contrapondo tais autores e a bibliografia adotada na cadeira de Sociologia da USP, exposta por Katsios (1999), localizam-se em ambas os nomes Émile Durkheim, Célestin Bouglé e Armand Cuvillier. A citada autora também explica que a cadeira de Sociologia Educacional foi extinta da USP em 1941 e substituída por duas cadeiras de Sociologia, com os professores Roger Bastide e Fernando de Azevedo. No segundo ano, os alunos do curso de Pedagogia cursavam a cadeira conjuntamente com os de Didática; assim, em 1953, a cadeira estava dividida em seis partes com vários tópicos cada: Considerações preliminares; Escola secundária tradicional, As transformações de estrutura; As soluções propostas; Educação secundária e seus problemas e por fim temas e trabalhos para pesquisas a serem realizadas (KATSIOS, 1999).

Pelo exposto, percebe-se uma nítida diferença entre os conteúdos trabalhados para os futuros professores do ensino secundário na Sociologia da FFCL da USP e os Fundamentos Sociológicos da Educação ministrados na FCFS. Este dado deve ser ressaltado levando em consideração que todas as instituições de ensino superior tinham um currículo padrão a ser seguido. Deste modo, diante do discutido, observa-se mais uma vez que o mesmo currículo era lecionado de formas díspares em alguns pontos do país.

Com as reformas ocorridas nos cursos da FCFS, Fundamentos Sociológicos da Educação, o estudo de “uma das ciências pedagógicas”, como consta no caderno de Pina (s/ d), deixa de existir, da mesma forma que o curso de Didática, em que ela está alocada, e alguns dos seus conteúdos migram para a disciplina de “Sociologia”, integrando, a partir de então, o primeiro ano dos cursos daquela instituição.

### **3.2 Do “trabalho prático” à “aula estágio”: as aulas de Didática Geral:**

A disciplina de Didática Geral ficou sob a responsabilidade de José Silvério Leite Fontes. Conhecido por seus trabalhos nos domínios da História e do Direito, o professor Silvério é pouco lembrado como o educador que lecionou Didática Geral por quase uma década na FCFS. Em suas próprias palavras declara:

Fui contratado para a Faculdade de Filosofia em 1952, ensinando História da Filosofia. Depois este curso se extinguiu e passei a ensinar Didática Geral. [...] Didática Geral que era uma disciplina permanente no curso de Didática. Pela organização da época, o curso de Didática era um curso terminal da faculdade para o qual, fluíam os alunos que percorriam, todos os outros cursos de bacharelado, este curso autorizava os bacharelados a se licenciarem. Durante muitos anos fui professor dessa disciplina na Faculdade Católica de Filosofia (FONTES, apud. MENEZES, 1998, p. 59).

Silvério Fontes foi o único professor que ministrou a disciplina no recorte temporal da presente pesquisa, e o seu programa de ensino<sup>86</sup> não sofreu modificações ao longo do período estudado. Ali constam sete unidades; na primeira: “Didática e Educação” com três pontos sobre o “Conceito de Educação”, “Educação, Filosofia e Pedagogia” e a “Didática e a Pedagogia”; na segunda unidade: “Os sistemas didáticos”, em que ocorria uma retrospectiva histórica desde a Antiguidade à Escola Nova, explorando também a pedagogia cristã; na última unidade, um estudo sobre “O curso secundário”, seus tipos, objetivos, organização e matérias. O programa ainda abordou: “A Aprendizagem no curso secundário”, “O planejamento de ensino”, “A aula” e “Outros aspectos da vida acadêmica”. Nessas unidades discutiam-se temas como: “O papel e a importância do mestre”, “O valor dos métodos de ensino”, “os programas”, “Atividade de classe”, “material didático” e mesmo “Plano de curso”, “Plano de aula”,

---

<sup>86</sup> Ver Anexo VI, quadro 13.

“Verificação do aproveitamento: testes, exames, arguições, debates, etc.” e “Disciplina e liberdade” (FCFS, Programa de Ensino de Didática Geral – FCFS, Relatórios Semestrais, 1954–1962).

Castro (1992), em relato acerca da Didática Geral e Especial da FFCL da USP no período de 1953 a 1954, afirma que o programa de ensino da disciplina era composto por quase trinta itens agrupados nos seguintes temas: “1- Educação como necessidade social; 2- Conceito e objeto da Didática; 3- Os fatos básicos da educação; 4- Os princípios fundamentais do Ensino; 5- Os objetivos do ensino secundário; 6- Os problemas gerais da atividade escolar” (CASTRO, 1992, p. 240).

Contrapondo o programa da disciplina da faculdade sergipana com o da FFCL da USP, percebe-se que aquela tinha sete unidades e nesta seis, mas o número de itens trabalhados seriam os mesmos trinta. Temas como Educação, Didática, Ensino Secundário permearam os dois programas; no entanto, com uma análise somente dos temas mais gerais e não de itens específicos, aparentemente a Didática Geral da FCFS era mais direcionada a temas “técnicos” e de “verificação do aproveitamento” como “Planejamentos do Ensino” e da “Aula”, já no outro programa localizam-se “Os princípios fundamentais do Ensino” e “Os problemas gerais da atividade escolar”.

Por meio do exame das cadernetas de Didática Geral na FCFS, observa-se que as aulas começavam pelo “Conceito de Educação”, assunto que se estendia em mais duas ou três aulas sobre “Fins da Educação”. Seguindo a ordem do programa, veem-se aulas sobre “Filosofia da Educação, Didática e ciências auxiliares”, mas estes temas pouco concentravam suas aulas, sendo os dois primeiros pontos do programa geralmente trabalhados em um mês. Em seguida adentrava-se na unidade chamada “Os sistemas didáticos”, a qual ocupava cerca de três meses e geralmente finalizava o primeiro semestre da disciplina com a primeira prova parcial. A unidade era dividida de acordo com uma cronologia histórica; por exemplo, em 1956: “A didática grega”; “A didática medieval”; “O humanismo”; “O didatismo do século XVII”; “O século XVIII. O racionalismo”; “Rousseau, Pestalozzi, Froebel e Herbart”; “O individualismo e o pragmatismo pedagógico. O idealismo”; “A pedagogia cristã”. “Aprendizagem (teorias) (FCFS, Cadernetas de Didática Geral, 1956).

A “Aprendizagem” seria discutida de distintos ângulos como: “leis”, “formas” e sua “transferência” (FCFS, Cadernetas de Didática Geral, 1956), além de assuntos como o “Curso secundário” trabalhado em aulas sobre “As disciplinas do curso secundário.

Educação liberal e profissional; a especialização dos estudos no curso secundário” (FCFS, Caderneta de Didática Geral, 1955), aulas que possivelmente se discutia qual seria a finalidade do ensino secundário de outrora, se de caráter mais amplo ou de forma mais particularizada.

Temas como “Currículo”; “O papel do mestre”; “O professor e a comunidade escolar”, além de “Sessão de estudos sobre: o professor” também permeavam a disciplina. O “ensino ocasional”; “A “Motivação”, “Os métodos”; “A linguagem didática”; “Trabalhos didáticos” e “Fixação da aprendizagem: material didático” eram assuntos que se articulavam ao ensino da “Verificação da Aprendizagem” com as “Provas clássicas de verificação da aprendizagem” e “provas objetivas”. Além dos aspectos “técnicos”, como “Planejamento de ensino” dividido em aulas sobre programas de ensino e planos de curso, de unidades e de aulas (FCFS, Cadernetas de Didática Geral, 1954–1962).

Cabe ressaltar ainda alguns aspectos diante da análise das cadernetas, a exemplo das aulas sobre o tema “Co-educação”, em que Silvério Fontes anotou em 1957: “O professor diante da família, Estado e da Igreja: a co-educação”, denotando o caráter de questionamento que a coeducação ainda causava na década de 50 do século XX, tema debatido também na formação de professores de História.

Outro aspecto digno de nota refere-se ao ano de 1961, quando, durante três aulas do mês de maio, registra-se na caderneta de Didática Geral: “Aula sobre técnicas áudio visuais da professora Terezinha Ribeiro”. Fica explícito que mesmo em meados do século XX em terras sergipanas, ocorria algum debate sobre o uso do audiovisual na sala de aula, explanação que possivelmente rendeu alguns frutos nos trabalhos posteriores daqueles professores ali em formação.

A “Leitura do livro de John Dewey: o menino e o programa escolar” e a referência constante aos “Principais métodos da Escola Nova” (FCFS, Cadernetas de Didática Geral, 1961) apontam para uma disciplina com traços escolanovistas, sendo o livro de Dewey o único explicitamente anotado na caderneta de Didática Geral no recorte temporal desta pesquisa. Segundo Castro (1992), a Didática em meados do século XX buscava sua identidade nas diferentes obras que tratavam de ensino; e entre os autores estudados ressalta que destaca-se “[...] John Dewey, muito traduzido (Democracia e Educação, Vida e Educação, Experiência e Educação, etc.) (CASTRO,

1992, p. 236). Assim, Dewey seria um dos autores mais lidos nas disciplinas de Didática lecionadas em diferentes estados do país e não diferentemente em Sergipe.

Conteúdos como os aqui arrolados deram o tom das aulas de Didática Geral, que, na opinião de ex-alunas, muito contribuiu para a sua formação, pois no geral a FCFS lhes possibilitou:

Primeiro, a formação científica; segundo, a formação pedagógica, didática, que a gente aprendia. Hoje se condena e se critica muito isso. A gente aprendia a fazer uma fichinha de aula, ficha de planejamento de curso, uma ficha de todas essas coisas formais, a gente aprendia tudo isso, a planejar aula, como dar aula, a avaliar aula, e eu fiz isso a vida inteira na universidade. Eu fui uma professora de planejar curso, de planejar aula e avaliar aula e avaliar curso. Eu preparava as aulas assim: eu escrevia literalmente as aulas que eu ia dar na faculdade. Não para ler. Ao contrário de alguns professores [...] eu escrevia para organizar o pensamento, me guiar (DANTAS, 2010).

Observamos na fala de Dantas (2010) pontos do citado programa como: “Plano de aula”, “Plano de Curso”, “Verificação do aproveitamento”, além da importância dos conhecimentos adquiridos nas aulas daquela disciplina para a vida no magistério da ex-aluna do curso de Geografia e História. Diante do exposto, cabe lembrar Chervel (1990) e perceber que os conteúdos lecionados na disciplina de Didática Geral da FCFS atingiram suas finalidades, perpassando a formação de dezenas de docentes que a *posteriori* atuaram em diversos níveis de ensino e de certa forma moldaram aspectos dessas aulas.

Os trabalhos acadêmicos também se constituem em uma presença marcante nas cadernetas da disciplina de diversas formas: “trabalhos práticos”; “palestra por uma aluna”; “relatórios”; “apresentação do relatório”; “estudo dirigido” e “aulas estágio” (FCFS, Cadernetas de Didática Geral, 1954–1962). Dentre as mudanças na disciplina, vale salientar como eram tratadas as aulas ministradas pelos alunos na própria sala, em setembro de 1955 Silvério Fontes registra “Trabalho Didático: aula por uma aluna”. Já no mesmo mês do ano de 1960 consta “Aula estágio da aluna [...]”. O termo “aula estágio” ao longo das cadernetas substituiu paulatinamente “trabalho prático”.

Como se trata aqui de um curso de nível superior de formação de professores, a mudança de nomenclatura possivelmente fez parte dos contornos que a disciplina adquiriu ao passar dos anos, com um aspecto mais acadêmico e centrado na formação

de professores do ensino secundário. “Trabalho prático” seria um termo mais interligado a outros níveis de ensino e diversas formações; já “Aula estágio” delimita o *campo* em que aqueles então alunos deveriam atuar: o magistério.

Após a separação do curso de Geografia e História e a extinção do curso de Didática, a disciplina de Didática Geral integrou a segunda e terceira séries do curso de História, possivelmente iniciando-se ali uma nova fase da existência da disciplina.

### **3.3 Dos aspectos históricos à orientação educacional: a Administração Escolar**

A disciplina de Administração Escolar contou com os professores<sup>87</sup>: Maria Thétis Nunes, José Rollemberg Leite<sup>88</sup> e Rosália Bispo dos Santos<sup>89</sup>. Em entrevista, Maria Thétis Nunes, quando questionada sobre o tempo em que lecionou Administração Escolar, respondeu dizendo que se recorda muito pouco, ensinou porque ela era graduada na Faculdade de Filosofia da Bahia, mas lecionou só um ano (NUNES, 2007). Possivelmente seria mais um “arranjo”, como ela classifica algumas indicações de professores para determinadas disciplinas, tendo em vista a escassez de docentes com os requisitos exigidos para lecionar na instituição.

O programa de ensino de Administração Escolar<sup>90</sup> tratava dos “Fundamentos da Administração Escolar”, do “Conteúdo da Administração Escolar” e da “Organização

---

<sup>87</sup> Consta em algumas listas de docentes da instituição o nome de Idene Rocha e o do Padre Mário Cinciripini como docentes de Administração Escolar, mas seus nomes não figuram nas cadernetas analisadas, assim como os entrevistados não se recordam de tais professores lecionando Administração Escolar.

<sup>88</sup> José Rollemberg Leite, Engenheiro Civil e de Minas, governou o Estado por duas vezes, nos períodos de 1947 a 1951 e de 1975 a 1979. No seu primeiro governo foram criadas escolas de nível médio e superior além de escolas rurais. Foi professor catedrático de Física do Atheneu Sergipense e de Economia das Indústrias da Escola de Química, além da FCFS, no curso de Matemática e de Administração Escolar no curso de Didática (NUNES, 1999).

<sup>89</sup> Rosália Bispo dos Santos, diplomada como professora na Escola Normal, começou a lecionar em 1943, fez um Curso de Aperfeiçoamento em 1944 e depois recebeu uma indicação do Governo do Estado de Sergipe para fazer o curso superior de Educação Física no Rio de Janeiro. Retornou como professora de Educação Física da Escola Normal, mesmo assim ingressou na primeira turma do curso de Letras Neolatinas da FCFS em 1952 (NUNES, 2008b). Ainda segundo a citada autora, Rosália Bispo lecionou Língua Francesa no Instituto de Educação Rui Barbosa, Colégio Estadual de Sergipe, Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Colégio Patrocínio São José e Colégio Jackson de Figueiredo, além de Língua e Literatura Francesa na FCFS. Assumiu a direção do Ginásio de Aplicação logo que este foi criado em 1959. Na década de 1950 fez cursos fora do Estado como: Pós-Graduação em Língua e Literatura Francesa no Centro de Estudos Superiores de Francês na Maison de France no Rio de Janeiro, estágio de especialização no Ginásio de Aplicação da FNFi, como também um curso de aperfeiçoamento em Orientação Educacional no Centro de Estudos Pedagógicos da Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro. Com esse currículo, Rosália Bispo dos Santos assumiu a Administração Escolar do curso de Didática da FCFS em 1961.

<sup>90</sup> Ver Anexo VI, quadro 14.

do sistema escolar brasileiro”, além do ensino secundário: últimas reformas, articulação, o corpo docente, o diretor, orientador, organização material e até mesmo o edifício da escola. Abordou ainda os “Elementos da legislação escolar”, “A orientação educacional” e fazia uma comparação do ensino no Brasil com o de outros países (FCFS, Programa de Ensino de Administração Escolar – FCFS, Relatórios Semestrais, 1954-1962).

Conteúdos semelhantes foram observados por Bontempi Júnior (2001), ao analisar a cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada da USP. Segundo o autor, entre os objetivos da cátedra estavam à exposição do sistema escolar do Brasil e uma comparação com os sistemas vigentes na Argentina, Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália, Portugal e União Soviética. A cadeira ainda previa o estudo da legislação escolar em dois diferentes momentos.

Portanto, apesar de a FCFS não contar com as aulas de História e Filosofia da Educação que seria responsável por abordar o estudo das dificuldades da educação brasileira, entre outros aspectos, com sua ausência alguns dos seus conteúdos podem ter “migrado” para disciplinas “vizinhas”, como a Administração Escolar e a Didática Geral. Essa ocorrência corrobora com a afirmação de Bontempi Júnior, quando diz que “o estudo dos problemas da educação brasileira não era apanágio da Cadeira de História e Filosofia da Educação” (BONTEMPI JÚNIOR, 2001, p. 234).

Ao falar sobre as disciplinas escolares, Chervel afirma que: “o ensino das matérias ensinadas simultaneamente no mesmo estabelecimento de ensino constitui em cada época uma rede disciplinar que não deixa de exercer uma influência mais ou menos forte sobre cada um de seus constituintes” (CHERVEL, 1990, p. 214). Procurando efetuar as relativizações possíveis entre o estudo realizado pelo teórico francês e a presente pesquisa, observa-se que no caso de determinados conteúdos eles estão presentes em mais de uma disciplina, como alguns assuntos da Administração Escolar que também aparecem de forma semelhante nas cadeiras de Fundamentos Sociológicos da Educação ou mesmo nas Didáticas, pois todas tinham como foco a educação vista de diferentes ângulos. Procuramos não ficar alheios a esses aspectos.

Com relação aos conteúdos da disciplina Administração Escolar da FCFS, embora seguisse o mesmo programa e tivesse uma série de confluências, percebemos algumas diferenciações nas abordagens com as modificações de docentes. Alguns conteúdos perpassam as cadernetas independentemente do professor, como uma espécie

de primeira parte em que eram discutidos: “Os Fundamentos”; “Princípios” e “História” da Administração Escolar, acrescidos da “Organização do sistema escolar” e da “Centralização ou descentralização da administração escolar”. Esses assuntos antecediam as aulas sobre “Direção”; “Inspeção”; “Orientação”; “Supervisão”; “Administração do ensino superior” e “O professor”, aparentemente possíveis atuações pelas quais a disciplina habilitaria aquele licenciado em formação para trabalhar. Assuntos como “Currículo”, “Livro didático”, “O professores e a escola”, além de aspectos formais como “Planejamentos”, “Plano de unidade” e “Plano de aula” completavam as aulas da disciplina (FCFS, Cadernetas de Administração Escolar, 1954-1962).

Ao analisar os conteúdos listados nas cadernetas, percebe-se que as aulas de Maria Thétis Nunes tinham um destaque para o histórico da Administração Escolar. Lê-se: “Organização do ensino secundário no Brasil”; “Os sistemas escolares no Brasil Colônia”; “Organização do sistema escolar brasileiro (Reino e 1º império)”; “Organização do sistema escolar brasileiro (2º império)”; “Organização do sistema escolar (República)” e ainda “As reformas do ensino secundário no Brasil” em três aulas (FCFS, Cadernetas de Administração Escolar, 1954). Fica visível também uma sequência linear da história e a divisão dos sistemas escolares em Brasil Colônia e Brasil Império, como uma herança da história tradicional dividida em grandes períodos.

Aparentemente todas as aulas listadas que se vinculavam diretamente a aspectos históricos da disciplina foram suprimidas em uma ou duas aulas do professor José Rollemberg Leite, como também da docente Rosália Bispo dos Santos. Esse professor trabalhou com mais ênfase nos sistemas educacionais dos Estados Unidos, Inglaterra e da França, já a professora, além de falar dos sistemas de ensino nesses países ainda acrescentou a Alemanha e a Rússia. A professora Rosália Bispo dos Santos dedicou as primeiras aulas da disciplina ao estudo da “Orientação Educacional”, assunto que se desdobrou nas aulas seguintes, ocupando um espaço no primeiro semestre de aula, que nas cadernetas de Maria Thétis Nunes destinava-se a “aspectos históricos da Administração Escolar”.

O “Estado e a Educação”, “Financiamento da Educação”, assim como “O projeto de Lei de Diretrizes e Bases” são assuntos que aparecem nas cadernetas a partir de 1956. O último denota que as discussões acerca da lei que seria aprovada somente no

início dos anos 60 do século XX já estavam presentes na formação dos professores de História em meados da década de 1950 no curso de Geografia e História da FCFS.

Aulas sobre a “qualidade do professor”, como também “Vocação para o magistério”, “Remuneração do professor” e “Vantagem e recompensa do magistério” (FCFS, Cadernetas de Administração Escolar, 1956-1957) talvez almejassem uma valorização da profissão em que aqueles então alunos ingressariam. Com o uso de termos como “vocação” poderia fazer-se com que os docentes de História que eram formados na FCFS vislumbrassem uma profissão com certas “vantagens”, entre elas um mercado de trabalho amplo, apontado nas entrevistas efetuadas com ex-discente do curso.

Pelos conteúdos expostos, as finalidades da disciplina de Administração Escolar circunscreviam ao conhecimento do sistema escolar desde os seus aspectos históricos, as dessemelhanças em alguns países, além da escola em si, mostrando os seus agentes, como professores, coordenadores e alunos. A disciplina em foco visava inserir o futuro licenciado no universo que teoricamente ele não conhecia, mas estava prestes a ingressar: a realidade educacional.

Desse modo, a Administração Escolar na FCFS fazia parte do currículo de formação de professores secundários e assim como na USP consistia numa “prática que tinha por intuito o de iniciar o licenciado no contexto das instituições” (ROZANTE, 2008, p. 82). Com a mudança curricular, a “Administração Escolar” do curso de Didática cede espaço para “Elementos de Administração Escolar” a partir de então presente na segunda série dos cursos da FCFS.

### **3.4 Um “domínio” dos médicos na formação de professores: Fundamentos Biológicos da Educação**

O programa de ensino da disciplina Fundamentos Biológicos da Educação<sup>91</sup> apresentava conhecimentos básicos para os futuros professores do ensino secundário relacionados à alimentação e ao metabolismo da criança, as fases por que passaram os futuros alunos daqueles licenciados em formação, citando a infância e a adolescência. O estudo de “anormalidades psíquicas”, “moléstias orgânicas” e “linhas de psicoterapia” demonstra a preocupação em formar professores preparados para enfrentar os diversos

---

<sup>91</sup> Ver Anexo VI, quadro 15.

tipos de problemas que poderiam surgir em sala e possíveis caminhos para saná-los. Dessa forma, o objetivo da disciplina na formação daqueles futuros professores consistia em muni-los do conhecimento biológico básico do seu aluno, por meio do processo de formação humana, nos seus aspectos hereditários, como também diante das influências do meio.

Nas poucas cadernetas localizadas constam os seguintes assuntos: “Fundamentos Biológicos da Educação”; “Conceito da disciplina sua importância e divisão”; “Alimento”; “Classificação, Água, Sais Minerais, Lipídios, Vitaminas”; “Alimentos do Adolescente”; “Sistema endócrino”; “Endócrinos e Psicologia Humana e Constituição e temperamento e caráter”; “Tipologia de Ernesto Kretschmer”; “Aplicações pedagógicas de Biotipologia”; “Desenvolvimento orgânico geral”; “Estudo da Fecundação”; “Desenvolvimento Embrionário”. Além de aulas sobre “Genética”, “Hereditariedade”, “Higiene”, “Psicoterapia” e “Principais moléstias” (FCFS, Cadernetas de Fundamentos Biológicos da Educação, 1954-1962). Com relação ao programa destaque para seguinte observação:

O programa [...] corresponde à matéria ministrada na Cadeira de Fundamentos Biológicos da Educação da Faculdade de Filosofia do Instituto “Sedes Sapientae” (Universidade Católica de São Paulo). Ao adotá-lo julgo que nas 10 unidades enumeradas se contém o temário essencial da disciplina, capaz de ser desdobrado em tantas aulas quantas permitir o tempo útil do ano letivo (FCFS, Programa de Ensino de Fundamentos Biológicos da Educação – FCFS, Relatórios Semestrais, 1954-1962).

A ressalva mostra que não só os programas de ensino da FNFi – instituição modelo – eram seguidos pela FCFS, pois copiavam-se os programas de uma universidade católica, apontando como a faculdade sergipana estava vinculada ao cenário nacional de instituições congêneres. Obviamente, por se tratar de uma instituição católica, os maiores contatos possivelmente seriam com estabelecimentos semelhantes. Pelo que consta nos relatórios semestrais da FCFS de 1954-1962, não ocorreu nenhuma alteração no programa de ensino. Contudo, como aconteceram algumas mudanças no corpo docente, provavelmente, de uma forma ou de outra, essas interferiram no programa proposto.

Garcia Moreno<sup>92</sup> lecionou a disciplina de Fundamentos Biológicos da Educação de 1954 até 1956. Nos primeiros meses letivos de 1957, Valter Cardoso assumiu a regência dessa disciplina, e de agosto de 1957 a 1958, esta ficou sob a responsabilidade de Antonio Rabello Leite<sup>93</sup>. Já no primeiro semestre de 1959, outra mudança, para João Cardoso do Nascimento Júnior<sup>94</sup>, e logo depois, Paulo Freire de Carvalho<sup>95</sup>. Todos esses docentes eram médicos.

Com a reformulação curricular ocorrida em 1962, a disciplina foi excluída do currículo. Como ela focava seus conteúdos na parte física do homem, sendo ministrada prioritariamente por profissionais da saúde, possivelmente não surtia mais tanto interesse a uma área que almejava a delimitação do seu campo de atuação. Segundo Viviani (2007), que estudou a disciplina Biologia Educacional no âmbito das escolas normais paulistas, as pesquisas científicas relacionadas à Biologia Educacional não se firmaram como tradição acadêmica, como ocorreu com outras áreas dos fundamentos da educação, a exemplo de Psicologia, Sociologia e História da Educação. Mesmo assim, ela continuou sendo lecionada nos cursos superiores até a década de 1970 e períodos posteriores (VIVIANI, 2007).

---

<sup>92</sup> João Perez Batista Garcia Moreno nasceu em 12/12/1910 na cidade de Laranjeiras – Sergipe. Graduou-se pela Faculdade de Medicina na Bahia em 1933, cursou Psiquiatria Clínica e Higiene Mental no Departamento Nacional de Saúde em 1944. No magistério começa suas atividades no Atheneu Sergipense na disciplina História Natural, conforme currículo localizado na Ata de reconhecimento do curso de Didática da FCFS em 1954. Por meio do seu currículo no ano de 1954, vislumbra-se um médico atuante nos principais eventos da área de Psiquiatria da época, representando Sergipe em boa parte desses, além de ser sócio fundador da Sociedade Brasileira de Psiquiatria. Sua participação rompia fronteiras, sendo membro correspondente da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Brasil. Participou do Congresso Nacional de Psiquiatria em Paris no ano de 1950 e fez especialização em Neuropsiquiatria na Universidade da Sorbonne. Garcia Moreno fez parte também da Academia Sergipana de Letras, presidiu o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe de 1947-1951, como também a Sociedade de Cultura Franco Prussiana e o Serviço de Assistência a Psicopatas de Sergipe. Suas publicações, contando um número de onze até o ano de 1954, concentram-se principalmente na área da Psiquiatria, além de discursos na Academia Sergipana de Letras. Segundo Ferreira (2004, p.18), Garcia Moreno “era conhecido como notável psiquiatra, emérito professor, grande jornalista, erudito com inúmeras obras publicadas”. Segundo a citada autora, na experiência da sua vida docente, ele foi professor de Medicina Legal na Faculdade de Direito, Psiquiatria e Higiene Mental na Escola de Serviço Social, Biologia, Zoologia e Botânica no Atheneu Sergipense e na FCFS, Antropologia, Fundamentos Biológicos da Educação e ainda Psicologia para o curso de Filosofia.

<sup>93</sup> Antonio Rabello Leite, segundo Santana et. all. (2009), era médico e filho do também médico Moacyr Rabello Leite e Adagilsa Sampaio Leite, atuando em Sergipe na década de 50 do século XX.

<sup>94</sup> Silveira (2008) disserta sobre João Cardoso do Nascimento Júnior como o médico que se tornou o primeiro reitor da UFS. Graduado em Medicina pela Faculdade Baiana em 1945, especializou-se na Universidade do Brasil, e começou a carreira no magistério como professor da cadeira de Puericultura e Educação Sanitária, depois lecionou na Escola de Serviço Social de 1954-1962 e na Faculdade de Medicina de Sergipe de 1963-1983.

<sup>95</sup> O médico Paulo Freire de Carvalho nasceu em Salgado-SE em 1927, cursou a Faculdade de Medicina na Bahia concluindo seus estudos em 1954. Foi professor de Puericultura da Escola de Serviço Social de Sergipe, como também da Faculdade de Medicina (SANTANA et. all, 2009).

Embora não tenha se prolongado por tantos anos no ensino superior sergipano, a disciplina de Fundamentos Biológicos da Educação não conseguiu assegurar sua existência na FCFS, conforme constatou a citada pesquisadora ao focar o percurso dessa disciplina no estado de São Paulo. Mais uma vez reforçamos a ideia do conflituoso campo disciplinar e a série de nuances que permeiam o ingresso ou exclusão de alguns saberes tidos como essenciais para determinado grupo em dado período.

### **3.5 “Para dar aulas ou para criar os filhos”: marcas da Psicologia Educacional**

Psicologia Educacional, dentre as disciplinas analisadas no curso de Didática da FCFS, foi a única que apresentou mudanças mais significativas no seu programa de ensino<sup>96</sup>. O primeiro programa datado de 1954 é alterado logo no ano de 1955. Um ano depois, com a saída da professora Cleone Meneses para o ingresso de Garcia Moreno, o programa deixa explícito que segue o livro *Noções de Psicologia Educacional*, do professor Theobaldo Miranda Santos.

Mas em 1957, como o responsável pela disciplina foi mudado para José Silvério Leite Fontes, possivelmente este resolveu adotar o antigo programa de 1955. Tal programa permaneceu anotado nos relatórios semestrais até o ano de 1962, mesmo diante de outra mudança de docente, com o ingresso do Monsenhor Luciano José Cabral Duarte para lecionar a disciplina em 1958. O Monsenhor se especializou na área durante quatro meses nos Estados Unidos entre os anos de 1961 e 1962, quando frequentou um curso de Psicologia Educacional. A ex-aluna da disciplina Maria Lígia Madureira Pina assim descreve: “Psicologia da Educação era Dom Luciano José Cabral Duarte, um professor maravilhoso, sem comentários!” E complementa:

Dom Luciano, que na época era Monsenhor, me influenciou com suas aulas de Psicologia, aulas brilhantíssimas. [...] Eu ainda hoje encontro ex-alunos que relembram essas aulas, porque serviram a eles também, para dar aulas ou para criar os filhos, essas coisas boas que marcam e dão bons frutos (PINA, 2010, grifo nosso).

---

<sup>96</sup> Ver Anexo VI, quadro 16.

A força da disciplina por meio dos seus conteúdos e da figura do seu docente fica explícita na fala da então aluna e depois professora de História por várias décadas. Os ensinamentos de Psicologia da Educação influenciaram não só na sua formação, mas também reverberaram nas suas aulas, na formação de outros alunos, para além das salas de aula e também na educação familiar. Tais informações nos levam a perquirir quais conteúdos a disciplina ensinava e suas finalidades.

Tratava-se de temas como “Aprendizagem” com diferentes focos, os períodos da evolução biológica, as diferentes idades e o estudo dos seus comportamentos e ainda o papel da Psicologia na orientação dos alunos e mesmo no ensino das diferentes disciplinas, inclusive “Geografia e História como elementos socializantes e disciplinador”. Discutia-se a organização e a motivação da aprendizagem, além do “Adolescente problema”, “A atenção”, “Sentimentos”, “As Paixões” e o próprio conceito e área de atuação da Psicologia Educacional (FCFS, Programas de Ensino de Psicologia Educacional – FCFS, Relatórios Semestrais, 1954-1962).

No ano de 1954, a disciplina de Psicologia Educacional ficou sob a responsabilidade da professora Cleone Meneses. Conforme as cadernetas, vê-se: “Diferenciação da Psicologia”; “Preliminares objetos de divisão”; “Ramos da Psicologia; Conceito Geral de Educação: Educação Instrucional e Educação como uma técnica”; “Métodos e objetos da Psicologia Educacional”; “Métodos Clínicos”; “Evolução Psicológica: Desenvolvimento e crescimento”; “Estudo das idades: 1- Recém nascido, ou seja, as fases da infância”; “Comportamentos básicos do recém-nascido”; “Estudo da idade do infante”; “Condicionamento e o refluxo do condicionado”, “Estudo da Idade Pré-Escolar”; “Comportamentos gerais e a linguagem na idade escolar”; “Correspondência do grafismo e do jogo” e, por fim, “Uma prova de estágio” (FCFS, Cadernetas de Psicologia Educacional, 1954/1).

Observa-se num primeiro momento uma delimitação do que é a Psicologia Educacional para depois trabalhar aspectos mais focados na criança e os seus diversos comportamentos. As finalidades da disciplina seguiram a direção de mostrar como aqueles futuros professores poderiam fazer uso dos conhecimentos psicológicos, para lograr êxito no trabalho com as mais diferentes idades escolares, seja motivando a aprendizagem dos seus alunos, o seu comportamento ou ainda saber como cada disciplina exigia determinadas habilidades específicas ao serem transmitidas para os discentes. Na Foto 07, vemos um dos professores de Psicologia Educacional:

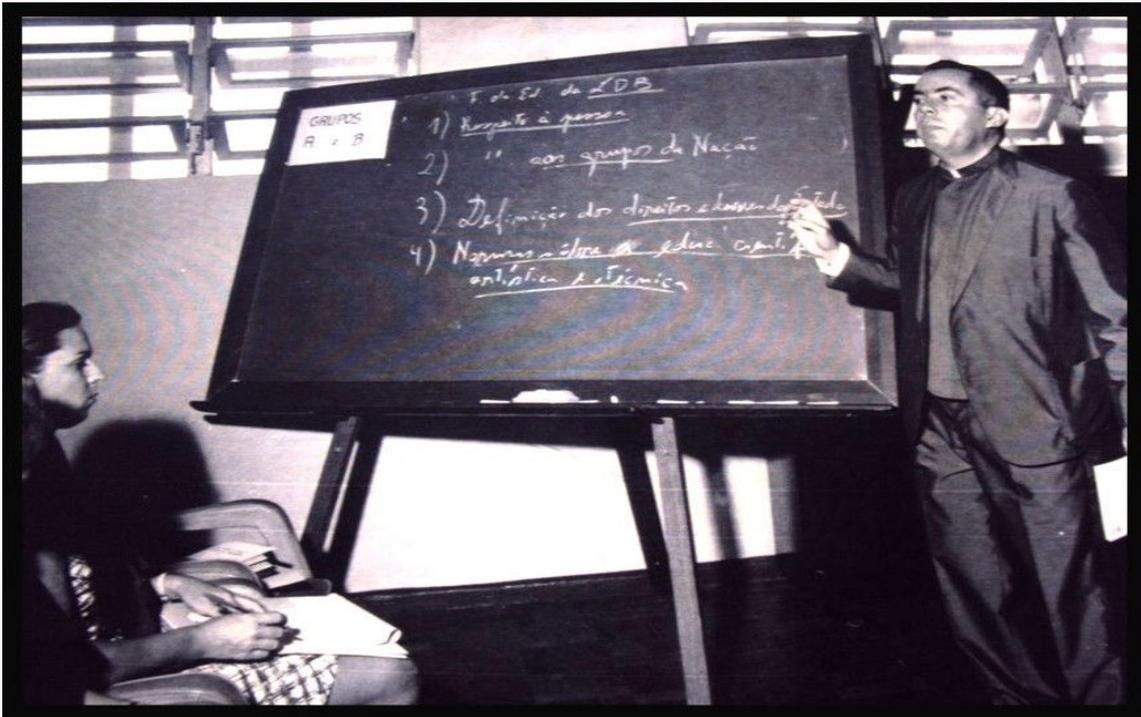


Foto 07: - Sala de aula da FCFS com o Monsenhor Luciano Duarte e a aluna Denise Porto – 11/11/1964  
Fonte: Acervo do Instituto Dom Luciano Duarte  
Autoria desconhecida

Fica a dúvida se a aula ministrada seria de Psicologia Educacional ou de outra disciplina, pois as anotações no quadro negro versam sobre “F. de Ed. Da LDB” com quatro tópicos: “1-Respeito a pessoa; 2- Respeito aos grupos da Nação; 3- Definição dos direitos e deveres do Estado; 4-Normas sobre a educação científica, artística e literária”, temática não contemplada pelo programa da disciplina até 1962. Todavia, não localizamos o citado professor lecionando outra disciplina nesse período, além de Psicologia e Teologia. De qualquer forma, a fotografia serve para ilustrar quem era esse docente, o vestuário da época, o ambiente da sala, aparentemente ventilada, e o quadro negro, como um suporte daquele professor e das suas aulas e ainda a aluna com o caderno e lápis à mão para possíveis anotações. Provavelmente assim transcorriam as aulas de Psicologia Educacional com o Monsenhor Luciano José Cabral Duarte. A disciplina de Psicologia Educacional muda de nomenclatura para Psicologia da Educação a partir de 1963, integrando a terceira série dos cursos da FCFS e não mais o quarto ano, como antes.

### 3.6 “Ser professor era praticar”: das Didáticas Especiais às Práticas de Ensino

Durante o ano de 1954 as Didáticas Especiais de Geografia e de História constituíam-se como duas disciplinas autônomas, com distintos programas de ensino e professores, cada uma com seu lugar no currículo, compondo assuntos de diferentes aulas, anotadas em cadernetas separadas. A partir de 1955 consta só uma disciplina agregando os conteúdos de ambas, apesar de ainda fazerem parte dos Relatórios Semestrais da FCFS (1956-1962) os programas de ensino das disciplinas de maneira desvinculada.

A Didática Especial da Geografia ficou primeiramente sob a responsabilidade de Felte Bezerra<sup>97</sup> em 1954; já a Didática Especial da História com Gonçalo Rollemberg Leite. No ano de 1955 até o primeiro semestre de 1956, assumiu a disciplina Cleonice Xavier de Oliveira<sup>98</sup> e depois Josefina Leite Campos<sup>99</sup> até 1962. Sobre os estágios relacionados à Geografia, Adelci Figueiredo Santos comenta:

---

<sup>97</sup> Felte Bezerra, filho do renomado professor Abdias Bezerra, não pôde fazer o sonhado curso de Medicina devido ao custo oneroso e seguiu o caminho da odontologia na Bahia dos anos 1930. Catedrático do Atheneu Sergipense, no início da década de 1950 é eleito membro da Academia Sergipana de Letras e assume a presidência do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Também dirigiu a Sociedade Sergipana de Cultura Artística e compôs a diretoria do Banco Resende Leite (Revista da Academia Sergipana de Letras, 1952). Tais instituições legitimam sua atuação no meio intelectual sergipano e o reconhecimento dos seus pares, pois além dos citados cargos, ele ainda fez pesquisa de campo, participou de eventos, publicou artigos em jornais e abraçou a docência dedicando-se às várias disciplinas da FCFS e ao Atheneu Sergipense. Sobre Felte Bezerra consultar: Dantas (1998, 2009) e Dantas e Nunes (2009).

<sup>98</sup> Da professora Cleonice Xavier sabe-se que fez seu curso superior de Geografia e História na Faculdade de Filosofia da Bahia, e ao regressar a Sergipe começou a lecionar na FCFS. Segundo Santos (2010), Cleonice Xavier de Oliveira era irmã de Nalda Xavier de Oliveira, aluna da primeira turma do curso de Matemática da FCFS, em meados da década de 1950, toda a família muda-se para São Paulo e lá Cleonice Xavier seguiu carreira no Mackenzie. No entanto, é preciso deixar explícito que tais informações não foram confrontadas com outras fontes e necessitam de uma pesquisa mais acurada.

<sup>99</sup> Consagrada professora de Etnologia e Etnografia do Brasil no curso de Geografia e História da FCFS. Segundo livro de matrículas no curso de Didática em 1954, Josefina Sampaio Leite, nascida em seis de agosto de 1926, filha de Sílvio César Leite e Guiomar Sampaio Leite, fez seus estudos primeiramente no Colégio Nossa Senhora de Lourdes e depois no Colégio Nossa Senhora das Mercês, na cidade de Salvador - BA. Voltando a Sergipe cursou Contabilidade na Escola Técnica de Comércio de Sergipe, concluiu este curso em 1946. Possivelmente pela falta de opções de cursos superiores em Sergipe, somente cinco anos depois ingressa no curso de Geografia e História, começando aí uma significativa mudança na sua vida. Enquanto aluna, fez parte do Diretório Acadêmico Jackson de Figueiredo da FCFS, logo no primeiro ano de funcionamento dessa instituição, juntamente com Manuel de Santiago Menezes, Joana Vital e Maria Luiza Leite. Filha de família abastada, irmã de dois professores da FCFS e intelectuais sergipanos do século XX: Gonçalo Rollemberg Leite e José Rollemberg Leite, Josefina foi destaque quando ainda era aluna do curso de Geografia e História (MAGNO, 2008), sendo a oradora da turma e começando a atuar na docência antes de concluir o curso de nível superior. Josefina Sampaio Leite, depois de casar-se em 1957 com o advogado Adroaldo Campos Filho, passa a receber o nome de Josefina Leite Campos. Josefina foi a primeira “filha” do curso de Geografia e História que retornou

Nós éramos obrigadas a nos apresentar em salas de aula. Eu por exemplo, me apresentei com Cleonice que era minha professora na época, no Atheneu e no Colégio Jackson de Figueiredo. Eu estava tão nervosa na aula, fui bem, mas chegou um momento lá que falando inclusive sobre a produção do abacaxi, aí eu saí com essa ‘que os abacaxis do Brasil eram os melhores abacaxis do mundo’ (risos) a turma encheu. Era uma turma de terceiro ano científico imagine e eu saindo da faculdade para enfrentar uma turma de homens, mais foi uma gozação (risos) (SANTOS, 2010).

A descrição feita pela aluna licenciada em Geografia e História na segunda turma da FCFS em 1955 fornece-nos alguns vestígios de como os estágios eram processados. Primeiro, antes da criação do Ginásio de Aplicação em 1959, as aulas eram ministradas em colégios públicos da cidade de Aracaju. Neste caso, no colégio Jackson de Figueiredo, a docente da disciplina seria a professora Cleonice Xavier de Oliveira, responsável pela Didática Especial da Geografia e da História por quase dois anos. E ainda percebemos o nervosismo de enfrentar uma turma de alunos, mesmo antes de terminar a graduação, fato que ficou guardado na memória daquela iniciante professora, que por várias décadas exerceu o magistério em diferentes níveis de ensino, com atuação marcante no âmbito das pesquisas na área da Geografia em Sergipe.

Já a aluna Beatriz Góis Dantas (2010) relembra que Josefina Leite chegou a escrever um livro: *Geografia de Sergipe*<sup>100</sup>. Santos (2004) trabalhou com a hipótese de que tal livro didático representou uma ruptura no modelo de ensino da Geografia em terras sergipanas. Além disso, o estudo traça um esboço do perfil biográfico dessa intelectual. Para a autora, o fato de Josefina Leite ter nascido e convivido num ambiente cercado de intelectuais, além da boa condição social de sua família, contribuiu para sua esmerada educação, tendo em vista que Josefina estudou em importantes escolas de Sergipe e da Bahia. Ao finalizar seu estudo, Santos (2004) afirma que o livro *Geografia de Sergipe*, publicado em 1969:

Rompeu com o modelo tradicional do ensino de Geografia e propôs modificações de comportamento numa época em que o

---

como docente. Maria Lígia Madureira Pina ressalta algumas mulheres sergipanas que contribuíram para mudanças e inovações na sociedade, entre elas Josefina Leite Campos, exaltando as qualidades. Para a autora, Josefina Leite era uma estudiosa sempre atenta ao que havia de mais moderno na disciplina que lecionava e outras afins; e prossegue: “Em sua curta vida, muito fez, pelo progresso do conhecimento humanístico e na formação de novas mentalidades femininas” (PINA, s.d. p. 398).

<sup>100</sup> Sobre o livro “Geografia de Sergipe” e a atuação de Josefina Leite Campos como professora de Geografia, ver Santos (2004).

ensino da disciplina era dissociado da realidade do aluno. Sugeriu aos professores que o ensino da matéria deveria partir do geral para o particular, mostrando aos alunos que os fenômenos geográficos estão interrelacionados, sendo fruto do processo de evolução que nunca pára. Essa forma de conceber a Geografia nos leva a concluir que a *Geografia de Sergipe* da professora Josefina Leite Campos foi um divisor de águas na história do ensino dessa disciplina (SANTOS, 2004, p. 83).

Essa inovadora professora de Geografia ficou responsável por proporcionar os conhecimentos básicos para o ensino de Geografia e História àqueles professores em processo de formação acadêmica. O programa de ensino de Didática Especial da Geografia<sup>101</sup> dividia-se em duas partes: uma teórica e outra prática. Primeiramente, o “Conceito, objeto, natureza e ramos da Geografia” e depois um estudo histórico desta desde a “Antiguidade”, “Idade Média”, “a época do Descobrimento até meios do século XVII”, “de 1650 a 1800”, e “o século XIX”. Percebe-se assim um estudo cronológico delimitado pela história política ou mesmo pela mudança de um século para o outro.

Após esse percurso histórico, estudava-se o ensino da Geografia focando seus “Objetivos”, “Metodologia”, “Material didático”, “Os programas”, “Planejamento” e ainda “Elementos complementares do ensino da Geografia: bibliografia, revistas especializadas, biblioteca. Museus. Cinema. Viagens e excursões”, além de “A formação do professor de geografia o mestre e o educador” (FCFS, Programa de Ensino de Didática Especial da Geografia – FCFS, Relatórios Semestrais, 1954-1964). Dois pontos do programa de maneira mais específica aparentam problematizar um pouco mais as querelas do ensino focando a questão do ensino antigo e moderno e a relação da Geografia com outras ciências.

Na segunda parte, prática, o programa apresentava cinco pontos: “Planejamento de curso e de aulas”; “Organização de provas e de exercícios escritos”; “Relatórios de observação do ensino”; “Trabalhos originais sobre o ensino da geografia” e “Estágio do aluno como professor em ginásios de aplicação, sob a orientação do catedrático” (FCFS, Programa de Ensino de Didática Especial da Geografia – FCFS, Relatórios Semestrais, 1954-1964). Esse último ponto induz-nos a pensar que o programa de Didática Especial de Geografia da FCFS era uma cópia fiel ao de outra instituição, possivelmente da FNFi, pois o mesmo programa é datado de 1954-1962 sem alterações. E se levarmos em consideração que de 1954 a 1958 a FCFS não contava com um “ginásio de aplicação”;

---

<sup>101</sup> Ver Anexo VI, quadro 17.

sendo assim os estágios não seriam efetuados nesse. Contudo, isso não é o que diz a fonte.

Confrontando o programa de ensino com as cadernetas de Didática Especial da Geografia, datadas do primeiro semestre de 1954, são anotados os seguintes conteúdos: “Conceito de natureza da geografia”; “A Geografia como ciência natural e social”; “A Geografia na Idade Antiga: entre os orientais”; “Os gregos – romanos”; “A evolução da Geografia – Idade Média”; “A Geografia Moderna”; “Atitude e posição do professor na classe secundária”; “Histórico e crítica do programa do curso secundário”; “Material Didático do Ensino de Geografia” e, por fim, uma “Introdução ao estudo do plano de curso” (FCFS, Cadernetas de Didática Especial da Geografia, 1954/1).

Pelas cadernetas observa-se uma breve introdução com conceitos básicos da Geografia: com duas aulas, depois quatro aulas dedicadas à parte histórica da Geografia. Já no primeiro semestre, o professor Felte Bezerra sublinhou alguns outros pontos do programa e finalizou com uma “Introdução ao estudo do plano de curso”, primeiro tópico da parte prática. Infere-se daí que nem todos os pontos foram lecionados, pois assuntos como “Elementos complementares do ensino da Geografia: bibliografia, revistas especializadas, biblioteca. Museus. Cinema. Viagens e excursões”, “Ensino antigo e ensino moderno da Geografia” não constam nas cadernetas, além de que provavelmente o segundo semestre era destinado à “parte prática”, ocorrendo uma divisão da disciplina em duas partes.

Já sobre a Didática Especial aplicada à História, Dantas (2010) relembra sua professora Josefina Leite Campos e suas aulas com muito conteúdo, como também a rigidez com que tratava o estágio:

Ainda na faculdade eu fui obrigada a ensinar, embora muito tímida. Eu tinha meus compromissos de casa também, ensinava meus irmãos, e Josefina exigiu que eu fosse ensinar, porque ela dizia que ser professor era praticar. Embora tivesse Didática Especial disso, daquilo, ir para a sala de aula, enfrentar os alunos, batia um medo (risos). Eu era muito tímida. Eu lembro que Didática Especial que eu fiz com ela, ah! Didática Especial de História era Josefina. Lembro agora por que eu fui dar uma aula sobre capitânicas hereditárias, aula para os próprios colegas, e fiquei tão nervosa que eu não me lembrava do nome de um donatário sequer (risos). Eu fiquei na hora paralisada, me deu um branco, apagou tudo (risos). Josefina no final da aula foi fazer uma avaliação da aula, ela fazia a aula e depois fazia uma avaliação crítica da aula, e aí ela disse: ‘Beatriz vai ter uma bruta de uma indigestão, ela engoliu todos os donatários!’

(risos). Então, era ela a professora de Didática de História (DANTAS, 2010, grifo nosso).

Pela fonte, observa-se o que pensava Josefina Leite sobre o ser docente: “ser professor era praticar”. Neste sentido, a docente de Didática Especial estimulava seus alunos ao ensino fora da sala de aula da FCFS, mesmo esses sendo tímidos, como era o caso da aluna Beatriz Góis Dantas, depois professora por várias décadas do ensino superior sergipano e um marco nas pesquisas relacionadas à Antropologia no Estado. Mais uma vez, nota-se a “aula para os próprios colegas”, uma prática constante do curso de Didática, e ainda o assunto lecionado: “capitanias hereditárias”, conteúdo de História do Brasil, apontando para os temas trabalhados naquela disciplina diante da parte “prática” do curso.

Ainda explorando o depoimento, outro ponto digno de nota é o concernente à avaliação que Josefina Leite Campos fazia na própria sala de aula: “ela fazia a aula e depois fazia uma avaliação crítica da aula”<sup>102</sup>, comentando o desempenho dos alunos na classe. Nesse aspecto, entram em cena traços do cotidiano, da vivência do curso para além dos programas de ensino, uma brincadeira da professora que, embora transcorridos quase cinquenta anos, a aluna guarda viva na memória. Descrições como essa aliada, aos programas de ensino, podem aproximar o presente estudo daquilo que Michel de Certeau chama de “*vivido* exumado graças a um conhecimento do passado” (CERTEAU, 2008, p. 46)<sup>103</sup>, no nosso caso, com relação ao curso de Geografia e História e ao que ali era “vivido” e ensinado.

O programa de ensino da disciplina de Didática Especial da História<sup>104</sup> em um primeiro momento abordava aspectos mais teóricos da História como: “O Humanismo e a história”; “A História como ciência”; “A Causalidade histórica”; “A certeza histórica”; “Metodologia Histórica”; “Fontes da História”; “Crítica Histórica”; “A síntese Histórica”; “A periodização”; “A História e a cronologia” e “Diversos tipos de História”. Depois dessa explanação, o programa versava acerca do ensino de História,

---

<sup>102</sup> Bontempi Júnior (2001), ao dissertar acerca da Cadeira Didática Geral e Especial da USP, descreve a realização de seminários para a discussão de problemas surgidos nos estágios, seminários que na FCFS talvez se aproximassem das “Aulas críticas” da professora Josefina Leite Campos, de Didática Especial de História e Geografia realizadas para o debate das aulas ministradas pelos seus discentes.

<sup>103</sup> Para o autor, existem dois tipos de história: uma que interroga o que é *pensável* e a outra o que é *vivido*, entre as duas existe tensão, mas não uma completa oposição, assim, “[...] a relação do historiador com um vivido; quer dizer, a possibilidade de fazer reviver ou de ‘ressuscitar’ um passado. Ela quer restaurar um esquecimento e encontrar os homens através dos traços que eles deixaram” (CERTEAU, 2008, p. 46).

<sup>104</sup> Ver Anexo VI, quadro 18.

mais especificamente: “A importância do estudo da história”; “Histórico do ensino de história”; “Disciplinas auxiliares da História”; “A aprendizagem da história e seus problemas”; “Direção Técnica das atividades discentes em História”. E por fim discutiu “Os programas do ensino de História”; “Planejamento do ensino da História”; “Material didático para o ensino de História”; “Elementos complementares para o ensino da História: a bibliografia, a revista, a biblioteca, o cinema, os museus, as viagens” e “A formação do professor de História: o mestre e o educador”. Num segundo item, seria a parte prática com o planejamento de curso e de aulas, organização de provas e testes; relatórios de observação do ensino; trabalhos originais sobre o ensino de História e estágio do aluno (FCFS, Programas de Ensino de Didática Especial da História – FCFS, Relatórios Semestrais, 1954-1962).

Os programas da Didática Especial da História e da Geografia tinham a mesma estrutura; em muitos pontos apenas se substituíam o nome Geografia por História. Acrescentaram-se assuntos específicos da História, além de alguns temas de cunho mais teórico. Contudo, o programa de Didática Especial da História também aponta uma cópia de outra instituição, possivelmente da FNFi, e mais uma vez o indício é o estágio como professor do Ginásio de Aplicação, mesmo antes de este existir em Sergipe.

Nas cadernetas referentes ao primeiro semestre letivo desta disciplina constam os seguintes assuntos: “O Humanismo e a História”; “A Importância da História”, “Evolução do conceito de História”, “O ensino da História consciência”; “Causalidade e certeza histórica”, “Ciências auxiliares da História”, em duas aulas, e “Fontes Históricas”. No último mês do semestre, o professor ministrou duas aulas, uma sobre “Crítica Histórica” e outra sobre “Interpretação e Síntese” (FCFS, Cadernetas de Didática Especial de História, 1954/1). Pelo exposto na caderneta do primeiro semestre de aulas de 1954, o professor Gonçalo Rollemberg Leite explorou onze pontos do programa dos vinte relacionados na parte teórica. Talvez o programa fosse dividido, sendo metade trabalhado no primeiro semestre e os outros elementos no segundo. A parte prática da disciplina tinha como finalidade preparar o futuro docente de História para o ingresso na sala de aula do secundário e normal de outrora.

Investigando as cadernetas das Didáticas Especiais entre os anos de 1955 e 1962, observa-se que as aulas mesclavam assuntos da História e da Geografia num primeiro momento para depois trabalhar com assuntos mais “técnicos”. Um exemplo para ilustrar tal afirmação diz respeito às aulas de 1956, primeiro uma “Apresentação da matéria”,

depois “Evolução da História e seu conceito atual”, seguidas da “Evolução da Geografia”. As aulas versavam ainda sobre “Metodologia das ciências sociais”, “Metodologia da História: métodos especiais” e “Metodologia da Geografia”; em seguida constam duas aulas práticas, em que talvez a professora solicitasse aos discentes o uso daqueles métodos trabalhados de maneira teórica na sala de aula (FCFS, Cadernetas de Didática Especial da Geografia e da História, 1956).

Os assuntos prosseguiam pelos “Programas de ensino”, “Manual didático”, “Técnicas para o ensino” e ainda pela “Fixação da aprendizagem: tarefas e exercícios”; “Motivação” e “Verificação da aprendizagem”. Esta última desdobrava-se em aulas sobre “Provas escritas”, “Provas orais”, “Provas objetivas”, “testes” e mesmo sobre “A verificação da aprendizagem: na atual legislação escolar do Brasil”. Temas como “Planejamento”, “Plano de curso”, “Plano de unidade” e “Plano de aula” novamente aparecem na Didática Especial, assim como na Didática Geral. Na Didática Especial sobressaem-se as anotações nas cadernetas com “Estudo dirigido” e “Aulas práticas” além de uma significativa quantidade de aula direcionadas às “Críticas de aulas” logo após as chamadas “Aulas práticas”. Algumas aulas dedicadas à “Leitura de mapas geográficos e históricos”, como também “A importância do filme”, também são dignas de nota (FCFS, Cadernetas de Didática Especial da Geografia e da História, 1955-1962).

É importante frisar que a temática relacionada à forma como trabalhar o filme na sala de aula também fez parte das aulas de Didática Geral, aspecto que corrobora para a reflexão acerca das “metodologias de ensino” utilizadas em meados do século XX no processo de formação de professores de História.

Tomando como fonte o caderno de Maria Lígia Madureira Pina (s/d/), localizou-se os seguintes assuntos: “Deturpação no ensino de História”, “Manual Didático”, “Metodologia de História” e “Métodos”. Confrontando as anotações da aluna com as cadernetas desse ano, percebe-se que esses assuntos foram ministrados nos meses de março a abril, ocupando seis aulas da disciplina Didática Especial da Geografia e da História.

Nesse sentido, o estudo da História deveria ser dividido em três itens: “1) História política: formação do país e relações com os povos vizinhos. 2) História econômica: luta do homem contra o meio. 3) História cultural: estudo da religião, da família e do direito” (PINA, s/d, s/p). Nota-se que em meados do século XX, a

disciplina de Didática Especial do curso de Geografia e História da FCFS apresentava aos professores, ali em processo de formação, uma História fragmentada entre a política, economia e cultura. Entendia-se que:

O ensino de História é universal. Até as tribos mais primitivas transmitem os conhecimentos das lendas dos heróis civilizadores. Mas esse ensino tem sido deturpado pq. os governos se aproveitam dele para criar o xenofobismo (horror ao estrangeiro).

Ao invés de se fazer o estudo do passado para conhecer os êrros e as vantagens, procura-se exagerar o culto dos heróis, o nacionalismo exagerado.

A História tem de ser, não o monopólio do poder político, mas um auxiliar da verdade. Ao ensinar a H. N., o professor mostrará que ela está ligada a História Universal. Deve mostrar que nós não somos um povo isolado. Ensinar o aluno a evitar o ódio contra um determinado país (ódio hereditário), procurar entre as nações o que as une e não, os pontos de divergência (PINA, s/d, s/p).

Pela fonte pode-se inferir que o curso de Geografia e História da FCFS estimulava um ensino de História que articulasse a história do Brasil à história mundial, examinando não só aspectos políticos de determinados povos, mas também a busca por “auxiliar na verdade”, deixando de lado o culto aos heróis e focando o conhecimento dos “erros e vantagens do passado”.

Critica-se o uso do ensino da História para o desenvolvimento da xenofobia, reforçando-se os pontos de convergência entre os povos e não o inverso. Chama atenção ainda o “caráter universal” do ensino de História propagado naquela aula, não sendo este restrito ao ambiente da sala de aula, mas presente em diferentes espaços.

Tal ensino deveria estar atrelado aos “Objetivos da História”, os quais eram: “1- Despertar o amor à pátria e à humanidade. 2) Respeito absoluto à verdade. 3) Despertar o sentimento de (nacionalidade) solidariedade social e dar uma clara noção da civilização no mundo” (PINA, s/d, s/p). Fica evidente que os objetivos do ensino da História vinculavam-se à “definição” deste, aqui exposta. A disciplina apregoava que o ensino de História deveria buscar uma história patriótica, que ao mesmo tempo exaltasse o nacional, mas estar interligada ao mundo “civilizado”. Sobressai-se também o item referente ao respeito à verdade pelo qual a História necessitaria zelar.

As anotações ainda trazem as características do que era considerado “um bom manual de História”: “1- Linguagem direta, prática e simples. 2- Possuir enxertos de

documentos históricos para despertar o interesse do aluno. 3- Bibliografia do assunto dado. 4- Deve ser impresso em bom papel e ter em destaque os pontos essenciais” (PINA, s/d, s/p). É dado realce à importância da materialidade do livro e à evidência que alguns conteúdos precisariam ter nesses chamados “pontos essenciais”, talvez assuntos considerados mais importantes no âmbito da História.

Também se sobressaem: o uso de um vocabulário específico que aproximasse o aluno do ensino de História a ele apresentado. Assim como a valorização do trato com as fontes nos manuais didáticos, tendo em vista o estímulo à aprendizagem dos discentes, além do significativo apontamento da bibliografia como uma parte fundamental em um “bom manual didático de História”. Tais objetivos indicam que em meados do século XX ocorria uma valorização de aspectos, como fontes históricas e os autores que embasaram determinadas análises na escolha do manual didático de História a ser trabalhado em sala, levando-se em consideração que o “material didático é muito importante porque concorre para a concretização das aulas. Facilita a apreensão da aula pelo aluno” (PINA, s/d, s/p).

Ainda com base no caderno de Maria Lígia Madureira Pina (s/d), as anotações também dizem respeito à “Metodologia da História”, abordando a variedade de métodos e necessidade de adaptação destes de acordo com a aula. Deste modo, destacou o “Método de Projetos”, explicando sua história, fases, vantagens e desvantagens, como também o “Método dos Círculos concêntricos”, “Método de grupos de fatos” e o “Método expositivo”. Sublinha-se o último como o mais usado e relevante, mas que deveria ser realizado de maneira acoplada a outras metodologias.

Por meio de uma análise acurada dos conteúdos das Didáticas Especiais percebe-se que *a posteriori* eles migram, em certa medida, para duas outras disciplinas. A Didática Especial da História foi substituída pela Prática de Ensino de História, locada na segunda e terceira séries do curso de História a partir de 1963. Já a Didática Especial da Geografia passou para a Prática de Ensino de Geografia, lecionada na terceira e quarta séries do curso de Geografia diante da separação do curso em foco.

Isso corrobora com o relato de Carvalho (1992, p. 247) quando diz que: “No princípio era a Didática Especial. Uma Didática Especial muito mais sedimentada nos conhecimentos empíricos e pessoais do professor que a ministrava do que baseada em um corpo de conhecimentos sobre o ensino do conteúdo específico”. E fundamentada em Aurélia Domingues de Castro, Carvalho complementa:

A Prática de Ensino nasceu quando o Conselho Federal de Educação pelo Parecer, 292/62, estabeleceu o currículo mínimo para os cursos de Licenciatura, substituindo, então a Didática Especial pela Prática de Ensino e introduzindo de forma obrigatória os Estágios Supervisionados (CASTRO, 1974, apud. CARVALHO, 1992, p. 246).

Também dessa forma ocorreu na FCFS. A partir de 1963 a Prática de Ensino substituiu as Didáticas Especiais. E a afirmação da professora Josefina Leite, citada por sua aluna Beatriz Góis Dantas (2010), de que “ser professor era praticar”, parecia estar interligada às mudanças ocorridas na reformulação curricular do início da década de 1960, na qual as nomenclaturas das Didáticas Especiais cederam espaço para as Práticas de Ensino.

Diante da finalidade de expor ao aluno e futuro professor aspectos teóricos e práticos do ensino da Geografia e da História, as disciplinas vinculadas ao curso de Didática deveriam fornecer os elementos básicos para os futuros professores da FCFS; ali seriam aperfeiçoados aqueles docentes, com aulas e “estágios”. Antes, a prática docente começava por ministrar aulas para os próprios colegas, depois em colégios públicos da capital. Com a criação do Ginásio de Aplicação da FCFS, os estágios foram transferidos para este “laboratório de ensino”. Muitos alunos ainda durante o estágio já conseguiam firmar-se no mercado de trabalho quando começavam a lecionar em alguma escola particular.

Destarte, o curso de Didática funcionou regularmente até o ano de 1962, porém suas aulas permaneceram até 1965, quando as últimas turmas com ingresso anterior à reforma curricular concluíram seus estudos. “A partir de 1966, todas as quatro séries da Faculdade estavam integradas no novo currículo que distribui as disciplinas do antigo curso de Didática, entre o 2º, 3º e 4º anos de cada curso” (Ata da XXIV Reunião da Congregação da FCFS, 8 de março de 1965, FCFS, Relatório Semestral da FCFS, 1965/1).

A formação desses docentes de maneira tão fragmentada, com três anos “teóricos” e um “prático”, gerou inúmeros questionamentos por todo o país e figurou como uma problemática para a existência de uma relação harmônica entre pesquisa e

ensino, bacharelado e licenciatura<sup>105</sup>, que se estendem ao logo de décadas na área da História.

Desse modo, a formação daqueles professores de História perpassava o “bacharelado” e “licenciatura” como duas “árvores” distintas. Neste sentido, era visto o ensino na FCFS: primeiro o curso específico depois “o quarto ano”, o “ano à parte”. Entretanto, provavelmente, o fato de muitos docentes continuarem a lecionar as disciplinas com as quais tinham mais afinidade, nos casos das didáticas especiais do curso de Geografia e História, os professores Gonçalo Rollemberg Leite e Felte Bezerra, e depois Josefina Leite Campos e Cleonice Xavier de Oliveira, estas já graduadas em Geografia e História, podem ter amenizado um pouco as distâncias entre bacharelado e licenciatura e contribuído para que o conhecimento histórico ali transmitido tivesse suas peculiaridades.

O curso de Didática como o “complemento” que conferia o título de licenciado ao bacharel em Geografia e História, e também aos outros bacharéis da instituição, era constituído de conteúdos e disciplinas diversas, mas que de alguma forma se interligavam, pois tinham por finalidade preparar aqueles alunos para o exercício da docência. Suas “aulas práticas” ou os diferentes conteúdos, que por algumas vezes “repetiam-se” em díspares disciplinas, deixaram marcas registradas na memória e atuação profissional dos alunos que ali estudaram e depois seguiram os caminhos da docência, como relataram os entrevistados desta pesquisa.

Assim, apesar das dificuldades enfrentadas e da carência de professores para lecionar as chamadas “matérias pedagógicas”, as disciplinas do curso de Didática constituíram-se numa significativa parcela na formação desses futuros professores e intelectuais sergipanos, ainda que constantes críticas sejam efetuadas a esse modelo de ensino. Com a reforma ocorrida na FCFS instituída pelo Parecer 192/62 do Conselho Federal de Educação, o curso deixou de existir e as disciplinas foram realocadas ou extintas, como foi o caso de Fundamentos Biológicos da Educação. De qualquer modo, sublinhamos algumas das contribuições que esses diferentes saberes configurados em distintas disciplinas forneceram ao curso de Geografia e História e vislumbramos que as disciplinas de Didática, o “+1”, foram cruciais para a formação acadêmica dos

---

<sup>105</sup> No tocante à relação entre bacharelado e licenciatura na área da História, consultar Oliveira (2003) e Costa (2010).

professores de História da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe em meados do século XX.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A História dá maior possibilidade de você se integrar com o mundo, porque ela lhe traz o conhecimento de tudo que se passou [...]; desde as épocas mais remotas, e você vai aprendendo. [...] Dizendo como Cícero, que eu acho a definição mais perfeita: 'A História é a mestra da vida' (Maria Lígia Madureira Pina – Graduada no curso de Geografia e História – 1958).*

Ginzburg (1991) lembra aos amantes de Clio que o conhecimento do passado é sempre incompleto, pois, tomando como base alguns fragmentos e ruínas daquilo que já passou, indubitavelmente ficam as lacunas e incertezas sobre o efetivamente vivido. Dentro dessa perspectiva desenvolveram-se as análises da presente pesquisa.

No tocante ao primeiro espaço do ensino acadêmico de História em Sergipe, esquadrihando os diversos aspectos que constituíram a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe e conseqüentemente o curso de Geografia e História que ela abrigou durante mais de uma década, confirmou-se a hipótese de que a Faculdade de Filosofia sergipana, como tantas outras no Brasil, esteve permeada por um ensino “livresco” e enfrentou uma série de problemas para permanecer “viva” ao longo dos dezessete anos que esteve em atividade.

Sobressaem-se as dificuldades para funcionar no período da noite em prédio do centro da cidade de Aracaju dos anos 50 do século XX, a pouca procura de alunos, aliada a problemas financeiros, e mesmo à carência de professores para lecionar as distintas disciplinas dos cursos ali inaugurados. Destaque para a figura do seu principal diretor, Dom Luciano José Cabral Duarte, que, diante dos primeiros passos da FCFS, articulou um quadro de bacharéis, já professores de outras instituições de ensino como o Atheneu Sergipense, para ali lecionar diferentes saberes. Seus primeiros professores aventuraram-se por áreas pouco conhecidas ou aprofundaram conhecimentos de determinados assuntos que já lecionavam no ensino secundário, deixando marcas na formação daqueles professores, essas registradas aqui por meio dos depoimentos de ex-alunos.

As mudanças de prédio e conseqüentemente a alteração no horário de funcionamento da instituição, em conjunto com a ampliação da sua biblioteca, assim como o retorno de ex-alunos para lecionar na FCFS, assinalaram etapas do funcionamento dessa faculdade. Os “filhos” já licenciados que voltaram à instituição contaram com o estímulo e a concretização de maiores especializações acadêmicas em diferentes locais do país e no exterior. Tais modificações contribuíram para a consolidação da FCFS como pioneira instituição em terras sergipanas de formação de professores no ensino superior.

Certamente, quando a FCFS foi incorporada à então criada Universidade Federal de Sergipe, em 1968, havia cumprido além de sua função de formar docentes do ensino secundário e normal, mas ali também se congregaram intelectuais que atuaram

nas pesquisas e no ensino da Antropologia, Geografia, História, Letras, entre outros campos do saber. Assim, deixamos registrado o seu significado lembrado por poucos, mas vivenciado por muitos.

Percorrida essa primeira empreitada, analisamos o curso de Geografia e História, suas disciplinas, o perfil dos seus docentes e os conteúdos explícitos ali trabalhados, articulando o que era ensinado ao professor de História em Sergipe e em outros locais do país, como na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

O curso de Geografia e História da FCFS apresentava aos seus alunos as linhas gerais da História mundial, americana e do Brasil, sem maiores discussões sobre pesquisa ou mesmo acerca da escrita da História. Os métodos e técnicas da pesquisa histórica só foram instituídos em 1963, com o ingresso da disciplina Introdução dos Estudos Históricos no currículo do curso de História, separado do curso de Geografia.

Distantes das práticas de especialização, os professores do curso em foco durante a década de 1950 e início de 1960 ensinavam por afinidade com as disciplinas, pela sua formação ampla e experiência docente, ou mesmo para suprir as lacunas constantes no quadro de professores da faculdade. Com raras exceções, como Maria Thétis Nunes e Cleonice Xavier de Oliveira, licenciadas na Bahia, ou Josefina Leite Campos, que logo após terminar seu curso na Faculdade de Filosofia sergipana ingressou como professora, o curso de Geografia e História era predominantemente conduzido por bacharéis em Direito.

Todavia, o alcance de certo domínio do *campo* de formação de professores de História, por profissionais licenciados na área, ocorreu paulatinamente a partir do início da década de 60 do século XX. Aos poucos aconteceu a substituição dos professores bacharéis, que passaram a dedicar-se exclusivamente aos seus cursos de formação acadêmica, por ex-alunas do curso de Geografia e História. Dessa forma, Maria Auxiliadora de Melo Diniz lecionou por alguns anos a disciplina de História do Brasil, depois reassumida pela licenciada Maria Thétis Nunes. Maria da Glória Santana de Almeida aos poucos assumiu as chamadas “História da Civilização”; Maria de Lourdes Amaral Maciel, a História da América; Maria de Andrade Gonçalves, a disciplina de História de Sergipe, criada no início da década de 1960. Já a Introdução dos Estudos Históricos ficou por longos anos sob a responsabilidade do jurista e pesquisador da História José Silvério Leite Fontes.

Desse modo, embora dotado de um ensino de caráter geral, com aulas expositivas ministradas por professores sem formação na área que ensinavam, e com pouco acesso a livros ou pesquisas, confirmou-se a hipótese de que o curso de Geografia e História da FCFS contribuiu sobremaneira para a legitimação da História como área do saber acadêmico e a necessidade de profissionais com uma formação específica na área, tanto para atuação no ensino superior quanto para lecionar no ensino secundário e normal de outrora.

O próprio curso de Geografia e História também modelava os conteúdos apresentados nos programas de ensino a serem seguidos, fornecendo novas formas a determinados assuntos, diante da subjetividade do docente dentro do espaço da sala de aula. As disciplinas da História difundiam muitas vezes uma história narrativa com aulas permeadas pela “encenação” de fatos e personagens. Primava-se por um professor que soubesse datas, nomes e formado pela prática, pois “ser professor era praticar”, seja no “trabalho prático” ou nas “aulas estágio”.

A prática aliada à teoria deveria constituir os elementos centrais das disciplinas de Didática, cujos temas incomuns denotam um caráter “técnico” que perpassava a formação daqueles docentes. Em várias disciplinas constam planejamentos de cursos, unidades, aulas, estudo dirigido ou como fazer, como agir, como resolver os mais variados problemas que aqueles futuros docentes poderiam enfrentar na sala de aula. Infere-se que certas “molduras” alinhavam as disciplinas de Didática interligadas à espécies de “fórmulas prontas”.

Ressalta-se também o intento de investigar tais disciplinas para além de uma análise “internalista”, como nos adverte Bontempi Júnior (2001). Desta forma, observamos as *redes de sociabilidade* em que os professores do curso estavam inseridos, os *capitais* utilizados por estes para a sua entrada, manutenção ou consolidação no *campo* do ensino superior sergipano e as finalidades de cada uma das disciplinas estudadas por meio dos seus conteúdos explícitos.

Destarte, as investigações empreendidas por meio de fontes como programas de ensino, cadernetas, caderno, atas e depoimentos orais, articulados com o referencial teórico exposto, vislumbraram um curso de formação genérica, com distintas disciplinas e professores com formações acadêmicas variadas. Alguns programas de ensino assinalavam modificações de conteúdos quando acontecia troca de docentes, mesmo tendo um programa de ensino a ser seguido. A separação do curso de Geografia e

História que deveria ocorrer nacionalmente em 1956 e em Sergipe somente se efetivou em 1963, assim como os distintos contornos efetuados pelas disciplinas de Didática a partir de 1962, ano que se estabeleceu o currículo mínimo para as licenciaturas no país.

As análises efetuadas mostram como distintas apropriações foram efetivadas da mesma legislação e como em cada ambiente educacional as práticas se reelaboram diante de um conjunto de fatores como as disciplinas e os seus docentes, interferindo também nos conteúdos ministrados e nas finalidades educacionais de determinados saberes em cada época.

Entretanto, mesmo diante da procura por responder às questões da presente pesquisa alhures anunciada, o estudo fez emergir novas indagações a serem investigadas. A respeito da FCFS, seria esta o berço das pesquisas em ciências humanas em terras sergipanas ou a pesquisa já estaria vinculada aos professores do Atheneu Sergipense, muitos dos quais lecionavam naquela faculdade?

Quem eram, qual a formação e por que os intelectuais formados em distintas áreas do saber, em diferentes locais do Brasil, com destaque para o estado da Bahia, assumiram essa ou aquela disciplina no curso de Geografia e História quando criado em meados do século XX? Ou mesmo por que lecionaram as disciplinas do curso de Didática? Por que exatamente esses professores ficaram responsáveis pelas “ciências pedagógicas”, primeiras aulas desses campos do conhecimento em nível superior nas terras sergipana? Em outras palavras, como se articulou o processo de profissionalização de docentes do ensino superior sergipano integrado às disciplinas “escolhidas” para lecionar na FCFS? Estes saberes deixaram-lhes “marcados” como docentes de uma ou outra disciplina.

Além disso, questionamos também quem seriam os ex-alunos com uma formação específica na área da História que voltaram como professores do curso em foco e qual o percurso realizado por esses pioneiros profissionais no processo de delimitação e ocupação do *campo* do magistério. Ficam as dúvidas também sobre o “poder” da cátedra no curso de Geografia e História da FCFS e ainda acerca dos principais livros e autores que embasaram as “silenciadas” bibliografias ali trabalhadas.

Mesmo diante dessas incertezas que permeiam aqueles que se aventuram a entender determinados aspectos de um “recorte” do passado, registra-se que a análise da história das disciplinas aqui efetuada, seja referente às disciplinas da História ou às disciplinas de Didática, vislumbra as disciplinas acadêmicas como espaços do saber

capazes de “tecer fios” que entrelaçaram tantas outras histórias. Por fim, infere-se que disciplinas, docentes e conteúdos permearam os itinerários da História na FCFS em meados do século XX.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. **Memórias de Dona Sinhá**. Aracaju: Typografia Editorial/ Scorttecci Editora, 2005.

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na Educação: Missão, Vocação e Destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares de; SOUZA, Rosa Fátima de, VALDEMARIN, Vera Teresa. **O Legado educacional do século XX no Brasil**. 2. ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2006. p. 59-107.

ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e Educação: a paixão pelo possível**. São Paulo/SP: UNESP, 1998.

ALVES, Eva Maria Siqueira. **O Atheneu Sergipense: Uma Casa de Educação Literária examinada segundo os Planos de Estudos (1870/1908)**. Programa de Estudos de Pós-Graduados em Educação: História, Política e Sociedade, PUC/SP. 2005. Tese (Doutorado em Educação).

ALVES, Eva Maria Siqueira; OLIVEIRA, João Paulo Gama; TELES, Igor Pereira. O Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense: contribuições para a História da Educação. **Revista da FAPese**. Vol. 4, nº 1. 2008, p. 79-88.

ALVES, Eva Maria Siqueira; OLIVEIRA, Fabiana Cristina Oliveira S.; OLIVEIRA, João Paulo Gama; TELES, Igor Pereira; REZENDE, Deyse Santos. **Relatório de Pesquisa**. Professores de Matemática do Estado de Sergipe: formação, concepções perspectivas. 2009.

ANAIS DA 7ª SEMANA DE HISTÓRIA: A Historiografia de Maria Thétis Nunes/ São Cristóvão. **Anais da 7ª Semana de História**. São Cristóvão – SE: Universidade Federal de Sergipe. CECH, Departamento de História. 2004. Caderno de Resumos.

ANTUNHA, Heládio César G. **A reforma de 1920 da instrução pública no estado de São Paulo**. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. 1974. Tese (Doutorado em Educação).

ARAÚJO, Gerry Sherlock. **A Universidade Federal de Sergipe sob o signo da Reforma Universitária (1968)**. Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2008. Monografia (Licenciatura em História).

AZEVEDO, Crislane Barbosa de. **Gonçalo Rollemberg Leite e a direção da Faculdade de Direito de 53 a 70**. Jornal CIFORM. Edição 991. 08 a 14 de abril. 08 a 14 de abril. Caderno de Cultura, p. 53. Aracaju-SE, 2002.

AZZI, Riolando. **A Neocristandade: um projeto restaurador**. São Paulo: Paulus, 1994.

BARRETO, Luiz Antonio. **Pequeno dicionário prático de nomes e denominações de Aracaju**. Aracaju: ITBEC/ BANESE, 2002.

BARRETO, Luiz Antonio. **Os 100 anos de Gonçalo Rollemberg Leite**. Disponível em <[http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=44237&titulo=Luis\\_Antonio\\_Barreto](http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=44237&titulo=Luis_Antonio_Barreto)>. Publicado em 16 de fevereiro de 2006. Acesso em 16 de dezembro de 2010.

BARRETO, Raylane Andrade Dias Navarro. **Os Padres de D. José: O Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1948)**. São Cristóvão - SE: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal de Sergipe, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação).

BERNARDO, Maristela Veloso Campos. **Re-vento a Formação do Professor Secundário nas Universidades Paulistas do Estado de São Paulo**. Programa de Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1986. (Dissertação de Mestrado).

BEZERRA, Francisco Chaves. **O Ensino Superior de História na Paraíba: aspectos acadêmicos e institucionais (1952-1974)**. Núcleo de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2007. Dissertação (Mestrado em História).

BITTENCOURT, Circe Fernandes. “Disciplinas escolares: história e pesquisa”. In: Oliveira, Marco Aurélio Taborda; RANZI, Shirlei Maria Fischer (orgs.). **História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003, p. 9-38.

\_\_\_\_\_. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. **A cadeira de História e Filosofia da Educação da USP entre os anos de 40 e 60: um estudo entre as relações da vida acadêmica e da grande imprensa**. Programa de Pós Graduação em Educação: História, Política e Sociedade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Educação).

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática, In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática: 1994.

\_\_\_\_\_. **Razões Práticas. Sobre a teoria da ação**. Trad. Mariza Corrêa. Papirus Editora. Campinas: 1996.

\_\_\_\_\_. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.) **Escritos de Educação**. 8. edição. Petrópolis. Vozes, 1998. p. 71-80.

\_\_\_\_\_. **Meditações Pascalianas**. Trad. Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. O campo intelectual: um mundo à parte. In: **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 169-180

\_\_\_\_\_. **Os usos sociais da ciência:** por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. **“A economia das trocas simbólicas.** 6. edição. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRITO, Maria Zelita Batista. **Em tempos de rebeldia e sombra:** o movimento estudantil universitário em Sergipe em descompasso com o regime autoritário (1964-1968). Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão - SE, 1999. Monografia (Licenciatura em História).

BRITO, Higo da Silva. **Dr. Costa Pinto:** um médico-educador e humanista pernambucano a serviço de Sergipe. Texto não publicado. 2008.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. “Memórias da Prática de Ensino”. IN: **Revista da Faculdade de Educação.** 18 (2), 1992, p. 247-252.

CARVALHO, José Murilo de. **A Escola de Minas de Ouro Preto. O peso da glória –** 2. edição revista. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

CASTRO, Amélia Domingues de. “A memória do ensino de Didática e Prática de Ensino no Brasil”. IN: **Revista da Faculdade de Educação.** 18 (2), 1992, p. 233-240.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História.** 2. edição. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

CHERVEL, André. “História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa”. IN: **Teoria & Educação,** nº. 2, 1990, p. 177-229.

CIAMPI, Helenice. **A História pensada e ensinada:** da geração das certezas a geração das incertezas. São Paulo: EDUC, 2000.

COELHO, Edmundo Campos. **As Profissões Imperiais:** Medicina, Engenharia e Advocacia no Rio de Janeiro, 1882-1930. Rio de Janeiro: Record, 1999.

CONCEIÇÃO, Claudileuza Oliveira da. **A Escola de Química de Sergipe:** a formação de um campo de profissionais. São Cristóvão - SE: Núcleo de Pós Graduação em Educação/ Universidade Federal de Sergipe, 2010 (Dissertação de Mestrado).

COSTA, Rosimeire Marcedo. **Fé, civilidade e ilustração:** as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973). Núcleo de Pós-Graduação em Educação. São Cristóvão - SE, 2003. (Dissertação de Mestrado).

COSTA, Aryana Lima. **A formação de profissionais de História:** o caso da UFRN (2004-2008). Núcleo de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2010. (Dissertação de Mestrado).

CRUZ, José Vieira da. **O Centro Popular de Cultura da União Estadual dos Estudantes Sergipanos e os movimentos culturais do início dos anos 60 (1962-1964)**. Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 1998. Monografia (Licenciatura em História).

\_\_\_\_\_. **Juventude e identificação social: experiências culturais dos universitários em Aracaju/SE (1960-1964)**. Núcleo de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2003. (Dissertação de Mestrado).

CUNHA, Luiz Antônio. Ensino Superior e Universidade no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de Educação no Brasil**. 3. edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.p. 151-204.

\_\_\_\_\_. **A universidade temporã**. 3. edição. [revista]. São Paulo: Editora UNESP, 2007a.

\_\_\_\_\_. **A universidade crítica: o ensino superior na república populista**. 3. Ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2007b.

\_\_\_\_\_. **A universidade reformanda: o golpe de 1964 e modernização do ensino superior**. 2. Ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2007c.

DANTAS, Beatriz Góis. “Felte Bezerra: um homem fascinado pela Antropologia”. **Revista Tomo**. Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe. V. 1. Nº 1. São Cristóvão – SE: CIMPE, 1998. p. 31-46.

\_\_\_\_\_. “Felte Bezerra e a fase heróica da Antropologia em Sergipe: 1950-1959”. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju, 2009. p. 227-255.

DANTAS, Beatriz Góis Dantas; NUNES, Verônica M. M. (organizadoras). **Destinatário: Felte Bezerra – cartas a um antropólogo sergipano (1947-59 e 1973-85)**. São Cristóvão - SE: Editora UFS, 2009.

DANTAS, Ibarê. “Bonifácio Fortes, pioneiro nos estudos de Ciência Política em Sergipe”. **Revista Tomo**. Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe. V. 1. Nº 1. São Cristóvão – SE: CIMPE, 1998c. p. 47-60.

\_\_\_\_\_. **História de Sergipe, República (1889-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

\_\_\_\_\_. “José Silvério Leite Fontes”. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. nº 35, 2006. p. 297-308.

DUARTE, Dom Luciano José Cabral. **Palavras de Dom Luciano na Celebração da Missa em Comemoração aos 40 anos da FAFI**. Texto não publicado, datilografado, com anotações e correções a mão. 15 de Maio de 1991.

FALCON, Francisco. “A Identidade do Historiador”. In: **Revista Estudos Brasileiros**. Vol. 9. Nº 17, 1996. Disponível em <<http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2014>>. Acesso em: 02 de dezembro de 2009.

FÁVERO, Maria de Lourdes de A.. Da cátedra universitária ao departamento: subsídios para a discussão. **Anais da 23ª Reunião Anual da ANPED**. Caxambu-MG, 2000a. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/1118t.PDF>>. Acesso em: 19 de março de 2010.

FÁVERO, Maria de Lourdes Albuquerque. **Universidade do Brasil: das origens à construção**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ INEP, 2000b.

FERREIRA, Otilia Tatiana de Cácia da Conceição. **Entre o discurso médico e o jurídico: Garcia Moreno e as primeiras inferências da Medicina Legal em Sergipe (década de 1940)**. Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2004. Monografia (Licenciatura em História).

FERREIRA, Marieta de Moraes. “Intelectuais ou professores? A criação dos primeiros cursos de História no país já apontava os desafios do ensino universitário nessa área”. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Ano V. Nº 56, maio de 2010. p. 80-83.

FÉTIZON, Beatriz Alexandrina de Moura. **Subsídios para o estudo da Universidade de São Paulo**. São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1986 (Tese de Doutorado em Educação – 3 volumes).

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil: História oral de vida**. 3. Edição. Campinas, SP: Papirus, 2006.

FREITAS, Itamar. Itinerários do ensino superior de História no Brasil: primeiras leituras. In: **Cadernos UFS História da Educação**, São Cristóvão, v. 5, n. 1, p. 79-90, 2003.

\_\_\_\_\_. **Histórias do Ensino de História no Brasil (1890-1945)**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2006.

\_\_\_\_\_. **Historiografia Sergipana**. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2007.

\_\_\_\_\_. **A pedagogia histórica de Jonathas Serrano: uma teoria do ensino de história para a escola secundária brasileira (1913-1935)**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força**. História, retórica, prova. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HOLANDA, Guy de. **Um quarto de Século de Programas e Compêndios de História para o Ensino Secundário Brasileiro: 1931-1956**. Rio de Janeiro. CBPE/Inep/MEC, 1957.

IGLÉSIAS, Francisco. Depoimento. In: **Cientistas do Brasil**. Depoimentos ... SBPC. Entrevista concedida a Maria Efigênia Lage de Resende (Departamento de História, UFMG) e Roberto Barros de Carvalho (*Ciência Hoje*), publicada em junho de 1991. Disponível em: <<http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/txt.php?id=34>> Acesso em: 18 de maio de 2010.

JULIA, Dominique. “Disciplinas escolares: objetivos, ensino e apropriação”. LOPES, Alice Casimiro, MACEDO, Elizabeth (orgs.). In: **Disciplinas e integração curricular: história e políticas**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002. p. 37-71.

KATSIOS, Kalliópi Alexandra A.. **Um estudo sobre o curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1940-1969)**. Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política e Sociedade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999. Dissertação (Mestrado em Educação).

LIMA, Luís Eduardo Pina. **Ideologias e Utopias na História da Educação** (o processo de criação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe – 1950/51). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. 1993. Monografia (Pós-Graduação).

LIMA, Fernanda Maria Vieira de Andrade. **Contribuições de Dom Luciano José Cabral Duarte ao Ensino Superior Sergipano (1950-1968)**. São Cristóvão – SE: Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação).

LIMA e FONSECA, Thais Nivia de. **História & Ensino de História**. 2. ed. 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006b.

MARTINS, Maria do Carmo. **A história prescrita e disciplinada nos currículos escolares: quem legitima esses saberes?** Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

MENEZES, Ademir Pinto de. **José Silvério Leite Fontes: uma contribuição à Historiografia de Sergipe**. Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 1998. Monografia (Licenciatura em História).

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

MORAIS, Gizelda. **D. Luciano José Cabral Duarte: relato biográfico**. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2008.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. **José Calasans: a História Reconstruída**. Salvador – BA: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 2004 (Mestrado em História).

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas Bôas Carvalho do; NASCIMENTO, Jorge. C. do; OLIVEIRA, Maria Antonieta Albuquerque de; TAVARES, Maria das Graças Medeiros. Educação Superior em Sergipe (1991-2004). In: GIOLO, Jaime; RISTOFF, Dilvo (Orgs.). **Educação Superior Brasileira (1991-2004)**: Sergipe. Brasília: Inep, 2006. p. 21-72.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Silêncios e esquecimentos da história da educação em Sergipe: o professor Gonçalo Rollemberg Leite**. Publicado em 28 de janeiro de 2007. Disponível em: <[http://jorge.carvalho.zip.net/arch2007-01-28\\_2007-02-03.html](http://jorge.carvalho.zip.net/arch2007-01-28_2007-02-03.html)> Acesso em: 16 de dezembro de 2010.

NUNES, Maria Thétis. **Amigos de Dom Luciano. Meus Amigos**. Não publicado. S/D.

\_\_\_\_\_. “Dr. José Rollemberg Leite”. In **Revista do IHGS**. Aracaju, nº 32, 1999. p. 241-242.

\_\_\_\_\_. **História da Educação em Sergipe**. 2. Ed. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008a.

NUNES, Martha Suzana Cabral. **O Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1959-1968)**. São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal de Sergipe, 2008b. Dissertação (Mestrado em Educação).

OLIVA, Luiz Eduardo. **O processo de gestação de uma Universidade no Nordeste: o caso de Sergipe**. Florianópolis: UFSC, 1990. Dissertação (Mestrado em Administração).

OLIVA, Terezinha. **O Professor Silvério e a Pesquisa Histórica**. Aracaju, 24 de Julho de 1998.

OLIVEIRA, Fabiana Cristina Oliveira Silva de. **Uma disciplina, uma história: Cálculo na Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Sergipe (1972-1990)**. São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, 2009a. Dissertação (Mestrado em Educação).

OLIVEIRA, João Paulo Gama. **O Curso de Geografia e História da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: entre alunas, docentes e disciplinas – uma história**. Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2008. Monografia (Licenciatura em História).

OLIVEIRA, João Paulo Gama, ALVES, Eva Maria Siqueira. As aulas de Maria Thétis Nunes na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1956). In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA: Espaço (auto) biográfico: artes de viver, conhecer e formar. **Anais do IV Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica**. São Paulo – SP. 2010.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. A Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: uma estratégia para a manutenção de *campo*. In: IX CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO LATINO-AMERICANA: educação, autonomia e identidades na América Latina. **Anais do IX Congresso Iberoamericano de História da Educação Latino-Americana**. Rio de Janeiro – RJ. 2009b.

OLIVEIRA, Márcia Terezinha Jerônimo. A trajetória administrativa de Gonçalo Rollemberg Leite junto à Faculdade de Direito de Sergipe (1953 - 1970). In: IX CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO LATINO-AMERICANA: educação, autonomia e identidades na América Latina. **Anais do IX Congresso Iberoamericano de História da Educação Latino-Americana**. Rio de Janeiro – RJ. 2009c.

OLIVEIRA, Márcia Terezinha Jerônimo. Elites, Intelectuais e Docência: anotações prosopográficas de professores fundadores da Faculdade de Direito de Sergipe. In: VIII CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: Infância, Juventude e Relações de Gênero na História da Educação. **Anais do VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**. 2010.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **O Direito ao Passado** (uma discussão necessária à formação do profissional de História). Programa de Pós-Graduados em História. UFPE. 2003. Tese (Doutorado em História).

OLIVEIRA, Nayara Alves de. **A Faculdade de Educação da Universidade Federal de Sergipe (1967-1971): origens e contribuições**. São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). No prelo.

PINA, Maria Lígia Madureira. **A mulher na história**. s.l.: s.e., s.d.. 404 p.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989. p. 03-15.

RAMOS, Antônio da Conceição. **Movimento Estudantil: A JUC em Sergipe (1958-1964)**. Núcleo de Pós-Graduação em Sociologia. São Cristóvão - SE, 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia).

REVISTA DO MESTRADO EM EDUCAÇÃO. São Cristóvão: UFS. Revista Semestral do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. vol. 9, julho/dezembro, 2004.

RIBEIRO, Wagner. “José Bonifácio Fortes Neto”. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. nº 34, 2003-2005. p. 247-251.

RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. “O papel da universidade no ‘campo da história’: o curso de Geografia e História da UPA/URGS na década de 1940”. **Métis - História e Cultura**, Caxias do Sul, v. 1, nº 2, jul./dez. 2002. p. 75-101,

ROIZ, Diogo da Silva. **A institucionalização do ensino universitário de História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1934-1956**. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Franca, São Paulo, 2004. Dissertação (Mestrado em História).

ROLLEMBERG, Maria Stella Tavares; SANTOS. Lenalda Andrade. (orgs.). **UFS – história dos cursos de graduação**. São Cristóvão – SE: UFS, 1999.

ROZANTE, Ellen Lucas. **A Revista de Pedagogia da Cadeira de Didática Geral e Especial da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1955-1967): a formação do professor do ensino secundário**. Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política e Sociedade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação).

SANTANA, Antônio Samarone de. et. all. **Dicionário biográfico de médicos de Sergipe: séculos XIX e XX**. Aracaju: Academia Sergipana de Medicina, 2009.

SANTANA, Cleber de Oliveira. **O que a cegueira do tempo fez desaparecer: fotografia e história na UFS (1968-1998)**. Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2000. Monografia (Licenciatura em História).

SANTOS, Francisco José Alves dos. **Mestre José Silvério Leite Fontes. 45 anos de Magistério**. Discurso proferido na homenagem pelos 45 anos de magistério do Professor José Silvério Leite Fontes na Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 30 de abril de 1992.

SANTOS, Lenalda Andrade. Curso de História: Resgate e Memória Histórica. **UFS – História dos Cursos de Graduação**. In: ROLEMBERG, Stella Tavares. SANTOS, Lenalda Andrade. São Cristóvão – SE, 1999. p. 159-170.

SANTOS, Maria Nely. **Professora Thétis: uma vida**. Aracaju: Gráfica Pontual, 1999.

SANTOS, Vera Maria dos. **A Geografia e os seus livros didáticos sobre Sergipe: do século XIX ao século XX**. São Cristóvão - SE: Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação).

SILVA, Vanessa Magalhães da. **No embalo das redes: intelectualidade, política e sociabilidade na Bahia (1941-1950)**. Salvador – BA: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 2010. Dissertação (Mestrado em História).

SILVEIRA, Jussara Maria Viana. **Da Medicina ao Magistério: aspectos da trajetória de João Cardoso Nascimento Júnior**. São Cristóvão – SE: Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação).

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.) **Por uma história política**. 2. ed. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p.231-269.

SOUSA, José Carvalho de. **Presença Participativa da Igreja Católica na História dos 150 anos de Aracaju**. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 2006.

SOUZA, Valéria Carmelita Santana. **A Cruzada Católica: uma busca pela formação de esposas e mães cristãs em Sergipe na primeira metade do século XX**. Núcleo de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão - SE. Dissertação (Mestrado em Educação). 2005.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VICENTINI, Paula Perin & LUGLI, Rosário Genta. **História da Profissão Docente no Brasil: representações em disputa**. São Paulo: Cortez, 2009.

VIÑAO, Antonio. “A história das disciplinas escolares”. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Trad. Marina Fernandes Braga. nº 18, set/dez. 2008a. p. 173-214.

\_\_\_\_\_. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. IN: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008b. p. 15-33.

VIVANI, Luciana M. **A biologia necessária**. Formação de professores e escola normal. Belo Horizonte (MG)/São Paulo: Argvmentvm, FAPESP, 2007.

## FONTES

### 1. Arquivo Central da Universidade Federal de Sergipe

#### - Cadernetas

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Cadernetas de Administração Escolar. 1954-1962.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Cadernetas de Didática Geral. 1954-1962.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Cadernetas de Didática Especial da Geografia. 1954.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Cadernetas de Didática Especial da História. 1954.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Cadernetas de Didática Especial da Geografia e da História. 1955-1962.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Cadernetas de Fundamentos Biológicos da Educação. 1954-1962.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Cadernetas de Fundamentos Sociológicos da Educação. 1954-1962.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Cadernetas de História da América. 1954-1962.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Cadernetas de História do Brasil – 2ª Série. 1954-1962.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Cadernetas de História do Brasil – 3ª Série. 1954-1962.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Cadernetas de História da Civilização Antiga e Medieval. 1954-1962.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Cadernetas de História da Civilização Contemporânea. 1954-1962.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Cadernetas de História da Civilização Moderna. 1954-1962.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Cadernetas de Psicologia Educacional. 1954-1962.

#### - Livros

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Livro de Registros de Atas de Formatura. 1955-1968.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Livro de Atas de Provas Parciais (1951-1968);

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Livro de Atas de Exames Finais (1951-1968);

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Livro de Atas de Concurso de Habilitação (1951-1968).

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Livros de Inscrição 1951-1969.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Livros de Matrícula 1951-1969.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Boletins de 1954-1969.  
FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. – Currículos de 1951-1977.  
FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. – Folhas de Pagamento de 1952-1969.  
FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Ofícios Expedidos 1952-1968.  
FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Relação de empregados da FAFI – 1955-1960 e 1963-1964.

#### **-Regimentos e Relatório**

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Regimento interno. s/d.  
FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Relatório para incorporação da FCFS à UFS.  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. Regimento Geral da UFS. 1968.

### **2. Arquivo da Cúria Metropolitana de Aracaju**

LIVRO DE TOMBO DA DIOCESE DE ARACAJU. 1949.  
REVISTA DOS 25 ANOS DO SACERDÓCIO DE DOM JOSÉ LUCIANO CABRAL DUARTE. V. 1. Nº 1. 1973.

### **3. Arquivo do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH/UFS)**

#### **-Atas**

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Ata da I Reunião da Congregação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Realizada em 12 de março de 1951.  
FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Ata da XXIX Reunião do CTA da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Realizada em 13 de fevereiro de 1960, Relatório Semestral da FCFS – 1960/1.  
FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Ata da XIV Reunião da Congregação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Realizada em 05 de março de 1960, Relatório Semestral da FCFS – 1960/1.  
FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Ata da XXXVIII Reunião do CTA da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Realizada em 27 de fevereiro de 1962, Relatório Semestral da FCFS – 1962/1.  
FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Ata da XIX Reunião da Congregação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Realizada em 05 de Junho de 1962, Relatório Semestral da FCFS – 1962/1.  
FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Ata da XXIV Reunião da Congregação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Realizada em 08 de março de 1965. Relatório Semestral da FCFS – 1965/1.

#### **- Relatórios**

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Relatórios Semestrais. 1951.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Relatórios Semestrais. 1952.

- FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Relatórios Semestrais. 1953.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Relatórios Semestrais. 1954.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Relatórios Semestrais. 1955.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Relatórios Semestrais. 1956.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Relatórios Semestrais. 1957.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Relatórios Semestrais. 1958.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Relatórios Semestrais. 1959.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Relatórios Semestrais. 1960.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Relatórios Semestrais. 1961.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Relatórios Semestrais. 1962.

**- Programas de Ensino**

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Programas de Ensino de Administração Escolar. Relatórios Semestrais, 1954-1962.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Programas de Ensino de Didática Geral. Relatórios Semestrais, 1954-1962.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Programas de Ensino de Didática Especial da Geografia. Relatórios Semestrais, 1954-1962.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Programas de Ensino de Didática Especial da História. Relatórios Semestrais, 1954-1962.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Programas de Ensino de Fundamentos Biológicos da Educação. Relatórios Semestrais, 1954-1962.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Programas de Ensino de Fundamentos Sociológicos da Educação. Relatórios Semestrais, 1954-1962.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Programas de Ensino de História da América. Relatórios Semestrais, 1953-1962.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Programas de Ensino de História do Brasil - 2ª Série. Relatórios Semestrais, 1952-1962.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Programas de Ensino de História do Brasil – 3ª Série. Relatórios Semestrais, 1953-1962.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Programas de Ensino de História da Civilização Antiga e Medieval. Relatórios Semestrais, 1952-1962.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Programas de Ensino de História da Civilização Contemporânea. Relatórios Semestrais, 1953-1962.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Programas de Ensino de História da Civilização Moderna. FCFS, Relatórios Semestrais, 1952-1962.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Programas de Ensino de Psicologia Educacional. FCFS, Relatórios Semestrais, 1954-1962.

#### 4. Instituto Dom Luciano Duarte

##### -Correspondências

DUARTE, Dom Luciano José Cabral Duarte. **Carta para Armando Barcelos**. Aracaju, 08 de Agosto de 1961;

DUARTE, Dom Luciano José Cabral Duarte. **Carta para Armando Barcelos**. Aracaju, 16 de Agosto de 1961;

DUARTE, Luciano José Cabral Duarte. **Carta para o Presidente da República Jânio Quadros**. Aracaju, 26 de Junho de 1961.

DUARTE, Luciano José Cabral Duarte. **Carta para Luís Alfredo da Silva**. Aracaju, 07 de Junho de 1962.

DUARTE, Luciano José Cabral Duarte. **Carta para Mamede Paes Mendonça**. Aracaju, 17 de Julho de 1962.

DUARTE, Luciano José Cabral Duarte. **Carta para o Cônsul da República Federal Alemã**. Aracaju, 16 de maio de 1962.

##### - Atestados, circular, ofícios e estatuto

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE, Ofício nº 27/65, Resposta do Monsenhor Luciano José Cabral Duarte a José Carlos Marques.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE, Circular Nº 2 aos Professores da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, 04 de maio de 1961

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE, Atestado de Padre Luciano José Cabral Duarte como catedrático de Psicologia na FCFS – 1954.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE, Atestado de Padre Luciano José Cabral Duarte como Diretor da FCFS – 1954.

- ESTATUTO DA SOCIEDADE SERGIPANA DE CULTURA – 1950;

##### - Fotografias

Fotografia da sala de aula da FCFS com o Monsenhor Luciano Duarte e a aluna Denise Porto – 11/11/1964.

Fotografia da sala dos Professores da FCFS – 1959.

#### 5. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

##### -Jornais

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE. Ano XXII, nº 10.766. 17 de junho de 1950.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE. Ano XXIII, nº 11.157. 26 de outubro de 1951.

DUARTE, Luciano José Cabral. Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. **Jornal A Cruzada**. Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Aracaju, 19 de novembro de 1950, ano XVI, nº 677

Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. **Jornal A Cruzada**. Aracaju, 11 de março de 1951, ano XVII, nº 692.

Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. **Jornal A Cruzada**. Aracaju, 1º de abril de 1951, ano XVII, nº 695.

Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. **Jornal A Cruzada**. Aracaju, 25 de Dezembro de 1952, ano XVIII, nº 732.

Aula inaugural da Faculdade de Filosofia. **Jornal A Cruzada**. Aracaju, 7 de março de 1959, ano XXIV, nº 1081.

Inauguração no Novo Prédio da Faculdade Católica de Sergipe. Missão da Faculdade – conduzir a inteligência humana até Deus. **Jornal A Cruzada**. Aracaju, 4 de abril de 1959, ano XXIV, nº 1085.

DUARTE, Dom Luciano José Cabral. Convite para aula inaugural da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. **Jornal A Cruzada**. Aracaju, 4 de março de 1961, ano XXV, nº 1.191.

Defesa de Tese na Faculdade de Filosofia. **Jornal A Cruzada**. Aracaju, 25 de março de 1961, ano XXV, nº 1194

DUARTE, Dom Luciano José Cabral. 10 anos da FAFI. **Jornal A Cruzada**. Aracaju, 23 de Setembro de 1961, ano XXV, nº 1.120

Tese de Doutorado em Pedagogia. **Jornal A Cruzada**. Aracaju, 1º de abril de 1961, ano XXV, nº 1195.

Defesa de Tese do Prof. Sílvio de Macedo. **Jornal A Cruzada**. Aracaju, 08 de abril de 1961, ano XXV nº 1196.

ESTUDANTES CONTINUAM NA LUTA NA FACULDADE DE FILOSOFIA. **Jornal Correio de Aracaju**. Aracaju, 27 de abril de 1961, Ano LXI, nº 6.590.

#### **-Revistas**

REVISTA DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Nº 1, ano 1. Aracaju - SE, 1961.

-REVISTA DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE, Nº 2, Aracaju – SE, 1967.

REVISTAS DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE, Nº 32, Aracaju – SE, 1999.

REVISTA PERSPECTIVA. Nº 1, ano 1, Aracaju-SE, 1966.

#### **-Tese**

LEITE, Gonçalo Rollemberg. **Aspectos econômicos da Idade Média**. Tese apresentada ao Atheneu Sergipense para o concurso de catedrático de História da Civilização. Aracaju: Casa Ávila Tipografia e Papelaria, 1938.

### **6. Museu do Homem Sergipano**

EXPOSIÇÃO “40 ANOS DA FAFI”. Acervo Fotográfico do Museu do Homem Sergipano.

### **7. Acervos Particulares de:**

Beatriz Góis Dantas. Fotografia com alunos da FCFS em 1963.

Olga Andrade Barreto. Fotografia da formatura da primeira turma de Licenciadas da FCFS –Março de 1955.

Maria de Matos Gonçalves. Fotografia de professores e discentes da FCFS na cerimônia de colação de grau – 1962

Maria Lígia Madureira Pina. Caderno. s/d.

## 8. Fonte Manuscrita

PINA, Maria Lígia Madureira. Caderno. s/d.

## 9. Fontes Orais

### - Entrevistas concedidas a outros pesquisadores:

MACHADO, Manuel Cabral Machado. Professor da FCFS. Entrevista concedida ao professor Afonso Nascimento em 12 de outubro de 1997. **IN: Revista Tomo.** Nº 1. São Cristóvão - SE: CIMPE, 1998. p. 15-28.

DANTAS, Beatriz Góis. Ex-aluna e professora da FCFS. Entrevista concedida ao professor Afonso Nascimento em janeiro de 1999. **IN: Revista Tomo.** Nº 2. São Cristóvão - SE: CIMPE, 1999. p. 11-29.

### -Entrevistas concedidas ao autor:

#### Docentes

MACHADO, Manuel Cabral. Professora do Curso de Geografia e História da FCFS. Entrevista concedida ao autor em 30 de agosto de 2007. Aracaju-SE.

NUNES, Maria Thétis. Professora do Curso de Geografia e História da FCFS. Entrevista concedida ao autor em 15 de agosto de 2007. Aracaju-SE.

#### Discentes

BARRETO, Olga Andrade. Ex-aluna do curso de Matemática da FCFS. Entrevista concedida a João Paulo Gama Oliveira em 12 de fevereiro de 2007. Aracaju-SE.

DANTAS, Beatriz Góis Dantas. Ex-aluna do curso de Geografia e História da FCFS. Entrevista concedida a João Paulo Gama Oliveira em 3 de Junho de 2010. Aracaju-SE.

DINIZ, José Alexandre Felizola. Ex-aluno do curso de Geografia e História da FCFS. Entrevista concedida a João Paulo Gama Oliveira em 1º de Junho de 2010. Aracaju-SE.

GONÇALVES, Maria de Matos. Ex-aluna do curso de Geografia e História da FCFS. Entrevista concedida a João Paulo Gama Oliveira em 29 de maio de 2010. Aracaju-SE.

MACIEL, Maria de Lourdes Amaral. Ex-aluna do curso de Geografia e História da FCFS. Entrevista concedida a João Paulo Gama Oliveira em 19 de Julho de 2010. Aracaju-SE.

MAGNO, Magnória de Nazareth Magno. Aluna do curso de Geografia e História da FCFS. Entrevista concedida a João Paulo Gama Oliveira em 19 de maio de 2008. Aracaju-SE.

SANTOS, Adelci Figueiredo. Ex-aluna do curso de Geografia e História da FCFS. Entrevista concedida a João Paulo Gama Oliveira em 10 de Junho de 2010. Aracaju-SE.

PINA, Maria Lígia Madureira Pina. Ex-aluna do curso de Geografia e História da FCFS. Entrevista concedida a João Paulo Gama Oliveira em 08 de Junho de 2010. Aracaju-SE.

## 10. Leis, Decretos e Pareceres

BRASIL, Decreto nº 29.311 de 28 de fevereiro de 1951. Concede autorização para o funcionamento dos cursos da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=161359&tipoDocumento=DEC&tipoTexto=PUB>>. Acesso em 15 de Agosto de 2010.

BRASIL, Decreto-Lei nº 1.190, de 04 de abril de 1939. Organiza a Faculdade Nacional de Filosofia. Disponível em <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=6444&tipoDocumento=DEL&tipoTexto=PUB>>. Acesso em 05 de março de 2010.

BRASIL. Lei nº 2.594, de 08 de setembro de 1955. Dispõe sobre o desdobramento dos Cursos de Geografia e História nas Faculdades de Filosofia. Disponível em <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=110586&tipoDocumento=LEI&tipoTexto=PUB>>. Acesso em 14 de Junho de 2010.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1961. Disponível em <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102346&tipoDocumento=LEI&tipoTexto=PUB>>. Acesso em 15 de Agosto de 2010.

BRASIL, Decreto-Lei nº 9.092, de 26 de março de 1946. Amplia o regime Didático das Faculdades de Filosofia e dá outras providências. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=104544&tipoDocumento=DEL&tipoTexto=PUB>>. Acesso em 14 de Junho de 2010.

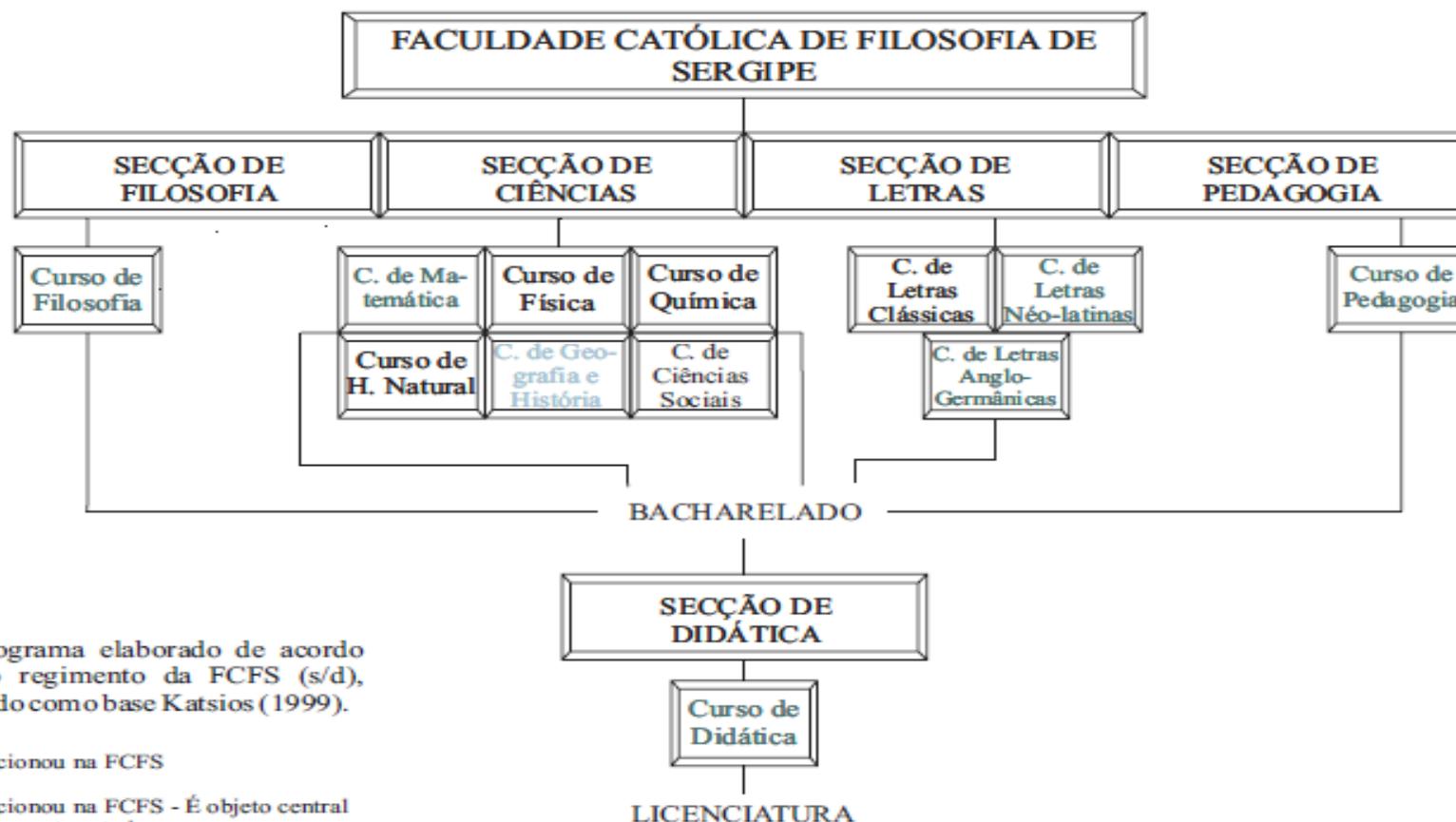
BRASIL. Parecer nº 292/62. In. **Revista Documenta**. Brasília/DF: MEC/CFE. Nº 10, 1962, p. 95-101.

BRASIL, Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102363&tipoDocumento=LEI&tipoTexto=PUB>>. Acesso em 15 de Junho de 2010.

## **ANEXOS**

## ANEXO I - ORGANOGRAMA DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE

## ORGANIZAÇÃO DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE



## ANEXO II

CORPO DOCENTE DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE (1951-1968)<sup>106</sup>

NOME	FORMAÇÃO	DISCIPLINA (S)	PERÍODO DE ATUAÇÃO	CURSO (S)
Adelci Figueiredo Santos	Licenciada em Geografia e História pela FCFS em 1955		1966-	Geografia
Antônio Carlos de Vasconcelos Lima			1959	
Antonio Rabelo Leite	Médico	Fundamentos Biológicos da Educação	1957-1958	Didática
Arivaldo Fontes		Administração Escolar	1963	Geografia e História
Armando Leite Rolemberg	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	História da América	1953-1954	Geografia e História
Arnóbio Patrício de Melo (Padre)		Teologia	1965	
Artur Moura Pereira (Padre)	Licenciado em Filosofia e Teologia	Lógica	1951	Filosofia
Augusto Azevedo		Geometria Analítica e Projetiva	1954-1955	Matemática
Beatriz Góis Dantas	Licenciada em Geografia e História pela FCFS - 1963	Antropologia Brasileira	1966 –	Geografia e História
Cacilda de Oliveira Barros				Letras
Carmelita Pinto Fontes	Licenciada em Letras Neolatinas pela FCFS	Língua e Literatura Francesa Português	1963 –	Letras
Carlos Figueiredo (Padre)	Graduado em Filosofia e Teologia	Italiano	1952-	Letras
Claudionor de Brito Fontes (Padre)			1959	
Cleone Meneses		Psicologia Educacional	1954	Didática

<sup>106</sup> Elaborado com base no modelo de Alves (2005).

Cleonice Xavier de Oliveira	Licenciada em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia da Bahia	Geografia do Brasil Geografia Física Didática Especial da Geografia e da História	1954-1956/1 1956 1955-1956/1	Geografia e História
Clodoaldo de Alencar Filho	Licenciado em Letras pela FCFS	Língua e Literatura Inglesa	1965	
Clóvis Mozart Teixeira		Mecânica Celeste	1957	Matemática
Dalva Nou Shnider	Engenheira Industrial Químico e Engenheira Civil graduada na Escola Politécnica da Bahia			Matemática
Diana Maria de Faro Leal	Licenciada em Geografia e História pela FCFS			
Domingos Fonseca de Almeida (Monsenhor)	Graduado em Filosofia e Teologia	Língua Portuguesa Literatura Portuguesa		
Davino Ferreira (Padre)	Graduado em Filosofia e Teologia	Italiano	1953-1954	
Edgar Stanikowski OFM (Frei) Emanuel Franco		Língua e Literatura Alemã	1959-	
Euvaldo Andrade (Padre)	Graduado em Filosofia e Teologia	Espanhol Introdução a Filosofia	1951-	
Felte Bezerra	Odonto-Clinico	Geografia Humana Etnologia Etnografia do Brasil Antropologia Didática Especial da Geografia	1951-1952 1952-1959 1953-1956 1959 1954	Geografia e História
Fernando Barreto Nunes	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	História do Brasil	1957-1962	Geografia e História
Fernando Figueiredo Porto	Engenheiro	Geografia Física	1957-1962	Geografia e História
Florêncio Francesco Pecorari (Frei)	Graduado em Filosofia e Teologia	Teologia	1968	

Francisco Marcante (Padre)	Graduado em Filosofia e Teologia		1954	
Gildete Santos Lisboa	Licenciada em Geografia e História pela FCFS em 1954			
Gentil Tavares da Mota	Engenheiro Civil			Matemática
Gizelda Santana Morais	Licenciada em Filosofia pela Faculdade de Filosofia da Bahia,	Didática Geral Psicologia Educacional	1963	Didática
Gonçalo Rollemberg Leite	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	História da Civilização: Antiga e Medieval História da Civilização: Moderna História da Civilização Contemporânea Didática do Ensino de História Literatura Portuguesa e Brasileira	1951-1963 1952-1968 1953-1963 1954	Geografia e História Geografia e História Geografia e História Didática Letras
Helena de Melo	Engenheira Civil formada pela Escola Politécnica da Bahia	Geometria Superior	1953	Matemática
Iara Menezes de Melo				
Idene Rocha	Licenciada em Pedagogia	Administração Escolar	1963	Didática
Jaques Ramondot		Francês	1961-	Letras
Jacques Lecuyér			1960	
Jan Huidekop				
Jerônimo Clemen (Frei)	Graduado em Filosofia e Teologia	Alemão	1953	Letras
João Alfredo Montes				
João Aragão		Geografia Física	1956/2	Geografia e História
João Augusto de Souza Leão Almeida Bastos				
João Cardoso do Nascimento Júnior	Médico	Fundamentos Biológicos da Educação	1959/1	Didática
João Costa		Português	1968	Português/História/Geogra

					fia
João Pedro Menegusso (Padre)			Psicologia Educacional	1966	
João Perez Garcia Moreno	Médico		Antropologia	1951	Geografia e História
			Fundamentos Biológicos da Educação	1954-1956	Didática
			Psicologia	1952	Filosofia
			Psicologia Educacional	1956	Didática
Joaquim Fraga Lima	Médico		Geografia Humana	1952	Geografia e História
Jorge de Oliveira Neto					
José Abud	Médico		Antropologia	1962	Geografia e História
José Alexandre Felizola Diniz	Licenciado em Geografia e História pela FCFS em 1963			1963	Geografia e História
José Amado Nascimento	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais		Literatura Brasileira e Portuguesa	1963	Letras
José Andrade de Souza					
José Araújo Filho					
José Barreto Fontes	Engenheiro Industrial	Químico	Física Geral e Experimental	1951-1956	Matemática
José Bonifácio Fortes Neto	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais.		Geografia Humana	1953-1968	Geografia e História
			Estética	1953-1954	Filosofia
José de Almeida Machado (Padre)			Latim	1953	Letras
José de Araújo Mendonça (Padre)			Latim	1954	Letras
			Teologia	1955-1957	
Josefina Leite Campos	Licenciada em Geografia e História pela FCFS em 1954		Etnografia do Brasil	1957-1963/1	Geografia e História
			Etnologia	1960-1963/1	
			Didática Especial da Geografia e da História	1956/2-1962	
José Menezes Santana				1959	
José Olino de Lima Neto	Médico graduado na Bahia		Filologia Românica	1953	
José Rollemberg Leite	Engenheiro Civil e de		Análise Matemática	1952-1956	Matemática

	Minas formado pela Escola de Minas de Ouro Preto.	Administração Escolar	1956-1960	Didática
José Silvério Leite Fontes	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	Didática Geral	1954-1962	Didática
		História do Brasil	1956/2 – 1962	Geografia e História
		Introdução aos Estudos Históricos	1963	História
		Psicologia Educacional	1957	Didática
Joviniano de Carvalho Neto	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	Literatura Norte-Americana	1953 – 1963	.
Juan José Rivas Pásqua (Padre)			1960	
Lauro Barreto Fontes	Engenheiro Civil	Geometria Analítica	1951	
Lázara Fiorini	Licenciada em Pedagogia	Didática Geral	1963	
Lourival Bomfim	Médico	Inglês		
Luciano José Cabral Duarte (Dom)	Licenciado e Doutor em Filosofia pela Sorbonne; Licenciado em Filosofia pelo “Institut Catholique de Paris”, bacharel em Teologia pela Faculdade Católica de Teologia de São Paulo.	Introdução a Filosofia	1951-1963	Filosofia
		Psicologia Racional		
		Lógica		
		Teologia	1952-1954 1958-1962	e Optativa (Todos os cursos)
		Psicologia da Educação	1958-1962	Didática
		Latim		Letras
Lucilo da Costa Pinto	Médico	Antropologia	1952-1958	Geografia e História
Luiz Rabelo Leite	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	História da América	1955-1962	História da América
			1964	História Econômica e Geral do Brasil
Luiza Maria Gonçalves				
Manoel Cabral Machado	Bacharel em Ciências	Fundamentos Sociológicos da	1954-1962	Didática

	Sociais e Jurídicas	Educação		
Manoel Candido dos Santos Pereira			1953	
Manoel Ribeiro	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	Sociologia	1952	Didática
Maria Auxiliadora Campos Medeiros				
Maria Auxiliadora de Melo Diniz	Licenciada em Geografia e História pela FCFS em 1962	História do Brasil	1963	História
Maria da Conceição Barreto Ouro	Licenciada em Letras Neolatinas pela Faculdade de Filosofia da Bahia	Língua e Literatura Italiana	1954	Letras
Maria da Glória Costa Monteiro	Licenciada em Geografia e História pela FCFS em 1956	Geografia do Brasil	1963	Geografia
Maria da Glória Santana de Almeida	Licenciada em Geografia e História pela FCFS em	História Antiga	1967	História
		História Contemporânea	1967	
		História Medieval	1968	
Maria de Andrade Gonçalves	Licenciada em Geografia e História pela FCFS em	História de Sergipe		História
Maria de Lourdes Amaral Maciel	Licenciada em Geografia e História pela FCFS em	História da América	1967	História
Maria de Lourdes Araújo Fontes	Licenciada em Geografia e História pela FCFS em 1955	Etnografia		História
Maria do Carmo Lima Mendonça				
Maria Giovanni dos Santos Mendonça	Licenciada em Letras Neolatinas pela FCFS em 1957.	Literatura Portuguesa	1965 –	Letras
Maria Hosana de Souza			1967	

Maria José Soares				
Maria Lígia de Vasconcelos Aguiar				
Maria Olga de Andrade				
Maria Thétis Nunes	Licenciada em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia da Bahia	Geografia Física História do Brasil Administração Escolar Prática de Ensino de História Geo-História	1951-1952 1952-1956/1 1954 1967 1967	Geografia e História  Didática
Mário Cinciripini (Padre)		Italiano – 1º ano	1962	
Mário Araújo Cabral			1954	
Marta Maria Rabelo Barreto				
Monique Rolland			1954	
Olívio Teixeira (Monsenhor)	Graduado em Filosofia e Teologia	Francês  Italiano	1952  1953	
Ovídio Valois Corrêa (Padre)	Formado em Sociologia em Roma	Sociologia	1965	
Paulo Almeida Machado	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais e Licenciado em Filosofia	Lógica  Português	1955 – 1963  1961-	Filosofia
Paulo Freire de Carvalho	Médico	Antropologia Fundamentos Biológicos da Educação	1960-1961 1959/2-1961	Geografia e História Didática
Paulo Nascimento Fontes	Licenciado em Letras Anglo-Germânicas	Língua Inglesa	1961-1963	Letras
Petru Stefan	Engenheiro Civil e de Minas formado pela Academia de Minas de Freiberg Saxônia Alemanha	Análise Matemática  Mecânica Racional  Mecânica Celeste Análise Superior  Geografia Física	1951  1952  1953 1953  1952-1955	Matemática    Matemática  Geografia e História

Rina Barreto Nunes			1954	
Rosália Bispo dos Santos	Licenciada em Letras Neolatinas pela FCFS	Língua e Literatura Francesa	1957	Letras Neolatinas
		Administração Escolar	1961-1962	Didática
Severino Pessoa Uchôa	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	Geografia do Brasil	1956/2-1962	Geografia e História
Terezinha do Menino Jesus Leite Prado	Licenciada			
Valter Cardoso	Médico	Fundamentos Biológicos da Educação	1957/1	Didática

Observação: Esse quadro foi construído à medida que pesquisava sobre o curso de Geografia e História e consultava as fontes relacionadas à FCFS, mesmo com o recorte do objeto, optou-se por registrar todos os dados levantados. O quadro foi elaborado com base na seguinte documentação: Entrevistas, documentação da FCFS, tendo em vista a incorporação a UFS datado de 1963; cadernetas, revistas da FCFS, relatórios semestrais da instituição e uma lista com os nomes dos professores, utilizadas na exposição dos “40 anos da FAFI”. As várias lacunas existentes podem possibilitar diferentes pesquisas sobre os cursos, disciplinas e professores da FCFS.

## ANEXO III

**GRADUADOS DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE  
(1954-1967)**

<b>ANO</b>	<b>GRADUADO</b>	<b>CURSO</b>	<b>TÍTULO</b>
<b>1953</b>	Irmã Maria Carmelita Alves	Filosofia	Bacharel
<b>1954</b>	João Evangelista Cajueiro	Letras Neolatinas	Bacharel
	Acirema Mangueira Marques	Filosofia	Licenciados
	Elisa Silva Leite	Filosofia	
	Joana Vital de Souza	Filosofia	
	Lucy Oliveira Cunha	Filosofia	
	Gildete Santos Lisboa*	Geografia e História	
	Josefina Sampaio Leite*	Geografia e História	
	Magnória de Nazaret Magno	Geografia e História	
	Maria Clara Vieira de Faro Passos	Geografia e História	
	Nalda Xavier Oliveira	Matemática	
Olga Batista de Andrade	Matemática		
<b>1955</b>	Adelci Figueiredo Santos*	Geografia e História	Licenciados
	Isabel Amaral Barreto	Geografia e História	
	Maria de Lourdes Araújo Fontes*	Geografia e História	
	Artur Oliveira Fonseca	Letras Neolatinas	
	Berenice Ferreira Oliveira	Letras Neolatinas	
	Carmélia Alves de Oliveira	Letras Neolatinas	
	Diva Alves dos Santos	Letras Neolatinas	
	Ede Dias Xavier	Letras Neolatinas	
	Ivanete Santos Lisboa	Letras Neolatinas	
	João Epifânio Lima Campos	Letras Neolatinas	
	Maria do Carmo Fonseca	Letras Neolatinas	
	Maria Euzila Santos	Letras Neolatinas	
	Maria Herminia Caldas	Letras Neolatinas	
Rosália Bispo dos Santos*	Letras Neolatinas		

	Vandete Amélia Regis	Letras Neolatinas	
<b>1956</b>	Ester Almeida Valadares	Geografia e História	Bacharel
	Maria da Glória Costa Monteiro*	Geografia e História	Licenciados
	Possidônia Maria da Rocha Santos	Geografia e História	
	Edméa Ferreira Silva	Letras Neolatinas	
	Jonalter Vieira Andrade	Letras Neolatinas	
	Maria José Oliveira	Letras Neolatinas	
	Maria Xavier de Oliveira	Letras Neolatinas	
	Terezinha Santos	Letras Neolatinas	
	José Lourenço da Fonseca Pinto	Letras Anglo-Germânicas	
	José Romário Silva	Letras Anglo-Germânicas	
	Manuel Messias Santos	Letras Anglo-Germânicas	
	Roberto de Paula Lima	Letras Anglo-Germânicas	
<b>1957</b>	Jovanni de Carvalho Oliveira	Matemática	Bacharel
	Maria Lêda Marques	Geografia e História	Bacharel
	Maria do Carmo Oliveira*	Filosofia	Licenciados
	Carmelita Pinto Fontes	Letras Neolatinas	
	Enilde Franco Barreto	Letras Neolatinas	
	Hilda Sobral Faria	Letras Neolatinas	
	Maria Giovanni Santos Mendonça*	Letras Neolatinas	
<b>1958</b>	Aidé de Oliveira Soares	Geografia e História	Bacharel
	Maria do Carmo Nascimento	Geografia e História	Bacharel
	Gladys Selma Fonseca Costa	Geografia e História	Licenciados
	Marlene Machado Tojal	Geografia e História	
	Maria Lígia Madureira Pina	Geografia e História	
	Vilma Santana	Geografia e História	
	José Menezes Santana	Letras Anglo-Germânicas	
	Maria Blandina de Sousa	Letras Neolatinas	
	Maria Gilda Azevedo Garção	Letras Neolatinas	
Maria de Lourdes Ribeiro	Letras Neolatinas		
<b>1959</b>	Maria José de Melo	Geografia e História	Bacharel
	Ediruald de Mello	Letras Anglo-Germânicas	Licenciados
	Elódias Caldas Barros	Letras Neolatinas	

	Gilda Araújo de Santana Ivone Guimarães de Oliveira Maria do Carmo Barbosa de Almeida Yara Maria Silveira Teixeira Maria Lígia de Vasconcelos Lima	Geografia e História Geografia e História Geografia e História Geografia e História Geografia e História	
<b>1960</b>	Alba Almeida Villas Bôas	Letras Neolatinas	Bacharel
	Anete Rolemberg Ramos	Geografia e História	Licenciados
	Cláudia Lima	Geografia e História	
	Lílian Barros de Santana	Geografia e História	
	Maria de Lourdes Farias	Geografia e História	
	Maria Auxiliadora de Aguiar Caldas	Geografia e História	
	Maria Auxiliadora Gallo Costa Maria Auxiliadora Tavares de Carvalho	Geografia e História Geografia e História	
	Maria de Lourdes Barreto	Geografia e História	
	Maria de Lourdes Farias	Geografia e História	
	Maria José Fernandes de Barros	Geografia e História	
	Cacilda Oliveira Barros*	Letras Neolatinas	
	Cândida Virgínia Sampaio Pereira	Letras Neolatinas	
	Janira Alves Lima	Letras Neolatinas	
	Maria do Carmo de Melo Maynard	Letras Neolatinas	
	Maria José Pizzi de Menezes	Letras Neolatinas	
	Terezinha de Souza Rocha Paulo Nascimento Fontes*	Letras Neolatinas Letras Anglo-Germânicas	
<b>1961</b>	Hélio Oliveira	Letras Anglo-Germânicas	Bacharel
	Amélia Maria Santos	Geografia e História	Licenciados
	Cacilda Oliveira Wiltshire*	Geografia e História	
	Leilah Coelho Leite	Geografia e História	
	Cândida Regina Sampaio Pereira	Letras Neolatinas	
	José Siqueira	Letras Neolatinas	
	Maria Augusta de Almeida	Letras Neolatinas	
	Maria José Soares	Letras Neolatinas	
	Yvone Mendonça de Souza	Letras Neolatinas	
	Acácia Maria Silva de Souza	Letras Anglo-Germânicas	

	Lúcia Viana Ribeiro Maria do Carmo Soares do Nascimento	Letras Anglo-Germânicas Letras Anglo-Germânicas	
<b>1962</b>	Aldemira Gonçalves Oliveira Maria Auxiliadora de Melo Diniz* Maria de Lourdes dos Santos Amaral* Maria de Matos Andrade* Vanda Santana Marcena Doracy Carvalho Marlene Rosa Montalvão Marta Costa Ouro Joana Angélica d'Ávila Melo Nair Ribeiro Porto Teresinha do Menino Jesus Leite Prado*	Geografia e História Geografia e História Geografia e História Geografia e História Geografia e História Letras Anglo-Germânicas Letras Anglo-Germânicas Letras Anglo-Germânicas Letras Neolatinas Letras Neolatinas Letras Neolatinas	Licenciados
<b>1963</b>	Creusa Alves Viana Maria do Carmo Macedo de Souza Maria Dulce Andrade Bôto Maria Isabel de Aguiar Machado Maria Luiza Simões Severino de Araújo Aguiar Clodoaldo de Alencar Filho	Letras Neolatinas Letras Neolatinas Letras Neolatinas Letras Neolatinas Letras Neolatinas Letras Neolatinas Letras Anglo-Germânicas	Licenciados
	Léa Lima Andrade Maria do Carmo Prado Lobão Maria Guimarães de Oliveira Sônia Maria Guimarães de Oliveira Beatriz Ribeiro de Góis* Ivani Machado de Souza José Alexandre Felizola Diniz* Marta Maria Rabelo Barreto Maria de Souza Martins Rosa Vieira Carneiro	Letras Anglo-Germânicas Letras Anglo-Germânicas Letras Anglo-Germânicas Letras Anglo-Germânicas Geografia e História Geografia e História Geografia e História Geografia e História Geografia e História Geografia e História	
<b>1964</b>	Antenor de Andrade Silva Gláucia Maria Bastos de Souza Irmã Gilcele Maria Imaculada	Letras Anglo-Germânicas Letras Anglo-Germânicas Letras Anglo-Germânicas	Licenciados

	Maria Margarida de Souza Bartira Ferreira Santos Iracema Menezes Gonçalves de Andrade José Araújo Filho Maria Lúcia Farias de Menezes Diana Maria de Faro Leal* Ivanete Carvalho Rocha Maria da Conceição Santos Maria Isabel Ramos Maria da Glória Santana de Almeida*	Letras Anglo-Germânicas Geografia e História Geografia e História	
<b>1965</b>	Irmã Valdelice Martins Maria Auxiliadora Rosal Campos Sonia Maria Andrade Souza Consuelo d'Ávila Silveira João Costa Teresinha do Menino Jesus Leite Prado Paulo Almeida Machado*	Letras Inglês <sup>107</sup> Letras Inglês Letras Inglês Letras Inglês Letras Francês Letras Francês Letras Francês	Licenciados     Bacharel e Licenciada Bacharel e Licenciado
	Anete Andrade Santos Naamare Silveira Silva Mirian Rabelo de Moraes Maria Vilma Rabelo de Moraes	Geografia e História Geografia e História Geografia e História Geografia e História	Licenciados
<b>1966</b>	Antônio Carlos Mangureira Viana José Maria do Nascimento Maria Guadalupe Costa Teixeira Maria Olga de Andrade Irmã Rita de Cássia da Eucaristia Maria Ruth Alves Lima José Barbosa Santos Maria Lédna de Farias	Letras Francês Letras Francês Letras Francês Letras Inglês Letras Inglês Letras Inglês Geografia e História Geografia e História	

<sup>107</sup> Mudança na nomenclatura dos cursos de Letras.

	Marluce Freire de Araújo <sup>108</sup>	História	
<b>1967</b>	Judite Tavares Ferreira	Letras-Francês	Licenciados
	Ana Maria Nascimento Fonseca Medina	Licenciada em Letras-Francês	
	Iara Alves Menezes	Letras Francês	
	Malba Almeida Vilas-Boas	Letras Francês	
	Therezinha Sampaio Belém Carvalho	Letras Francês	
	Vilma Garcia Melo	Letras Francês	
	Mary Dacis Donald	Letras Inglês	
	Margarida Maria Silveira	Letras Inglês	
	Nely Barreto Barbosa	Letras Inglês	
	Vera Lúcia Silva Franco	Letras Inglês	
	Maria Hosana de Souza*	Geografia <sup>109</sup>	
	Aliete Gonçalves Santos	História	
	Cândida Amélia Garcia Moreno	História	
	Cléia Maria Brandão	História	
	Fleurdinai Maria Silva Oliveira	História	
	Marileide Almeida Barreto	História	

FONTE: Quadro elaborado com base na seguinte documentação da FCFS: Revistas, Relatórios semestrais e no Livro de Registros de Atas de Formatura.

LEGENDA:

\* O (a) então aluno (a) retorna como docente da instituição. Para conferir sua atuação consultar o Anexo II.



Graduados no curso de Geografia e História da FCFS (1954-1966).

<sup>108</sup> Primeira licenciada com habilitação específica em História separa da Geografia na FCFS.

<sup>109</sup> Primeira licenciada com habilitação específica em Geografia separada da História na FCFS.

## ANEXO IV

### Roteiro para entrevista com ex-alunos do curso de Geografia e História da FCFS

- 1- Fale um pouco sobre sua história, onde nasceu, sua família, onde foram feitos seus estudos?
- 2- Porque decidiu ingressar na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe?
- 3- E a opção pelo curso de Geografia e História?
- 4- Fale um pouco sobre os anos que frequentou aquela faculdade?
- 5- Como era a estrutura física da instituição?
- 6- Quais os objetivos da instituição?
- 7- Como era a direção da faculdade?
- 8- Quais as normas?
- 9- Com relação ao curso como eram as aulas?
- 10- Quais os professores?
- 11- Quem era o mais temido?
- 12- E o mais querido?
- 13- Quais as disciplinas?
- 14- E a História da Civilização?
- 15- E História do Brasil?
- 16- Quais conteúdos?
- 17- Como eram as aulas?
- 18- Quais as disciplinas que mais gostou?
- 19- Quais os livros mais lidos?
- 20- O curso fornecia uma formação teórica?
- 21- Fale um pouco sobre as avaliações?
- 22- Existia uma disciplina chamada Teologia?
- 23- Quem lecionava?
- 24- Como era a biblioteca da Faculdade?
- 25- Quais as atividades acadêmicas eram cobradas pelos professores da F.C.F.S.?
- 26- Como era o comportamento da turma?
- 27- Quem foram seus colegas?
- 28- O estágio?
- 29- Participou de algum movimento estudantil?
- 30- Após a faculdade como foi o início da vida profissional?
- 31- Como eram suas aulas?
- 32- Os ensinamentos da Faculdade lhe auxiliaram enquanto docente?
- 33- Como foi feito o convite para lecionar na FAFI? Existia concurso para ser docente da Faculdade?
- 34- Fale um pouco sobre a questão da pesquisa na Faculdade;
- 35- Como a senhora adentra no mundo da pesquisa? Como ocorreu a escolha dos objetos pesquisados?
- 36- Qual a melhor lembrança da época da Faculdade?
- 37- E do curso de Geografia e História?
- 38- Qual o melhor e o pior momento da sua carreira profissional?
- 39- Se pudesse voltar no tempo o que faria de diferente com relação a vida profissional?

## ANEXO V – PROGRAMAS DE ENSINO DAS DISCIPLINAS DA HISTÓRIA

### QUADRO 06: PROGRAMAS DE ENSINO DE HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO ANTIGA E MEDIEVAL (1952-1962)

1952-1959	1960-1962
1- A História. Definição. Divisões – Fontes e Métodos	1-História Conceito e Definição
2-A pré-história – A evolução da humanidade – As raças e povos.	2-Pré-história e Protohistória
3- O Egito. Síntese política.	3-Os egípcios
4- Religião e Arte no Egito	4-Os Babilônios e os Assírios
5- Vida administrativa, social e econômica do Egito.	5- Os Medos e os Persas
6- A Suméria, o Elam e a Caldéia – Síntese política.	6-Os Fenícios
7- Religião, ciências e arte na Caldéia.	7-Os Hebreus
8- Os fenícios	8-Os Hititas e os Egeus
9- Os judeus	9-Os Hindus
10- Os persas	10-Os Chineses
11- Hititas e Egeus	11-Grécia: Tempos Primitivos
12- Grécia: o país	12-Grécia: Tempos Legislativos
13- Os antigos tempos da Grécia.	13-Esplendor da Grécia
14- Os mitos – a Religião.	14- Grécia: Guerras Internas
15- Esparta – O socialismo do Estado.	15-A Macedônia
16- Atenas. A democracia.	16-Desmembramento do Império Macedônico
17- As colônias. As guerras médicas.	17-Grécia: a sociedade e os costumes
18- A guerra do Peloponeso - Os tiranos.	18-Grécia: a Religião
19- Supremacia de Tebas e Macedônia.	19- Grécia: A Vida Política
20- A civilização grega – o Comércio	20- Grécia: A literatura
21- A civilização grega – As festas, -Os jogos - O teatro.	21-Grécia: As Artes
22- A civilização grega – As ciências e a filosofia.	22-Grécia: As Ciências
23- A civilização grega – A literatura – A música.	23- Grécia: A Economia
24 - A civilização grega – A arquitetura, a escultura e a pintura.	24- Roma: A Península Itálica
25- A unidade helênica – A influência da civilização grega.	25- Roma: A Realeza
26- Alexandre – Fundação dos reinos helênicos.	26- Roma: Primeiros tempos da República
27- O helenismo.	27- Roma: As conquistas

28- Últimas lutas na Grécia.	28- Roma: Lutas Civis
29- Roma – povos itálicos e etruscos.	29- Roma: O Triunvirato
30- Roma – os reis	30- Roma: O Império
31- Roma – primeiros tempos da republica.	31- Roma: Divisão do Império
32- Roma – as conquistas.	32- O Cristianismo
33- Roma – as lutas civis.	33- Os Bárbaros
34- Roma – O Império	34- Roma: A sociedade e os costumes
35- Roma – Divisão do Império.	35- Roma: A Religião
36- O Direito Romano. O Estado.	36- Roma: A Vida Política e Jurídica
37- A civilização romana. Ciências, letras e artes.	37- Roma: A Literatura
38- Influencia da civilização romana.	38- Roma: As Artes
39- O cristianismo	39- Roma: As Ciências
40- Os bárbaros	40- Roma: A Economia
41- Os árabes	
42- A monarquia franco	
43- A igreja no ocidente	
44- O Império Bizantino.	

Fonte: Quadro elaborado com base nos Relatórios Semestrais da FCFS (1952- 1962).

**QUADRO 07: PROGRAMAS DE ENSINO DE HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO MODERNA (1952-1962)**

1952- 1959	1960-1962
1- Sociedade Feudal	1-O Império do Oriente
2- A economia senhorial e urbana.	2- O Império Árabe
3- A Europa do século X ao XV: A organização dos Estados. (França, Inglaterra, Alemanha e Espanha).	3- O Império Árabe
4- As cidades italianas.	4- A Monarquia Franca
5- Os estados escandinavos e a Europa Oriental.	5- A organização e a economia feudais
6- A Igreja.	6- Economia senhorial e urbana
7- A Civilização da Idade Média.	7- A indústria e a corporação
8- As últimas invasões.	8- As cidades italianas
9- Os descobrimentos marítimos.	9- O comércio e o capitalismo
10- O renascimento.	10- A Igreja Católica
11- A crise religiosa no século XVI.	11- As Cruzadas
12- A centralização monárquica.	12- As Cruzadas
13- As revoluções inglesas.	13- Novas invasões
14- A preponderância da França.	14- O Sacro Império Romano-Germânico
15- O engrandecimento da Rússia.	15- As Monarquias Feudais: A França
16- A monarquia prussiana.	16- As Monarquias Feudais: A Inglaterra
17- O desenvolvimento marítimo na Inglaterra.	17- A Guerra dos Cem Anos
18- A política colonial.	18- As Últimas Invasões
19- A sociedade do século XVII e XVIII.	19- Os Estados Escandinavos
20- O movimento intelectual nos séculos XVII e XVIII.	20- O Desenvolvimento Cultural: As Artes
	21- O Desenvolvimento Cultural: As Letras
	22 - As invenções
	23-24 Os Descobrimientos marítimos
	25-26 O Renascimento
	27-28-29 A centralização monárquica
	30-31-32 A Reforma Religiosa
	33- As Revoluções inglesas
	34-35 A preponderância da França
	36- O engrandecimento da Rússia
	37- A Monarquia Prussiana

	38- O desenvolvimento marítimo da Inglaterra
	39-40 A sociedade nos séculos XVII e XVIII.

Fonte: Quadro elaborado com base nos Relatórios Semestrais da FCFS (1952- 1962).

**QUADRO 08: PROGRAMAS DE ENSINO DE HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA (1953-1962)**

1953-1959	1960-1962
1ª Unidade – A REVOLUÇÃO FRANCESA: Luis XVI; A França em 1789; o período monárquico da revolução; queda da realeza; a república; as guerras externas; o diretório e o consulado.	A França em 1789. Causas Gerais da Revolução Francesa.
2ª Unidade – O PRIMEIRO IMPÉRIO FRANCÊS: organização administrativa e política; relações com a Igreja; ciências e arte; a cômte; a política exterior; as resistências nacionais; o fim do Império; a restauração e os cem dias.	Os Estados Gerais e a Assembléia Constituinte.
3ª Unidade – LIBERALISMO E SOCIALISMO: França, Inglaterra, Europa Central, Italia, Espanha, Portugal, Belgica, Russia e Turquia.	A Assembléia Legislativa.
4ª Unidade – O MOVIMENTO INTELLECTUAL NA EUROPA NA 1ª METADE DO SÉCULO XIX: letras, ciências e artes.	Os Girondinos. Ditadura Montanhesa.
5ª Unidade – EVOLUÇÃO POLÍTICA DA EUROPA ATÉ 1914: o império britânico; a república francesa; a Alemanha imperial; o dualismo austro-hungaro; a evolução russa; Italia unificada; Espanha e Portugal no século XIX; as pequenas democracia.	Ditadura de Robespierre. Reação Termidoriana
6ª Unidade – A IGREJA CATÓLICA: Pio IX; Concilio do Vaticano; Leão XIII;	A Convenção e os Exércitos Republicanos. A obra da convenção
7ª Unidade – AS POTENCIAS EUROPEIAS NA ASIA E NA AFRICA: A India Inglesa; A Asia Russa; a Indo-Chino-Francesa; O Extremo Oriente e a Oceania; a África septentrional; o canal de Suez; Franceses e alemães na África; Os ingleses na África austral.	O Diretório
8ª Unidade – TRANSFORMAÇÃO DA INDÚSTRIA E DO COMÉRCIO = EVOLUÇÃO ECONÔMICA DA EUROPA: a revolução industrial; a máquina a vapor; a eletricidade; a grande indústria; sociedades anônimas; o crédito; a legislação trabalhista.	O Consulado
9ª Unidade – O MOVIMENTO INTELLECTUAL NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX: Letras, ciências e artes.	O Primeiro Império

10ª Unidade – A PRIMEIRA GRANDE GUERRA – Política internacional de 1914 a 1918; os tratados de paz.	A Formação do Grande Império
11ª Unidade – O PERÍODO DE ENTRE GUERRAS – Problemas econômicos e sociais; a revolução russa; os estados totalitários; a nova Turquia.	O apogeu do Império. As resistências nacionais.
12ª Unidade – CARACTERES GERAIS DA CIVILIZAÇÃO CONTEMPORANEA: Política Internacional; a Liga das Nações; Pactos e Ententes; a 2ª grande guerra; a O. N. U.; a importância dos interesses econômicos; o novo capitalismo; a economia dirigida, as correntes sociais; o Oriente e o Ocidente; Ciências, letras artes na 1ª metade do século XX	A Queda do Império
	13- O Congresso de Viena. A Santa Aliança
	14- A Restauração na França
	15- A Monarquia de Julho.
	16- A Política Européia de 1815-1848
	17- O Romantismo literário e artístico.
	18- Progresso da Ciência e transformações econômicas na primeira metade do século XX
	19- A evolução da Igreja Contemporânea:
	20- O Segundo Império Francês
	21- A Segunda República Francesa.
	22- O Segundo Império Francês
	23- A Unidade Italiana
	24- A Unidade Alemã
	25- A Questão do Oriente
	26- A Terceira República Francesa
	27- O Império Britânico
	28- O Império Alemão
	29- Rússia no século XIX
	30- O Dualismo Austro-Húngaro. A evolução democrática da Suíça
	31- A Península Ibérica no Século XIX
	32- O Extremo Oriente

	33- Os Estados Unidos até 1914
	34- Relações Internacionais de 1871-1914'
	35- A Primeira Guerra Mundial
	36- Período de entre-guerras
	37- Problemas internacionais de após-guerra
	38- A Segunda Guerra Mundial
	39- A Renovação literária e artística (1850-1950)
	40- O desenvolvimento científico e industrial (1850-1950)

Fonte: Quadro elaborado com base nos Relatórios Semestrais da FCFS (1953- 1962).

**QUADRO 09: PROGRAMAS DE HISTÓRIA DO BRASIL – 2º SÉRIE DO CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA DA FCFS**

2º Ano	1952 – 1953	1954-1962
1º ponto	Aspecto social político e econômico da época dos grandes descobrimentos marítimos.	Evolução histórica de Portugal. Formação étnica do Português. Elemento moçarabe; sua influência na formação nacional. O Condado Portucalense. As dinastias portuguesas. A dinastia de Avis.
2º ponto	A expansão marítima de Portugal. Os descobrimentos portugueses.	Os descobrimentos marítimos. A Europa na época dos descobrimentos. O desenvolvimento do capitalismo e da burguesia. O ciclo português e o ciclo espanhol na navegação. A bula Inter Coetera. O Tratado de Tordesilhas.
3º ponto	Descobrimto do Brasil. Questões em torno. Pretensões francesas e espanholas.	O descobrimto do Brasil. Pontos controversos. A Carta de Pero Vaz de Caminha.
4º ponto	A exploração da costa. As primeiras expedições. As Feitorias.	Primeiras expedições. As viagens de Cristóvão Jacques. As informações de Américo Vespúcio.
5º ponto	Os indígenas.	O ciclo do pau Brasil e suas conseqüências. As incursões francesas no nosso litoral.
6º ponto	O ciclo do Pau Brasil e o seu valor na História do Brasil.	A política colonizadora de D. João III. A tentativa de colonização oficial de Martim Afonso de Souza. A fundação de São Vicente.
7º ponto	A iniciativa colonizadora de D. João III. As Capitanias.	O elemento branco: o português. Complexidade étnica desse tipo. A miscibilidade, a mobilidade e a acimatibilidade do português e a colonização do Brasil. Contribuição do português na formação do brasileiro.
8º ponto	Os Governos Gerais. Fundação da Bahia e do Rio de Janeiro.	O indígena brasileiro. Sua etnologia e etnografia. O problema da origem do homem americano. Os trabalhos de Hrdlicka, de Rivet e de Imbelloni. As classificações do selvagem brasileiro. Contribuição do indígena na formação étnica e social do brasileiro.
9º ponto	A ação dos jesuítas na fase inicial da colonização. Os primeiros cronistas.	O elemento negro. A ação de escravidão sobre o negro.
10º ponto	A conquista e colonização de Sergipe.	O sistema das capitanias hereditárias. Experiência feudal ou neocapitalista? Direitos e deveres dos donatários.
11º ponto	A conquista do sertão. O Rio São Francisco. Fundamentos econômicos da marcha para o interior.	O ciclo do açúcar. Suas conseqüências econômicas e sociais. A organização patriarcal da família brasileira no período colonial. O binômio: monocultura açucareira e braço escravo. O senhor de engenho e sua influência na vida político social da colônia.
12º	Portugal sob o domínio espanhol. Reflexo no Brasil da nova situação.	O estabelecimento do Governo Geral. Sua organização política administrativa.

ponto		O regimento de Tomé de Souza. A fundação da cidade do Salvador. A divisão do Brasil em dois governos.
13º ponto	Os holandeses no Brasil. Aspectos políticos militares e econômicos.	A igreja no Brasil Os jesuítas. A catequese dos indígenas. Ação cultural da companhia de Jesus. As visitas do Santo Ofício.
14º ponto	O Estado do Maranhão.	As tentativas francesas. A França Antártica. Os livros de Jean de Lery e de Tevet. A França Equinocial. Os trabalhos de Cláudio Abbeville e de Ives d'Evreux.
15º ponto	A conquista da Amazônia. A paz de 1668 e o tratado de 1703.	O domínio Espanhol. A época dos Felipes. Suas conseqüências no Brasil. Piratas ingleses em nossas costas.
16º ponto	A colônia do Sacramento	A expansão colonizadora para o Nordeste e o Norte. A formação do Estado do Maranhão.
17º ponto	As entradas.	As invasões holandesas. O governo de Maurício de Nassau. Os cronistas flamengos. Importância do livro de Barleus. Insurreição Pernambucana.
18º ponto	O bandeirismo. Expansão para o sul e para o centro.	Entradas e Bandeiras. As reduções jesuíticas. Expansão para o sul.
19º ponto	Desenvolvimento econômico da colônia – Açúcar, o fumo, algodão. O fumo.	Papel histórico do Rio São Francisco. O gado e o povoamento do sertão.
20º ponto	A colonização do Rio Grande do Sul.	Insurreições no Brasil Colônia: A luta dos Palmares.
21º ponto	Os tratados de fronteira do Brasil Colônia.	O ciclo do ouro e do diamante. Sua repercussão na vida econômica da colônia.
22º ponto	Pombal e o Brasil.	Os franceses no Rio de Janeiro na primeira metade do século XVIII.
23º ponto	Os governadores gerais no século XVIII.	Primeiros distúrbios com a metrópole. A revolta de Beckman. Emboabas e Mascates. Felipe dos Santos e a questão dos quintos de ouro.
24º ponto	O Vice-reinado.	A Colônia do Sacramento. Lutas com os espanhóis. Os tratados de limites.
25º ponto	A Inconfidência Mineira.	O estabelecimento dos vice-reis. Estrutura da administração colonial do século XVIII.
26º ponto	A Inconfidência Baiana	Inconfidência Mineira. Influência das novas idéias de reforma política e social. O liberalismo europeu e sua contribuição nos nossos movimentos revolucionários.

27° ponto	A cultura no Brasil Colonial. Influência de Coimbra.	A conspiração baiana de 1798. Sua tendência a reforma social.
28° ponto	As explorações científicas no Brasil Colonial	Síntese histórica do desenvolvimento econômico do Brasil Colônia. Expansão da agricultura, indústria e comércio.
29° ponto	A situação do Brasil no século XVIII	As letras no Brasil Colônia. As escolas literárias e o início de nossa emancipação intelectual.
30° ponto	As lutas napoleônicas e os reflexos no Brasil	As Artes no Brasil Colônia.

Fonte: Quadro elaborado com base nos Relatórios Semestrais da FCFS (1952-1962).

**QUADRO 10: PROGRAMAS DE ENSINO DE HISTÓRIA DO BRASIL – 3º SÉRIE**

1953 –1962
1- Brasil sede da monarquia portuguesa
2- Abertura dos portos. Transformações verificadas na economia brasileira.
3- A política externa de D. João VI. O Brasil reino.
4- A Revolução de 1817.
5- Retorno de D. João VI para Portugal.
6- A Regência de D. Pedro. Os Andradas.
7- A proclamação da independência. Lutas no Brasil.
8- A Constituição de 1823 e a Carta Constitucional de 1824.
9- A Confederação do Equador.
10- O reconhecimento da Independência. A Independência do Uruguai.
11- A política interna do 1º reinado. A abdicação
12- As regências trinas. O ato adicional.
13- Feijó e Araújo Lima. A Lei interpretativa de 1840.
14- As lutas políticas durante o período regencial. Motins e revoluções.
15- A maioridade.
16- O protestantismo e o desenvolvimento industrial do país. Mauá.
17- Os partidos políticos e o poder Moderador.
18- Questões do Prata. Guerra do Paraguai.
19- A Questão religiosa.
20- A abolição da escravatura. Leis antecessoras.
21- As Questões militares. Ouro Preto. Proclamação da República.
22- O governo provisório. Deodoro e Rui Barbosa. Influência positivista.
23- A constituinte e a constituição de 1891. Tendências norte-americanas.
24- Floriano no Governo. A revolução de 1893.
25- Governos Republicanos
26- Surto industrial. A borracha e o café.
27- As fronteiras e a obra de Rio Branco.
28- A Revolução de 1930.

Fonte: Quadro elaborado com base nos Relatórios Semestrais da FCFS (1953- 1962).

**QUADRO 11: PROGRAMAS DE ENSINO DE HISTÓRIA DA AMÉRICA (1953-1962)**

I – O desenvolvimento da América
1- Viagens de Cristóvão Colombo
2- Exposições portuguesas, francesas e inglesas
II- Os indígenas americanos
1- O homem pré-colombiano; sua origem e costumes primitivos
2- Principais povos pré-colombianos; sua localização
3- As grandes culturas indígenas da América
III- A Conquista da América
1- Conquista do México
2- Conquista do Peru
3- Penetração inglesa
IV- A colonização
1- Colonização inglesa
2- Colonização francesa
3- Colonização espanhola
4- Colonização portuguesa
V- Independência dos Estados Unidos
1- A Guerra da Independência
2- A formação da União Norte-Americana
3- Washington
VI- Independência dos países hispano-americanos
1- As revoluções americanas
2- Bolívar
3- San Martín
VII- As nações Americanas
1- Evolução política dos Estados Unidos – A Guerra de Secessão – A doutrina Monroe – A democracia americana
2- O México
3- A Argentina, o Uruguai e o Chile
4- Outros países da América
5- O domínio do Canadá

Fonte: Quadro elaborado com base nos Relatórios Semestrais da FCFS (1954-1962).

**ANEXO VI - PROGRAMAS DE ENSINO DAS DISCIPLINAS DE DIDÁTICA****QUADRO 12: PROGRAMA DE ENSINO DE FUNDAMENTOS SOCIOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO**

1954-1962
<b>I-A SOCIOLOGIA E AS CIÊNCIAS SOCIAIS</b>
1-Formação da Sociologia Científica. Objeto. Posição no quadro dos conhecimentos. Divisão, ramos e escolas.
2-A realidade do fato social: natureza e caracteres do fato social.
3-A estrutura do fato social: sicuedade e agrupamentos sociais.
4-Funcionamento social: função, processo e produtos sociais.
5-Metodologia das ciências sociais: teoria e pesquisa em Sociologia.
6-Sociologia Educacional. Conceito. Objeto. Relações com as Ciências da Educação.
<b>II-EDUCAÇÃO COMO UM FENÔMENO SOCIAL</b>
1-O individual e o social.
2-A educação como um processo social geral.
3-Educação nas sociedades primitivas.
4-Origem e evolução da Escola.
<b>III-FUNÇÕES SOCIAIS DA ESCOLA</b>
1-Socialização do indivíduo.
2-A escola e os ideais sociais.
3-Função social dos vários ramos e níveis de ensino.
<b>IV-AS INSTITUIÇÕES SOCIAIS E A EDUCAÇÃO</b>
1-A família e a educação
2-A religião e a educação
3-O Estado e a educação
4-O trabalho, a recreação e a educação
<b>V-ORGANIZAÇÃO SOCIAL DA ESCOLA</b>
1-A comunidade escolar
2-As instituições sociais da escola
3-Ação social da escola
4-Escola urbana e escola rural
<b>VI-PROBLEMAS SOCIAIS PEDAGÓGICOS</b>
1-Liberdade e disciplina
2-Progresso e rotina
3-Educação e vida social
<b>VII-SISTEMAS SOCIOLÓGICOS DE EDUCAÇÃO</b>
1-Educação individualista
2-Educação socialista
3-Educação nacionalista
4-Educação culturalista
5-Educação personalista

FONTE: Quadro elaborado com base nos Relatórios Semestrais da FCFS (1954-1962).

**QUADRO 13: PROGRAMA DE ENSINO DE DIDÁTICA GERAL**

1954-1962
UNIDADE I – DIDÁTICA E EDUCAÇÃO
1-O conceito de educação; educabilidade e processo educativo. O problema dos fins.
2-Educação, Filosofia e Pedagogia.
3-A Didática e a Pedagogia; educação e ensino.
UNIDADE II – OS SISTEMAS DIDÁTICOS
1-A educação e o ensino na Antiguidade e na Idade Média.
2-O naturalismo pedagógico dos séculos XVII e XVIII.
3-A renovação pedagógica da Ilustração: o papel da natureza e do espírito.
4-A escola nova: principais temas e tendências.
5-A pedagogia cristã.
UNIDADE III – O CURSO SECUNDÁRIO
1-Os tipos de sistemas escolares
2- Objetivos gerais e específicos do ensino secundário. Apreciação crítica.
3-Organização do curso secundário. As matérias.
UNIDADE IV – A APRENDIZAGEM NO CURSO SECUNDÁRIO
1-Conceitos e leis da aprendizagem
2-Os princípios de atividade, de autonomia, de correlação de matérias, de individualização e de socialização no ensino.
3- O papel e a importância do mestre.
4-O valor dos métodos de ensino
UNIDADE V – O PLANEJAMENTO DO ENSINO
1-Os programas
2-O plano de curso
3-O plano de aula
4-O ensino ocasional
UNIDADE VI – A AULA
1-Motivação e interesse
2-Técnicas de exposição
3-A linguagem didática
4-Técnicas de fixação de aprendizagem
5-O ensino dirigido
6-Principais métodos e processos didáticos da escola nova
UNIDADE VII – OUTROS ASPECTOS DA ATIVIDADE DIDÁTICA
1-O material didático
2-Atividade de classe
3-Atividade extra-curriculares
4-Verificação do aproveitamento: testes, exames, arguições, debates, etc.
5-Disciplina e liberdade.

FONTE: Quadro elaborado com base nos Relatórios Semestrais da FCFS (1954-1962).

**QUADRO 14: PROGRAMA DE ENSINO DE ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR**

1954-1962
1-Fundamentos da Administração Escolar.
2-Conteúdo da Administração Escolar.
3-Organização do sistema escolar brasileiro.
4-O ensino secundário: últimas reformas
5-Elementos da legislação escolar
6-Articulação do ensino secundário
7-O pessoal da escola secundária. O corpo docente. O diretor, o orientador.
8-Organização material da escola secundária: Estudo do edifício.
9-A orientação educacional.
10-Comparação do aspecto do ensino no Brasil com seus correspondentes nos principais países do mundo.

FONTE: Quadro elaborado com base nos Relatórios Semestrais da FCFS (1954-1962).

**QUADRO 15: PROGRAMA DE ENSINO DE FUNDAMENTOS BIOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO**

1954-1962
I-Alimentos e metabolismo
II-Sistema endócrino
III-Constituições e temperamentos
IV- Desenvolvimentos orgânico geral
V-Infância e adolescência
VI-Principais moléstias orgânicas
VII-Principais anormalidades psíquicas
VIII-Grandes linhas de psicoterapia
IX-Hereditariedade psicológica
X-Problema Eugênico
OBSERVAÇÃO: O programa acima corresponde à matéria ministrada na Cadeira de Fundamentos Biológicos da Educação da Faculdade de Filosofia do Instituto “Sedes Sapientae” (Universidade Católica de São Paulo). Ao adotá-lo julgo que nas 10 unidade enumeradas se contém o temário essencial da disciplina, capaz de ser desdobrado em tantas aulas quantas permitir o tempo útil do ano letivo.

Fonte: Quadro elaborado com base nos Relatórios Semestrais da FCFS (1954-1962).

**QUADRO 16: PROGRAMAS DE ENSINO DE PSICOLOGIA EDUCACIONAL**

1954	1955 e 1957-1962	1956
1-Psicologia Educacional-objeto, método e divisão	Psicologia e Educação. Psicologia. Interesses. Caráter científico da Psicologia.	<u>Definição da Psicologia.</u> Psicologia Experimental e Psicologia Racional. Posição da Psicologia entre as ciências da natureza e ciências do espírito. Divisão da Psicologia. Aplicação da Psicologia. Psicologia Educacional.
2-Revisão do sistema nervoso central e do autônomo. Sistema glandular. Influência Recíproca e domínio na personalidade.	Objeto. Métodos e divisão da Psicologia Educacional.	<u>Métodos da Psicologia</u> <u>Caracteres Gerais.</u> Observação. Experimentação. Aparelhos psicológicos. Métodos filosóficos. Inter-auxílio dos métodos psicológicos. A criança e o adolescente. Observação.
3-Crescimento. Desenvolvimento. Maturação. Influência do ambiente e da Hereditariedade.	Estudo sucinto do sistema nervoso central e autônomo. Sistema glandular. Influência recíproca e domínio da personalidade.	<u>Os fatos psicológicos.</u> <u>Caracteres gerais.</u> Natureza dos fatos psicológicos. Caracteres dos fatos psicológicos. Classificação dos fatos psicológicos. Unidade de via psicológica. A criança e o adolescente. Os fatos psíquicos e a personalidade. Pré-formação e epigênese. Concepção antiga de infância. Concepção moderna de infância.
4-Características gerais do ambiente e da infância, puerícia, pré-adolescência, adolescência.	Psicologia evolutiva e a educação. Crescimento e desenvolvimento.	<u>A consciência</u> <u>Caracteres gerais.</u> Noções. Condições orgânicas e psíquicas. Modalidade de consciência. Caracteres de consciência. Teorias do inconsciente. Influências do inconsciente sobre a vida psíquica. Patologia da consciência. Funções da consciência. A criança e o adolescente. Orientação educacional.
5-Aprendizagem, objetivos, princípio e tipos. Aprendizagem sensório-motora.	Idades a distinguir: 1-Primeira idade (0 a 7 anos) 2-Idade escolar (8 a 10 anos) Segunda infância	<u>O organismo</u> Caracteres gerais. Noção. Condições orgânicas e psíquicas. Formas de atenção. Natureza da atenção. Patologia da atenção. Funções da atenção. A criança e o adolescente. Orientação Educacional.
6-Aprendizagem perceptual-motora. Tendências fisiológicas e ajustamentos sociais.	Períodos de Evolução Biológica. Individual. Métodos de estudos.	<u>A atenção</u> Caracteres gerais. Noção. Condições orgânicas e psíquicas. Natureza da atenção. Patologia da Atenção. Funções da atenção. A criança e o adolescente. Orientação Educacional.
7-Aprendizagem perceptual-motora. Aquisição de habilidades motoras. Aprendizagem perceptual.	Adolescência (13 a 20 anos) e idade adulta. Estudos dos seus comportamentos.	<u>O hábito</u> Caracteres gerais. Condições orgânicas e psíquicas. Classificação dos hábitos. Natureza dos hábitos. Função dos hábitos. A criança e o adolescente. Orientação Educacional.

8-Aprendizagem conceptual, associativa e imaginativa.	Aprendizagens e desenvolvimentos. Caracteres gerais e específicos. Aprendizagem e automatismos. Tipos e formas.	<u>O crescimento físico</u> Caracteres gerais. Natureza do crescimento. Ritmos do crescimento. A criança e o adolescente. Orientação educacional.
9-Testes físicos, sensoriais e motores.	Teorias gerais sobre a Aprendizagem. As chamadas leis da Aprendizagem.	<u>O desenvolvimento mental</u> Caracteres gerais. Natureza do desenvolvimento. Fatores do desenvolvimento. A criança e o adolescente. Orientação educacional.
10-Métodos de funções e capacidades mentais específicas.	Efeitos de aprendizagem: efeitos imediatos, específicos e gerais.	<u>A aprendizagem</u> Caracteres gerais. Natureza da aprendizagem. Teorias da percepção. Teoria estruturalista. Teoria funcionalista. Teoria reflexológica. Teoria hedônica. Teoria behaviorista. Teoria dinâmica. Teoria hórmica. Teoria gestaltista. Teoria da assimilação. Teoria tomista. Crítica das teorias da aprendizagem. Orientação educacional.
11-Testes de capacidade mental e de aptidão.	Transferência da aprendizagem.	<u>A sensação e a percepção</u> Caracteres gerais. Noção. Condições pedagógicas e psíquicas. Elementos da sensação. Classificação da sensação. Caracteres da sensação. Sensação e percepção. Natureza da percepção. Caracteres da percepção. Erros da percepção. Patologia da percepção. Funções da percepção. A criança e o adolescente. Orientação educacional.
12-Média do aproveitamento escolar.	12-Medidas da aprendizagem. Avaliação do aproveitamento. Necessidade de avaliação objetiva. Tipos de provas objetivas.	<u>A memória.</u> Caracteres gerais. Noção. Condições orgânicas e psíquicas. Natureza da associação. Patologia da associação. A criança e o adolescente. Orientação educacional.
13-Aplicação do tratamento estatístico.	Organização racional da aprendizagem. Organização educacional. Psicologia e didática.	<u>Associação de idéias.</u> Caracteres gerais. Noção. Condições orgânicas e psíquicas. Natureza da associação. Patologia da Associação. A criança e o adolescente. Orientação educacional.
14-Personalidade-seus tipos e seu desenvolvimento. Perturbação da personalidade.	A aprendizagem na Escola Secundária.	<u>A imaginação</u> Caracteres gerais. Noção. Condições orgânicas e psíquicas. Natureza da associação. Patologia da associação. A criança e o adolescente. Orientação educacional.
15-Desajustamentos e reajustamentos. Adolescente problema. Condições de saúde do professor.	Motivação da Aprendizagem.	<u>A Abstração e a Generalização</u> Caracteres gerais. Noção. Natureza da abstração. Função da abstração. Natureza da generalização e função da generalização. A criança e o adolescente. Orientação educacional.

<p>16-Psicologia do ensino da língua nacional e das línguas estrangeiras. Multi lingualismo. Métodos de ensino das línguas vivas. Importância do latim e do grego. Idade e inteligência no estado das línguas.</p>	<p>Formas gerais da aprendizagem. Estimulação. Reação. Como e porque.</p>	<p><u>O juízo e o raciocínio</u> Caracteres gerais. Noção. Natureza do juízo. Condições do juízo. Natureza do raciocínio. Condições do raciocínio. Patologia do juízo e do raciocínio. A criança e o adolescente. Orientação educacional.</p>
<p>17-Psicologia do ensino da matemática. Dificuldades da escola, do ginásio e do colegial. Idade e inteligência. Os grandes calculadores. Influência dos estudos de Thorndyke.</p>	<p>Diferenças individuais e similitudes na motivação. Passos na motivação de uma situação específica de aprendizagem.</p>	<p><u>A linguagem</u> Caracteres gerais. Noção. Formas de linguagem. Natureza da linguagem. Patologia da linguagem. Funções da linguagem. A criança e o adolescente. Orientação educacional.</p>
<p>18- Psicologia do ensino das belas artes, das artes plásticas e da educação física. Correlação da inteligência com os talentos especiais. Importância do desenho na infância e no ensino secundário.</p>	<p>Orientação educacional. Escola secundária como centro de educação comum. Novos objetos. Novos processos.</p>	<p><u>As tendências</u> Caracteres gerais. Noção. Condições orgânicas e psíquicas. Classificação das tendências. A criança e o adolescente. Orientação educacional.</p>
<p>19-Psicologia do ensino das Ciências Naturais e Sociais. Geografia e História como elemento socializante e disciplinador. Educação cívica.</p>	<p>Organização. Práticas dos serviços de orientação. O professor e a orientação educacional.</p>	<p><u>O prazer e a dor.</u> Caracteres gerais. Noção. Condições orgânicas e psíquicas. Funções do prazer e da dor. A criança e o adolescente.</p>
<p>20-Psicologia da administração escolar: programas, horários, exames, motivação, disciplina. Orientação e fiscalização do ensino.</p>	<p>Psicologia e orientação. Orientação profissional e seleção profissional.</p>	<p><u>As emoções</u> Caracteres gerais. Condições orgânicas e psíquicas. Transferência e repressão das emoções. Natureza das emoções. Funções das emoções. A criança e o adolescente.</p>
		<p><u>Os sentimentos</u> Caracteres gerais. Noções. Condições</p>

		orgânicas e psíquicas. Classificação dos sentimentos. Funções dos sentimentos. Natureza dos sentimentos. A criança e o adolescente.
		<u>As paixões</u> Caracteres gerais. Noções. Condições orgânicas e psíquicas. Classificação das paixões. Natureza das paixões. Funções das paixões. A criança e o adolescente. Orientação educacional.
		<u>Os reflexos.</u> Caracteres gerais. Noções. Condições orgânicas e psíquicas. Os reflexos condicionados. Classificação dos reflexos. Natureza dos reflexos. Funções dos reflexos. A criança e o adolescente. Orientação educacional.
		<u>Os instintos</u> Caracteres gerais. Noções. Condições orgânicas e psíquicas. Classificação dos instintos. Natureza dos instintos. Funções dos instintos. A criança e o adolescente. Orientação educacional.
		<u>A personalidade.</u> Caracteres Gerais. Noção. Estrutura da personalidade. A constituição. O temperamento. O caráter. O eu. Relações de personalidade. A personalidade e as funções psicológicas. A personalidade e os valores. A criança e o adolescente. Orientação educacional.
		<u>OBSERVAÇÃO:</u> O programa acima corresponde à matéria explicada no livro “Noções de Psicologia Educacional”, do professor Theobaldo Miranda Santos, que a falta de conhecimentos básicos de psicologia da maioria dos alunos, convém de maneira precisa a natureza do curso. Ao professor, tocará a obrigação de, quando necessário, ampliar as noções expostas no livro adotado.

FONTE: Quadro elaborado com base nos Relatórios Semestrais da FCFS (1954-1962).

## QUADRO 17: PROGRAMA DE ENSINO DE DIDÁTICA ESPECIAL DA GEOGRAFIA

1954-1962
<u>Parte Teórica</u>
1-Conceito, objeto, natureza e ramos da Geografia
2-A Geografia na Antiguidade
3-A Geografia na Idade Média
4-A Geografia na época do Descobrimento até meios do século XVII
5-A Geografia de 1650 a 1800.
6-A Geografia do século XIX.
7-Objetivos do ensino da Geografia.
8-Ensino antigo e ensino moderno da Geografia.
9-Geografia, ciência sintética; suas relações com outras ciências.
10-Metodologia do ensino da Geografia.
11-Material didático do ensino da Geografia
12-Elementos complementares do ensino da Geografia: bibliografia, revistas especializadas, biblioteca. Museus. Cinema. Viagens e excursões.
13-Os programas do ensino da geografia. Crítica.
14-A formação do professor de geografia o mestre e o educador.
15-Planejamento do ensino da geografia.
<u>Parte Prática</u>
Planejamento de curso e de aulas
Organização de provas e de exercícios escritos
Relatórios de observação do ensino.
Trabalhos originais sobre o ensino da geografia.
Estágio do aluno como professor em ginásios de aplicação, sob a orientação do catedrático.

FONTE: Quadro elaborado com base nos Relatórios Semestrais da FCFS (1954-1962).

## QUADRO 18: PROGRAMA DE ENSINO DE DIDÁTICA ESPECIAL DA HISTÓRIA

1954-1962
A- Parte Teórica
1-O Humanismo e a história. B- Parte prática.
2- A importância do estudo da história.
3- Histórico do ensino de história.
4- A História como ciência.
5- A Causalidade histórica.
6 -A certeza histórica.
7 -Disciplinas auxiliares da História.
8 - Metodologia Histórica.
9 - Fontes da História,
10 - Crítica Histórica.
11- A síntese Histórica.
12- A periodização; diversos tipos de História.
13- A História e a cronologia.
14 - A aprendizagem da história e seus problemas.
15 - Direção Técnica das atividades discentes em História.
16 - Os programas do ensino de História
17 - Planejamento do ensino da História.
18- Material didático para o ensino de História.
19.- Elementos complementares para o ensino da História: a bibliografia, a revista, a biblioteca, o cinema, os museus, as viagens.
20- A formação do professor de História: o mestre e o educador.
B-Parte Prática
Prática de planejamento de curso e de aulas, de organização de provas e de testes; relatórios de observação do ensino; trabalhos originais sobre o ensino de história; estágio do aluno como professor do ginásio de aplicação sob a orientação do professor da cadeira”

FONTE: Quadro elaborado com base nos Relatórios Semestrais da FCFS (1952-1962)